

MARIA SARA DE LIMA DIAS

**SENTIDOS DO TRABALHO E SUA RELAÇÃO
COM O PROJETO DE VIDA DE UNIVERSITÁRIOS**

**FLORIANÓPOLIS
2009**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MARIA SARA DE LIMA DIAS

**SENTIDOS DO TRABALHO E SUA RELAÇÃO
COM O PROJETO DE VIDA DE UNIVERSITÁRIOS**

TESE DE DOUTORADO

FLORIANÓPOLIS

2009

MARIA SARA DE LIMA DIAS

**SENTIDOS DO TRABALHO E SUA RELAÇÃO
COM O PROJETO DE VIDA DE UNIVERSITÁRIOS**

**Tese apresentada como requisito à
obtenção do grau de Doutora em
Psicologia, Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Doutorado, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa Catarina.**

**Orientadora:
Prof.a Dulce Helena Penna Soares, Dr.a**

**Co-orientador:
Prof. Dr. Antonio M. G. da Fonseca**

FLORIANÓPOLIS

2009

Eu tenho uma espécie de dever de sonhar, de sonhar sempre, pois sendo mais do que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espectáculo que posso. (Fernando Pessoa , O Livro do Desassossego)

AGRADECIMENTOS

Sempre somos solitários ao elaborar uma tese, mas neste caminho várias pessoas se fizeram presentes e, mesmo indiretamente, me ajudaram para que esta pesquisa pudesse ser finalizada.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha Professora Dra. Dulce Helena Penna Soares, sempre acreditando em nossa possibilidade de sonhar e me permitindo ver a medida a ser tomada entre a liberdade de criação e a ação científica. Com ela, aprendi a ser uma observadora da realidade, e das pessoas e seus discursos construídos sobre a maneira como vivenciam esta realidade. Agradeço-a por me dar suporte e mostrar-se amiga.

Esta tese também não teria sido possível sem o apoio institucional da CAPES, obrigado pela possibilidade de tempo e de espaço para esta realização. Agradeço ao Programa de Psicologia e a todos os Professores por sua orientação e apoio. À Pró-Reitoria da Graduação onde, através da disciplina “Planejamento de Carreira: Temas em Psicologia”, obtive a possibilidade de adentrar no “mundo dos universitários”. Sou imensamente grata, a todos os que se dispuseram a me conceder suas falas e seu precioso tempo. Obrigada por expressarem as razões de seus projetos ou da ausência destes. Agradeço ao meu co-orientador Professor Antonio M. G. da Fonseca, por sua leitura e expressão crítica, que me ajudaram a ver em meu estágio de doutorado, além dos muros de minha vida cotidiana, em outra realidade em Portugal.

Agradeço pela amizade e estímulo à perseverança nessa trajetória, aos meus amigos sempre presentes: Fernanda, Carlos , Liamir, Melissa , Tatiana, Geruza , Beatriz, pelo encorajamento nas horas de desânimo e Pedro Moreira meu companheiro. Particularmente, a minha mãe Dona Emília, uma mulher trabalhadora e um exemplo a ser seguido. E a toda a minha família que me ensinou sobre as relações e a vida em comunhão.

Nossa vida é tecida pelos mesmos fios de nossos sonhos (Shakespeare)

Our life is for the same that our dreams.

RESUMO

DIAS, Maria Sara d. L. *Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de Universitários*. 2009, ____ f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2009. A categoria trabalho está no próprio fundamento do ser social. A partir das transformações tecnológicas e produtivas e do fenômeno do desemprego em massa, o trabalho passou a ser tema central nos debates científicos. O objetivo desta tese foi compreender quais sentidos do trabalho se fazem presentes na construção do projeto de vida de um grupo de formandos de uma universidade pública. Pretendeu-se identificar as relações entre trabalho e projeto de vida, descrever os processos de planejamento de futuro e indicar como estes são traçados. Quais são suas percepções sobre as (im)possibilidades de futuro em um mercado de trabalho e como vivenciam a transição da universidade/trabalho em um contexto competitivo e excludente na busca de oportunidades. Utilizou-se metodologia qualitativa e entrevistas semi-estruturadas voltadas sobre a temática do trabalho, transcritas e submetidas à análise do discurso, baseada no pensamento de Vygotski. Foram entrevistados 14 brasileiros, de ambos os sexos, com idades entre 22 e 28 anos, na condição de formandos (faltando um semestre letivo para se graduarem). A tese estrutura-se em seis partes: na primeira e segunda de caráter teórico, analisam-se a dinâmica dos sentidos, os referenciais que embasam os conceitos: sentidos do trabalho e projeto de vida. Na terceira parte as contradições da transição, e na quarta os procedimentos que nortearam a análise. Na quinta parte a discussão sobre os resultados obtidos, e na sexta as considerações finais. Preocupou-se em chamar a atenção para políticas públicas que atendam ao período de transição. O sentido do trabalho na sua relação com o projeto de vida aponta para a dependência estrutural da atividade profissional na subjetividade dos universitários. A construção de um projeto de vida se estabelece na fragilidade ou incerteza do futuro, torna-se um projeto adiado, existe uma vida para o posterior. A expectativa do desemprego representa uma zona de conflito nos sentidos do trabalho, frente ao risco social de não inclusão configurando-se, portanto como um sentimento de vulnerabilidade. A busca constante de novos requisitos e qualificações para se inserir em um mercado indeterminado revelam um sujeito em constante sentimento de falta, reproduzindo a ideologia da qualificação. O discurso dos formandos nos remete a conhecer um lugar social do singular e do coletivo, sinalizando as amarras discursivas que responsabilizam o sujeito pelo desencontro entre a teoria ensinada e a prática exigida. Na relação dialética entre objetividade e subjetividade a mediação da palavra registra as fases transitórias das mudanças sociais. O formando tem suas ações presentificadas se utilizando de estratégias de sobrevivência cada vez mais transitórias. Frente aos pressupostos levantados foi possível a compreensão de que o discurso dos universitários é inseparável de uma proposta em se responder ao futuro, é decisivo re-significar a relação entre o sujeito e o trabalho, onde a possibilidade da alteridade esteja presente.

Palavras-chave: sentidos do trabalho; projeto de vida; universitários e mercado de trabalho.

ABSTRACT

Dias, Maria Sara D. L. *Senses of work and their relationships with university students' life projects*. 2009. Doctors (PhD) Thesis – Faculty of Philosophy, Literature and Human Sciences, State of Santa Catarina Federal University (Brazil), 2009. The work category is at the very foundation of the social being. Given the current technological and productive changes, and the phenomenon of mass unemployment, the work has therefore, become a core subject matter in scientific debates. This study aimed at developing an understanding of which senses of work are present in the construction of university students' life projects; more specifically, a group of undergraduates of a federal state university. I sought to identify the relationships between work and life projects as well as to indicate the processes of future planning while identifying how to design these plans. Furthermore, I sought to identify their perceptions of both possibilities / impossibilities regarding their futures and how they go through the transition process from university to work in a competitive environment of social exclusion in the search of opportunities. I used a qualitative methodology and semi-structured interviews focused on the theme of work, which were later transcribed and submitted to a discourse analysis, in accordance with Vygotski's concepts. Fourteen Brazilian undergraduate students (during their last academic semester), both genders, ages ranging from 22 to 28 years old were interviewed. This thesis is subdivided into six sections. The first and the second sections are theoretical. They include the dynamics of senses, the referentials that are the basis of the used concepts: senses of work and of life projects. The third section comprises the existing contradictions of transitions and the fourth section includes the guidelines for analysis processes. The fifth section develops a discussion about the achieved results, and the sixth, the final considerations. One key concern was to show the importance of public policies regarding the transition period. The senses of work in their relationships with life projects point out to a deep seated dependence of professional activities in the university student's subjectivity. The construction of a life project is framed amid either one's fragility or incertitude regarding the future. It thus becomes an adjourned project. Hence there is a subsequent life. The expectation of unemployment represents a conflict zone, before the social risk of a non-inclusion that embodies a feeling of vulnerability. The constant search for new requirements and skills which are necessary to join an obscure market that unveils a subject in a on going feeling of 'something is missing' thus reproducing the ideology of being qualified. The discourse of undergraduates makes us know a social lieu of both the singular and the collective, indicating the discursive bonds that make the subject liable for the mismatch between the taught theory and the required skills. In the dialectic relationship between objectivity and subjectivity, the mediation of word records transitory stages of social changes. Graduating students live in an immediate reality by deploying increasingly transitory survival strategies. Given the surveyed assumptions it was possible to infer that the discourse of undergraduates is an constituent part of an attempt to have a response to the future. Is decisive to re-signify a relationship between the subject and his/her work, in which there may be the possibility of alterity has present.

Keywords: senses of work, life project, university students and labor market.

LISTA DE SIGLAS

ATELS – APPRENTICESHIP TRAINING, EMPLOYER AND LABOR SERVICES WEBSITE

BID – BANCO MUNDIAL

BLE – BUREAU OF LABOR STATISTICS

CATEWE – COMPARATIVE ANALYSIS OF TRANSITIONS FROM EDUCATION TO WORK IN EUROPE

CBO – CADASTRO BRASILEIRO DE OCUPAÇÕES

CEE – COMUNIDADE ECONOMICA EUROPEIA

EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

EU – UNIÃO EUROPÉIA

FMI – FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IEL – INSTITUTO OSVALDO LODI

IES – INSTITUIÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

IFES – INSTITUIÇÕES FEDERAIS DO ENSINO SUPERIOR

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADAS

MOW – MEANING OF WORK

MST – MOVIMENTO DOS SEM TERRA

OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONOMICO

OEVA – OBSERVATÓRIO DE ENTRADAS NA VIDA ATIVA

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

OOH – OCCUPACIONAL OUTLOOK HANDBOOCK

PET – PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE TRABALHADORES

PIB – PRODUTO INTERNO BRUTO

PPE – PROGRAMA PRIMEIRO EMPREGO

SENAC – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL

SENAI – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL

SENAT – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO TRANSPORTE

SISNEP – SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES SOBRE ÉTICA EM PESQUISA

SPE – SERVIÇOS PUBLICOS DE EMPREGO

UCP – UNIVERSIDADE CATOLICA PORTUGUESA

UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PRESSUPOSTOS	21
CAPÍTULO 1. PENSANDO OS SENTIDOS DO TRABALHO	22
1.1 A DINÂMICA DOS SENTIDOS DO TRABALHO	22
1.2 MUDANÇAS HISTÓRICAS DO(S) SENTIDO(S) DO TRABALHO	30
1.3 PESQUISAS SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO	39
1.4 TRABALHO PERCEBIDO COMO EMPREGO.....	49
1.5 OS SENTIDOS DO TRABALHO E A ESCOLHA PROFISSIONAL	59
1.6 A ESCOLHA PROFISSIONAL E O INGRESSO NO MERCADO	64
CAPÍTULO 2. AS ESCOLHAS DE REFERENCIAIS POSSÍVEIS	76
2.1 O CAMPO TEÓRICO.....	77
2.2 O CONCEITO DE TRABALHO	85
2.3 A DISTINÇÃO ENTRE SENTIDOS E SIGNIFICADOS	87
2.4 OS PROJETOS DE VIDA	90
2.5 A VULNERABILIDADE SOCIAL	94
CAPÍTULO 3. CONTRADIÇÕES DA TRANSIÇÃO ESCOLA-TRABALHO	98
3.1 SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRANSIÇÃO.....	98
3.2 SOBRE OS NOVOS REGIMES DE TRANSIÇÃO.....	105
3.3 OS ESTUDOS SOBRE A TRANSIÇÃO	110
3.4 TRANSIÇÕES EM PORTUGAL E NO BRASIL.....	117
3.5 A FUGA DE CÉREBROS DIANTE DO DESEMPREGO	126
CAPÍTULO 4. A CONSTRUÇÃO DO OLHAR	131
4.1 DIREÇÕES POSSÍVEIS	132
4.2 IMPLICAÇÕES DA PESQUISA	135
4.3 A POSTURA DO PESQUISADOR.....	137
4.4 UM LUGAR PARA PESQUISAR: A UNIVERSIDADE	139
4.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA	141

4.6 A ENTREVISTA COMO MÉTODO.....	144
4.7 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	147
4.8 UMA PROPOSTA PARA ANÁLISE DOS DADOS	150
CAPÍTULO 5. DISCUSSÃO	154
5.1 UMA HISTÓRIA SINGULAR.....	157
5.2 UMA HISTÓRIA COLETIVA	163
5.3 APONTAMENTOS SOBRE CONTRADIÇÕES NO DISCURSO	168
5.4 DIMENSÕES SINGULARES	177
5.5. RELAÇÕES ENTRE SENTIDOS DO TRABALHO E O PROJETO DE VIDA	189
5.6. DIREÇÕES E CONTRADIÇÕES DO PROJETO DE VIDA	194
5.7 A ESCOLHA PROFISSIONAL	199
5.8 SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO MERCADO.....	210
5.8.1 O SENTIMENTO DE VULNERABILIDADE	215
5.8.2 O MEDO DO MERCADO	221
5.8.3 O SENTIDO DO DIPLOMA	227
5.9 ESTRATÉGIAS DE FUTURO	231
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	236
REFERÊNCIAS	254
APÊNDICES.....	267

INTRODUÇÃO

Os homens agem no presente com perspectivas de futuro, numa sociedade que se empenha para preparar um destino de justiça social, mas que ao mesmo tempo não pode ignorar os imperativos do presente. Esta tese se centraliza em uma preocupação sobre “o que fazer” da juventude no futuro, pois este fazer determina e é determinado por “quem eu quero ser”, permite uma afirmação de autonomia e autoria da sua história pessoal. Isto significa, em outros termos, ter um “projeto de vida”. Por outro lado, a não crença no futuro e a determinação de uma ocupação destituída de sentido é condição de uma presentificação e de uma falta de possibilidade de ser ou de vir a ser (no) e (pelo) trabalho.

Não se pode dissociar a possibilidade de um sentido positivo do trabalho enquanto perspectiva de alteridade e de crença do sujeito como autor de si mesmo e de sua história. Isto quer dizer que é ao mesmo tempo processo e produto de um tempo histórico e cultural. Quando o indivíduo consegue negar e superar as condições que impedem o seu desenvolvimento enquanto sujeito, Ciampa (1985) fala de alteridade, da possibilidade do sujeito tornar-se outro, alcança uma condição de desenvolvimento; uma identidade em constante metamorfose.

Os sentidos do trabalho se alteram por condições do mundo contemporâneo. Os aspectos da globalização, do avanço das tecnologias, da flexibilização nas formas e relações de trabalho trazem o desaparecimento do chamado “pleno emprego” (Castel, 2005). São os universitários os protagonistas de sua história presente e futura? Que projetos de vida podem lhes permitir encontrar sentido para objetivamente planejarem seu futuro e as mudanças sociais almejadas?

Etimologicamente, a palavra projeto deriva do latim *projectus*, algo como um jato lançado para frente, relaciona-se com uma abertura (não determinação) para o futuro (antecipação) (Machado, 1997). Para o formando a busca deve ser de um futuro que seja uma oportunidade de confronto com a realidade, e mesmo frente à

consciência da incerteza e do risco, possa reclamar uma identidade profissional e um caminho de inserção no mundo como um trabalhador. Enquanto trabalhador, detém todas as prerrogativas e possibilidades de autoria de seu projeto de vida, que inclui um projeto profissional. O projeto de vida se relaciona com a continuidade da existência do sujeito, um permanecer que implica um vir a ser, uma perspectiva de futuro.

Os temas dos sentidos do trabalho e dos projetos de vida se articulam com outras dimensões possíveis como: a formação superior, o mercado de trabalho, a escolha profissional, a noção de qualificação, a vivência do estágio, e a percepção de si mesmo de suas condições, objetivos e pretensões de vida, todas estas dimensões acontecem no período no qual enfrenta a saída da universidade. Tais mudanças suscitam novas formas de estar, ser e conviver, como novas formas de estabelecer perspectivas sobre si mesmo.

Partindo-se destas dimensões de análise e considerando uma concepção de um sujeito que tem um projeto de vida fortemente relacionado com o seu futuro profissional e pessoal, os universitários têm em comum o fato de se localizarem na convergência do sistema educativo e do sistema produtivo, desta forma situam-se na relação possível e contraditória entre a qualificação (para) e o trabalho. Sobre a centralidade do ensino superior no âmbito movediço da economia do saber e da globalização, a preparação e qualificação da mão-de-obra, são grandes desafios (Lessard, 2006). Cada vez mais difíceis de serem articulados em todo o mundo.

Entre os vários motivos que mobilizam identificar tais sentidos do trabalho e projetos de vida, identifica-se o impacto psicológico do fenômeno do desemprego na subjetividade dos universitários. As condições atuais apresentam o desemprego como de origem estrutural (Chahad, J. P. Z.; Macedo, R. 2002), ou seja, são empregos que não serão repostos pela economia. Projeta-se um contexto de enorme turbulência social, que parece ser irreversível. Para exemplificar esta problemática em sua amplitude mundial, recorreu-se a organizações que se preocupam com as taxas e indicadores do desemprego.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) em um estudo Tendências Globais de Emprego para a Juventude, divulgado em agosto (2008), mostrou que o fenômeno acontece nos quatro cantos do globo. Na última década, a juventude, foi afetada sensivelmente pelo desemprego. Existem 88 milhões de pessoas jovens sem trabalho: 46% dos desempregados no mundo. Estima-se ainda que as taxas de desemprego entre jovens sejam pelo menos duas a três vezes superiores à média dos adultos. Tais indicadores representam uma verdadeira ameaça à integração do universitário na economia e as perspectivas de melhoria não são animadoras, já que é esperada a entrada de 660 milhões de jovens no mercado de nos próximos dez anos.

Além dos indicadores do alarmante desemprego dos jovens, a escolha deste tema emergiu das atividades da autora realizadas ao longo de sua vida como professora. Atividades envolvidas na preparação e qualificação profissional junto ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT), Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e junto à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesses contextos, observou-se que as relações de trabalho nos remetem a instituições que adotam a via do emprego e da qualificação profissional como necessária à construção de processos de inclusão social do trabalhador, desta maneira é pela via da formação que se cuida da inclusão social.

Outra motivação surge a partir das reflexões no curso de mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde pesquisava sobre a formação profissional como uma condição determinada na qual se cria os meios e a forma de sua existência social. Esse estudo perguntava sobre a vivência do desemprego para os aprendizes, concluindo que os jovens já qualificados apresentavam um sofrimento psicossocial pela situação de desemprego e um sentimento de desilusão quanto à formação profissional obtida. O trabalho, para os aprendizes, significava, além da sobrevivência diária, a possibilidade real de construção

de projetos de vida mais ambiciosos no que se refere à continuidade dos estudos, à mobilidade e à ascensão social.

A condição de professora substituta na Universidade Federal de Santa Catarina e a possibilidade de contato imediato com os universitários permitiram a aproximação do objeto de estudo como um tema novo e relevante, pois são os formandos universitários, inscritos socialmente na convergência entre o sistema educativo e o sistema produtivo.

A partir da experiência da autora no contexto de sala de aula com os universitários, podem-se observar expressões como: "*Será que estou qualificado para o trabalho?*"; "*Será que estou preparado para enfrentar a concorrência?*"; "*E minha capacitação, é suficiente para me considerar empregável?*"; ou "*Será que devo fazer um mestrado ou vou para o mercado de trabalho?*". Entre os universitários que vivenciam a transição como um processo de inserção em um esquema organizado de orientação para o futuro que já está planejado. Existem aqueles que apresentam, cada vez mais, sentimentos de ansiedade, estresse, desamparo, insegurança de uma extrema vulnerabilidade que afeta significativamente seus projetos de vida.

O propósito deste estudo, considerando que é a partir do trabalho e da sua racionalidade que a sociedade tem historicamente se organizado, foi o de responder a seguinte questão: Quais os sentidos do trabalho que estão implicados nos projetos de vida dos universitários?

Recorreu-se à metodologia qualitativa, baseada em entrevistas abertas para possibilitar a expressão singular dos sujeitos. No desenvolvimento dos diálogos buscou-se compreender o fenômeno pesquisado em sua amplitude. A análise do discurso foi eleita pela preocupação com o papel das emoções e da compreensão de aspectos argumentativos inseridos no discurso. A entrevista foi estabelecida através da escuta e da interferência do pesquisador, a partir de um roteiro envolvendo as temáticas diversas relacionadas com o tema. Optou-se por esta via como um meio de oferecer a máxima oportunidade para que os próprios sujeitos

estivessem engajados no processo de pesquisa. O método permitiu compreender a realidade singular de cada um dos formandos em suas marcas discursivas.

Pretendeu-se neste estudo conhecer a subjetividade dos universitários e captar os sentidos do trabalho a partir de uma perspectiva da mudança histórica e cultural. Investigando os sentidos coletivos e singulares em sua processualidade e através do discurso dos universitários.

A universidade incorpora um substrato de ser veículo de formação profissional, é considerada como uma chave para compreender as alterações e transformações nos sentido do trabalho para os universitários. Sobre o aspecto da formação e do futuro profissional, estendem-se debates que abordam desde o fracasso do ensino superior (Calderon, A. I. e Martins, C. B. 2000) até a condição de sucesso do mesmo para o desenvolvimento das nações (Oliveira, F. B. de e Sauerbronn, F. F. 2007).

A formação profissional passa a ser barganhada pelo valor social dos diplomas em um mercado competitivo e excludente. A relevância de pesquisar o tema é compreender como as transformações históricas e culturais se processam e transformam o modo de viver dos universitários e suas perspectivas profissionais.

A questão da formação profissional nos leva a refletir sobre as possibilidades ou não de os universitários virem a conseguir trilhar um caminho de inserção ocupacional que permita o desenvolvimento de melhores condições de vida na contemporaneidade. A noção de contemporaneidade atribui à “categoria um estatuto fundamentalmente antropológico, associado ao direito de posse do presente cronológico que a cada um coube viver, mas sem que, no entanto, se possa confundir com este direito” (Baptista, 2007, p. 26). O trabalho é, nesta reflexão, um dos fatores que tendem a tornar a aventura ontológica numa experiência cada vez mais frágil, incerta e ameaçada.

O ensino superior tem figurado, atualmente, como tema polêmico e vem suscitando uma série de questionamentos e reflexões sobre o papel da universidade

na formação de profissionais habilitados a lidar com a complexidade dos desafios que emergem, neste século.

A transição é este momento preciso de sua saída do universo acadêmico, contém o substrato dos significados produzidos a partir de sentimentos, emoções confrontadas com o futuro, são múltiplas as expectativas em relação a esse tempo que se pretendeu analisar.

No mercado de trabalho, o curso superior já não garante uma carreira prestigiosa, bem remunerada e segura, mas, atualmente, não possuir diploma, traz conseqüências ainda mais negativas aos jovens. A formação superior desempenha seu papel como uma entidade de qualificação. Segundo (Nunes, E. e Carvalho, M. M. de, 2007, p. 200) “Amarrada a um currículo profissionalizante, a educação superior acaba descuidando-se da preparação dos estudantes para um mundo complexo, no qual as profissões tornam-se obsoletas rapidamente e é freqüente a mudança de emprego e de ocupações ao longo da vida profissional.” Portanto, segundo este pensamento, a formação superior é capaz de gerar possibilidades e diferenciações nos modos de inserção profissional.

A inserção é a passagem de uma situação de inatividade associada ao período escolar obrigatório, para uma de atividade, seja por meio de um estágio ou qualquer tipo de ocupação. Se na estável sociedade taylorista/fordista os saberes são sistematicamente padronizados, classificados e socialmente reconhecidos/medidos através de diplomas ou certificados, na sociedade da Informação se evidenciam uma desadequação do sistema de ensino face às competências requeridas para a ação. Assim exigem uma ruptura com a organização científica do trabalho adotando novos modelos de organização qualificante e qualificadora.

Se o desemprego atinge a população menos escolarizada de uma forma brutal também atinge na outra ponta aos mais favorecidos e escolarizados de formas distintas. O Estado busca garantir condições mínimas de ingresso no mercado laboral apoiando programas que favoreçam a inserção profissional.

O Estado é responsável pela organização e pelo controle social, pois detém, segundo (Weber,1996) o monopólio legítimo do uso da força (coerção, especialmente a legal). Assim as políticas públicas pautam suas ações em torno do binômio qualificação-emprego, como alternativa para a inserção profissional. Estratégias que necessitam de uma leitura concreta das relações entre formação e emprego, entre a economia e a educação (Azevedo, 1999).

A preocupação em viabilizar um processo formativo de educação superior em uma perspectiva mundial, mostra a importância em se buscar novas compreensões a partir deste contexto. Partindo dessas considerações, acercou-se da questão da preparação do universitário para a inserção ocupacional em outras condições de vida e de existência, em uma realidade também complexa e pouco conhecida, a saber, o contexto da universidade pública, onde os sujeitos deste estudo se encontram.

Sobre a escolha profissional, esta se processa na arena da qualificação, e a sociedade contemporânea é dominada pela valorização da informação. Ao formando escolher o curso superior, vê o diploma transformar-se em mais uma mercadoria, a ser apropriada, uma mercadoria (fetichizada) de que o sujeito dispõe para negociar com o capital um futuro promissor. Subjetivamente para os universitários, tal fato, gera conflitos e contradições, porque muitas vezes, nesta condição de formandos, ainda não se consideram aptos para o mercado, uma vez que as novas necessidades deste demandam cada vez mais outras qualificações.

Diante deste quadro, vivenciar ou não a qualificação, configura-se para os universitários como um período de angústia pela saída do universo escolar e o ingresso em uma situação não definida, e relaciona-se muitas vezes, não com a condição de trabalhador, mas com a perspectiva da condição de desempregado. Na situação da inserção/transição é que ambos os temas: os sentidos do trabalho e os projetos de vida adquirem maior intensidade e podem ser apreendidos na forma como se expressam os formandos ao saírem do sistema de ensino. O momento da transição, é o espaço de criação de uma identidade profissional, o ser profissional,

implica na ação, porém as trajetórias profissionais não apresentam mais linearidades como no passado.

A palavra qualificação tornou-se tema recorrente nas empresas e universidades como suporte de um pensamento liberal. A ideologia, segundo Marx, K. e Engels, F. (2002) pode ser considerada como um instrumento de dominação que age através do convencimento (e não da força), de forma prescritiva, alienando a consciência dos sujeitos e mascarando a realidade do desemprego. Esta consciência falsa da qualificação através do ensino superior camufla uma realidade do desemprego em massa cujos ideais ou vontades provêm da classe dominante.

As relações dos significados veiculados ideologicamente sobre o trabalho, a formação profissional e qualificações tornaram-se um problema fundamental para o contingente de universitários, pois não há uma relação direta entre o aumento da escolaridade e o aumento do número de postos ocupacionais. No entanto os formandos seguem esta lógica do mercado, delineadas por uma classe dominante que os faz acreditar na noção de "valor individual", como instrumento de progresso social e que a formação profissional basta para a sua inserção ocupacional.

Nesta lógica da classe dominante a possibilidade da inserção, reinserção e permanência no mercado de trabalho, é definida pelos méritos do indivíduo em alcançar seus diplomas. Os estudantes reafirmam a ideologia do mérito, do esforço individual, uma racionalidade instrumental a serviço da produção e reprodução do sistema capitalista. Reproduzem o senso comum, de que, quem sai do sistema de ensino estará preparado tanto para o mercado de trabalho quanto para o exercício profissional. Se no passado ser um estudante, era uma condição virtual e na saída da universidade a única dificuldade era escolher qual tipo de emprego; hoje ser estudante continua sendo uma condição virtual porém a dificuldade agora é encontrar emprego. O próprio trabalho tornou-se algo virtual e não se sabe como encontra-lo e apesar de escasso continua sendo uma categoria vital para o ser humano, suporte de sua sociabilidade e identidade.

A identidade é entendida como um processo em permanente construção é um fenômeno social, relacional, uma vez que é no contexto das relações sociais que se configura e se metamorfoseia. (Ciampa, 1985). Em uma análise da evolução do conceito de identidade, Hall, S. (1998, p.7), mapeia as mudanças de sentido causadas pelo que ele considera uma "crise" originada pela "ação conjunta de um duplo deslocamento: a descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos".

O conceito de identidade se trata de uma construção também simbólica, diz respeito à apreensão e interpretação da realidade, uma vez que é um processo de representação simbólica, uma tentativa de compreensão de sua própria posição no mundo. Construção através de esquemas classificatórios que nos permite separar em "nós" e "outros" a partir de critérios dados.

Perante o risco da indiferença quanto ao próprio futuro, existe a possibilidade de negações e superações das condições sociais. Nesta abertura para o futuro, as mediações sociais são fundamentais ao promoverem a possibilidade de enfrentamento dos obstáculos da transição. O trabalho é um campo de polêmicas, devido às oscilações e instabilidades entre a oferta e a procura por ocupações, no qual muitas profissões desaparecem, outras perdem seu conteúdo e somente poucas se tornam altamente qualificadas. Por sua vez, o mercado regula e condiciona as normas e regras da própria formação escolar.

Entre estas normas a implicação dos estágios como parte complementar da vivência profissional do formando é condição de diferenciações na busca de oportunidades de trabalho. O estágio acaba se tornando uma estratégia de sobrevivência do formando, contrariando o objetivo de uma formação complementar ao período universitário. A vivência dos estágios altera a percepção de si mesmo e de sua possível trajetória profissional futura.

A diversidade de estratégias de vida dos formandos revela tanto certo individualismo exacerbado como na competição entre seus pares por melhores notas, quanto a consciência de uma interdependência entre os destinos singulares,

que pode ser demonstrada por vários fatores entre eles a relação entre trabalho e formação escolar que implicam sobre a identidade do universitário.

Pretendeu-se explicitar a vulnerabilidade do jovem na procura do trabalho em um contexto cada vez mais competitivo e excludente. A vivência na universidade, a formação e a escolha profissional são condições para o ingresso no mercado de trabalho, marcam a vivência do formando e sua subjetividade. Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender quais sentidos do trabalho se fazem presentes na construção do projeto de vida de um grupo de universitários. De modo mais específico, pretendeu-se identificar as relações existentes entre trabalho e projeto de vida a partir dos sentidos atribuídos a estas temáticas; descrever processos e estratégias de planejamento de futuro; e compreender de que forma traçam um projeto de vida. Passa-se a apresenta os pressupostos que orientaram esta tese.

PRESSUPOSTOS

O pressuposto orientador deste estudo é o de que os formandos universitários, frutos da "era da informação" e da cultura fragmentada, marcados pelo seu lugar social, não discutem o papel atribuído à formação profissional como instrumento ideológico e reafirmam a necessidade de qualificação profissional cada vez maior. Permanecem qualificando-se para entrar cada vez mais tardiamente no mercado de trabalho.

Contraditoriamente, apesar da qualificação, vivem a perspectiva da dificuldade ou da possibilidade de não terem emprego após o período universitário, ou seja, experienciam o medo do desemprego. Isto representa uma zona de conflito nos sentidos do trabalho, a qual, sob formas diferentes e variadas, repercute nos projetos de vida dos universitários como uma situação de vulnerabilidade social relacionada à sua posição de classe social.

O projeto de vida é dinâmico e permanentemente reelaborado, reorganizando passado, presente e futuro, dando novos sentidos ao trabalho. A formação universitária confere uma identidade profissional e uma expectativa de um projeto de vida fortemente vinculado ao sentido (de emprego) tradicional, dito ou não, expresso ou não pelo sujeito. O ser um profissional, como um vir a ser, transporta consigo a ideologia das profissões e direciona os universitários para a construção de um projeto de vida associado a conseguir um emprego.

Configuram-se esses pressupostos na busca de compreender o sentido do trabalho em sua dinâmica com o projeto de vida dos universitários, buscando captá-los em sua complexidade e em sua singularidade real. Representam um momento do pensamento do pesquisador comprometido com o curso da investigação que se vai apresentando em constante desenvolvimento.

CAPÍTULO 1. PENSANDO OS SENTIDOS DO TRABALHO

Ao pensar os sentidos do trabalho, a contradição básica enfrentada pelos sujeitos é falta de oportunidades do seu fazer e do uso de suas potencialidades e capacidades. A sociedade contemporânea realiza um grande dispêndio do potencial humano que poderia estar envolvido na solução dos problemas sociais.

As condições de aumento do desemprego e do enfraquecimento das formas de proteção social promovem obstáculos, onde alguns comportamentos são negados às pessoas como alternativas de identidade, envolvendo dimensões política e ideológicas maiores.

Este capítulo apresenta uma reflexão baseada na bibliografia onde se problematiza o tema organizado em seções. A dinâmica dos sentidos do trabalho, as mudanças históricas, as pesquisas sobre a temática apontando dimensões relativas ao emprego, a escolha profissional e ingresso no mercado. São os aspectos que problematizam o tema e justificam os conceitos teóricos escolhidos para pensar as relação e contradições entre os sentidos do trabalho e o projeto de vida.

1.1 A DINÂMICA DOS SENTIDOS DO TRABALHO

Utiliza-se a palavra dinâmica, do grego *dinamikós*, para dizer respeito ao movimento e às forças, ou ao organismo em atividade, para passar a velocidade das transformações e metamorfoses. Relacionar a palavra “dinâmica” aos sentidos do trabalho é fundamental, porque esta remete à compreensão da existência de novos processos de mudanças histórico-sociais e culturais, acontecidas de maneira mais ou menos abruptas e perceptíveis no mundo contemporâneo.

Para tratar da produção dos sentidos pretendeu-se aproximar um olhar sobre a condição do universitário, enquanto um ser capaz de se projetar no futuro, e tecer escolhas mesmo sobre restritas possibilidades.

O trabalho ao longo do tempo se transforma tanto naquilo que ele representa quando no que significa, tais transformações podem gerar mudanças nas direções pretendidas e repercutir na subjetividade dos universitários, no modo como estes buscam sua inserção na atividade produtiva em uma projeção de um futuro “previsível” e/ou pressuposto. As dinâmicas dos sentidos envolvem múltiplas facetas históricas, processuais e complexas, por isso não se pode referir a um único sentido e absoluto sobre o trabalho, porém o sentido demarca uma interpretação do relacionamento entre o ser humano e o seu mundo, ou sua visão de mundo.

Os sentidos retratados nos discursos dos universitários refletem associações com o seu futuro, com o período de transição e o afastamento das atividades acadêmicas. Onde as esperanças de dias melhores, de trabalho digno e de uma vida farta somente a educação e o maior grau de instrução possível que pode lhe oferecer. São expressões impregnadas de significados de pertencimento a um determinado grupo social, com algum saber e saber fazer sobre a atividade profissional presumida.

O plural da palavra sentido(s) relaciona-se com o fato de não existir uma única direção para dar significado ao trabalho, são sentidos polissêmicos e plurais como a própria vida dos universitários (Bakhtin, 2004). Este grupo de formandos se relaciona de formas diversas como um futuro trabalho e a relação também não é estática, sofre influências diretamente convergentes do sistema produtivo. Os significados pertencem a todos, há um coletivo significante da universidade e da formação profissional.

Em algumas circunstâncias de grupo “o gênero pode ser mais influente na determinação de oportunidades de vida do que a posição de classe”, (Grint, 2002, p.135). A questão do gênero influencia no futuro profissional, porém o foco deste estudo é a situação da transição em si e como o formando vivencia esta situação.

Em situação de transição, o que fazer no futuro é um questionamento constante com o previsível afastamento dos laços e relações estabelecidas no percurso acadêmico. O significado do trabalho profissional como possibilidade de autonomia e autoria de sua vida contrasta com a probabilidade de não exercer a profissão escolhida, podem implicar em um afastamento de sua identificação com a profissão e um constante reavaliar comportamentos e estratégias de sobrevivência possíveis.

Várias contradições cercam os sujeitos e “transformam a situação da transição da universidade para o mundo do trabalho numa situação de risco”(Dias e Soares, 2008, p. 164). Ao se projetar em um amanhã vazio, no extremo de uma cultura do risco, em que seus objetivos podem não ser alcançados (Hobsbawm, 1995). A permanência no ambiente universitário e a segurança de permanecer como estudante, pode se tornar um paliativo para o mal estar que a expectativa do desemprego no mundo do trabalho promove nos formandos.

A expressão "mundo do trabalho" refere-se a um conjunto de situações histórico culturais extremamente dinâmicas e não deve evocar a idéia de algo fechado em si, autônomo em relação às demais esferas da vida social. Significa que relações de trabalho estão se transformando a cada movimento da macro-economia e se constituem como mediações objetivas e subjetivas.

Pensar quais os sentidos são produzidos sobre um contexto do mundo do trabalho, em uma dinâmica que diariamente configura novas significações sobre o mesmo, ora encarado como atividade produtiva, ora como emprego da força de trabalho, ou como uma simples tarefa ou ocupação que garanta a sobrevivência, retém suas limitações de alcance que pretendemos considerar.

O mundo do trabalho surge desintegrando profissões e perspectivas de futuro ao mesmo tempo em que (re)cria novas formas e novas maneiras do sujeito se relacionar com o processo produtivo. Afetando principalmente os universitários, que também passam a se posicionar, pensar e produzir novos sentidos em uma perspectiva mais global do que local e também mais fragmentada, ou desvinculada do processo e do produto de seu trabalho. Descrevem trajetórias de inserção profissional erráticas ou transitórias e por isso mesmo cada vez mais precárias. (Pochmann, 2004b). Submetendo-se à lógica do sistema capitalista muitos formandos optam por qualquer emprego, na saída da universidade, são estágios, trabalhos temporários e provisórios.

A expressão “dinâmica dos sentidos do trabalho” é carregada de um movimento próprio da sociedade capitalista, no qual se convive contemporaneamente com o risco. A possibilidade de não trabalho, está caracterizada na perda de referenciais estáveis que este proporcionava ao sujeito (Castel, 1998). Que mediações se constituem como essenciais para que o sujeito adote comportamentos, pensamentos e respostas possíveis sobre seu amanhã? E

como ele se movimenta diante das transformações que acontecem neste universo simbólico?

As mobilizações ou pretensões de futuro estão relacionadas a convicções que constroem sobre a atividade profissional, são os sentidos que direcionam suas ações nos projetos de vida, são representações antecipadoras, previsões sobre evoluções do real e passíveis de serem consideradas como estratégias dos atores sociais.

A reflexão que se pretende desenvolver apresenta a questão em uma dupla face (Blanch Ribas, 2003), por um lado encerra uma complexa síntese de fenômenos e processos diversos e heterogêneos (econômicos, tecnológicos, sociais, políticos, culturais, psicológicos, históricos, etc.), que configuram a cara mais objetiva e diretamente visível da realidade laboral. E, por outro, tem uma lógica interna, estruturada sobre os sistemas e representações, significados e valores, normas, motivos e inclusive emoções, que dão sentido e coesão à experiência como uma realidade socialmente consensuada e compartilhada, criada e contada. E é a cara mais subjetiva e oculta do trabalho, que se pretende desenhar.

Evidencia-se nas pesquisas sobre “o mundo do trabalho” que, de um lado, existe uma parcela da população que consegue se manter no mercado, cumprindo jornadas cada vez maiores e muitas vezes destituídas de um significado mais pessoal para o sujeito. E, de outro, existe o trabalhador supérfluo, substituído por máquinas ou processos produtivos, cada vez mais modernos, o ser supérfluo para o trabalho cada vez mais atinge aos jovens em idade produtiva. (Pochmann, 2000).

A classe trabalhadora tornou-se mais qualificada em vários setores, mas desqualificou-se em diversos ramos. Criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador "multifuncional", e de outro, uma massa precarizada, sem qualificação, que hoje está presenciando o desemprego (Antunes, 2005). Quanto se fala em classe trabalhadora, estamos nos referindo a uma classe que fragmentou-se, heterogeneizou-se e complexificou-se, entre os qualificados e desqualificados, os que se situam no mercado formal ou informal, entre os jovens e velhos, homens/mulheres, estáveis/precários, imigrantes etc. (Antunes, 2005).

Nesta dinâmica os futuros trabalhadores, os universitários são os candidatos a se inserirem no processo produtivo. No passado ser estudante era uma condição vital e provisória pois ao saírem da universidade existia a possibilidade de inserção imediata no mercado, no entanto hoje o estudante sofre as percepções das

oscilações e nuances do trabalho. Vivem na incerteza e a expectativa não serem possuidores dos atributos e qualificações em um mercado onde o emprego surge como algo cada vez mais virtual.

O quadro de ofertas altera-se rapidamente, ora se concentram na indústria e logo se deslocam para a área de serviços ou, em outros casos, vagas que antes surgiram na área de serviços e que hoje são automatizados. O trabalho apresenta-se cada vez mais volátil ou volatilizado sobre uma complexidade crescente das novas profissões. Diariamente, surgem postos ocupacionais e perspectivas novas e outras tantas desaparecem e contrafazem diretamente aos universitários em processo de formação profissional na transição.

Entre as múltiplas facetas desta dinâmica do mundo do trabalho, é no campo das relações que pode-se observar os efeitos da destruição progressiva dos direitos dos trabalhadores. O discurso de ordem no momento é o da flexibilidade das relações, com o empobrecimento da qualidade dos postos de serviços, anúncio de terrível horror econômico e massacre da classe trabalhadora (Antunes, 2005; Azevedo, 2001; Forrester, 1997; Blanch Ribas, 2003).

Nas últimas décadas, a estratégia da flexibilização da mão-de-obra é cada vez mais responsável pelo aumento do pessoal temporário, externo, pela diluição de empregos estáveis e bem pagos, pelo aumento da exclusão, além do desemprego e da deteriorização das condições de trabalho.

No caso dos universitários, embora não sofra as mesmas condições do contexto operário, também se encontra submetida a uma expectativa de futura exploração no mercado profissional. Conforme Teixeira e Gomes (2005, p.328) “ a falta de alternativas profissionais poderia provocar ambivalência nos formandos sobre qual caminho seguir dentro da profissão, dada a incerteza quanto à possibilidade de realização dos projetos profissionais sinalizada pelo mercado.”

O trabalho mantém suas funções de inserção social, de condição para a obtenção de direitos reconhecimento da identidade profissional, e meios para a produção e reprodução da vida, mas não é acessível a todos os indivíduos. Os universitários são devem ter também direito a serem os trabalhadores do futuro, tal direito deve ser centrado em uma igualdade substantiva (Mészáros, 2001).

Se o desenvolvimento no futuro não é sustentável, não existirá nenhum desenvolvimento significativo, não importando o quanto ele é urgente. O conceito de igualdade substantiva nos permite refletir sobre as soluções que devem ser

encontradas para os problemas mundiais devem ser enfrentados sem a resignação do trabalho ao capital. As mudanças devem ser favoráveis para todos os trabalhadores.

Grande parte dos alunos que tem acesso às universidades públicas e gratuitas, dependem economicamente das condições ofertadas pelo contexto, são clientes das residências para estudantes, se alimentam nos restaurantes universitários e muitos dependem de bolsa de apoio para a sua manutenção provenientes dos serviços sociais ofertados. É uma falácia imaginar que a universidade federal favorece o acesso unicamente dos alunos oriundos das classes mais abastadas.

Segundo o presidente da Associação Nacional das Instituições Federais de Ensino Superior, Panizzi (2006), 34,4% dos 10% mais ricos estão nas universidades públicas, 50%, nas particulares e o restante, no exterior. Entre os mais pobres, 11,4% estão nas públicas e 5,5%, em instituições privadas. Os números mostram, então, que, ao contrário do que se repete com frequência, não são exatamente os mais abastados que se beneficiam estudando em universidades públicas. Muitos são filhos de classe média. Considerando como iguais alunos com origem social diferente, o sistema escolar faz apenas conservar os mecanismos que perpetuam as desigualdades de oportunidades (Setton, 1999).

A pergunta que se impõe aos universitários, que se identificam como trabalhadores, e que se mobilizam subjetivamente, para a inserção ocupacional, é como se qualificar para este mercado? Como se preparar com as novas qualificações que exigem um novo perfil do trabalhador a cada momento. Se o aluno da universidade federal também pode vir da classe média seu modo de vida, seus comportamentos, pensamentos e atitudes estão voltados para a inserção profissional e conseqüente mobilidade social.

Os formandos neste complexo contexto, na convergência do sistema educativo e produtivo, imaginam estar perseguindo a qualificação necessária. Segundo Antunes (2005, p.195), “o que são os trabalhadores do mundo no final do século XX. Por certo não são idênticos ao proletariado de meados do século XIX. Mas muito certamente, também não estão em vias de desaparecimento, quando se olha o mundo em sua dimensão global.”

Reafirma-se a centralidade da categoria trabalho na vida das pessoas, e percebe-se sua dinâmica produtora, reprodutora e redutora de sentidos. Situação

que também se relaciona com a inconstância e impermanência dos projetos de vida, ou ausência de referências a acontecimentos susceptíveis de ocorrer no campo profissional, significando uma cultura do risco, do incerto, do vulnerável, da falta de abertura para o futuro.

Segundo Teixeira e Gomes (2005), embora exista um certo otimismo quanto ao futuro ao final da graduação, a falta de conhecimentos sobre os desafios nas especificidades das respectivas áreas de atuação parece ser uma situação bastante comum. As mediações do contexto universitário promovem identificações com um determinado papel profissional, os formandos estão de certa forma comprometidos com sua própria inserção profissional.

A inteligibilidade deste contexto do mercado é crítica para os projetos de vida e futuro profissional, muitos formandos ainda não tem noção sobre as formas de inserção profissional e sofrem por deslocamentos das oportunidades na dinâmica do mercado. Os perfis são cada vez mais inalcançáveis e as denominações das ocupações são cada vez mais diversas.

No capitalismo ao precisar a centralidade do trabalho, é considerado produtivo o sujeito que agrega valor, produz mais-valia, portanto os improdutivos dependem de parte da mais-valia produzida socialmente. A questão presente para os universitários enquanto estudantes e terminando o seu período universitário e que se defrontam com a sociedade hoje. Sociedade esta que está espera dele que se insira no mercado de trabalho nesta esfera da produção e reprodução. Se no passado ser estudante era uma condição virtual e ao sair do sistema de ensino a oferta de vagas de trabalho para quem tinha nível superior era grande, a questão era escolher qual oportunidade de trabalho seria a mais adequada. Hoje a questão mudou e ao sair da universidade o estudante sabe que não existe mais vagas para todos, a questão se torna outra como se inserir em um mercado onde o trabalho se tornou algo virtual.

Para efeito deste estudo, os formandos inseridos em uma dinâmica específica que relaciona educação, profissão e mundo do trabalho, não pertencem a uma categoria una e homogênea, porém sofrem os efeitos de um determinado contexto histórico-social que pretende a exclusão dos jovens do processo produtivo. “O mundo do trabalho dos países centrais, com repercussões também no interior dos países de industrialização intermediária, tem presenciado um processo crescente de

exclusão dos jovens...” (Antunes, 2005, p.112). Fenômeno que revela a vulnerabilidade deste grupo social.

A reflexão que se pretende desenvolver é a que “face à dificuldade em se conhecer o presente, a tarefa de desenhar um caminho em direção ao futuro parece ter-se tornado impossível”. (Baptista, 2007,p.61). No período de transição entre o ter objetivamente a qualificação e a inserção no mercado, os sujeitos buscam a universidade para se qualificarem e para adentrar em uma realidade desconhecida.

As instituições vão se adequando às exigências do mercado, para atender a demanda crescente da qualificação, assim observa-se o aumento significativo das ofertas de novos cursos no nível superior. Neste processo, pode-se questionar o papel da universidade enquanto acreditadora de qualificações profissionais, pois a mesma participa das condições macro sociais e representa determinações de ordem socioculturais e político-econômicas.

A universidade enquanto instituição é elemento que interfere na constituição de identidades profissionais. Considerando o aspecto da identidade, como o reconhecimento que emana das relações sociais, só é reconhecido como profissional de nível superior, aquele possuidor de diplomas. A compreensão teórica de como se dá a constituição da identidade profissional nos é oferecida por Berger & Luckmann (1983) que descrevem o processo de socialização secundária. Que tem sua origem na divisão social do trabalho, se inicia quando a pessoa entra em contato com outras realidades exteriores à família, mundos institucionais. Através destes relações o sujeito apreende outros papeis sociais, entre os quais o papel profissional. A aprendizagem destes papeis sociais envolve desde rituais até os componentes normativos, cognitivos e os afetivos, ligados ao seu desempenho. O profissional do nível superior é dependente da posse do diploma e do sabe fazer, é está a lógica do mercado que contradiz muitas vezes a formação teórica com o conhecimento prático. O sujeito está responsabilizado na tarefa de construir seu futuro profissional. Existe uma história na formação deste contexto que passamos a abordar nos próximos parágrafos.

1.2 MUDANÇAS HISTÓRICAS DO(S) SENTIDO(S) DO TRABALHO

Quem inventou primeiro o trabalho? (Charles Lam, carta para Barton)

O trabalho de hoje não tem o mesmo sentido de ontem, ou se refere a um mesmo conceito ou referente simbólico, o que se percebe sobre o trabalho descreve processos de mudanças históricas. Objetivamente sua análise é desenvolvida por várias áreas do saber e disciplinas que tem como objeto de estudo a pesquisa em determinada sociedade e cultura, são estudos da sociologia, antropologia, etnografia, economia e da psicologia. O trabalho implica na percepção do sujeito, na mediação e formação de conceitos sobre o que este significa subjetivamente.

Unidade fundamental de análise para a compreensão do ser humano, reflete uma dimensão possível de estudo da psicologia histórico cultural. O fato é que qualquer atividade particular pode ser sentida como trabalho, ou lazer, ou ambos, ou nenhum, está intimamente relacionada com as condições existentes. Tende a ser uma atividade empreendida em situações específicas, o que importa é como são interpretadas por aqueles que estão envolvidos.

O trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas (Antunes, 2000 e 2005 ; Bauman, 1998; Castel, 1998 e 2005, Castells, 2002; Harvey, 2005; Sennet, 1999). Além de ser fonte de identificação social e profissional (Dubar, 1997, 2004) permite ao homem desenvolver uma atividade, aprimorar a sua capacidade de criar, a partir de um lugar social como trabalhador. Permite situar o lugar de quem fala, e descrever-se por meio de sua ação, ao falar daquilo que se é como pessoa o referente do trabalho constitui-se como um dos principais processos de identificação.

Esta seção abstém-se de tentar o impossível que seria incluir adequadamente a história do trabalho, ou seja descrever a própria história da humanidade, mas apontar algumas características importantes para referir sobre exemplos múltiplos do conceito de trabalho. A intenção é demonstrar a diversidade de experiências sobre o trabalho,

assim como suas origens sociais e forma de desenvolvimento dos sentidos, através de muitos discursos, onde uma abordagem mais esquemática parece ser suficiente.

Ambíguo e transitório existem distinções entre o que se considera ou não trabalho. A concepção de trabalho sempre esteve ligada a uma visão negativa. Na Bíblia (1964), Adão e Eva vivem felizes até que o pecado os expulsa do paraíso e sua condenação ao trabalho é vista como o viver com o suor do rosto. Em Eclesiástico, 34,6, fala sobre o comportamento dos escravos a orientação “o trabalho contínuo torna o escravo dócil; para o escravo malévolo a tortura e os ferros, manda-o para o trabalho para que ele não fique ocioso”. (Bíblia, p.927).

Na antiguidade Grega todo o trabalho manual é desvalorizado por ser feito por escravos, enquanto a atividade teórica era considerada a mais digna do homem. Para Platão a finalidade do homem livre era a contemplação das idéias. Também na Roma escravajista o trabalho era desvalorizado. É significativo o fato de a palavra *negotium* indicar a negação do ócio: ao enfatizar o trabalho como “ausência de lazer”, distingue-se o ócio como prerrogativa dos homens livres.

Na Idade Média, Santo Tomás de Aquino procura reabilitar o trabalho manual, dizendo que todos os trabalhos se equivalem, mas, na verdade, a própria construção teórica de seu pensamento, calcada na visão grega, tende a valorizar a atividade contemplativa. Muitos textos medievais consideram a *ars mechanica* (arte mecânica) uma *ars inferior*. Na Idade Moderna, a situação começa a se alterar: o crescente interesse pelas artes mecânicas e pelo trabalho em geral justifica-se pela ascensão dos burgueses, vindos de segmentos dos antigos servos que compravam sua liberdade e dedicavam-se ao comércio, e que portanto tinham outra concepção a respeito do trabalho (Aranha e Martins, 1993).

A burguesia nascente procura novos mercados e há necessidade de estimular as navegações: no século XV os grandes empreendimentos marítimos culminam com a descoberta do novo caminho para as Índias e das terras do Novo Mundo. A preocupação de dominar o tempo e o espaço faz com que sejam aprimorados os relógios e a bússola. Com o aperfeiçoamento da tinta e do papel e a descoberta dos

tipos móveis, Gutenberg inventa a imprensa. No século XVII, Pascal inventa a primeira máquina de calcular; Torricelli constrói o barômetro; aparece o tear mecânico. Galileu, ao valorizar a técnica, inaugura o método das ciências da natureza, fazendo nascer duas novas ciências, a física e a astronomia. A máquina exerce tal influência sobre a mentalidade do homem moderno que Descartes explica o comportamento dos animais como se fossem máquinas, e vale-se do mecanismo do relógio para explicar o modelo característico do universo. (Aranha e Martins, 1993).

As discussões contemporâneas sobre o que é ou não trabalho, não podem estar desconectadas de uma história pré-industrial, da transição das formas feudais de trabalho para as indústrias, da importância das mudanças ocupacionais, da intervenção do Estado, do aparecimento dos sindicatos, do impacto das guerras e das políticas trabalhistas. Blanch Ribas (2003) nos convida a observar o trabalho ao largo da história e das culturas. Para este autor o trabalho figura como um referente de explicação sobre a vida das pessoas, como nesta tradução livre da autora.

Hesíodo (1989) , por exemplo, descreve a vida de seu tempo e lugar em “Os trabalhos e os dias”, dois mil anos antes do que Cervantes o fizera com “Os trabalhos de Persiles e Segismunda”. Na idade média, São Bento organiza as regras da vida monástica em torno do binômio ora e labora, antes da modernidade industrial, Freud propusera , como paliativo para o malestar humano, uma equilibrada combinação de amar e trabalhar. No império Romano, São Paulo decreta, que quem não quer trabalhar, que não coma; quase dois mil anos antes do que um roqueiro mediterrâneo, no século XX, canta “quem não trabalha, não faz amor”, ao mesmo tempo em que um analfabeto anônimo diz “meu pai trabalha e minha mãe não”, e no pórtico de acesso a um campo de concentração em Auschwitz , uma frase insulta a humanidade ao rotular “o trabalho liberta” , e um soldado aliado depois de soltar bombas sobre civis iraquianos, declara a um jornalista que “só fez o seu trabalho. (p. 24)

Ao nos referirmos ao trabalho, esta pluralidade de contextos demonstram o caráter polifônico e multifacetado do trabalho, historicamente construído. A polifonia é, segundo Bakhtin (2004), a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe

inspiram ou influenciam. Para um determinado valor do trabalho, a compreensão das mudanças históricas dos sentidos é mediada se refere a um contexto e cultura específica dentro da sociedade.

Pode-se seguir falando com Durkheim (2002) da divisão do trabalho; com Weber (1996) da ética do trabalho, com Marx (1985) da miséria do trabalho alienado e da utopia do trabalho humanizador, com Lafargue (1980) da escravidão que leva ao amor ao trabalho, com Sennet (1999) da corrosão do caráter através do trabalho no novo capitalismo, com Castells (2002) da transformação do trabalho e do emprego na sociedade em rede. A alegria de trabalhar, o prazer, o sofrimento, a invenção do trabalho e a sua organização nos leva a refletir sobre diferentes contextos e chaves de compreensão dos sentidos que se entrelaçam subjetivamente.

Considera-se que as definições de trabalho do passado e do presente são símbolos de culturas, espelhos de poder. O que conta como trabalho é glorificado ou desprezado em cada época. Então a linguagem, ou seja o discurso, nos permite ler fragmentos incorporados de poder social mais amplo.

Nos referimos ao trabalho de diversas formas, como uma atividade, uma tarefa, um ambiente, ou contexto físico, como uma técnica ou método de produção, como um significado subjetivo, (tenho que trabalhar) como uma crença (é bom trabalhar) como um resultado (fiz um bom trabalho) como um valor (o trabalho é o mais importante em minha vida), como uma estruturação temporal (é hora de trabalhar), como um símbolo social e cultural (os japoneses são bons trabalhadores) como um intercâmbio social e econômico (tendo recebido, a troca de trabalho, vive do seu trabalho) como ética (o trabalho redime),(Peiró, 1990).

O trabalho significa uma experiência humana complexa e não encerra um significado comum ou universal que a cada cultura somente dá o seu toque característico. É necessário aprofundar na análise do conceito a partir da vivência do sujeito, de sua percepção, que é sempre permeada por sua historicidade e experiências que ao mesmo tempo se constituem em transformações de sentido.

Pode-se referir a consciência, a religião e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém, esta distinção só começa a existir quando os homens iniciam a produção dos seus meios de vida, passo em frente que é consequência da sua organização corporal. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material. (Marx, K. e Engels, F. 2002, p.8)

A maneira como o homem se relaciona com o trabalho faz com que este tenha significados diferentes, pois nenhum homem, mesmo exercendo funções semelhantes no processo produtivo, trabalha da mesma forma. Cada sujeito se apropria do trabalho de maneira diferente e sustenta essa diferença pela forma como convive em seu meio social, com a sua cultura e época histórica.

Considerando o contexto e o lugar, como referentes para a análise do sentido do trabalho, em quase todas as línguas a palavra trabalho tem mais de uma significação. O sentido se modifica em diferentes culturas, carrega consigo significados distintos, que historicamente vão se cruzando e transformando.

Nas sociedades civilizadas, reconhecido como o exercício da atividade humana, tem em comum duas dimensões principais: o sentido de realização de uma obra e de reconhecimento social, e o significado de esforço, dor, sofrimento. Encarna duas forças: prazer e dor, que movem o homem na luta pela sobrevivência, é um processo entre o homem e a natureza que promove a constituição da subjetividade humana. Entre o prazer e o sofrimento ou a busca pelo reconhecimento social, pode-se afirmar simplesmente que o trabalho é um processo que regula a relação entre o homem e seu meio.

Existem diversos significantes e seus correspondentes significados denotativos e conotativos que se estendem sobre um eixo bipolar, representando algo bom, positivo e desejável, e por outro lado, algo mal, negativo e indesejado. Sobre este eixo sociolingüístico vão sendo apropriados significados pelos colonizados de uma civilização do trabalho.

A civilização do trabalho se refere a um denominador comum das culturas europeia e norte americana do século XX, existe uma pluralidade de vozes que remetem a parcelas significativas do amplo espaço semântico abarcado pelo referente global do trabalho, centrando no âmbito europeu. Algumas línguas

aparecem equipadas com termos que referem-se a atividades relacionadas com o que hoje entendemos por trabalho, e nos permitem significar pólos positivos e negativos. Conforme a tabela abaixo:

Língua	Termos	Significados
Grego clássico	(-) Ponos	Penalidade, fadiga, maldição, combate, dor física e moral
	(-) Banausía	Tarefa mecânica e por isso, humanamente degradante
	(+) Ergón	Energia, força, ação, realização
	(+) Sjolé	Atividade contemplativa, criativa, filosófica
Inglês	(-) Labour	Ação esforçada desenvolvida sobre o signo da necessidade e dos imperativos da subsistência material imediata
	(+) Work	Atividade produtiva, de caráter estratégico, que contribue para a construção e a manutenção da infra-estrutura da vida material
Alemão	(-) Arbeit	Faena, tarefa dura e esforçada
	(+) Werk	Ação útil e eficaz individual e socialmente

Tabela 1. Polaridades semânticas da linguagem laboral, (Blanch Ribas, 2003, p.31, tradução da autora.)

As línguas derivadas do latim resultam em pares dicotômicos, que ao longo do tempo tem sido carregados de polissemia e vão metamorfoseando seu significado dominante. O que hoje funciona como um termo mais genérico na maioria destas línguas (trabalho, travail, treball, trabalho...) deriva do substantivo latino *tripalium* (por sua vez, emparedado com o grego *tripassolon*). O *tripalium* consiste em um instrumento composto por três paus aos quais se atavam as pessoas condenadas a castigo corporal (normalmente escravos infratores das normas que os donos estabeleciam para eles). Desta raiz, deriva o verbo *tripaliare* (torturar) e o adjetivo *tripaliador* (torturador).

O recurso à etimologia pode ajudar a perceber as mudanças históricas relacionadas ao trabalho, modernamente a palavra '*tripalio* designa um dispositivo usado por ferreiros para sujeitar as patas dos cavalos, na hora de ferrar os animais" (Gonçalves; Coimbra, 2002). O marco da visão moderna ocidental relacionada com a palavra trabalho, traz em seu sentido subjacente um teor subjetivo, principalmente como fonte de valor, utilidade, riqueza, dignidade, sentido e identidade e como fator de desenvolvimento social, organizacional e pessoal. (Blanch Ribas, 2003).

Dependendo do contexto, se considera como trabalhador ou trabalhadora toda a pessoa que o faz, especificamente como alguém assalariado. Por outro lado, trabalhar é agir sobre a natureza, sobre a realidade, transformando-a em função dos objetivos e necessidades humanas. "A sociedade se estrutura em função da maneira pela qual se organiza o processo de produção da existência humana, o processo de trabalho." (Saviani, 1986, p.14).

Ocorreram transformações importantes ao longo da história do trabalho humano, desde o trabalho escravo até o conceito de trabalhador "livre", sujeito na propriedade privada. A cultura de cada época organiza de diferentes formas os processos e relações de trabalho. Estas transformações promovem impactos, não só sobre o que fazer, mas sobre todas as formas de existência dos sujeitos, ou seja, o trabalho foi se constituindo em novos "modos de viver".

A forma como cada cultura se organiza em torno do trabalho revela aspectos fundamentais da sua organização social, algumas culturas não distinguem trabalho de não trabalho, outras distinguem trabalho de prazer, outras referem-se ao emprego como uma categoria particular do trabalho. Contemporaneamente, o trabalho pode ser qualquer forma de atividade transformadora, o que conta como trabalho depende do contexto em que esta atividade ocorre.

O que os gregos aristocráticos desprezaram por ser trabalho, outros proclamaram como sendo a pedra de fundação de democracia. Enquanto os cristãos e capitalistas procuraram seduzir a classe trabalhadora através de um zelo metafísico pela atividade produtiva, os anarquistas e alguns socialistas pregaram o evangelho da preguiça.

O trabalho e seu significado ainda convive com formas tão distintas e conflitantes que se desenvolveram e não desapareceram ou se anularam com o passar do tempo e da história social. Coexistem ainda hoje, na atividade agrícola, no comércio, no artesanato, na pecuária, na indústria. O que se diz como trabalho não pode ser compreendido sem a análise objetiva das atividades, porque o significado

não é imanente das atividades: os significados são construídos e mantidos socialmente e são permanentemente frágeis.

O modo de produção engendrado pelo capitalista e influenciado pelas novas descobertas e tecnologias permanece voltado para a acumulação da riqueza por uma minoria. Na contemporaneidade, convivem tanto o escravo, quanto o dito “cidadão livre”, cada vez menos livre para negociar a sua força de trabalho com o capital. Submetido ao modo de produção e despossuído de outras alternativas ou formas de trabalho, o sujeito está cada vez mais submetido à mesma lógica de acumulação capitalista.

As transformações do fenômeno laboral se processam em cada tempo histórico, autores como Drucker, Arrow, Toffler, Tourraine, Naville, Masuda, abordam o advento do pós-industrialismo e reconhecem a valorização do conhecimento e da informação na estrutura de poder, na desindustrialização do emprego e no modo de crescimento das nações, o que representa a constatação de "... um acentuado deslocamento das forças produtivas do 'fazer' para o 'saber' [originando] aumento de produtividade do trabalho causado pela apropriação planejada e sistemática do conhecimento ao fazer ..." (Malin, 1994, p. 10).

As transformações da sociedade do conhecimento nos mostram que vivemos em um tempo presente onde as transformações do trabalho se problematizam e complexificam, o trabalhador escravo existe em uma sociedade capitalista que afirma a carta dos direitos humanos e a possibilidade do trabalhador “livre”. De acordo com Marx em (Pérez J, Bárbara; A. J.(2006) , esta liberdade é somente a liberdade de vender a sua força de trabalho na ausência de ter outra coisa para vender.

A partir do conceito de alienação e propriedade privada, um dos eixos teóricos mais relevantes esboçado nos Manuscritos de Marx, a noção de trabalho alienado, pode explicar a perda da liberdade. O homem livre, de acordo com esta visão positiva da liberdade, será aquele que não se encontrar alienado nem pela

relação com o seu trabalho, nem pelas relações sociais nas quais se encontra inserido. (Pérez J, Bárbara; A. J.(2006).

A antítese central formulada por Marx em A questão judaica é o contraste entre a sociedade política, reino da igualdade formal, e a sociedade civil, reino da desigualdade real. como sociedade fragmentada em interesses privados. O momento de unidade ou comunidade só pode ser abstrato (o Estado) porque na realidade, na sociedade fragmentada, um interesse comum é impossível. Por outro lado, porém, dado que o interesse geral resultante é de natureza formal e se alcança mediante a abstração da realidade, a base e o conteúdo dessa sociedade política continua sendo a sociedade civil com todas as suas contradições. Por baixo da sociedade abstrata (o Estado), continuam persistindo a alienação e a insociabilidade (Pérez J, Bárbara; A. J.(2006).

A linguagem e o discurso do trabalho são representações simbólicas através das quais os significados e os interesses sociais são construídos, mediados e expressos. Relevante não só pela sua objetividade e simbologia, mas pela capacidade humana de subjetivar e atribuir um sentido à sua ação. Nesta seção buscamos apreender o apelo que o trabalho, passa a ter em cada época histórica.

O trabalho em si mesmo pode não ser o meio para a auto-realização, mas os efeitos do desemprego são uma indicação clara de que o trabalho é uma instituição social central e essencial da maioria da vida das pessoas. Se o trabalho aliena o trabalhador os efeitos do desemprego são muito mais perversos para a sua subjetividade. Para corroborar esta análise passa-se a apresentar algumas das pesquisas que sobre os sentidos do trabalho que apontam eixos diversos que merecem serem destacados.

1.3 PESQUISAS SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO

As transformações históricas em curso têm afetado de forma profunda as mais diversas classes de trabalhadores, promovendo pesquisas sobre os sentidos do trabalho, com distintos referenciais teóricos e metodológicos que passamos a apresentar.

Sobre o tema a equipe Meaning of Work MOW segundo (Morin, 2004), estuda desde a década de setenta algumas dimensões dos sentidos. Para este grupo de pesquisadores, o sentido do trabalho é visto como uma estrutura afetiva formada por três componentes: o significado, a orientação e a coerência. O significado se relaciona às representações que o sujeito tem de sua atividade, como o valor atribuído. A orientação é sua inclinação para o trabalho, o que ele busca e o caminho pelo qual guia suas ações. A coerência é a harmonia ou o equilíbrio que ele espera de sua relação com o trabalho.

Adotam uma perspectiva da psicologia organizacional, utilizando um instrumento de pesquisa padronizado em questionários aplicados aos trabalhadores em todo o mundo, buscam a classificação das representações sobre o trabalho. Tornam-se problemáticas as tentativas de traduzir e aplicar tais instrumentos em realidades distintas, ainda que não se duvide da validade ou da qualidade dos estudos. Porém, nesta investigação, pretendemos compreender os sentidos a partir da linguagem que cada sujeito utiliza para significar à sua própria vivência.

Morin (2001), que pesquisa no mesmo grupo acima referido, afirma que o trabalho representa um valor importante nas sociedades ocidentais contemporâneas, exercendo uma influência considerável sobre a motivação dos trabalhadores, como sobre sua satisfação e produtividade.

O valor do trabalho influencia a motivação do trabalhador, pois a maneira como o homem percebe sua ocupação, se identifica ou não com a atividade pode ser um fator gerador de maior ou menor grau de satisfação. Porém, o sentido não é algo universal, possui uma dinâmica própria ao longo da atividade produtiva do

trabalhador, e nesta tese interessou particularmente a interpretação dos sentidos como direcionadores de projetos.

Foram localizadas na literatura referências (Morin, E., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2003), Tolfo, S. R., Coutinho, M. C., Almeida, A. R., Baasch, D., & Cugnier, J. (2005) Tolfo, S. R. e Piccinini, V. (2007), que apontam os significados que o trabalho possa ter para os trabalhadores de diferentes categorias profissionais, relacionam questões de atributos valorativos do trabalho ao gênero ou a condição social ou a idade como critérios de seleção. Porém, estes estudos enfocam como um todo significados, valores de uma maneira indistinta, ou se baseiam em categorias específicas: como imigrantes ilegais ou trabalhadores precarizados, utilizam questionários diretos onde a voz dos atores sociais não se evidencia.

Tal levantamento bibliográfico foi desenvolvido seguindo a partir do raciocínio de que a pesquisa abrange a área de Psicologia, que está incluída na grande área de Ciências Humanas e a subárea do Ensino e Aprendizagem e aborda os temas específicos referentes à “mercado de trabalho”, “projeto de vida”, “sentidos do trabalho” e “formação profissional”. Tomou como estratégia de busca os seguintes critérios: recuperar somente artigos de periódicos científicos e livros; utilizar as bases de dados de texto completo disponíveis no Portal de periódicos CAPES, como: Scielo, Bireme; utilizar as bases de dados de livrarias para pesquisa em livros; e recuperar artigos nos idiomas: Português e Inglês e verificar se os artigos recuperados pertencem a revistas Qualis A (segundo a CAPES).

Como resultados o total das referências encontradas foram 27, sendo 23 (85%) artigos e 04 (15%) livros. Com relação ao idioma todo o material recuperado está em português. quanto ao período os artigos são na maioria de 2003/2004 (61%), em 2005/2006 foram recuperados (35%), em 2007 (4%). Os livros recuperados são do ano de 2003 e 2005. Dos artigos recuperados 22 (96%) estão disponíveis no Scielo e 01 (4%) na base de dados da Bireme. Os quatro livros foram encontrados no site da livraria Amazon. Enfim, a originalidade deste estudo se

concentra em pesquisar os sentidos do trabalho na transição do contexto acadêmico a partir da fala dos universitários envolvidos nesta trama.

Esta tese pressupõe que tanto a formação universitária quanto a preparação para o mercado de trabalho marcam a vivência do formando e processam diferentes expectativas para com o seu futuro. A condição de formando implica vencer a barreira do primeiro estágio e emprego após o período acadêmico, e se inscrever na sociedade como um profissional em sua área de formação. É um contexto complexo onde possibilidades e impossibilidades reais de vida, permeiam de modo diverso a realização de projetos pessoais e profissionais. A necessidade de superar os obstáculos deste processo de inserção em um mercado altamente competitivo é caracterizada por sentidos articulados com perspectivas de enfrentamento às circunstâncias impostas.

Conforme Tolfo, S. R. e Piccinini, V.(2007) existem as pesquisas que utilizam o conceito de sentido do trabalho para explicar relações sociais, econômicas e políticas que objetivam os aspectos macro sociológicos do fenômeno e se referem a uma generalização e síntese do sentido. A categoria trabalho é entendida para além das relações técnicas de produção, implicando num feixe de relações sociais, culturais e identitárias de indivíduos e grupos coletivos.

Nesta tese procurou-se abordar a dimensão psicológica do fenômeno laboral, ou seja, pensar como se processam os sentidos do trabalho em sua pluralidade nas histórias singulares dos sujeitos. O sentido nunca é único, ele é plural. Para Bakhtin (2004), um sentido pode ser mais polifônico, produzido por várias vozes, que vão dialeticamente se constituindo do singular ao plural. Com esta orientação não foram localizadas pesquisas sobre os sentidos do trabalho, especificamente no contexto dos universitários em processo de transição.

A temática dos sentidos do trabalho é pesquisada por diferentes autores em diversas vertentes epistemológicas ao redor do mundo, que muitas vezes interpretam teoricamente o sentido à partir de outra perspectiva. Na abordagem mais antiga da palavra, “sentido” etimologicamente vem do latim *sensus*, compreendido

como "faculdade da percepção, significado ou interpretação, percepção, sentimento, empreendimento", ou do verbo *sentire*: "perceber, sentir, saber" (Harper, 2008). Desde a sua origem remete, sobretudo, à análise e compreensão do indivíduo. Sem nos fixarmos à etimologia da palavra sentido, propomos compreender a formação dos sentidos, com base no referencial da psicologia histórico-cultural.

Do ponto de vista de Vygotski (1978), um dos fundadores da psicologia histórico-cultural, a significação não depende só de relações pessoais ou individuais. Desde que nasce o homem, apreende símbolos e significados que são culturalmente transmitidos, o sujeito encontra um sistema de significações pronto, elaborado. Para este autor, o pensamento não se expressa na linguagem, mas a língua modifica e reestrutura o pensamento. Conforme a palavra incorpora o contexto entrelaça os conteúdos afetivos, começa a significar mais que quando a tomamos separadamente. O significado abstrato da palavra se limita e restringe à aquilo que ela significa em determinado contexto esta é uma orientação para o sentido.

Na linguagem, o sentido real de uma palavra, como a palavra trabalho, aqui em questão, é inconstante. Este enriquecimento das palavras que o sentido confere à partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras. "A significação real da palavra nasce no ponto de contato entre a sua significação formal e o sentido que ela retira de uma situação" (Clot, 2006, p. 221). A palavra é considerado como produto de um processo de mediações simbólicas, e o contexto é fundamental, aparecendo na estrutura significativa de um texto, em sua intertextualidade.

Na área da psicologia social, Bendassoli (2006) em sua tese de doutorado na USP intitulada: Os *ethos* do trabalho: sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho, recoloca em debate sobre a centralidade ou o fim do trabalho, buscando identificar quais as razões de o trabalho ter sido associado à identidade. Como consequência, mostra que é a ambigüidade que caracteriza a relação com o trabalho hoje. Ela é causada pela coexistência de vários *ethos*, cada

um dos quais reservando para si uma definição específica sobre o valor e sentido do trabalho na definição da identidade. Cabe aos indivíduos, privadamente, definirem o valor que o trabalho tem no conjunto formado por outras fontes disponíveis de expressão de suas identidades. Essa ambigüidade provoca um estado de insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho, realçando a necessidade de respostas para lidar com a situação.

Concordamos com o autor no sentido de que o contrato simbólico relativo ao trabalho implica na definição identitária. Influencia nos projetos de vida dos universitários e, objetivamente, promove um estado de insegurança ontológica.

Para Baraldi e Car (2005) o trabalho pode parecer burocrático e desprovido de sentido para o trabalhador, especialmente se o seu perfil lhe dá condições para avaliar/perceber o esvaziamento de conteúdo do seu trabalho. A afirmação do autor de que o esvaziamento do conteúdo do trabalho possa ser um fator que altere o sentido do trabalho para quem o desenvolve é corroborada neste estudo.

Coutinho e Gomes (2006) afirmam que há uma busca por um trabalho satisfatório e prazeroso, que supra as necessidades dos sujeitos tanto nos planos afetivo, e cognitivo, quanto nos planos social e financeiro. O trabalho ocupa espaço significativo em suas vidas, reitera-se as proposições de autores que apontam a relevância do trabalho como parte importante na vida social dos indivíduos, como parte constituinte de sua identidade.

Na literatura científica, Antunes (2005) apresenta em seu livro sobre os sentidos do trabalho que o processo de mudança em curso cria uma classe trabalhadora fragmentada, complexa e heterogênea, a ponto de apresentar-se mais qualificada em determinados setores (inclusive com relativa intelectualização do trabalho) e desqualificada e extremamente precarizada em outros setores. Apresenta evidências de que foi uma determinada sociedade, a sociedade do trabalho abstrato, que possibilitou a aparência de uma sociedade fundada na perda de centralidade da categoria trabalho, ou seja, na perda do papel fundante do ato laborativo no mundo contemporâneo, em função da grande massa de trabalhadores

e trabalhadoras expulsos do processo produtivo. Nesta lógica do sistema produtivo, o sujeito é impelido a qualificar-se para um trabalho, inteiramente destituído de sentido.

Basso (2003) teve por objetivo discutir a natureza do trabalho docente, sustentando a sua particularidade, caracterizada por uma certa autonomia e denotando a importância da formação do professor para o exercício da prática pedagógica. A interpretação do trabalho docente foi empreendida através das categorias: significado – finalidade dessa atividade fixada socialmente – e sentido do trabalho, realizado pelo professor. Seu estudo conclui que há uma ruptura entre significado e sentido, o trabalho torna-se alienado, comprometendo ou descaracterizando a atividade docente.

Martins (2006), ao pesquisar o sentido do trabalho do docente universitário, aponta que a reestruturação produtiva também afeta o setor de serviços – independente do trabalho ser produtivo ou improdutivo. Reflete sobre como ela vem se difundindo no mundo do trabalho docente das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Conclui sua pesquisa afirmando que o trabalho de professor apresenta características peculiares que o distingue de outros tipos de trabalho como, por exemplo, a autonomia em manter a indissociabilidade entre concepção e execução do seu trabalho.

Morin (2002), através de um estudo de campo, utilizando questionários e entrevistas semi-estruturadas, pesquisou mais de 500 estudantes de administração e mais de 70 administradores. Determinou seis características do trabalho que tem sentido: é realizado de forma eficiente e leva a um resultado, é intrinsecamente satisfatório, é moralmente aceitável, é fonte de experiências de relações humanas satisfatórias, garante a segurança e a autonomia e mantém ocupado. Para que um trabalho tenha sentido é importante que a pessoa que o realiza saiba para onde ele conduz; em outras palavras, é essencial que os objetivos sejam claros e valorizados e os resultados tenham valor aos olhos de quem o realiza.

Para Nunes (2006), ao pesquisar o sentido do trabalho para merendeiras e serventes, analisou a (re)construção de sentido no trabalho, o modo como elas vivenciam o processo de readaptação em sua relação com as(os) colegas de trabalho e

a direção da escola. A investigação realizada levantou determinados fatores que, na maioria dos casos, incidem sobre a produção de sentido; a luta pelo reconhecimento profissional como cozinheiras; o prazer e o orgulho de seu ofício, além da consciência da importância biológica, psíquica e social de seu trabalho, a relação afetiva estabelecida com as crianças.

Em sua dissertação sobre Sentidos do trabalho para idosos em exercício profissional remunerado, Stelmachuk (2005) pesquisou com seis pessoas em atividade profissional após sua aposentadoria, realizou entrevistas semi-estruturadas. Todos os participantes relatam situações de gratificação e de frustração em sua história de trabalho, embora o prazer associado ao trabalho esteja sempre presente em seus relatos com maior evidência. A permanência no trabalho parece ser uma gratificação comum a todos, pois é relatada ao longo de seus discursos com conotação de entusiasmo e orgulho. Associam deixar o trabalho com o afastamento de uma atividade motivadora e impregnada de significados, tanto em âmbito pessoal, como social de pertencimento ao grupo. Significam o trabalho como sua própria vida, fazendo o afastamento do trabalho significar a perda do sentido de viver.

Diogo (2005) buscou compreender os sentidos do trabalho para mulheres que exercem funções de limpeza e conservação em empresa prestadora de serviços, na perspectiva histórico-dialética, na forma de estudo de caso. As entrevistas realizadas buscaram encontrar o movimento destas mulheres nos processos de escolha da profissão, os sentidos atribuídos a este trabalho, bem como quais os projetos por elas engendrados. Nos sentidos atribuídos ao trabalho, destacaram-se aspectos depreciativos e desvalorizantes, contudo este demonstrou ser importante e central na vida destas mulheres. Quanto à dimensão de futuro, esta profissão foi sentida como pouco atrativa e a mudança de emprego, na maioria dos casos, fica na dependência de outra possibilidade de inserção profissional.

Coutinho e Gomes (2006) estudaram, a partir de uma oficina vivencial desenvolvida com onze jovens, sobre os significados e os sentidos do trabalho, com o objetivo de explorar as concepções dos participantes sobre o trabalho, a centralidade do

trabalho em suas vidas e o atual contexto do “mundo do trabalho”. Os resultados mostram que há uma busca por um trabalho satisfatório e prazeroso, que supra as necessidades dos sujeitos tanto nos planos afetivo e cognitivo, quanto nos planos social e financeiro. Percebe-se que o trabalho, para os participantes, mantém um espaço significativo em suas vidas, reiterando as proposições de autores que apontam a relevância do trabalho como parte importante na vida social dos indivíduos.

Segundo revisão dos estudos teóricos e empíricos realizados por Coutinho, Tolfo e Fernandes (2005), sobre a temática dos sentidos do trabalho, constatou-se que a maioria dos autores utiliza como variável principal de estudo os significados do trabalho, ao passo que um número menor de estudos remete aos sentidos do trabalho.

Quando verificamos as bases que deram suporte aos estudos, observamos uma coincidência, pois dentre os estudos predominam investigações pautadas nos estudos desenvolvidos pelo Meaning of Work (MOW), um grupo internacional de pesquisas sediado no Canadá, que investiga o sentido e a centralidade do trabalho em diversos países. As variáveis destacadas como representativas dos significados do trabalho são: a centralidade do trabalho, os objetivos e resultados valorados e as normas sociais.

Embora os autores, segundo Coutinho, Tolfo e Fernandes (2005), utilizem definições comuns (variáveis intermediárias coincidentes), diferentes autores empregam como variável principal o sentido enquanto utiliza o significado do trabalho indistintamente. Isso demonstra que não há adoção das conceituações que caracterizam os significados como relativos ao conceito social de trabalho, ao passo que estudos sobre sentidos do trabalho deveriam remeter ao sentido pessoal do mesmo. Aí reside uma confusão conceitual que se verifica, do mesmo modo, com a apropriação do conceito de centralidade utilizado em uma perspectiva sociológica, mais tradicional, que identifica o trabalho como o principal fato social, a categoria sociológica chave. O trabalho é um momento vital da sociabilidade humana.

No contexto brasileiro sobre a temática do trabalho, Antunes (2005) afirma que este apresenta-se como uma forma de identidade do ser humano, seu pilar mais

significativo de existência enquanto ser social. Um homem sem trabalho é considerado – e considera-se –, de alguma forma, à margem da vida social.

Discutindo os novos sentidos do trabalho, reforça sua opinião de que:

...uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo verdadeiramente livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho (...) (Antunes, 2005, p.175). Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, dada pela omnilateralidade humana, somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital, cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade (...) em que a liberdade e necessidade se realizem mutuamente.(Antunes, 2005, p.177).

O sentido da vida poderá ser resgatado pela demolição das barreiras entre o trabalho e o não trabalho, Antunes (2005) advoga uma vida para além do trabalho, uma vida onde impere a liberdade e a autodeterminação.

Mourão e Borges Andrade (2001) procederam à revisão geral das pesquisas relativas ao significado do trabalho realizadas no período entre 1987 e 2001. O artigo abrange pesquisas nacionais e internacionais, tendo como cenário as mudanças organizacionais. Demonstram que os estudos sobre comportamento organizacional têm produzido conhecimento de importância ao investigar aspectos como envolvimento com o trabalho, satisfação, comprometimento e significado do trabalho.

Referências à temática dos sentidos do trabalho estão registradas na literatura, em diferentes áreas, como Administração, Sociologia, Economia, Pedagogia e Psicologia. Nesses estudos, as definições sobre os sentidos e significados do trabalho são distintas e usam diferentes bases epistemológicas que dão suporte às pesquisas. Citamos nos exemplos anteriores Antunes (2005),

Gonçalves e Coimbra (2002), Araújo (2005), Nardi e Yates (2005), Toni (2003), Basso (2003), Mourão e Borges Andrade (2001).

A centralidade do trabalho também é adotada em uma perspectiva psicológica, ou seja, como a identificação de quão central e, cercado de sentido, o trabalho é para as pessoas. Segundo (Coutinho, Tolfo e Fernandes, 2005), para evitar confusões conceituais, os estudos deveriam definir se estão interessados em compreender os significados sociais do trabalho, ou os sentidos que o trabalho adquire para as pessoas.

Na matriz histórico-cultural proposta por Vygotski (1978), a palavra é produzida historicamente. O homem se apropria dos significados das palavras, como generalizações do conceito, no entanto, esta apropriação é mediada por outros, o homem não está só. São os outros que lhe transmitem as significações dos conceitos, que apropriado passa a ter outras significações ou resignificações, de ordem pessoal estabelecidas pela vivência entre o homem e o mundo material.

Considerando a abordagem histórico-cultural pretendeu-se articular o sentido com uma visão do sujeito produtor de discursos. As vivências presentes nas palavras são produzidas e singularizadas. Buscamos a imbricação de tais sentidos singulares com os significados sociais, obtidos na produção de zonas de estabilidade do conceito, tratando-se de uma dissociação impossível. Os sentidos trazem marcas das significações históricas e socialmente produzidas e o homem como produtor de sentidos é capaz de resignificar a sua ação. Assim o sentido do trabalho é uma unidade da totalidade discursiva, cujas implicações só poderão ser analisadas nas suas múltiplas relações com a realidade.

As conclusões dos estudos analisados, explicitam que há equívocos conceituais, diferentes autores adotam significados e sentidos do trabalho como se correspondessem aos mesmos fenômenos. As abordagens demonstram que, embora a temática venha tomando vulto, ela ainda é complexa e está em construção, necessitando de novos olhares sobre os contextos distintos. Fazendo-se

necessário o entendimento dos sentidos dados ao trabalho e as implicações desses na construção dos projetos de vida.

1.4 TRABALHO PERCEBIDO COMO EMPREGO

Na contemporaneidade o fazer se relaciona com o que se realiza de forma assalariada, implica na utilidade e finalidade da ação, converte-se em uma percepção generalizada do trabalho como emprego. A palavra trabalho, em seu sentido coloquial é regulada por aquilo que o homem faz de forma assalariada, adjetivo, do latim *salarium*, que significava a ração periódica de sal que recebia um escravo de seu amo.

Na sociedade contemporânea se veicula um discurso que mobiliza os universitários à obtenção das prerrogativas necessárias para o emprego. Contexto que apela para um esforço de qualificação profissional cada vez maior, contraditoriamente atrela toda a capacitação obtida para a ideologia do emprego.

O trabalho faz parte da natureza e da história da sociedade e encontra-se no cerne da estrutura social (Castells, 2002). A consolidação do capitalismo significou um marco construindo as novas relações sociais de produção assalariada, o trabalho passou a ser exaltado e considerado a atividade social mais valorizada. Os sentidos do trabalho são alterados em lugares e espaços determinados para o desempenho de atividades laborais, são espaços sociais destinados para a classe trabalhadora. No Brasil, a década de 1980 provocou mudanças no mundo do trabalho (Antunes, 2000).

Novos processos de trabalho emergem, o cronômetro e a produção em série e de massa são 'substituídos' pela flexibilização da produção, pela 'especialização flexível', por novos padrões de busca da produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado (Antunes, 2000, p.24).

O desemprego não é uma categoria que seria reconhecida fora de um determinado limite de tempo e espaço, e hoje ainda carrega a idealização do emprego como fonte histórica de prestígio do indivíduo. Para o trabalhador, cria-se

um dilema conservar o emprego acima de quaisquer benefícios sociais ou ficar desempregado. Tendo em vista que o emprego na nossa sociedade é também um elemento norteador em termos de identidade e possibilita aos indivíduos estabelecer a rede de relações sociais estar desempregado é ser considerado pela sociedade como um excluído. O que nos diz muito sobre a sociedade em que vivemos e sobre a estigmatização dos não incluídos no sistema produtivo.

As transformações do mercado alteraram drasticamente os contratos e formas alternativas de regulação do mesmo, visam alterar a relação de produção, reduzindo o trabalho profissional a uma determinada ocupação. Um exemplo disso é um engenheiro trabalhando como analista de projeto, ou um psicólogo contratado como auxiliar de recursos humanos.

São estratégias encontradas pelo mercado a fim de que as empresas possam cumprir precariamente com a manutenção dos próprios empregos, e fugir os pisos das categorias profissionais reguladas por uma legislação trabalhista que se desintegra. Assim o mercado utiliza a cada dia novas nomenclaturas para descrever os postos ocupacionais e mascarar os direitos profissionais é a fórmula que mantém o número de empregos disponíveis, reduzindo a profissão em ocupações diversas.

O mundo das profissões disponibiliza novos cursos profissionalizantes, voltados para atender a demandas específicas, são os cursos como: turismo, hotelaria ou engenharia de aquíicultura. Se por um lado as profissões antigas, ou já existentes, recebem novas nomenclaturas para dar conta de contratos de trabalho, por outro as novas profissões também desaparecem com uma enorme rapidez.

Se o mundo do trabalho apresenta ambigüidades de significados, o emprego também carrega este rótulo. São relações baseadas em contratos e na formalidade, que normalmente ocorrem na economia formal, porém atividades realizadas na economia informal também podem ser consideradas objetivamente como empregos. De modo geral, as explicações sobre “trabalho” normalmente estão relacionadas com o emprego remunerado e com as ocupações.

As oscilações do mercado e da área profissional configuram-se como novas condições da relação entre trabalho e emprego. Estas condições promovem sentimentos de ansiedade e angústia no momento da busca por uma atividade e por uma inserção ocupacional. Onde o conhecimento da área profissional mobiliza certas expectativas porém o mercado contradiz o formando ao se realizar profissionalmente.

Assim a profissão parece estar reduzida aos postos ocupacionais que se referem ao emprego, compreende uma relação entre aquele que emprega e o que é empregado. Por outro lado o termo emprego refere-se a um tipo de vínculo estabelecido entre indivíduo e organização que tem como características marcante o regime de exclusividade e a expectativa de perenidade, ou permanência. A distinção entre emprego, profissão e postos ocupacionais não se estabelece de uma forma direta e sim mediada pelas significações sociais atribuídas ao estatuto de ser um profissional.

Relacionados ao atual contexto do trabalho o exercício profissional parece cada vez mais ser uma atividade alienada ou alienante, quando submetido ao modo de produção capitalista. Se a palavra alienação aparece mais atrelada à condição do emprego a que se pensar sobre a ausência deste. O emprego remete ao ato de empregar, à aplicação ou uso, à maneira de prover a subsistência mediante ordenado, salário ou outra remuneração a que se faz jus pelo trabalho regular em determinado serviço, ofício ou cargo. A ausência de trabalho ou o (des)emprego afeta milhões de destinos. "Desviado sob a forma perversa de 'emprego', o trabalho dá de fato fundamento à civilização ocidental, que domina por inteiro o planeta." (Forrester, 1997, p.7). Onde quer que o capital imponha relações entre mercadorias, a alienação se manifesta; é a relação social engendrada pelo capital.

As relações de produção se alteraram radicalmente após os trinta gloriosos anos de expansão da economia capitalista (Azevedo, 1999) e o mercado de trabalho lança mão de seu exército industrial de reserva, utilizando também mão-de-obra desqualificada, presente na periferia da força de trabalho. Durante trinta anos, desde

o pós-guerra até a década de 70, a Europa viveu um período excepcional de crescimento econômico e pleno emprego. Os historiadores referem-se aos trinta anos gloriosos. Há vinte anos, o tema do desemprego vem ganhando terreno. De início, discretamente e sob formas que o apontavam como uma simples alteração de conjuntura. No imediato segundo pós-guerra, a imigração foi proclamada imperativo econômico para a retomada do desenvolvimento. Braços eram necessários, e braços com baixos níveis de qualificação eram fundamentais.

Para Harvey (2005,p. 143) “O mercado de trabalho passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados e subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis.”

Existem portanto grupos caracterizado como empregados de tempo integral, com habilidades facilmente disponíveis, como empregados em tempo parcial, casual, com contrato por tempo determinado, pessoal temporário, subcontratado, desenvolvendo atividades em subempregos. Exploram-se, por outro lado, ocupações que requerem muitas especializações além do curso superior, elevando a barreira da qualificação profissional para algo cada vez mais inalcançável.

Estudos recentes sobre as novas tendências das ocupações têm procurado destacar a necessidade da formação de um novo trabalhador, mais condizente com as alterações no conteúdo e nas condições de produção das relações de trabalho. Após a escolha da profissão e do curso superior, a inserção através do primeiro emprego, é um dos dilemas enfrentados pelos formandos universitários nos dias de hoje (Matosso, 1996; Pochmann, 2002, 2003, 2004a, 2004b e 2007, Sarriera, Silva e Kabbas, 2001; Harvey, 2005). O significado ideologicamente afirmado, quem estiver mais qualificado ou preparado terá melhores possibilidades no mercado de trabalho.

Organismos internacionais descrevem as tendências das ocupações e fornecem estatísticas sobre o mercado de trabalho. Entre estes organismos se encontram institutos de pesquisa sobre o trabalho, como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), Occupational Outlook Handbook (OOH), e National Occupational and Skills Standards (CA). Outras instituições pretendem avaliar as possibilidades e impossibilidades de trabalho no futuro, buscando evitar uma fragmentação ainda maior da mão de obra disponível e qualificada. Entre estas instituições como a Apprenticeship Training, Employer and Labor Services Website (ATELS), e Bureau of Labor Statistics. Responsáveis pela coleta, processamento, análise e disseminação dos dados econômicos e estatísticos na área de trabalho que visam subsidiar as políticas públicas de geração de emprego e renda para a população.

No Brasil, as ocupações profissionais são descritas pelo Cadastro Brasileiro de Ocupações (CBO), desde 1984, considerado também como uma ação estratégica para subsidiar as políticas de geração de emprego e a elaboração de classificações de ocupações profissionais, favorecendo um maior rigor analítico das novas tendências do mercado de trabalho. Embora tais políticas não agreguem as análises destes dados no planejamento de medidas corretivas pelos órgãos que administram tanto a educação quanto o mercado de trabalho e emprego.

A descrição das metamorfoses vividas pelas profissões não basta; somente possibilita evidenciar o alcance dos acontecimentos na atualidade.

A descrição não é, portanto, a meta principal, mas apenas a base sólida e contínua sobre a qual as idéias deveriam estar apoiadas. As profissões não têm existência em si mesmas, expressam uma totalidade, o que significa dizer que não são apenas as profissões que estão em turbulência (Aued, 2000, p.44).

No mercado de trabalho atual, com oportunidades cada vez mais escassas, verifica-se uma grande massa de excluídos, na qual, contraditoriamente, mesmo os universitários que a sociedade considera como os mais qualificados são freqüentemente descartados pelas redes econômicas que dominam os poderes do Estado.

Essas redes econômicas privadas, transnacionais, dominam pois, cada vez mais, os poderes de Estado; longe de serem controladas por eles, controlam-nos e formam, em suma, uma espécie de nação que, sem base em solo algum, fora de qualquer instituição governamental, comanda cada vez mais as instituições dos diversos países e suas políticas, às vezes por intermédio de organizações consideráveis como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômicos (Forrester, 1997, p.36).

Toda a estrutura do mercado de trabalho está se reordenando em torno do modelo tecnológico apoiado na acumulação flexível, cujos significados produzidos veiculam termos como: produtividade, competitividade e lucratividade. As últimas décadas foram marcadas pelo esgotamento do modelo fordista-keynesiano de acumulação do capital e pela emergência de um novo padrão de regulação econômica, a acumulação flexível. Trata-se de um movimento de reestruturação capitalista que, acirrando a concorrência no âmbito dos processos produtivos, amplia os mecanismos de aumento da produtividade e da intensificação do trabalho, provocando mudanças de ordem política, econômica e cultural (Harvey, 2005).

A acumulação se apóia na flexibilidade dos processos e mercados trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. Envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado 'setor de serviços' (Harvey, 2005). As mudanças no processo, no conteúdo e nos postos de trabalho constituem, circunstâncias histórico-culturais peculiares da contemporaneidade.

O mercado de trabalho está cada vez mais exigente, determinando novos perfis de candidatos, requerendo que demonstrem capacidade de responder às suas expectativas. Para o sujeito, sempre falta alguma qualificação: o domínio de um idioma, uma especialização a mais, deparando-se, ainda, com a falta de experiência

profissional, o que gera um sentimento de desqualificação constante frente ao mercado e às escassas oportunidades de trabalho.

No centro do processo produtivo, encontra-se um grupo de trabalhadores em retração em escala mundial, mas que permanece em tempo integral dentro das empresas, e usufrui de maior segurança no trabalho, boa perspectiva de promoção e reciclagem e de vantagens indiretas, relativamente generosas, como pensão, seguro, entre outras. É um segmento altamente adaptável, flexível e, se necessário, geograficamente móvel (Harvey, 2005).

A exceção acentuada por Rifkin (1995) com relação à redução da força de trabalho global encontra-se no setor do conhecimento. Para o autor, partidário da tese do fim da centralidade do trabalho, este é um setor emergente, em franco processo de expansão, incluindo profissionais como educadores, consultores, empreendedores, trabalhadores no setor de informática etc. Trata-se, no entanto, de uma minoria. "Os poucos bons empregos disponíveis na nova economia global da alta tecnologia estão no setor do conhecimento." (Rifkin, 1995, p.38).

No entendimento da autora esta perspectiva otimista de futuro do trabalho deve ser posta de lado no sentido de resgatar a centralidade do trabalho na vida humana, segundo Antunes (2005) o setor terciário é o mais atingido pela reestruturação produtiva nos últimos anos com a intensificação das jornadas e uma maior flexibilização das leis trabalhistas .

Questões acerca da reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho são discutidas por autores contemporâneos que, a partir de abordagens sociológicas, apontam os problemas estruturais do Estado capitalista e as transformações da contemporaneidade, buscando o sentido dessas transformações, que vêm convulsionando o universo da produção e do trabalho. Esses temas são abordados por autores como Offe (1991), Dupas (1999), Harvey (2005), Castells (2002), Leite (2003), Taulie (2001) e Castel (1998 e 2005) porém não foi nosso objetivo aprofundar a discussão sobre o papel do Estado nas questões da organização do trabalho na contemporaneidade. Mudanças na categoria "trabalho" e, mais

especificamente, a crise do emprego, têm sido alguns dos temas mais debatidos atualmente. A segurança esperada já não advém do trabalho, mas do fato do sujeito possuir um emprego.

O período de transição da revolução industrial para a revolução informacional trouxe novos limites e exigências para a divisão social do trabalho, do consenso estabelecido entre o capital e o trabalho, surgiu historicamente a tutela do contrato. Para esse autor, o contrato social permitiu a construção de uma ordem social pacífica e progressiva entre cidadãos, considerados livres e iguais em elementos como: os direitos do trabalho, da segurança social, da saúde e da educação públicas, culminando na condição do trabalhador como um assalariado. A sociedade salarial é a forma mais avançada de democracia da história ocidental. Ainda que este tipo de sociedade salarial não tenha se desenvolvido amplamente em países da periféricos como o Brasil.

Foi através dos suportes garantidos pela condição de assalariado que o indivíduo moderno tornou-se um "indivíduo positivo", ou seja, cuja existência não é assegurada somente pela capacidade de vender sua força de trabalho, mas pelo quinhão de propriedade social ao qual tem acesso. Esta propriedade social é que instituiu o direito à aposentadoria, ao seguro desemprego e à assistência à saúde.

A condição de assalariado e a promoção do acesso ao trabalho introduzem uma questão contraditória, uma vez que, ao mesmo tempo em que libertam o sujeito, aprisionam-no à tutela contratual. Esta condição encerra em si mecanismos de inclusão e exclusão nos quais o trabalhador está constantemente subordinado a uma economia capitalista excludente.

Atualmente, predomina um sentimento de desilusão quanto às possibilidades de reconstrução do "pleno emprego" e de os fundos públicos serem utilizados para a reprodução da força de trabalho, sentimento que se torna ainda mais grave quando se examinam os efeitos crescentes da revolução tecnológica e da globalização competitiva sobre os empregos (Offe, 1991).

O desenvolvimento tecnológico permitiu mudanças revolucionárias nos processos produtivos e organizacionais, constituindo-se no grande aliado dessa eliminação dos empregos (Rifkin, 1995). Nesta perspectiva, a discussão sobre os impactos da realidade do mercado de trabalho, especialmente no que tange à formação e qualificação de novos profissionais, e as perspectivas de futuro dos universitários frente ao declínio inevitável dos níveis de emprego, se torna urgente e necessária, devido a várias contradições que suscita.

Conforme Antunes (2005), o mundo do trabalho contemporâneo, o saber científico e o saber laborativo mesclam-se ainda mais diretamente. O apelo para a lógica e para a razão do aprender se tornam cada vez mais significativos. No mundo contemporâneo, o futuro surge-nos como um tempo ameaçado (Baptista, 2005). Esta ameaça pode se constituir em rupturas de vinculação social, e se traduzir em descrença quanto à própria capacidade de autonomização do ser ou seja contra a possibilidade de realizar o seu projeto de vida.

Se as máquinas inteligentes podem substituir em grande quantidade o trabalho vivo, não podem, extingui-lo definitivamente (Antunes, 2005). Este é resultado de um complexo processo interativo entre ciência e tecnologia com vistas à maior produtividade e que não leva à extinção do trabalho vivo, mas a um processo de retroalimentação que necessita de uma força de trabalho complexa e multifuncional, a ser explorada de maneira intensa e sofisticada, ao menos nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico

Para evitar a inadequação entre a demanda de trabalho mais exigente e a oferta de trabalhadores tornam-se crescentes os requisitos de maior qualificação profissional e a elevação das habilidades para o exercício laboral (Pochmann, 2004b). A preparação para o trabalho e a negação deste (condição imposta pelo desemprego) chamam a atenção para a idade, identidade, direitos coletivos e exigências legais como diferenciadores das relações sociais.

Frente a essa realidade, observa-se um grande investimento das instituições voltadas para a qualificação e requalificação profissionais, como alternativa para

resolver o fenômeno do desemprego no Brasil. Entre essas instituições o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte, entre outros, se preocupam em mapear a criação e demanda de postos de trabalho e qualificar para o mercado.

O problema se constitui como uma venda de esperanças, de mobilidade e de sucesso a partir da formação profissional, permitindo ao sujeito o acesso à informação e a educação, porém o objetivo imediato é o de qualificar para um mercado de trabalho ainda desconhecido do sujeito.

Segundo Azevedo (1999), vivemos a escola da competição, uma parte significativa dos universitários vive hoje sob um ciclo de altas pressões que lhes dificulta viver e pensar o futuro de um modo sereno. A luta por um diploma com o qual se espera encontrar um lugar no mercado de trabalho, é a resposta ao apelo constante e agressivo do consumo, é a nuvem negra de um desemprego juvenil crescente e de uma economia que se diz não precisar mais do trabalho de todos.

Por outro lado, é esta economia que dita as políticas para a educação e a formação profissional, formuladas com frequência pelos organismos internacionais reguladores (Banco Mundial, FMI, OCDE e outros), instituições representantes dos interesses econômicos, e desconsideram as reais necessidades das populações dos universitários e dos países que se situam na periferia do capitalismo.

O formando está implicado em pensar sobre seu futuro profissional ou um trabalho que lhe garanta sua sobrevivência, e esta decorre da necessidade de possuir alguma atividade produtiva que lhe permita viver na sociedade. O grande desafio na nova “sociedade da informação” com sua técnica e seu ritmo acelerado de mudança é pensar que o tempo social não é só o tempo do trabalho e o do consumo.

A instituição educativa deve estar para além das relações instrumentais da transição e da inserção profissional, segundo Azevedo (1999, p.11) “ Uma instituição educativa ao serviço do desenvolvimento humano é uma organização social que elege como missão central favorecer e potencializar a emergência das diferentes identidades pessoais, dos vários campos de possibilidades e dos diversificados

projetos de vida de cada ser humano, ao longo da vida.” Uma escola onde cada um aprenda a ser livre e a exprimir a sua autenticidade, a ser criativo, a comunicar e a cooperar com os demais na vida da “comunidade local”.

Pensar a diferença entre o trabalho e o emprego é fundamental, porque se não existem mais empregos ou se os empregos estão fadados ao desaparecimento é certo que o trabalho não vai desaparecer, pelo contrário, novas formas de trabalho serão cada vez mais necessárias para se construir uma sociedade mais justa e com mais sobre possibilidades de se pensar sobre o futuro.

Defende-se a necessidade de um conceito amplo e abrangente do trabalho para além da dimensão do emprego ou da prestação de um serviço. Também a necessidade de informações educativas sobre o mercado de trabalho deve ser revista como um dos direitos do universitário. Refletir sobre o mundo do trabalho e sobre as suas opções, permitirá ao sujeito elaborar pensamentos críticos e reflexivos sobre a realidade de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes situações e circunstâncias de vida. Passa-se a considerar a dimensão da escolha profissional neste contexto em suas relações com o projeto profissional do formando.

1.5 OS SENTIDOS DO TRABALHO E A ESCOLHA PROFISSIONAL

A dimensão da escolha profissional é anterior à construção de um projeto de vida e carreira profissional e pode ser orientadora de sentidos, desejos de ser, motivações e comportamentos em busca de um trabalho futuro. O formando, ao sair do ensino médio, está em uma situação social que o posiciona para escolher o curso superior.

Neste momento do passado, se estabeleceu uma primeira direção a ser seguida, que fornece obstáculos e possibilidades de conformar seu projeto de ser, ou o desejo de vir a ser. Ao adentrar o universo do ensino superior, o contexto e as relações que estabelece com outros, que fizeram escolhas semelhantes ou não às

suas são significativas na manutenção da escolha profissional pretendida, ou na desistência do curso superior.

Os sentidos do trabalho se relacionam com a construção de um futuro pretendido, ou preterido a partir de uma história e de um passado vivido. A inserção no ambiente universitário forma uma teia de novas relações e mediações sociais, que contextualizam este universo de significados sobre a atividade produtiva. A importância da escolha para os alunos do ensino médio é fundamental na trajetória acadêmica futura (Sparta, 2005).

A escolha do curso superior também é uma escolha profissional realizada sobre múltiplas significações, contextuais, subjetivas e simbólicas do que é ser um profissional qualificado. Este processo evidencia rupturas de relações, transações e negociações no universo acadêmico, direções e expectativas de futuro repletas de significado e noção de pertencimento a uma categoria profissional.

Os universitários enfrentam no primeiro ano alguns casos de constrangimentos quanto ao seu curso e suas escolhas profissionais. São emblemáticas as situações de trote, e de recepção de calouros, atos praticados na maioria dos ambientes universitários, como rituais de passagens mais ou menos institucionalizados e aceitos, tais vivências deixam marcas significativas na sua subjetividade. E oferecem a possibilidade dele se identificar ou não com o curso.

Ao direcionar a inserção em um determinado curso superior, a escolha se estabelece entre perspectivas de trabalho e considerações sobre as possibilidades de inserção profissional futura. Contudo o grau de investimento pessoal feito em sua carreira e a ação do sujeito voltada para o futuro, através da realização de estágios busca a qualificação, podem repercutir em maiores informações profissionais e favorecer a trajetória da inserção profissional .

O não investimento no curso superior adequado por escolhas desacertadas, pode ser promotor de desconforto e insegurança quanto às suas reais possibilidades futuras. Questiona-se o quanto a universidade tem investido recursos e ações concretas para que seus alunos tenham a oportunidade de conhecer sobre

o mundo das profissões. Um grande número de universitários, que adentram ensino superior, vivenciam outra realidade onde :

O tempo que se passa na escola torna-se uma seca, um tempo de desorientação, um tempo povoado por uma única tábua de salvação, o convívio entre os universitários. A demasiada horas de aula para poucas de formação. A demasiada horas de ensino para tão pouca provocação à aprendizagem, ao esforço, ao trabalho, à conquista de metas estabelecidas. (Azevedo, 1999, p.146).

A dimensão da escolha do curso superior nos convida pensar sobre o impacto de determinado curso na opção profissional futura. São diferenciações que se estabelecem no ambiente universitário. Pretendeu-se defender uma escola mobilizada para a orientação dos universitários e para a produção de novos e diversos sentidos da escolha profissional e que seja produtora de projetos de vida afirmativos da alteridade do sujeito.

Os sentidos do trabalho baseiam-se em escolhas profissionais prévias que conduzem significados diversos, ser um enfermeiro, por exemplo há de permitir afirmar-se com um profissional de sucesso. Para um médico o sentido do trabalho pode ser realizar uma tarefa de salvar vidas ou fazer o bem ao próximo, idéia impregnada de certa ideologia socialmente constituída sobre as profissões da saúde, e que fundamenta um projeto de ser. Ao considerar o futuro profissional e pessoal dos sujeitos, o(s) sentido(s) da escolha profissional, pode(m) ampliar ou restringir a tomada de novos direcionamentos ao fim do curso universitário.

É um contexto complexo, onde os conceitos de qualificação, o discurso das competências e a própria noção de carreira atravessam os projetos de vida dos universitários. Escolher se qualificar cada vez mais e se manter por longos períodos afastado do mundo do trabalho, pode representar um risco de carreira. O conceito de carreira “é a continuidade da vida do indivíduo no trabalho, para produzir algo; pode ser a seqüência do envolvimento deste nas experiências de trabalho ao longo da vida” (Soares, 2000, p. 36). Na perspectiva dos universitários, a carreira envolve

mais a representação pessoal de um futuro profissional tecido sobre alternativas presentes baseadas em um passado historicamente construído.

Considera-se que a escolha inicial de um curso em determinada instituição superior está permeada por possibilidades e alternativas de vida contextuais, decorrentes das condições econômicas dos alunos. O contexto direciona futuras decisões em uma determinada profissão, constituem possibilidades e representam zonas de insegurança, por serem ainda desconhecidas do sujeitos.

Ao escolher no presente o seu futuro profissional, o formando, opta por um determinado estágio, programa *trainee*, especialização, ou ainda o ingresso imediato no mundo do trabalho. Essas são algumas das direções possíveis que orientam encaminhamentos e alternativas de vida profissional. A escolha, nesse momento de transição (Sarriera, J. C.; Camara, S. G. and Berlim, C. S. (2000), sempre tem uma finalidade ou objetivo – por exemplo: ajudar os pais na velhice, ganhar dinheiro, casar e, dentre outros desejos, a busca da autonomia pessoal, ou da autoria de sua vida.

O contexto universitário se relaciona com escolhas anteriores: desde a preferência por cursos com maior demanda no mercado de trabalho, cursos mais fáceis de passar ou mais difíceis, alternativas marcadas pelo status social de uma determinada profissão, são planos traçados sobre o futuro, que envolvem a percepção a consciência e a imaginação.

A consciência se expressa na palavra assim como o sol se expressa em uma gota d'água. A palavra é para a consciência o que o microcosmo é para o macrocosmo, o que a célula é para o organismo, o que é o átomo para o universo. A palavra significativa é o microcosmo da consciência humana. (Vygotski,1992, p. 346).

As escolhas mediadas por relações que estabelecem com os modelos profissionais encontrados dentro e fora do ambiente universitário constituem .

contextos onde o outro estabelece referenciais para a tomada de decisão. Por exemplo, o papel de professores, profissionais e até opiniões de colegas. Todas essas relações e situações vivenciadas dentro do ambiente universitário trazem, ao final do curso, repercussões para os projetos de vida.

A demanda ocupacional localiza-se geograficamente nas cidades do interior; em algumas profissões e em outras, as capitais oferecem mais oportunidades (Vieira e Coimbra, 2006; Azevedo, 2001; Antunes, F. 2004). As oscilações do mercado, sejam globais ou locais, promovem múltiplas opções de escolha, desde deslocamentos de moradia até alterações em padrões e estilos de vida pretendidos ou preteridos, que de modo diverso alteram as trajetórias de inserção profissional.

Outra condição que interfere no processo de escolha profissional são as opções de cursos disponíveis na localidade onde residem e as suas condições familiares (Soares, 2002). A família é compreendida como uma instituição composta por indivíduos com laços sanguíneos, voltada para a criação, a socialização e a educação dos filhos. A família também influencia na formação de hábitos e interesses, incentivando certos comportamentos ou atitudes ou até mesmo reprimindo-os, conforme sua vontade, ou o conjunto de crenças e valores atribuídos às profissões.

Escolher uma trajetória após o período universitário pode se transformar em um suplício, pois existem múltiplas alternativas: o caminho do estágio, a busca de outra especialização e até o início das atividades profissionais. Porém, estas podem ou não serem percebidas como opções de sucesso. A busca do primeiro emprego se configura como um momento particular, objetivamente gerador de inseguranças e ansiedades para o sujeito. Outra condição é a urgência da tomada decisão, na qual o fator complicador é a falta de tempo para realizar a escolha.

Se estabelece um campo de pressões de extrema complexidade, pois o sujeito necessita se inscrever profissionalmente, na sua área de formação, porém a sua inserção ainda está envolta em uma névoa de incertezas, como se houvesse um

pano escuro à sua frente, cegando a visão de si mesmo. Não é ainda um profissional e percebe desafios e obstáculos pela frente. Ao se inscrever na sociedade como responsável pela própria vida, busca um trabalho fundante da sua alternativa, que garanta a sua sobrevivência e traga satisfação pessoal e profissional. Ao mesmo tempo percebe, pelos indicadores de desemprego, que os melhores postos de trabalho são destinados aos que estiverem mais adaptados e adequados ao sistema. Não consegue avaliar neste contexto qual o seu posicionamento, se está ou não qualificado para o trabalho.

No ambiente universitário, existem contradições, por um lado, a universidade barra o acesso aos cursos mais concorridos por meio do vestibular, e, por outro lado, permite um enorme leque de alternativas de escolha. Apesar disso, existe uma grande relação entre o curso escolhido ou preterido e a consciência do formando de sua capacidade de realizar seu projeto de vida. Passa-se a refletir sobre a escolha profissional e as implicações relativas ao ingresso no mercado de trabalho, a forma como interpretam suas opções podem promover alterações nos sentidos do trabalho.

1.6 A ESCOLHA PROFISSIONAL E O INGRESSO NO MERCADO

O ingresso na universidade remete a uma variedade de escolhas possíveis entre numerosos novos cursos disponíveis para conformar projetos. Hoje, as universidades oferecem mais de 150 tipos de cursos entre bacharelados, licenciaturas, tecnólogos e seqüenciais – desde os tradicionais: medicina, direito e engenharia até novidades como naturologia, gerontologia e ecologia. (Guia do Estudante, 2007). O universitário brasileiro que chega ao fim do ensino superior encontra-se em uma situação de decisão. Entre alternativas possíveis, optar pela continuação dos estudos ou pelo ingresso imediato no mercado de trabalho.

Neste prisma, deve-se considerar que a educação superior brasileira ainda está amarrada à definição das 37 profissões regulamentadas (Nunes e Molhano,

2004). O número de cursos e/ou programas de graduação, em 2001, no ensino superior brasileiro revelava que do total de 12.067 cursos existentes, 8.996, ou seja, 74,6% eram cursos de profissões regulamentadas. Quando se analisa o número de alunos matriculados naquele ano, verifica-se que, do total de 3.029.154 alunos do ensino superior, 79,6% deles (2.410.574 alunos), estavam matriculados em cursos de profissões regulamentadas. Considera-se a dimensão do futuro profissional dos jovens, ou do projeto de vida dos mesmos, está direcionada contraditoriamente por uma história prévia do sujeito, que buscou no curso superior objetivamente ter acesso a uma profissão.

A escolha na transição esta relacionada com a construção de um projeto profissional, segundo Soares e Sestren, (2007, p. 72) “o projeto profissional é construído nas e pelas relações sociais que se estabelecem no cotidiano da pessoa”. Relacionado diretamente com o ingresso no mercado de trabalho, a escolha profissional é uma oportunidade para a realização de projetos, caracterizados por um processo de realização de novos desafios.

A orientação profissional é nomeadamente a área do saber que se dedica a pensar as questões do ingresso no mercado de trabalho. No entanto, ao falar da orientação profissional, como campo de trabalho e de estudo para o psicólogo, é preciso considerar que, historicamente, a orientação profissional (OP) tem servido mais a alunos oriundos da escola particular, possuidores de maiores possibilidades de escolha (Sparta, 2003; Soares, 2000), que aos da escola pública. E ainda que tenha se dedicado mais a uma demanda de vestibulandos e oriundos do ensino técnico, existe no enfoque da OP uma necessidade de desenvolver pesquisas sobre escolha, mas de uma forma específica, focando na transição do ensino superior para o mercado de trabalho.

Cumpram ainda pensar que as oportunidades de opção para o ingresso no mercado, cada vez mais restritas pela diminuição do número de empregos, são promotoras da precariedade das inserções profissionais dos universitários. Constatase que a diminuição dos postos de trabalho, configuram um campo de restritas

oportunidades. No entanto, afirma-se o valor positivo do trabalho como possibilidade do ser de se projetar em um tempo futuro, mais ou menos previsível, ainda que o presente seja incerto.

Neiva (2003), após estudo onde aplica escalas de maturidade, na escolha profissional, mostrar que não existe diferença significativa na maturidade total segundo o gênero. Em outro estudo Neiva, Silva e Miranda e col. (2005), com o objetivo de verificar se existem diferenças significativas no nível de maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio, encontrou resultados que indicam diferenças significativas na maturidade para a escolha profissional em função do sexo, do tipo de escola e da série escolar. As moças mostraram-se mais maduras do que os rapazes, os alunos de escola particular mostraram-se mais maduros do que os de escola pública e os alunos da terceira série mais do que os de primeira série.

O conceito de maturidade, para o efeito desta tese, não cumpre um papel importante, a não ser o de assinalar que os sujeitos oriundos do ensino secundário ainda não tem muita segurança com respeito às suas escolhas profissionais. Não é a maturidade em si, como algo natural, que se desenvolve a partir de uma mente imanente, mas sim as condições de vida e a realidade sócio profissional como sendo geradores de maior ou menor possibilidade de escolhas.

A opção por um curso superior não corresponde diretamente à “livre” escolha de uma profissão, mas sim a um processo contínuo e complexo no qual estão envolvidos fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos (Soares, 2002). Existe a necessidade de se levar em conta todo um contexto histórico-cultural específico que traz consigo aspectos de valorização ou não-valorização de determinada profissão.

A questão da escolha é fenômeno que precisa de mais estudos e aprofundamento. Cumpre ser o papel da psicologia promover atividades de orientação profissional (OP) no contexto universitário, para sensibilizar os formandos para processo de escolha profissional após o curso superior, informando sobre o mundo do trabalho.

Bastos (2005), ao pesquisar sobre a efetivação de escolhas profissionais de sujeitos do ensino público, investiga que fatores estão ligados e são relativos à trajetória educacional e profissional. As conclusões dessa pesquisa indicam que os determinantes socioeconômicos representam o principal obstáculo para a concretização das opções profissionais dos sujeitos.

Referências são os estudos de Ferreti (1988a, 1988b, 2003, 2004), Bock (1995), Soares (2002) aqui utilizados para compreender a escolha profissional enquanto campo de estudo. Ainda que a OP tenha se afirmado ou que ainda busque a afirmação de um objeto próprio para seu estudo, esse objeto não pode ser limitado ao ingresso no contexto universitário, pois as questões da profissão e do trabalho transpassam toda a história de vida dos sujeitos e se constituem como singulares em transições de contextos.

No que se refere às pesquisas envolvendo como sujeito os formandos, Bardagi, Lassance e Paradiso (2006) investigaram a satisfação com a escolha profissional e as expectativas quanto à entrada no mundo do trabalho em 340 formandos que responderam a um questionário. A maioria relatou estar satisfeita com a própria escolha profissional. O descontentamento com o mercado de trabalho foi um fator importante para a insatisfação com a escolha, enquanto a identificação pessoal mostrou-se relacionada à satisfação. Os resultados demonstram a insegurança dos alunos quanto ao início da atividade profissional e a necessidade de intervenções específicas na área da orientação para o público universitário, focalizando a transição universidade-trabalho.

Bardagi, Lassance e Paradiso (2003) investigaram trajetórias acadêmicas, satisfação com a escolha profissional e expectativas em 391 estudantes de ambos os sexos em 16 cursos universitários. Um questionário de 13 itens foi elaborado e validado para o estudo. A maioria dos alunos mostrou-se satisfeita (56%) ou muito satisfeita (32,2%) com a escolha profissional; (42,7%) pensaram em desistir ou mudar de profissão; e (15,9%) ainda pensam nisso; (59,3%) dos alunos acreditam poder se beneficiar de processos de orientação profissional. Participação em

atividades acadêmicas e identificação com a profissão mostraram-se importantes para a satisfação com a escolha.

Os estudos mais específicos sobre a escolha profissional na transição encontrados foram os de Teixeira e Gomes (2004), que estudaram a experiência de transição universidade-mercado de trabalho entre universitários em fase de conclusão de curso. Segundo os autores, as expectativas dos participantes quanto ao seu futuro profissional foram otimistas e as descrições de projetos profissionais elaborados. Estavam associados à crença na qualificação e na capacidade profissional. Interpretou-se que o senso de competência decorria do envolvimento dos estudantes em sua formação, especialmente em atividades práticas e não obrigatórias. Os autores sugerem que os universitários não estão sendo preparados para as tarefas de transição, apontando para a necessidade de se desenvolverem programas de atendimento a esse tipo de demanda.

Outro estudo, de Melo e Borges (2007), sobre a transição da universidade ao mercado de trabalho, objetivou contribuir para aprofundar a compreensão sobre a vivência de grupos específicos no que se refere à transição universidade-mercado de trabalho. O estudo realizou análise empírica de graduandos e recém-graduados, de acordo com o grau universitário. Nos resultados, predominam semelhanças entre os dois grupos quanto aos aspectos transição universidade-mercado de trabalho, dificuldades e facilidades de conseguir emprego, avaliação da universidade e do mercado de trabalho, imagem da profissão e projetos futuros de trabalho. Tais semelhanças revelam que a experiência de estágio, pela qual estes passam antes de se tornarem profissionais com nível superior, pode favorecer uma visão mais realista do mercado de trabalho e uma avaliação mais crítica da universidade diante da transição.

Vieira e Coimbra (2006) procuraram sistematizar de que forma a efetiva transição dos estudantes do ensino superior para o mundo do trabalho tem sido conceitualizada e operacionalizada. Apresentaram um estudo qualitativo e exploratório efetuado junto de finalistas do ensino superior em Portugal com o

objetivo de analisar os significados, atribuídos ao sucesso na transição escola-trabalho. Tal sucesso está diretamente relacionado com a preparação para o ingresso no mundo profissional.

Apesar da importância da formação superior para o desenvolvimento da carreira profissional, existem poucas informações sobre características e necessidades dos universitários brasileiros. No contexto internacional, verificam-se pesquisas sobre itinerários ou trajetórias profissionais, por pesquisadores como Dubar (2004), no qual a vivência acadêmica parece indicar uma maior satisfação com a escolha da carreira.

Para Soares, “as escolhas de carreira são aquelas decisões feitas pelos empregados que afetam seu padrão de carreira, seu progresso e sucesso, e incluem: qual ocupação adotar, a qual organização se ligar, quanto tempo permanecer com o mesmo empregador... etc.” (Soares, 2002, p. 39). Considera-se que as carreiras tanto podem ser objetivas, ligadas às oportunidades de emprego, como subjetivas, ligadas a orientações e escolhas pessoais que se relacionam com tomadas de decisões pessoais, fora da empresa ou de um sistema de emprego.

Contraditoriamente, o problema é que a carreira profissional tem um valor cada vez mais associado a uma busca de maior qualificação, ideologicamente ditada. Como consequência, o aluno tem protelado cada vez mais sua entrada no mercado de trabalho (Fonseca e Azevedo (2007); Pochmann, 2004b) e, sem tal vivência ou experiência profissional, torna-se desqualificado.

Aos universitários a opção de ingresso no mundo laboral por meio de empregos desqualificados e mal remunerados parece ser uma opção mais rápida, ou a única possível diante do desemprego. Muitas vezes a necessidade imediata de trabalhar impossibilita uma escolha mais elaborada por empregos que correspondam às qualificações dos formandos. A escolha do curso superior é importante para a formação profissional, mas não é condição suficiente para o ingresso no mundo do trabalho, já que a experiência torna-se fator qualificante.

Considera-se que a opção por um curso superior corresponde a um processo complexo no qual a necessidade de se considerar todo um contexto histórico-cultural específico que traz consigo aspectos de valorização ou não valorização de determinada profissão. Trata-se de um período no qual o formando vivencia diretamente a questão da transição do conhecimento acadêmico obtido pela formação superior para a aplicação prática deste conhecimento, vivenciada, ou ainda não vivenciada, através da realização de estágios, monitorias, pesquisas e projetos de extensão. "Quando refletimos sobre o significado de estar cursando uma universidade, fica claro o antagonismo entre ter condições para ser um profissional liberal e ser apenas um universitário." (Soares, 2002, p.62).

Constatam-se várias contradições nessa fase. O formando reconhece que possui conhecimento e qualificação, obtida no ambiente universitário, porém se defronta com a necessidade de escolher novos espaços para sua inserção ocupacional. Sente-se, não só ansioso pela aplicação prática desta qualificação acadêmica através da participação em estágios, programas, mas também preocupado com seu futuro profissional e com as condições e possibilidades de acesso ao primeiro emprego.

O tipo de integração ao mercado de trabalho possibilitado por tais experiências parece enquadrar-se entre o emprego assalariado menos especializado, a prestação de serviços para o público em geral (trabalho autônomo) e as formas de trabalho protegido, conforme diferentes padrões de inserção. (Pochmann, 1998).

O formando enfrenta na transição e inserção profissional dilemas cruciais da sociedade. Sofrem tanto por aumento das possibilidades de escolhas do campo profissional, quanto pelas limitações e controle mais difuso desta dita, possibilidade de escolhas, além da interação em seus contextos sociais, a influência da família, da expectativa de seus pares em torno da formação e de seus próprios projetos de vida.

O desemprego também atinge sujeitos com elevada escolaridade, que se reproduzem mais rapidamente nas grandes capitais do Brasil, identificados por

Pochmann (2003b) como *neopobres*, fruto do crescente desemprego e da precarização das formas de colocação dos sujeitos no mercado de trabalho. O desemprego promove um isolamento do sujeito, e estar isolado não consiste tanto numa separação do sujeito em relação aos outros, mas numa separação entre o sujeito e os recursos necessários para viver uma existência plena.

A falta de postos de trabalho para todos os sujeitos conjuga efeitos negativos e de vulnerabilidade social. No Brasil, os indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2006), ao analisar a taxa de desocupação por grupos de anos de estudo, revelaram que a desocupação, em 2004, foi maior para as pessoas com escolaridade entre 9 e 11 anos de estudo (21,4%), em comparação com os demais níveis de escolaridade de até 4 anos (5,5%). Por outro lado, os empregos melhores remunerados são para os profissionais com maior escolaridade.

A integração ao trabalho condiciona as oportunidades de vida e, por sua vez, é um conceito que deve ser entendido em termos da sua disponibilidade e de sua interdependência como um fator que interfere na arena das escolhas plurais. A escolha da profissão, também é a escolha dos ambientes, dos lugares, das possibilidades de emprego, constitui-se como elemento básico das orientações do sujeito e de seus modos de vida. "Para alguns, os fatores sociais, a questão do *status* da profissão, as melhores possibilidades do mercado de trabalho podem ser os verdadeiros determinantes naquele momento da escolha." (Soares, 2002, p.95).

Na extremamente complexa divisão social do trabalho, os fatores econômicos, culturais e sociais muitas vezes impedem a realização profissional do sujeito, sua impossibilidade de ser a partir de uma determinada profissão e a escolha por outra, recai em produção de sentidos subjetivos no qual está em questão o valor de si mesmo, sua identidade pessoal e profissional está relacionada com a escolha laboral.

A opção do ambiente e da vida no qual o sujeito quer ou pode trabalhar é mais diversa e segmentada, na contemporaneidade, mais fluída e inconstante, porque promove uma sensação de fragilidade do sujeito, ou o sentimento de

vulnerabilidade (Castel, 1998) quanto aos aportes de ligação estáveis da identificação. "O que vai existir sempre é uma escolha possível dentro de determinadas possibilidades e contingências." (Soares, 2002, p.95). As decisões dos sujeitos de se aprofundar em determinado ambiente ou local, no curso de sua vida cotidiana, faz sentirem-se pouco confortáveis, pois um modo de ação no contexto do mercado de trabalho é distinto do contexto cotidiano da universidade.

Bohoslavsky (1998), ao trabalhar com a temática da escolha ocupacional, afirma que a história do indivíduo e a forma como este lida com a realidade e o princípio do prazer são aspectos cruciais. O foco de seu trabalho está no desvelamento e elaboração dos conflitos, ansiedades, medos e fantasias relacionados com o dilema ocupacional, bem como na busca de escolhas conciliatórias ou reparatórias. Chama atenção para a sobre determinação da escolha pela sociedade, considerando as influências da família, da estrutura educacional e socioeconômica, da mídia e da cultura.

Afirma Bohoslavsky (1998) que a identidade ocupacional está diretamente relacionada à identidade pessoal, o conhecimento contextual, os vínculos estabelecidos e o conhecimento de si são relevantes. Definir o que fazer futuramente é decidir o que se irá ser, e também o que não se será, pois, quando se escolhe algo, deixa-se de escolher todas as demais opções. Uma escolha autônoma e responsável implica a conscientização dos fatores internos e externos que influenciam no processo decisório (Bohoslavsky, 1998).

O desenvolvimento da identidade pessoal (quem eu sou?) tem íntima relação com a escolha sobre "quem eu quero ser", em consonância com os interesses e habilidades (do que eu gosto?). As identidades ocupacionais, que são um dos componentes da identidade pessoal, dizem respeito a como uma pessoa integra "suas diferentes identificações e sabe o que quer fazer, de que modo e em que contexto" (Bohoslavsky, 1998, p.49).

Segundo Ferretti (1997), as condições de escolha implicam: estar informado e dominar alguma metodologia de escolha, e a possibilidade – dispor de

alternativas e autonomia. Aqui cumpre resgatar a proposta de Azevedo (1999) de que a escola deve estar mobilizada para a orientação dos sujeitos, uma escola motivante e orientadora, no âmago de uma sociedade tão fragmentada, plena de informação e escassa em conhecimento sobre o mundo que nos cerca.

Ao escolher um curso superior, o formando deseja resolver muitas de suas angústias e dúvidas em relação a seu futuro, não somente no plano profissional mas também no plano pessoal e singular. Busca, além de garantias de sucesso ou segurança financeira, algo que lhe proporcione satisfação e realização pessoal ou algo que ele goste de fazer.

Na ideologia preconizada pela sociedade do consumo, o diploma pode significar nada mais além do que um produto a ser adquirido. A vivência dos sentidos do trabalho dentro de um regime social que inscreve o sujeito como um profissional, promove uma identificação do formando com uma determinada categoria de trabalho obtida por prerrogativas legais. Diferenciando as posições sociais, o diploma pode fornecer amparo subjetivo, permitindo ou não o enfrentamento das transformações no mercado de trabalho, e as sensações de insegurança daí oriundas.

[...] podemos pensar que as relações sociais constituem um complexo sistema de posições sociais e de papéis associados a essas posições que definem como os atores sociais se situam uns em relação aos outros dentro de uma determinada sociedade e quais são as expectativas de conduta ligadas a essas posições (Surgado, 2000, p.64).

É preciso refletir para além da escolha, e tratar enfim sobre o ingresso e o exercício de determinada profissão, pois o símbolo do diploma pode não permitir ao formando o acesso a uma identidade profissional, um exemplo são os regimes implantados pela ordem dos advogados, ou por outros coletivos sociais que organizam as profissões. Como o mercado se encontra saturado de profissionais as instituições reguladoras fazem frente para impedir novos acessos ao mesmo impedindo outros sujeitos de terem acesso a uma legítima identidade profissional.

A escolha sempre se relaciona com os outros (reais e imaginados) (Bohoslavsky, 1998). O futuro nunca é pensado abstratamente. Uma faculdade ou a carreira, ou um determinado tipo de trabalho, decorrem de relações interpessoais passadas, presentes e futuras. Quando um sujeito pensa seu futuro e escolhe uma forma de se envolver no mundo do trabalho, mobiliza imagens e símbolos adquiridos durante toda a sua vida. Ao apontar uma dada opção como possibilidade, o sujeito quer ser como supõe que seja, ser um profissional.

A necessidade de trabalhar faz com que os sujeitos que optaram por uma profissão acabem não exercendo a mesma, ou seja, submetem-se à situação do mercado e da inserção precária. Conforme um estudo feito pelo instituto de pesquisa Observatório Universitário (2006), ao comparar, a partir dos micro dados do Censo do IBGE de 2000, a profissão de 3,5 milhões de trabalhadores formados em 21 áreas diferentes, os pesquisadores descobriram que a maioria deles, mais precisamente 53%, está hoje numa profissão distinta daquela para a qual se preparou. Existe uma baixa correlação entre área de formação e área de trabalho.

Nesse contexto, a preocupação não é só com a questão do desemprego ou da busca pelo trabalho, mas com o tema da antecipação de situações de medo por um pressuposto fracasso profissional. Conforme Azevedo (1999), para muitos jovens, estar e permanecer na escola é um tem-de-ser que acrescenta problemas de integração dos jovens com esta nova ordem social excludente.

De facto, sob o nosso olhar atônito, ocorre um imprevisto salto intergeracional, a saber de uma geração (a dos pais destes jovens) em que, para quem estudava, o futuro se projetava bastante linearmente e sustentado em muitas certezas, passou-se rápida e inadvertidamente para um tempo em que, mesmo para os que estudam longamente, quase nada se pode projectar e a incerteza é medonha. (Azevedo, 1999, p.156).

Ao participar deste momento histórico da globalização, uma era do consumismo desenfreado da inovação tecnológica e da intervenção dos sistemas de

informação nas relações pessoais e humanas, é fundamental repensar o papel da escolha e do sujeito que está por escolher. Este capítulo foi orientado no sentido de mapear as pesquisas feitas em torno da temática e direcionar escolhas de um quadro capaz de lançar um olhar sobre uma realidade complexa e contraditória que permeia a vida dos universitários. Passa-se a apresentar no próximo capítulo referencial teórico que orienta nosso olhar sobre a temática.

CAPÍTULO 2. AS ESCOLHAS DE REFERENCIAIS POSSÍVEIS

No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade (Marx, 1987, p.202).

Partindo dos desdobramentos da teoria marxista, o trabalho é o eixo fundamental na relação do homem com seu meio. Existe por parte dos autores de base teórica marxistas, um consenso quanto à idéia de que nada é eterno ou fixo, pois toda construção social é histórica e está sempre sujeita a transformações.

Considera-se que o ser da psicologia histórico cultural é o ser social dotado de capacidade de reflexão sobre o seu vir a ser, um sujeito capaz de promover um futuro para si mesmo, com maior compreensão da realidade que o cerca, nisto se encerra a sua singularidade. Quando fala-se em compreensão do real, é uma compreensão do movimento histórico da sociedade, este ser reflexivo, deve situar-se local, espacial e historicamente.

Este capítulo situa o quadro conceitual onde analisam-se os referenciais que descrevem o campo e o objeto deste estudo. Apresenta os conceitos do trabalho, a distinção entre sentidos e significados, o projeto de vida, e a vulnerabilidade. Justifica os referenciais teóricos escolhidos para pensar a(s) relação(ões) e contradição(ões) entre os sentidos do trabalho e o projeto de vida dos universitários.

2.1 O CAMPO TEÓRICO

A construção do conhecimento se dá mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, mas pela mediação feita por outros sujeitos e pela cultura. O campo teórico da psicologia histórico cultural permite investigar sujeitos situados em uma determinada cultura voltada para o trabalho.

Sobre a construção do conhecimento, Bakhtin (2005) mostra que a complexidade do ato de compreensão se abre na configuração dialógica presente na interação entre o horizonte do cognoscente, ou daquele que quer conhecer, e do cognoscível e se cruzam em unidades de expressão. O material que serve de base para a investigação é sempre o material representado, o enunciado de outrem, ou seja o discurso citado. Relacionando com o pensamento de Vygotski (2003), o investigador empreende sua busca de construção do conhecimento através de uma abordagem que possibilite a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores. Pretendeu-se alinhar o pensamento de Vygotski e algumas contribuições de Bakhtin na ênfase que é atribuída por ambos às origens sociais da linguagem e do pensamento.

Vivenciamos na linguagem condições específicas de comunicação, suas forma e seus métodos, bem como à reação às palavras do outro, são determinadas pelas condições econômicas e sociais de uma época, constituem o processo de assimilação das riquezas da cultura humana.

Nosso conhecimento é necessariamente historicizado, pois nunca podemos alcançar uma relação direta e pura (não-mediada) com o mundo; ele sempre é apropriado de forma refratada, isto é, no interior de horizontes sociais de valores, para Vygostki (2003) são os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa.

Construir conhecimento é também construir uma narrativa sobre uma realidade complexa, multifaceta e plural. Santos (2007), em seu discurso sobre as

ciências, fala que a “psicologia aplicada privilegiou instrumentos expeditos e facilmente manuseáveis, como os testes, que reduziram a riqueza da personalidade às exigências funcionais de instituições unidimensionais” (p.47). E nos alerta para a necessidade de estudar os fenômenos sem isolá-los em uma lógica de relação causal e fornecendo mais respostas a uma realidade multifacetada e complexa.

A ciência moderna consagrou o homem enquanto sujeito epistêmico, mas expulsou-o enquanto sujeito empírico. É necessário superar a distinção epistemológica entre sujeito e objeto, a pesquisa no trabalho de campo da antropologia, da etnografia e da sociologia obrigou a psicologia a questionar as noções de distância social, ou de distância ótima entre o sujeito e objeto. Para Santos (2007, p.52), o objeto é a continuação do sujeito por outros meios.

Todo o conhecimento científico é autoconhecimento, ou seja as trajetórias de vida pessoais e coletivas, são parte do conhecimento. Ainda segundo Santos (2005), o caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência é plenamente assumido, “A condição epistemológica da ciência repercute na condição existencial dos cientistas” (p.58).

Para Vygotski (2003) é necessário perceber que todo o fenômeno tem a sua história, e esta história é ao mesmo tempo caracterizada por mudanças qualitativas (mudanças na forma, estrutura e características básicas) e mudanças quantitativas. Nesta concepção, as mudanças na história das sociedades produzem mudanças na consciência e no comportamento humanos.

Compreender o referencial da psicologia histórico-cultural é assimilar que vivemos em um mundo de palavras do outro, que nos orientam nesse mundo. Nossa reação a este contexto e a possibilidade de formar discursos sobre o trabalho, permitem ao investigador buscar referências e sentidos nas histórias e processos mentais reconstruídos por estes atores e autores sociais, a partir do uso que estes fazem da linguagem.

A aproximação teórica e metodológica entre Vygotski e Bakhtin é possível no que se refere a influência dos dois autores na pesquisa sobre linguagem. O objeto

das ciências humanas para Bakhtin(2005) é o ser “expressivo e falante”. Sobre questão de investigar os sentidos do trabalho, esta foi delimitada a partir de uma postura do pesquisador que se permite buscar conhecer este ser, a partir do discurso que produzem sobre si mesmos, como um ser que é capaz de se expressar. Compreendendo-os enquanto seres de totalidade e ao mesmo tempo de incompletudes, capazes de transformações e de novas sínteses no plano do conhecimento de sua própria realidade histórica, e conhecê-los por/e através de suas vozes, expressão da realidade por eles vivida.

Bakhtin, segundo Czaniawska (2002), desenvolveu sua análise no interesse de captar a expressão do sujeito no texto, ao contrário da tradicional hermenêutica, evidenciando as circunstâncias nas quais ocorre a produção do texto, e atribui a importância ao ato singular em sua concretude. Na análise de um discurso real, teríamos que reconhecer a incapacidade de se fechar um modelo, pois se trata de uma cadeia infinita de enunciados e não tem fechamento, esta seqüência estruturada de expressões semióticas que articulam um todo dentro do sistema discursivo, a mediação semiótica pode ser considerada o elo entre ambas as matrizes teóricas de Vygotski e Bakhtin.

Central para a compreensão de suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo histórico-cultural é a idéia de mediação. Enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas sim acesso mediado, operados pelos sistemas simbólicos. A linguagem, enquanto sistema simbólico dos grupos humanos, é simbólica porque se utiliza de códigos comuns, este sistema de símbolos representa um salto qualitativo na história da humanidade. Por meio dela, os conceitos, as formas de organização do real, são socialmente formados e culturalmente apropriados. Sociedades e culturas diferentes produzem estruturas de linguagem diferentes.

O conceito de mediação é de fundamental importância para este trabalho de pesquisa no seu papel fundante das relações sociais, e a concepção sobre o estudo do homem enquanto ser que se constitui imerso na cultura – nas experiências coletivas e práticas sociais – e como produtor-intérprete de sistemas semióticos. Para conhecer a realidade dos alunos em transição, buscou-se estudar a

cultura universitária como parte dos sujeitos, pressupondo que é no processo de mediação, em sua interação com o ambiente, que os sentidos do trabalho são transformados e retratam a polissemia do contexto universitário (Bakhtin, 2003).

Considerar a linguagem, como um sistema de signos veiculados culturalmente, apropriados e (re)significados pelo sujeito, permite ao pesquisador ao longo do processo investigativo pesquisar os sentidos do trabalho. Se tais sentidos estão vinculados com a história vivida pelos sujeitos na universidade, considera-se a instituição um importante espaço de mediação para a aquisição de conceitos simbólicos complexos, como se pretende demonstrar no quinto capítulo sobre os resultados.

Esta aproximação entre o pensamento de Vygotski e Bakhtin direciona a pesquisa sobre o entendimento do sujeito em sua complexidade, produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre a história singular e história social. Nos leva a compreender que "estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético." (Vygotski, 2003, p.85). Assim estudar os fenômenos em seu movimento, compreender a historicidade dos processos como movimentos dialéticos, pois "a dialética nasceu do diálogo para retornar ao diálogo em um nível superior (o diálogo de indivíduos)." (Bakhtin, 2005. p.401).

O tema dos sentidos do trabalho define necessidades metodológicas específicas, para conhecer as origens do fenômeno estudado como historicamente mediada. A origem do fenômeno dos sentidos do trabalho, está vinculada ao pressuposto de que o que distingue os homens dos animais é a sua capacidade de pensar sobre a sua ação. "O que distingue a atividade humana e lhe confere o seu caráter social é que, além de ser socialmente planejada, o que supõe definição de objetivos sociais e integração das ações e operações dos seus participantes" (Leontiev, 1978). Além do trabalho ser uma atividade que reflete e refrata a consciência e o pensamento outra característica fundante do trabalho caracteristicamente humano é o uso dos instrumentos de trabalho, "tanto os

instrumentos produzidos para realizá-la quanto o produto dela resultante são socializáveis, ou seja, podem ser usados pelos outros. Isto é um dado novo na história da evolução” (Pino, 1995, p.31). Assim a materialidade da ação humana sobre a natureza, através da socialização dos usos dos instrumentos do trabalho, nos permite pensar sobre a objetividade da ação e sua concomitante influência na constituição da subjetividade humana.

É a objetivação da subjetividade, presente nas coisas que o homem constrói, num processo de relação sujeito-objeto-sujeito que implica a elaboração de instrumentos. Ao modificar o mundo material, o homem modifica também a si mesmo e aos outros. Na mediação com outros homens, vai se apropriando da cultura, construindo e especificando-se em sua humanidade, elaborando não só artefatos mas também criando significados, recriando o mundo social e cultural.

Dizer que a atividade é instrumental, é dizer que é mediada por instrumentos criados pelo homem em função da natureza das ações por ele planejadas. Os instrumentos são de dois tipos: os técnicos, produzidos para agir sobre a natureza ou realidade material, e os semióticos (sistemas de signos), criados para a comunicação entre os diferentes atores (Pino, 1995). O sentido dado a uma atividade é que diferencia o homem, sua possibilidade de significar a ação.

Clot (2006) propõe que se acrescente às tradicionais dimensões do trabalho prescrito e do trabalho real, o real da atividade, isto é, que se ultrapasse a simples análise do que deve ser feito e do que efetivamente se faz, para incorporar as vivências do sujeito, a vivência produz uma unidade de sentido. A unidade de sentido, diferentemente dos elementos, não perdem as propriedades inerentes ao todo, que devem ser objeto de explicitação, senão que encerram em sua forma mais simples e primária essas propriedades do todo.

Esta construção de referenciais possíveis apresentada de forma sistemática conduz a definição de certo ponto de vista a respeito da realidade, que se pretendeu desenvolver nesta tese .

Um conjunto de elaborações teóricas, apresentados por Vygotski, são as bases de seu método. Entre estas destacam-se a orientação para análise é observar

o processo. "A análise do objeto deve contrapor-se à análise do processo, o qual, de fato, se reduz ao desdobramento dinâmico dos momentos importantes que constituem a tendência histórica do processo dado." (Vygotski, 1995a, p.101). Trata-se de não perder de vista a dinâmica do sujeito. Outra elaboração importante é buscar a gênese do fenômeno, desde as suas origens e do seu aparecimento, ou seja como se apresentar o fenômeno estudado, do modo como se apresenta hoje.

Em suas elaborações teóricas Vygotski contrapõe as tarefas descritivas e explicativas de análise, estabelece as relações que constituem o objeto estudado em múltiplas determinações.

Buscar as unidade de sentido, porque diferentemente dos elementos, não perdem as propriedades inerentes ao todo que devem ser objeto de explicitação, senão que encerram em sua forma mais simples e primária essas propriedades do todo.

A cultura fornece ao sujeito os sistemas simbólicos que possibilitam a representação da realidade, ou seja, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. Enquanto instrumento semiótico, dá o lugar das negociações onde seus membros estão em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significações.

No es difícil comprender que no hay necesidad de considerar la conciencia, ni biológica, ni fisiológica, ni psicológicamente, como una segunda categoría de fenómenos. Es necesario encontrar para ella, como para todas las otras reacciones del organismo, una interpretación y un lugar adecuados. Esa es la primera exigência de nuestra hipótesis de trabajo (Vygotski, 1995, p.44).

É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão apropriando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. A consciência é compreendida como um sistema que filtra o mundo e o modifica, refletindo a realidade, e sobre si mesma, ou seja, a consciência é entendida como possibilidade de reflexão.

Vygotski (apud Pino, 1995) confere destaque especial, em sua obra, à mediação semiótica¹, compreendendo seu papel em estruturar a consciência humana,

¹ A função semiótica equivale ao desdobramento do real em sua forma simbólica (Pino, 1995).

pois graças ao sistema de signos, especialmente o lingüístico, o homem pode nomear e pensar os objetos e suas experiências e compartilhá-las com os demais.

Considera-se o homem como um ser eminentemente social, reafirmando a relação inexorável entre sujeito e sociedade. O desenvolvimento da cultura marca o momento de ruptura na história humana, no qual o homem passa a transformar a natureza pelo trabalho, criando suas próprias condições de existência e, dessa forma, recriando-se a si mesmo em uma dupla e simultânea transformação. Ou seja, o trabalho é elemento determinante na constituição da própria natureza humana. A constituição da subjetividade humana se dá por intermédio do trabalho.

A história do homem é a história da sociedade à qual ele pertence, e nesta relação objetiva existe uma dimensão subjetiva que emerge da prática dos sujeitos envolvidos e que se configura transformando o mundo e a eles próprios. Desse modo, falar do fenômeno psicológico é falar da sociedade e da objetividade na qual vivem os homens.

Trata-se de compreender um movimento, num processo no qual o homem atua, constrói e modifica o mundo. "O fenômeno deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constitui na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana." (Bock, 2002, p.23).

A dimensão subjetiva, ou o mundo psicológico, é entendida na relação dialética com o mundo social, assim conhecer o fenômeno psicológico é conhecer a expressão subjetiva de um processo de conversão do social em objetivação singular. O *eu* se constrói na relação com o *outro*, no qual a palavra desempenha a função de contato social, ao mesmo tempo em que é constituinte do sujeito. A relação constitutiva eu-outro enquanto conhecimento do eu e do outro (eu alheio) e do autoconhecimento e reconhecimento do outro são vistas como mecanismos idênticos.

Para Marx (1987), o homem concreto não pode ser compreendido sem sua determinação histórica e social, sem suas relações e vínculos. "Temos consciência de nós porque temos consciência dos demais, porque nós somos para nós o mesmo

que os demais são para nós” (Vygotski,1991a). Reconhecemo-nos quando somos outros para nós mesmos. Nessa concepção, o sujeito se constitui nas relações com os demais, o contato com os outros sujeitos permite o reconhecimento do outro e, por meio disso, o conhecimento de si. A partir desta relação, o homem constrói suas características singulares, mediatizadas pelas relações sociais. É importante compreender os elementos de sua cultura, de suas relações, as contradições e confrontações estabelecidas.

Nestas relações com outros sujeitos no jogo da intersubjetividade, se formam as expectativas individuais. Portanto, o modo como o homem entende o mundo, e a formação do próprio pensamento, são processos de construção social. Ou, nas palavras de Bakhtin, "nosso próprio pensamento nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio" (Bakhtin, 2004, p.317). Ao participar do processo de constituição (tanto o social, quanto o de sua particularidade), o homem se constitui como homem, e ser produtor de história.

Para apreender a constituição subjetiva, Vygotski (2000b) afirma que se deve compreender a relação entre o pensamento e a palavra. O sujeito, ao falar, toma consciência de seu pensamento, uma operação que significa recriá-la na imaginação para exprimi-la em palavras. Neste processo é destacado da atividade geral da consciência, tornando-se, ele mesmo, objeto consciente.

A tarefa da Psicologia, para Vygotski (2003, 2000b), reside justamente na tentativa de compreender esse sujeito em sua singularidade. Singularidade esta que contém a expressão de sua condição histórica e social, sua ideologia e suas relações vividas. O resgate do sujeito e de sua singularidade consiste na apreensão do processo particular pelo qual se dá a construção de sua consciência. Apreender a gênese social da consciência pelas suas mediações, como o pensamento, a linguagem e a vontade.

Vygotski (1991a) afirma que a passagem para uma estrutura superior de consciência pode ser identificada num novo uso significativo da palavra, na formação de conceitos. O processo de constituição de um sentido para o mundo e suas

relações já seria uma forma de criação de novas combinações: não é a realidade que "se reflete" na consciência, mas também o indivíduo a reflete ativamente, produzindo, no conceito, uma nova versão sua da realidade .

Na produção do saber, toda construção teórica é um sistema representado por conceitos ou noções que definem a forma e o conteúdo de uma teoria, podendo ser considerada como operação mental que reflete certo ponto de vista a respeito da realidade. O método possibilita conhecer as especificidades do sujeito, enquanto objeto estudado, e o contexto histórico e cultural no qual esse momento surge como um dos elementos de sentido. Os conceitos ou as unidades de análise eleitos para esta pesquisa são, o conceito de trabalho (Marx; Vygotski); os sentidos e significados (Vygotski; Bakhtin); o projeto de vida (D'angelo; Soares) e a vulnerabilidade (Castel).

2.2 O CONCEITO DE TRABALHO

O trabalho constitui-se para o homem enquanto modo de produção de sua própria existência, passou a exigir do homem a convivência em grupos e o desenvolvimento da linguagem na divisão social do trabalho. O que ocorre ao homem é que anteriormente à realização de seu trabalho, o homem é capaz de projetá-lo, ou seja, tem a capacidade de definir instrumentos ou meios que permitam o alcance de seus objetivos. Possui a capacidade de escolher, dentre as alternativas, os elementos a utilizar para seguir em seus propósitos.

Justamente porque o trabalho humano pode ser projetado, ou seja, porque o homem consegue antecipar os resultados de sua ação, é que o homem modifica a natureza de acordo com suas possibilidades, sua imaginação e necessidades. A história humana coincide com a mudança do trabalho, naquilo que corresponde à evolução do homem e à sua capacidade de suprir suas necessidades frente ao meio. O homem produz sua própria existência, e a si mesmo, os homens produzem as circunstâncias e as circunstâncias produzem o homem. Para tanto, relaciona-se

com os outros. Produz e é produzido pelo outro, em uma dupla relação, mediada pelo outro e por si mesmo, age sobre o mundo exterior e o modifica, e, com isso, modifica a si mesmo.

A subjetividade e o trabalho são indissolúveis, tanto na gênese do ser social quanto no seu desenvolvimento (Antunes, 2005). Decorrente da necessidade da mediação entre o homem e a natureza, o trabalho enquanto atividade humaniza tanto o homem quanto a natureza. “No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador” (Marx, 1987, p.202). A escolha dos possíveis referenciais teóricos recai sobre a permanente questão da centralidade do trabalho na vida humana.

A minha atividade, mediada pela atividade do outro pela via da linguagem e do instrumento de trabalho, é o que permite que a atividade se reapresente a um sujeito em sua concretude.

O trabalho é, em primeiro lugar, um processo do qual participam igualmente o homem e a natureza, e no qual o homem espontaneamente inicia, regula e controla as relações materiais entre si próprio e a natureza. Ele se opõe à natureza como uma de suas próprias forças, pondo em movimento braços e pernas, as forças naturais de seu corpo, a fim de apropriar-se das produções da natureza de forma ajustada a suas próprias necessidades. Pois, atuando assim sobre o mundo exterior e modificando-o, ao mesmo tempo ele modifica a sua própria natureza (MARX, 1987, p.149).

Sendo o exercício do trabalho, em qualquer regime econômico ao longo da história, um dispêndio físico de energia, somente sob o regime capitalista vamos encontrar na força humana de trabalho a particularidade de ser fonte de valor. Fenômeno puramente social; o valor de um produto é uma função social e não função natural adquirida. O desenvolvimento do sujeito é resultado de um processo no qual a produção e a apropriação de conhecimentos é realizada pela mediação do sujeito com a sociedade. Junto a ele deve se situar a experiência social, a de outros sujeitos que constitui um importante componente no estudo do sentido que homem dá para as suas ações.

Toda nuestra vida, el trabajo, el comportamiento, se basan en la amplíssima utilización de la experiencia de las generaciones anteriores, es decir, de una experiencia que se transmite de padres a hijos a través del nacimiento. La llamaremos convencionalmente experiencia histórica (Vygotski, 1995, p.45).

O processo de formação de conceitos nos remete às relações entre pensamento e linguagem e à ação cultural no processo de construção de sentidos pelos sujeitos. A propriedade social permitiu ao indivíduo construir a partir do trabalho, certa autonomia pessoal, condição de sua independência para dirigir a si mesmo, hoje em dia as pessoas não tem encontrado espaços onde possam exercer sua autonomização, frente ao fenômeno do desemprego. “Para a maioria dos indivíduos o trabalho, é de todas as atividades, a que ocupa a maior parte das suas vidas.” (Giddens, 2007, p.377).

Associamos o trabalho como elemento estruturador na constituição psicológica das pessoas, no ciclo das suas atividades diárias e como condição de sua autonomização, permitindo ao sujeito, ser o ator e autor de sua história pessoal. A rede que liga o trabalho e a identidade profissional, enquanto desejo de vida e motivação, pode entrar em contradição com os determinantes da condição social e da ideologia enquanto expectativas sociais. A seguir, propõe-se uma visão de formação dos sentidos como apropriações mediadas pela cultura em constante metamorfose.

2.3 A DISTINÇÃO ENTRE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

As mudanças ocorridas no mundo têm alterado, substancialmente, as relações de trabalho e as condições sócio-culturais-econômicas. Conseqüentemente, alteram-se os sentidos e significados que vão sendo atribuídos ao trabalho, com o sujeito modificando as suas percepções, formas de agir, pensar e sentir o seu fazer. Neste

subitem, articula-se a teoria de Vygotski e Bakhtin, se buscando esclarecer sobre a predominância do sentido em relação ao significado, no enunciado das palavras.

Esta predominância resulta de que o sentido é produzido pela experiência do sujeito em mediação com a realidade que o cerca, porém se estabelece pela vivência, pela marca subjetiva de que tal ação naquele momento foi impregnada. Já o significado é a da ordem mais do coletivo, permite a construção de referentes comuns no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Sobre este domínio Vygotski (2000b) alerta que:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da palavra, seu componente indispensável. (p.150).

O significado de cada palavra é uma generalização de um conceito, e como as generalizações e os conceitos são atos do pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

Pertence formalmente a duas esferas diferentes da vida psíquica, o significado é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento (Vygotski, 2000b). A relação entre o pensamento e a palavra é abordada profundamente pelo autor que faz um resgate da gênese do fenômeno, Vygotski, e tal descrição mais pormenorizada pode ser encontrada em seu livro *Pensamento e Palavra*. Porém aqui o intuito é demonstrar as zonas de aproximação e de distanciamento entre os conceitos sentidos e significados.

Consideram-se as observações do autor acerca da predominância do sentido sobre o significado: "o significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge: em contextos diferentes, altera o seu sentido" (Vygotski, 2000b, p.180). O

sentido é um todo complexo, fluido e dinâmico com várias zonas de estabilidade desigual. Assim, "o significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala" (Vygotski, 2000b, p.180). Em relação à cristalização de definições sociais, as definições dicionarizadas são um importante parâmetro. Dependendo do contexto, uma palavra pode significar mais ou menos do que significaria isoladamente, pois adquire um novo conteúdo, uma vez que o contexto limita ou restringe o seu significado. Os significados são, produções históricas e sociais e permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências.

Embora sejam mais estáveis "dicionarizados", ao longo das alterações de sentidos, os significados também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantém com o pensamento, entendido como um processo. Os significados referem-se aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades.

O sentido subverte o significado, pois ele não se submete a uma lógica racional externa. O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. O sentido deve ser entendido, pois, como um ato do homem mediado socialmente. "Os sentidos estão divididos entre vozes diferentes." (Bakhtin, 2003, p.320). A base da construção dos sentidos é de natureza volutiva-emotiva, a emoção vinculada ao contexto em que surge a vivência é que conforma o desejo de vir a ser, o objetivo, e que impregna a palavra de sua significação histórica. O sentido destaca a singularidade historicamente construída, por isso foi eleito como unidade privilegiada de análise nesta tese.

Interessa-lhe o que ocorre no processo do diálogo, como em qualquer outro evento de linguagem, em termos de relações que se estabelecem entre dois enunciados quaisquer postos em contato. O encontro de enunciados é o encontro de seus respectivos complexos de significação, que envolvem sentidos sempre

saturados por índices sociais de valores no diálogo. O termo diálogo, para Bakhtin, é o nome para o simpósio universal que define o existir humano (2003, p. 348).

Neste diálogo, o sentido é complexo, móvel e variável e polissêmico. Modifica-se de acordo com as situações e a mente que o utiliza, de acordo com a audiência, de acordo com o contexto. As palavras podem mudar de sentido, e o sentido pode modificar as palavras. Desta forma, o sentido de uma palavra está relacionado com toda a palavra e não com sons isolados; o sentido de uma frase está relacionado com toda a frase, e não com palavras isoladas. Passa-se a abordar, na seção seguinte, a categoria projetos de vida.

2.4 OS PROJETOS DE VIDA

A construção de um projeto de vida ligado ao trabalho está relacionada a uma ordenação do formando decorrente de sua posição de classe social. Articulado com o horizonte social do grupo, o sujeito desencadeia uma reação semiótica-ideológica sobre seu projeto de futuro.

No projeto de vida existem direções profissionais que orientam determinados sentidos do trabalho. A categoria do projeto de vida, em análise concebe o ser humano como essencialmente social, participante de grupos e instituições que produzem ideais, desejos e sistemas de valores, que, assimilados e reproduzidos pelo sujeito, se convertem em objetivos a serem alcançados.

A fim de construir uma perspectiva de si mesmo, de seu vir a ser no futuro, é indispensável que o sujeito esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo. "[...] todos os índices de valor com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos (por exemplo, na palavra) ou, de modo mais geral, por um organismo individual, constituem índices sociais de valor" (Bakhtin, 2004, p.43).

Inserido no projeto de vida do formando, os valores do trabalho e as condições em que este o elabora, bem como suas possíveis mudanças, são de outra forma, valores sociais e ideológicos complexamente interligados.

Se necesitan categorías abarcadoras de la multiplicidad y complejidad de estas interacciones entre estructuras psicológicas y sociales (...). En este sentido la formulación de categorías integradoras como la de "proyecto de vida" pueden propiciar ese objetivo. (D'Angelo, 2000, p.1).

Por conseguinte, que os projetos são sempre atuantes, tanto nos grupos quanto nos sujeitos. A noção de projeto não encerra um fim em si mesmo, o projeto é uma abstração e como tal não existe independente do sujeito. No entanto, a análise do projeto remete ao estudo de um sujeito do presente, que se vê imputado à obrigação de se pensar no futuro. O projeto de vida é entendido como um movimento do próprio sujeito em processo reflexivo sobre o seu amanhã.

No âmbito deste trabalho, deseja-se ressaltar que o projeto de vida é um dos organizadores da existência social do ser humano. O sujeito existe em um contexto sociocultural específico, com normas, valores e um sistema de instituições e esferas de atividade social, nos quais assume responsabilidades e compromissos, manifestados em papéis executados a partir de sua posição social. Realiza seus projetos de vida e mantém estilos de vida específicos nas diversas relações concretas de uma sociedade em um momento social e histórico determinado (D'Ângelo, 2000).

A construção de um projeto de vida constitui não só uma identidade no trabalho, mas também uma projeção de si no futuro, a antecipação de uma trajetória. As condições nas quais o sujeito elabora seu projeto de vida constituem-se diferenciadores de suas posições sociais, processo influenciado pelas identificações grupais estabelecidas.

As identificações com o grupo familiar e o valor que as profissões assumem neste grupo influenciam o jovem. Uma grande parte das escolhas do jovem inclui uma representação social positiva ou negativa da profissão exercida pelos pais, sua relação com o trabalho e de que maneira o filho se identifica com as profissões familiares (Soares, 2002, p.75).

Parte-se do intento de que não se pode dissociar o projeto profissional de um projeto de vida, assim como identidade profissional e identidade pessoal também são indissociáveis. Esta é uma das possibilidades de entender a questão do projeto, pois a mesma se expressa através da articulação temporal entre o passado (história de vida) e o futuro (projeto de vida) (Lisboa, 2000).

Na realidade, afirma-se que existe no sujeito um projeto de continuidade de si mesmo, e o sujeito se relaciona com o meio à partir da perspectiva de sua continuidade, de sua sobrevivência, ou seja da manutenção da própria vida. Se estabelece como um movimento mais ou menos consciente das múltiplas possibilidades objetivas do sujeito lograr êxito em sua vida pessoal e profissional. De qualquer forma, o projeto de vida traz implícita uma visão sobre as realidades objetivadas, podendo ser expresso das formas mais diversificadas, a partir do modo com que o sujeito reproduz ou não em sua perspectiva de futuro, as mesmas condições de vida atuais.

O tema e a forma do signo ideológico estão indissolivelmente ligados, e não podem, por certo, diferenciar-se a não ser abstratamente. Tanto é verdade que, em última análise, são as mesmas forças e as mesmas condições que dão vida a ambos (Bakhtin, 2003, p.45).

O projeto de vida está constituído sobre uma visão da realidade, de suas possibilidades e impossibilidades de futuro, o sujeito vai estabelecendo objetivos pessoais e direções de vida. "Cuando estamos hablando de desarrollo integral de los proyectos de vida, estamos marcándolos, por tanto, en esta doble dimensión del individuo concreto, como persona humana." (D'Ângelo, 2000, p.2). Tal projeto é um modelo sobre o qual o sujeito espera e quer ser e fazer, e que toma forma concreta

em sua disposição e intenção de atingir, definindo sua relação com o mundo e consigo mesmo.

A construção do projeto de vida é concebida como uma progressão do sujeito, vinculada a uma intenção propiciadora do desenvolvimento integral de sua auto-realização. Num determinado contexto social, o projeto profissional é uma possibilidade de que estes sujeitos produzam resultados mais positivos de êxito profissional. "O projeto é, ao mesmo tempo, o momento que integra em seu interior a subjetividade e a objetividade, é também o momento que funde, num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado." (Soares, 2002, p.76).

O projeto de vida deve considerar tomadas de decisões que não são alheias ao contexto, e que "as conseqüências da decisão têm inúmeras implicações sociais, um sujeito que exerce sua profissão com motivação está não só se realizando como também prestando um serviço de melhor qualidade à sociedade" (Soares, 2002, p.15). É necessária uma prática da psicologia, voltada para compreender o homem em seus processos como condições que criam possibilidades de melhorar as formas de sua existência social

A amplitude da categoria projeto de vida nos faz referir à mesma, em determinadas partes deste texto como projetos profissionais, embora não se resuma a objetivos profissionais, a categoria projeto de vida deve manter suas características originais. Sartre (1960/1987) denomina projeto este movimento em direção ao que ainda não é. "Simultaneamente fuga e salto para frente, recusa e realização, o projeto retém e revela a realidade superada, recusada pelo movimento mesmo que a supera" (Maheirie, 2005, p. 152).

A vida em sociedade determina, de alguma maneira, quem somos, a forma como pensamos e sentimos o mundo e o projeto de vida está relacionado com o projetar-se no futuro desempenhando um papel na sociedade. Desta forma, o projeto do formando é complexo, pois "o ambiente do jovem pressiona-o, a saber o que ele deseja fazer mais tarde, a elaborar um projeto, e ao mesmo tempo apresenta

obstáculos tais que o impedem de realizar um bom número de projetos" (Soares , 2002, p.94).

As relações de trabalho e estágio vividas no presente, no ambiente universitário, podem ser relacionadas com representações e expectativas sobre uma atividade laboral futura. O presente confere múltiplos sentidos ao trabalho, e remete o sujeito a uma imaginação e construção de escolhas de como viverá do produto de seu trabalho.

A busca do projeto de vida parte de uma compreensão da constituição do sujeito mediante uma atividade laboral, ou seja, uma atividade profissional, que lhe garanta a inserção social, base sobre a qual se assenta o seu presente dado pela busca de uma formação profissional. Os projetos se transformam em práticas, em modos de vida que se constituem e em um projeto de vida. Velho (1994, p. 40) argumenta que "a noção de projeto pode ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades."

Essa concepção de projeto entende o sujeito como um ser social inserido em um contexto histórico-cultural e que, a partir das relações sociais das vivências oriundas destas relações, transforma-se e conforma-se em distintos projetos de ser e de vir a ser. O projeto é a maneira pela qual o ser vai se constituindo como sujeito de acordo com um passado mais ou menos remoto, um presente de escolhas e decisões e uma expectativa de abertura sobre o futuro com sentidos e possibilidades de trabalho sempre condicionais, determinadas e determinantes, situações de risco.

Ao refletir sobre o que são as chamadas situações de risco, o termo risco nos remete a pensar que são determinadas condições que atingem o ser humano e o colocam em uma situação de vulnerabilidade social. Atualmente, a projeção de si mesmo no tempo e no espaço futuro se esvai sob a condição de insegurança vivida em que se encontram os universitários.

2.5 A VULNERABILIDADE SOCIAL

Primeiramente, convém esclarecer o conceito de vulnerabilidade: "A vulnerabilidade social é uma zona intermediária, instável, que conjuga precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade." (Castel, 1998, p.24). O conceito de vulnerabilidade social foi desenvolvido, a partir de uma concepção de sociedade salarial francesa, apesar desta concepção de sociedade salarial não ter sido incorporada historicamente à realidade brasileira. Considera-se que a vivência da vulnerabilidade existe entre os universitários por aproximações do conceito com as zonas de fragilidade enfrentadas no processo de transição.

A questão social, que caracteriza a crise da sociedade salarial, reside num amplo e variado processo de vulnerabilidade, mas não revela, no caso francês, uma situação de exclusão nos vários graus e tipos. Ela é fruto de um percorrer histórico que leva à ampliação e à consolidação de direitos coletivos, relativos à seguridade social e ao trabalho. Condição de segurança e contraditoriamente de insegurança do sujeito pretende-se com esta discussão sobre a vulnerabilidade, como que constituindo-se em um campo legítimo e legal de reivindicações, para os futuros trabalhadores brasileiros.

No debate sobre a vulnerabilidade, o enfoque norte-americano é abertamente político-ideológico. Na acepção norte-americana, o termo é, progressista, pois é inspirado nas tradições que fundamentam as políticas de bem-estar social. De um lado, *blaming the victim*², aberta e feroz culpabilização das pessoas que se encontram em precárias condições sociais e econômicas, pois, nessa vertente interpretativa, esta situação é vista como fruto de sua própria e única (ir)responsabilidade.

O debate francês, a seu turno, baseia-se em conceitos como exclusão, relegação, desqualificação ou desfiliação social. Afirma que não se trata apenas

² Responsabilizando a vítima.

daqueles que não puderam pagar o preço do progresso, ficando à margem de uma sociedade que se modernizava. Mas também dos que ocupam posições centrais no sistema produtivo do qual foram desconectados. As propostas, enfatizam a necessidade da presença estatal, que tem como responsabilidade primeira fornecer os recursos materiais e culturais que promovam a (re)inserção social e econômica dos grupos marginalizados (Kowarick, 2003).

Segundo Castel (1998), as situações marginais aparecem ao fim de um duplo processo de desligamento: em relação ao trabalho e em relação à inserção relacional. Todo indivíduo pode ser situado com a ajuda deste duplo eixo, de uma integração pelo trabalho e de uma inserção relacional. Distinguimos três graduações em cada um desses eixos: trabalho estável, trabalho precário, não-trabalho; inserção relacional forte, fragilidade relacional, isolamento social. Acoplando estas graduações duas a duas obtemos três zonas, ou seja, a zona de integração (trabalho estável e forte inserção relacional, que sempre estão juntos), a zona de vulnerabilidade (trabalho precário e fragilidade dos apoios relacionais) e a zona de marginalidade, que prefiro chamar de zona de desfiliação para marcar nitidamente a amplitude do duplo processo de desligamento: ausência de trabalho e isolamento relacional.

Por conseguinte, a partir da segunda metade da década de 1980, já não se diz mais os “expelidos pelo dinamismo do progresso”, as proposições se calibram em torno do que se convencionou chamar de nova pobreza. Nova pobreza porque a vulnerabilidade deixa de afetar só os grupos periféricos para se tornar um problema que desaba sobre as camadas que ocupam os estratos inferiores da pirâmide social, mas se trata agora também de suas bases.

O movimento de precarização econômica e social afeta a vida de grande número de pessoas, que no período de expansão econômica, tinha um emprego, mesmo sem ter a qualificação necessária. Esta vulnerabilidade social é tratada aqui como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade de recursos (materiais ou simbólicos) dos universitários e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade civil.

Dentre os riscos relativos ao trabalho, segundo Castel (1998), temos o trabalho precário, em penosas condições, insalubre, mal remunerado, ou ainda a própria ausência do trabalho. A vivência em constante situação de desemprego pode levar a pobreza, a perda de status, perda de disciplina temporal e rotina diária, desagregação da vida familiar, incluindo o divórcio e várias formas de comportamento anti-social, como o roubo, tráfico, vandalismo e violência.

Defende-se a existência de uma significativa equação entre o risco social e a situação de vulnerabilidade dos trabalhadores contemporâneos. Tal como outros aspectos da sociedade, o trabalho está sofrendo enormes transformações. Uma forma de compreender como as mudanças do trabalho afetam a vida das pessoas em sociedade é confrontar as perspectivas de carreiras atuais com as do passado, e compreender que as trajetórias profissionais são radicalmente diferentes, no espaço de uma única geração (Sennett, 1999).

Esta fragilidade atinge principalmente aqueles em início de carreira. A principal questão social é a da inserção profissional, conforme corroboram diversas pesquisas de Pochmann, 1998, 2002, 2003, 2004a, 2004b e 2007; Dupas, 1999; Harvey, 2005; Antunes, 2005; Castel, 1998 e 2005.

A inserção ocupacional atualmente desenvolvida pode produzir processos de vulnerabilidade dos universitários no enfrentamento das condições de transição, revela a influência da educação superior nestes processos de inscrição do sujeito na condição de trabalhador, e a necessidade da psicologia em pesquisar quais são as condições que podem gerar as zonas de fragilidade e risco subjetivo percebido e sentido como vulnerabilidade.

Esta reflexão inicial remeteu o autor a consubstanciar sua pesquisa em outra realidade, em um país europeu, comumente caracterizado como mais desenvolvido, que, no entanto, também apresenta facetas da complexidade do mundo do trabalho global e que envolve os jovens do ensino superior. A diferença se verifica na vivência da transição escola-trabalho e passa-se a descrevê-la no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3. CONTRADIÇÕES DA TRANSIÇÃO ESCOLA-TRABALHO

O mundo atual parece, mais do que nunca, um mundo convulsionado. Profundas transformações tecnológicas revolucionam o modo de produzir nossa vida material, com enormes implicações sobre a organização da produção e do trabalho; nossos modos de vida e de organização social são violentamente modificados. (Leite, 2003, p. 75).

A frase em epígrafe apresenta as implicações das transformações no mundo do trabalho, alterando o modo de vida das pessoas de uma forma violenta. Esta expressão é qualificante quando se pretende falar sobre as contradições da transição escola-trabalho e considera-se apropriada quando existe avanço tecnológico sem o avanço social. Entre as mazelas desta nova organização do trabalho, encontra-se uma transição tardia, caracterizada pelo medo desemprego e pela falta de perspectivas de futuro. É uma condição passível de causar dano ao sujeito, uma vez que nega-se a este a autonomia, e a capacidade de se pensar outro futuro possível e pressuposto.

Este capítulo objetivou discutir aspectos dos sentidos do trabalho onde se problematiza o tema relacionado com as contradições vividas em uma fase de transição (escola-trabalho) considerando a realidade de Portugal e Brasil. Esta possibilidade de articulação se deveu principalmente a realização de um estágio de doutorado, de quatro meses, na Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto. Apesar da exigüidade do tempo disponível, considerou-se importante pesquisar os processos de transição em diferentes contextos.

3.1 SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRANSIÇÃO

Não é fácil refletir sobre as relações de transição entre escola-trabalho, considerando em termos de estratégia, Portugal, assim como os países da União Européia, desenvolvem mais mecanismos ou políticas de proteção aos egressos de suas universidades, do que os países em desenvolvimento como o Brasil.

Existe um constante medo do aumento do desemprego e traz várias conseqüências, tanto nos planos e políticas governamentais, como à partir de uma dimensão pessoal e imediata para os que buscam se inserir na vida ativa, e traçam planos para o seu trabalho a partir de uma identidade pessoal e profissional constituída.

Neste estudo, trabalha-se indistintamente com os termos transição e inserção profissional, embora hajam divergências na utilização de ambos os conceitos (Tanguy, 1999; Dubar, 1997, 2004). Serão denominados de inserção profissional ou de transição profissional porque refletem um período de passagem da inatividade para a vida ativa.

A inserção ocupacional é só mais uma das formas de inserção social, existe anterior a toda forma, uma estrutura organizada na qual se inserem os sujeitos. Por isso, a organização do universo social está ligada a uma determinada cultura, seja a de uma tribo de índios, seja de um grupo de operários ou de um grupo de universitários. A nossa cultura social é que situa um determinado tipo, ou modo, cada uma das coletividades, pode encontrar o seu lugar, ou se inserir.

Quando falamos de inserção ocupacional, fala-se de uma determina forma de inserção, que é influenciada pelo seu meio social e cultural. Pela experiência em sala de aula, percebe-se que a visão do mundo, de homem é constantemente influenciada pela comunidade de origem dos alunos, as famílias, o território, e pelas relações que estabelece ou não no ambiente universitário. “Essas comunidades tendem, pois a funcionar como sistemas auto-regulados ou homeostáticos que recompõem seu equilíbrio mobilizando seus próprios recursos” (Castel, 1998, p.51) .

No processos de transição escola-trabalho, novas filiações se dão sem mudar o quadro de referência temporal entre o passado e o futuro. A transição se

relaciona com uma nova visão do trabalho, iniciada na necessidade de realizar estágios durante o período acadêmico, e na forma como os universitários buscam sua qualificação para o trabalho dentro da universidade. Concordamos que

a educação não pode restringir-se à formação ou qualificação para o trabalho, mesmo que tal formação tenha um sentido geral e abrangente, mas abarcar o acesso ao conhecimento e à cultura necessários à vida humana em determinado tipo de sociedade. (Tumolo, 2003).

O contexto universitário por si não traz uma grande preocupação para a maioria da população em relação à inserção ocupacional, tem-se uma noção de que durante os anos acadêmicos estão distantes de preocuparem-se efetivamente com o trabalho. Ao iniciarem seus estágios, o confronto com o mercado e com seus conceitos se transformam, os universitários têm a oportunidade de colocar seus conhecimentos em prática, e aí é que surgem as indagações a respeito da profissão e das escolhas de futuro.

Constatam os formandos que o diploma universitário não é mais uma garantia de emprego, é uma formação profissional. Produzem em suas falas em sala de aula sentidos polissêmicos, onde o campo do sentido produzido pelos alunos se dá na trama de inter-relações entre outros sujeitos e suas práticas discursivas. Como a linguagem, forma-se no seio de uma cultura, transita entre o singular/coletivo, o subjetivo/cultural, na inserção ocupacional, é carregada de diferentes sentidos e significados. Onde ter uma profissão implica em conflitos sobre ser ou não ser um profissional. O aluno, em geral, só se percebe como profissional, quando consegue se inserir no mercado de trabalho e exercer a atividade para a qual se qualificou durante o período universitário. Para os egressos, é difícil agir sem nenhuma previsibilidade de suas ações, a vivência na sociedade do conhecimento e das poucas oportunidades de inserção, o risco por qualquer ação deve ser avaliado constantemente.

Considerando a inserção ocupacional, não somente a transição da escola para o mundo do trabalho, mais sim um tipo determinado de inserção ocupacional, uma das grandes preocupações do universitário constatada pela autora em sala de

aula, não é só ter um trabalho, mas adquirir os frutos de seu trabalho como possibilidade de constituição de sua vida autônoma. Poder, através de seus esforços, constituir uma família e oferecer uma melhor condição de vida para os seus, são em geral as reais perspectivas de futuro dos universitários.

Similares em Portugal e no Brasil são condições de transição que seguem: um aumento do tempo no desemprego, a precarização das condições laborais, e o afastamento do trabalho como a busca por qualificações cada vez maiores. (Castel, 2005). Existem múltiplas formas de pensar a transição, sobre o ponto de vista econômico, social, e ainda sobre as políticas para a juventude. Pretende-se aqui não aprofundar tais questões, que serão no entanto enunciadas por apontar direcionamentos possíveis e permitir refletir sobre as possibilidades dos universitários em determinada realidade tem para enfrentar a transição.

Na contemporaneidade, a tendência que se apresenta é que descrevam percursos profissionais cada vez mais curtos, o problema se evidencia sobre um sujeito específico, geográfica, social e culturalmente localizado e a sua possibilidade de pensar a si mesmo no futuro.

Os jovens, em especial, são atingidos decisivamente. De um lado pelo desemprego, já que a cada duas pessoas sem trabalho no Brasil, uma possui menos de 25 anos de idade. De outro, sem a perspectiva de mobilidade social ascendente, cresce, sobretudo entre os jovens, tanto a violência como a emigração da população com maior grau de escolaridade. (Pochmann, 2004b, p. 384).

Podem ou não construir algo que se aproxime de uma carreira, ou uma trajetória profissional mais ou menos estável? Tais questões permitem perceber que as condições sociais, histórias e culturais sobre o trabalho, posicionam os jovens diante de um mercado em constante mutação e flutuação, um mercado cada vez mais instável e globalizado. É um contexto complexo e de difícil análise, que, porém, traz severas implicações para a subjetividade dos mesmos.

Na transição da escola para o trabalho, o desejo de autonomia e independência, a necessidade de sair da casa dos pais e a ambição de constituir uma vida adulta se reveste de sentimentos de angústia, frente ao despreparo e

insegurança para enfrentar as condições impostas pelo mercado de trabalho. Reflete um quadro vulnerabilidade para projetar-se em um futuro não muito distante. A angústia de um futuro incerto é experimentada individualmente, enquanto a reação é vivenciada de forma coletiva e marcada pelo ressentimento. Castel (2005) refere-se ao ressentimento como “mistura de inveja e desprezo que atua sobre um diferencial de situação social e joga a responsabilidade da desgraça em cima ou embaixo na escala social” (p. 51). Trata-se, portanto, de uma frustração coletiva que busca responsáveis ou bodes expiatórios em outros grupos sociais

As idealizações, mitos e anseios sobre o trabalho são confrontadas com a realidade e a percepção da competitividade e diminuição dos postos de trabalho. Ao vivenciarem a transição, a suposição de um emprego seguro após o período universitário constitui um objetivo a ser perseguido, no entanto o choque com as primeiras seleções e recrutamento, e as primeiras experiências de estágio, passam a fazer parte do seu universo gerando novos significados e a noção da precariedade do mercado. A vaga almejada situa-se cada vez mais parte de uma história passada e um sentido produzido como um reflexo de uma imagem do passado sobre o trabalho.

No presente, são percursos transitórios, alguns estágios, que acabam por funcionar como um atraso no período de formatura, e constituem um alargamento na condição de estudantes onde os itinerários profissionais dos jovens são, em sua grande maioria, imprevisíveis.

Somente as pequenas brechas de inserção profissional se mantêm constantes, e atingem os universitários, não de todas as áreas e nem de forma homogênea, porém são resultados de movimentos de inserção profissional precária, provisória e temporária e que constituem muitas vezes, uma forma de afirmação da inelutabilidade pela busca de um trabalho digno. Para os jovens são constantes as contradições vividas na transição e que muitas vezes refletem na (im)possibilidade de tecer planos profissionais para o futuro.

As condições de transição em Portugal e no Brasil, auxiliaram a desenvolver uma visão da lógica dos processos de transição em que o binômio qualificação/ trabalho, nem sempre suprem as respostas sociais de que os jovens necessitam. Os estudos pesquisados em Gonçalves, C. M. e Coimbra, J.L. (2002) e Azevedo, J. (1999, 2001) demonstram a confluência de várias problemáticas: a educação e a formação inicial ao longo da vida, os diferentes processos pessoais e sociais de transição da "escola" para a "vida ativa", a construção de trajetórias profissionais e o desenvolvimento de identidades profissionais entre os jovens.

A tendência das universidades por sua vez é atenderem aos apelos do mercado e desenvolverem novos cursos superiores, também movidas pela lógica da relação entre a qualificação para e o trabalho. No entanto, em algumas áreas profissionais, a tendência a desaparecerem os empregos se acentua de uma forma cada vez mais rápida.

O mercado nem sempre dispõe de condições para receber os universitários mais qualificados, pois mesmo habilidades simples para desenvolver tarefas repetitivas e rotineiras contraditoriamente, continuam sendo necessárias. As oportunidades oscilam e tendem tanto no Brasil como em Portugal a aumentar também as ofertas de trabalho para profissionais do ensino secundário ou técnico.

Estar ou não apto para o trabalho consiste em um problema para a grande maioria dos jovens que saem das universidades do Brasil e em Portugal. Não trata-se de um grupo homogêneo, são realidades distintas, porém apresentam algumas semelhanças no enfrentamento da transição e de formas diferenciadas a formação profissional obtida pelo curso superior, que significa uma angústia a mais para ser resolvida, a da não possibilidade de exercer a profissão para a qual empenhou o seu tempo e seus projetos de vida.

A consciência do sujeito está entrelaçada com o tornar-se um profissional, e formar uma identidade para o trabalho, e o exercício de uma profissão, necessita de alguns aportes de segurança, que podem ser pensados pelas políticas para a

juventude na qual o preparo para o exercício de uma atividade profissional no futuro encontre maiores oportunidades .

As preocupações com a transição não se constituem um fato novo. A história da educação, em suas origens, se inscreve na capacitação de indivíduos para o desempenho de determinadas atividades. Esta história começa antes da revolução industrial, nos quadros de ofício que buscavam no mercado pessoas com determinadas habilidades para aprender ofícios simples, onde a mão de obra não necessitava senão de básicas qualificações, ser nada além da mão a obrar. A necessidade de sujeitos pensantes e capazes de desenvolver comportamentos reflexivos e decisões complexas, nascem a partir das especializações do trabalho, percorrem a era industrial e a pós-industrial. (Pochmann, 2007).

A partir da flexibilização produtiva (Harvey, 2005), o quadro do mercado de trabalho, solicita às instituições formadoras o preparo de uma mão de obra cada vez mais complexa e rápida na geração de respostas a demandas também rápidas e flexíveis. A tecnologia no processo produtivo substitui as ocupações manuais, dando lugar a um tipo de profissional, intelectualizado e disposto a desenvolver atividades de elevado grau de abstração.

Na era dita do conhecimento (Harvey, 2005), a informação e o capital social de um país passa a ser o número de pessoas educadas, ou qualificadas para exercerem atividades complexas. No mundo da flexibilidade, o profissional polivalente requer domínios de saber nunca antes solicitados. Formam-se inúmeras instituições de ensino e as populações têm acesso a níveis cada vez mais elevados de qualificações, no entanto, o horizonte do mercado de trabalho se estreita, enquanto o mundo torna-se cada vez mais globalizado. O exército industrial de reserva, soma um número maior do que a capacidade do mercado em absorver tais quadros.

A condição de transição entre o ensino superior e o mercado de trabalho se justifica como uma problemática crescente e, ao mesmo tempo, como uma alternativa pela possibilidade de oferecer outros modelos de transição mais

adequados às políticas públicas que atualmente são implantadas em ambos os países. Passamos a abordar os novos regimes de transição.

3.2 SOBRE OS NOVOS REGIMES DE TRANSIÇÃO

As preocupações com a transição compreendem um período de tempo relacionado com o emprego no fim dos anos noventa e início dos anos dois mil. Sobre os novos regimes de transição, as últimas décadas foram marcadas por grandes transformações, caracterizadas por avanços tecnológicos são os principais causadores do desaparecimento de algumas profissões e do surgimento de outras no mercado. Segundo Fonseca e Azevedo (2007) ocorre em Portugal processos de mudança social, períodos de ciclos curtos de crise-recuperação do crescimento econômico.

As condições em que se dão a transição entre escola e trabalho e, por conseqüência, o início da vida profissional, expressam os contextos históricos e as dinâmicas sociais vividas. No entanto o ingresso juvenil no trabalho seguia um curso que se iniciava com os vínculos ocupacionais mais frágeis e transitórios, que antecederia o estabelecimento de um primeiro vínculo mais duradouro. (Azevedo, 1999).

A dimensão que o problema da transição vem adquirindo nas últimas décadas é apontada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em seu Employment Outlook, que, desde 1992, define em diferentes categorias a execução dos Programas de Mercado de Trabalho e demonstra a importância dos programas direcionados aos jovens.

O desemprego juvenil representa uma verdadeira ameaça de caos e desintegração social, para todos e nas agendas das políticas públicas observa-se a preocupação com a realidade da exclusão dos jovens do processo produtivo. No plano europeu, em meados dos anos noventa, havia cerca de 18 milhões de desempregados (Fonseca e Azevedo, 2007). A diversidade de situações é, no

entanto, grande em cada país e depende claramente de posicionamentos políticos, econômicos e sociais.

O desemprego já é considerado um fenômeno de origem estrutural, ou seja, tendem os empregos que desaparecem a não serem substituídos por outros, como afirmam Fonseca e Azevedo (2007, p.16) : “A partir da primavera de 2001, com o rebentamento da “bolha” das tecnologias da informação e da comunicação, e com a concomitante redução da atividade econômica, o desemprego começou a aumentar à escala Internacional”.

As reflexões aqui tecidas se deslocam sobre a questão da transição escola-trabalho, devido à implicação dos novos regimes de transição sobre as expectativas dos sujeitos. Existem diferenciações claras entre o sistema educativo português e o brasileiro que devem ser referenciada, porém existem semelhanças que devem ser consideradas sobre o mercado de trabalho.

No contexto da atualmente chamada EU (União Européia), antiga Comunidade Económica Européia, por exemplo, está em discussão, uma nova palavra a flexissegurança (que alia o conceito de mobilidade do mercado de trabalho sem desproteger os trabalhadores), de modo que um trabalhador qualificado possa buscar trabalho em qualquer parte do mundo (Azevedo,2001). Por outro lado, nos países considerados ainda em desenvolvimento, não existem grandes discussões sobre esta temática.

As preocupações dos jovens, convergem para conseguir alguma estabilidade e carreira, e a grande maioria destes, tanto em Portugal como no Brasil, vai em busca da inscrição no serviço público com este objetivo. São espaços laborais ou lugares de trabalho onde a flexibilização ainda não promoveu severas alterações no mercado. O número de candidatos a concursos públicos aumenta a cada ano. Pesquisas feitas por cursos preparatórios revelam que, há cinco anos, os interessados nas vagas do setor público em 5 milhões. Atualmente, são 10 milhões de pessoas se preparando para os exames (O Globo, 2008).

O aspecto mais comum dos jovens em seus projetos de vida é se qualificarem e depois saírem de seus países de origem para trabalhar em institutos de pesquisa e organizações internacionais.

O movimento de abertura de novas universidades, ocorrido tanto no Brasil como em Portugal, preconizou um enorme contingente de jovens qualificados a se aventurarem na busca de uma inserção no mercado. Em Portugal, este movimento de expansão do ensino superior data de 1985, quando o governo português, percebeu que o aumento da taxa de escolarização e do número de permanência na escola, tinha um papel determinante nos processos de inserção dos jovens (Fonseca e Azevedo, 2007).

As transformações ocorridas na sociedade brasileira a partir de meados da década de 1950 levaram as camadas médias, a elevar a pressão pelo acesso ao ensino superior. Na década de 1970, há um primeiro ciclo de expansão ocorrido no âmbito do ensino privado e, a partir da década de 1980, a transformação de instituições isoladas em universidades. Nos anos 1990, o ensino superior privado voltou a crescer intensamente, prosseguindo o movimento de transformação de instituições isoladas privadas em universidades. A multiplicação e diversificação dos cursos empreendida por parte de universidades recentemente criadas são tendências características da última década. E o número de universidades no Brasil, aumentou nos últimos sete anos, em 103,1%, segundo o IBGE (2008).

No Brasil, o mercado também se caracteriza pela flexibilidade, no entanto, as taxas de desemprego juvenil tendem a se manter altas, mesmo durante os períodos em que se aumentam os níveis de emprego e tendem a ser de empregos de baixa qualidade. De acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2007), existem 9,13 milhões de pessoas à procura de emprego, no entanto somente 1,67 milhões de trabalhadores têm experiência ou a qualificação necessária.

Várias medidas econômicas são adotadas como mecanismos de proteção e de inserção de jovens graduandos, apresentadas por organismos internacionais,

como pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com medidas e orientações para os países membros para a geração de novos postos de trabalho e aquecimento das economias (Sarmiento, A.L. (2003).

Estas medidas vão desde a orientação macros-sociais para a redução da jornada de trabalho, orientação sobre mudanças nos contratos de trabalho, nas relações laborais até orientações microssociais como projetos e ações que visam auxiliar no planejamento de carreira e o projeto de vida dos jovens.

A tendência de vir a não ter um trabalho é uma preocupação essencial da juventude na contemporaneidade, onde o medo do futuro e a insegurança evidenciam uma crise no sistema regulador vigente. Todo este quadro promove um ambiente social, mais incerto, menos previsível e controlado do que em períodos anteriores. O projeto CATEWE (Comparative Analysis of Transitions from Education to Work in Europe) visa analisar a transição da educação para trabalhar numa perspectiva comparativa europeia (CATEWE, 2000). Pretende desenvolver um quadro mais satisfatório para o entendimento das transições em diferentes sistemas europeus e utilizar este quadro para analisar os fatores que afetam o sucesso e o fracasso na educação / formação, resultados e inserção no mercado de trabalho. Suas diretrizes de 2000 apontam as formas de melhorar a qualidade e utilidade dos dados e indicadores sobre a transição dos sistemas de educação inicial para o trabalho.

De fato a capacidade reguladora do Estado tem-se enfraquecido na manutenção de postos de trabalho suficientes para o contingente de jovens que saem do sistema de ensino superior em todo o mundo. “Em meados da década de 80 o governo português, cria o OEVA (Observatório de Entradas na Vida Ativa), demonstrando sua preocupação com a questão da escola e da transição para a vida ativa.” (CATEWE, 2000, p.157). As reivindicações laborais passam a ser articuladas por instâncias políticas locais e globais, principalmente pelos aportes de segurança social que o trabalho pode fornecer para a juventude, tanto materialmente, quanto na constituição do homem enquanto sujeito.

Pode-se dizer que “existe uma forte ligação entre diferenciação na educação e diferenciação no mercado de trabalho” (Fonseca e Azevedo, 2007, p.18). O trabalho pode ser considerado como fomentador das condições sociais, econômicas e culturais que alicerçam a sociedade. Uma nação é mais rica quanto mais capacidade produtiva tiver, e considera-se ainda que o capital social de uma nação é talvez tão importante quanto o seu capital econômico para sobreviver.

Torna-se urgente pensar sobre as implicações que as mudanças no mercado de trabalho têm causado para a juventude, principalmente no contexto da passagem da escola para a atividade profissional. Contexto nomeado como de transição ou de inserção, onde autores como Fonseca e Azevedo (2007), Antunes (2004) e Pochmann (1998, 2002, 2003, 2004a, 2004b e 2007) esclarecem que as estratégias de enfrentamento do desemprego têm exacerbado os perfis individualistas e competitivos entre os jovens. Por outro lado, dentro do mercado globalizado, o não enfrentamento da competitividade pode muitas vezes significar desqualificação, isolamento e exclusão social.

O quadro se complexifica ao olhar sobre a condição de desemprego e suas mazelas, a tendência neste contexto é de que uma maior qualificação profissional também pode permitir à juventude trilhar novos caminhos de autonomia e realização pessoal e profissional. No entanto, não se pode construir um olhar ingênuo sobre esta problemática. A relação não é direta, nem tampouco imediata, a idéia da qualificação ainda detém, no contexto internacional, seu lugar de centralidade nas discussões de políticas sobre a juventude. O autor é favorável aos benefícios que a maior qualificação possível possa trazer aos jovens, a despeito de que no contexto atual, a qualificação seja sinônimo de empregabilidade. Autores como Castells (2002), Antunes (2000 e 2005) e Pochmann (1998, 2002, 2003, 2004a ,2004b e 2007) apresentam os dados estatísticos sobre o aumento do número de oportunidades de trabalho, para os jovens não qualificados.

De qualquer forma, neste contexto, nos caminhos e descaminhos da qualificação profissional, é importante repensar o papel da universidade como

agente de profissionalização dos jovens e pensá-la a partir de uma perspectiva de agente local e global, considerando a dimensão especial do fato educativo, como o desenvolver as competências para se aprender a viver e sobreviver com dignidade, e não somente se qualificar ou requalificar para um determinado mercado de trabalho que apresenta-se em constante mutação.

Estas problemáticas da transição reclamam a necessidade de novos olhares sobre as políticas de inserção profissional, pois estas afetam não só a vida dos jovens, seu modo de viver e estar. As preocupações sociais sobre a inserção dos universitários na economia como seres ativos e produtivos implica em distintas formas de atuação do Estado neste domínio com vistas a reverter o quadro de desolação e descontentamento dos jovens quanto a perspectivas de emprego.

3.3 OS ESTUDOS SOBRE A TRANSIÇÃO

A transição ao trabalho torna-se, para os universitários, uma fase da sua biografia submetida, como nunca o foi, a condições de incerteza e de oportunidades restritas. O ingresso dos jovens no mercado de trabalho tem se modificado ao longo do tempo e uma das características é seu adiamento (Azevedo, 1999) com duração prolongada para além do que socialmente se representa como “normal”. Após percursos escolares habitualmente tidos como razoáveis ou promissores e investimentos familiares considerados como promotores de sucesso social.

No Brasil, segundo Pochmann (2004a), o capitalismo passa por um período histórico singular. Caracterizado por três características fortes, o princípio da incerteza inerente às ações dos capitalistas, como resultado na indefinição de quais serão os grupos econômicos que permanecerão dominantes. A segunda característica diz respeito ao aumento da insegurança no mundo do trabalho, onde parte das novas ocupações é permitida sem acesso a mecanismos de proteção social e trabalhista. E a terceira característica está vinculada à ampliação da instabilidade nas formas de governabilidade, seja dos países, seja das

representações sociais. “No geral, é relativamente mais fácil conhecer realidades passadas que as atuais e muito mais complexo ainda projetar novas realidades”. (Pochmann, 2004a, p.20).

Fator do adiamento da entrada no mercado de trabalho é a importância dada para a experiência laboral, o adiamento desta entrada no mercado, não é um fator isolado, outros elementos de decisões como o casamento e a constituição de um domicílio também são protelados.

Ao pesquisar artigos das Universidades Portuguesas de Psicologia, artigos com a palavra transição escola trabalho, identificaram-se alguns que permitem ter um panorama sobre as publicações de Portugal nesta área, como de interesse para esta tese. Delimitou-se como referência o período compreendido entre 1997 e 2007, período no qual se percebem grandes mutações no mercado de trabalho e um aumento da preocupação com a temática da transição.

Percebe-se uma colaboração entre diversos investigadores nacionais e estrangeiros, contribuindo significativamente para um alargamento das perspectivas de trabalho, para a aferição de resultados e para uma contextualização sociopolítica da realidade portuguesa na Europa e no Mundo. A influência significativa de Bernard Charlot e de Claude Dubar são objeto de citação frequente nas produções desta área.

Charlot (2004), partindo de uma perspectiva filosófica, nos remete para uma necessária convergência entre as problemáticas do trabalho e da educação. Após um percurso pela história das idéias, discute a disjunção entre estas problemáticas ao longo do tempo, de Platão a Marx, e insiste na necessidade de, na nossa época, se repensar trabalho e educação sobre bases novas. A questão importante é pensar sobre como formar os alunos atualmente, pois existe um efeito profundamente negativo: a idéia de que o aluno vai à escola apenas para ter mais tarde um bom emprego. Este ponto de vista nos alerta para tecer um olhar sobre a educação e a transição para o trabalho, como um período de tensões de interesses e de preocupações com as bases nas quais se formam os alunos hoje.

Dubar (2004) pesquisou a caracterização de uma população juvenil que abandonou a escola, mostra-nos passo a passo, o processo de análise das narrativas e a operacionalização de uma tipologia empírica. E esta leitura ganha particular importância na temática deste estudo pela análise dos discursos biográficos, por um lado, como o «universo de crenças» destes jovens. Os discursos dos jovens apontam uma disjunção entre Trabalho e Educação. O trabalho não tem uma relação direta com a educação, concordamos com a afirmativa, porém acreditamos que existe um relação mediada entre ambos os processos.

Estudos que abordam a questão da transição pretendem identificar e compreender as lógicas formativas subjacentes ao desenvolvimento de um projeto de formação profissional. O uso deste termo sugere uma educação finalizada para o emprego, situada na intersecção entre escola e trabalho. A importância reconhecida do campo da formação orienta pesquisas empíricas, alimenta representações e justifica discursos e medidas políticas.

Os julgamentos “profanos” e “científicos” embatem na focalização da atenção atribuída, no período de desemprego durável, à inserção profissional e, dentro deste campo, à noção de competência. A competência, termo já rico de ambigüidades, carrega-se de significações novas, suscita a curiosidade, é investida de funções múltiplas e generaliza-se em diversos meios. Ela difunde-se e impõe-se nas esferas da escola e do emprego, inspira medidas de reforma do ensino e a avaliação dos dispositivos de reabsorção do desemprego, até se tornar o fundamento da formação. O objeto da formação torna-se a aquisição de competências, conforme as diretrizes curriculares brasileiras (Brasil, 2001).

Machado (1998), ao analisar o parecer CEB/CNE 15/98 e verificar as implicações da reforma do ensino médio, pautada na noção de competência, constata que...

“O reconhecimento e a avaliação das competências, fundamentados em processos de negociação individualizada, contribuiriam para moldar uma certa concepção de sujeito e de autonomia, voltada para o desenvolvimento

da capacidade adaptativa e para enfraquecer a solidariedade informada pelos interesses coletivos como consequência do aumento da competição entre os indivíduos (Machado, 1998, p. 84).

Almeida (2005), ao investigar a transição dos jovens da escola para o mundo do trabalho, inscreve-se numa aproximação comum a um conjunto de trabalhos científicos, realçando a sua análise em termos de processo. Em sua perspectiva de análise longitudinal da transição obriga-nos a entendê-la como um período onde continuamente se (re)escrevem percursos diferenciados de formação, que se entrecruzam na sucessão do tempo de transição. Enfatizou os percursos de transição de jovens de meios populares e procurou compreender a diversidade de elementos que influenciam modalidades de percursos heterogêneos nos jovens. Conclui que os lugares de inserção são lugares subordinados a uma determinada sociedade e cultura que são transmitidos e assimilados através de mediações sociais pela linguagem.

Esteves (1997), em artigo sobre transição ao trabalho e posturas de investigação, redefine articulação de posturas de investigação e de posturas de intervenção social num "modelo de experimentação". Conclui que a cultura profissional não se pode satisfazer com a descoberta de leis da regularidade social nem com a hipótese de uma realidade estática ou segura .

Campos (1995) defende que a perspectiva da educação ao longo da vida tende, por vezes, a ser interpretada como disponibilização de escolaridade, cursos e diplomas em todas as idades da vida. A aprendizagem é necessária ao longo da vida e os vários contextos desta (trabalho, família, vida social e cívica, lazer...) e os desafios que neles ocorrem constituem oportunidades e ocasiões onde " se aprende, e importa potenciar para todas as pessoas a se capacitarem para um confronto criativo e eficaz.

Vieira e Coimbra (2006) discutem o sucesso na transição escola-trabalho, a partir da percepção de finalistas do ensino superior português. Apontam que a

complexidade do mundo do trabalho, associada à sua permanente instabilidade, vem desafiar as formas tradicionais de encarar a transição efetiva dos estudantes para o mundo do trabalho. De fato, nesta conjuntura, de que forma poderemos avaliar o sucesso/insucesso da transição dos diplomados do ensino superior para o trabalho? Com base em quais critérios? Conseguir um emprego? Ser remunerado economicamente pelos trabalhos desenvolvidos? Estar satisfeito com a sua situação laboral? Atribuir um sentido de utilidade e de avanço na carreira às atividades desenvolvidas? A partir de uma revisão da literatura, teórica e empírica, procurou-se sistematizar de que forma a transição dos estudantes do ensino superior para o mundo do trabalho tem sido conceitualizada e operacionalizada.

Gonçalves e Coimbra (2003), com o objectivo de analisar e perceber como os portugueses constroem significados para a sua experiência profissional, realizaram um estudo com os adolescentes, em dois Centros de Emprego do Grande Porto para os desempregados. Aponta os resultados que, embora associem à atividade profissional um conjunto de emoções negativas como estresse, cansaço e desgaste, o sentido do trabalho é percebido prioritariamente como uma fonte de realização pessoal e oportunidade de estabelecer relações interpessoais. O trabalho continua a ser percebido como um instrumento poderoso de autonomia e de integração psicossocial. O estatuto socio-profissional parece conferir ao sujeito o sentido da sua dignidade e da realização da sua cidadania.

Rodríguez (2006) afirma que existe uma enorme importância para a avaliação das qualificações, como parte da formação ao longo da vida. Qualificações para o mundo do trabalho se originam em novas situações e novas exigências dos adultos, de preferência. O autor analisa o conhecimento que o Governo e as organizações têm para qualificar através da acreditação e certificação, que são de dois tipos: através da educação formal e pela experiência adquirida. A qualificação é vista na perspectiva das diferentes diretivas do Conselho da União Europeia.

Fonseca Azevedo (2007), em seu livro intitulado: *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho*, tomado como referência os estudos realizados entre

1998 à 2003 sobre a inserção profissional dos jovens saídos do ensino superior, afirmam que não existe uma transição linear e imediata entre a escola e o mercado de trabalho, e o mercado de trabalho influencia diretamente as políticas públicas da educação e da formação profissional.

Segundo os autores, a taxa de emprego em Portugal cresceu entre 1995 e 2003 e a população ativa ronda os cinco milhões e meio de pessoas, sendo que 40% da população ativa possuem pelo menos nove anos de escolaridade. No plano europeu, o desemprego entre os jovens permaneceu elevado no mesmo período na maioria dos países, no entanto, os autores afirmam que a diversidade de situações em seu conjunto é grande.

A partir da primavera de 2001, com as tecnologias da informação, o desemprego recomeçou a aumentar em escala internacional. As indústrias baseadas na Europa se deslocaram para mercados com mão de obra mais barata. Para Fonseca e Azevedo (2007), o desemprego atinge sobretudo os jovens mais desqualificados à entrada no mercado de trabalho.

A Europa viveu um período de crescimento econômico e pleno emprego, os chamados trinta anos gloriosos, porém há vinte anos, o tema do desemprego vem ganhando terreno. A reversão desse processo data do início dos anos 70. O fechamento das fronteiras ocorreu na Alemanha, em 1973, sob o impacto da crise do petróleo. Na França, essas medidas só seriam tomadas no ano seguinte, e consideradas como provisórias. A temática do desemprego estrutural é recente, até o fim dos anos 80, o projeto de unificação europeia esteve marcado por um tom de otimismo. Tratava-se, com a criação de um grande mercado, de multiplicar a capacidade de crescimento de cada país isolado, multiplicando-se a capacidade de produzir bem-estar social.

A unificação europeia acelerou a crise, na medida em que impôs a todos os países parâmetros globais de produtividade, e, derrubando barreiras alfandegárias, incrementou a concorrência entre eles. Mas a capacidade de administrar a crise também pesou nos destinos de cada um. Na Alemanha, o

sindicalismo mostrou-se, durante longo tempo, capaz de compatibilizar um processo progressivo e lento de modernização econômica com uma política de reciclagem dos trabalhadores e geração de novos empregos em setores econômicos de produtividade mais baixa. Na França, o sindicalismo foi derrubado pela modernização, a política implementada pelo governo socialista foi da implantação de uma moeda forte e liquidação dos setores mais atrasados.

A globalização gerou um aumento maciço da oferta real de mão-de-obra, alterando consideravelmente a relação capital/trabalho. Os progressos tecnológicos tornaram-se mais marcantes. Para assegurar competitividade e crescimento sustentável, há que aumentar a produtividade. Não obstante, o crescimento da produtividade da mão-de-obra tem vindo a diminuir no conjunto da UE desde a década de 80. O crescimento médio da produtividade (variação média anual do PIB por hora de trabalho) diminuiu cerca de 2% ao ano nos anos 80 e na segunda metade dos anos 90, para 1% no período 1996-2001 e para menos de 1% entre 2001 e 2003. A situação melhorou em 2004 (1,9%), mas voltou a descer abaixo de 1% (0,9%) em 2005. Este valor é inferior ao dos Estados Unidos (1,8%) e do Japão (2,2%). (Fonte: Síntese do Relatório Sobre Emprego na Europa).

Parcela da população consegue se manter no mercado de trabalho, é claro que a custa de maior tempo de vida e maior esforço para cumprir objetivos da reestruturação produtiva e da flexibilização. O trabalhador tornou-se ele mesmo flexível se adaptando para garantir a sua sobrevivência no mercado competitivo. Contemporaneamente, ou no tempo que nos coube viver, talvez não seja mais possível refletir sobre um conjunto chamado de classe trabalhadora (Antunes, 2005). Os quadros e postos ocupacionais dos analistas simbólicos estão seguros, na era da informação, porém o sujeito está fragmentado entre sua vida pessoal e seu trabalho, convertido a um emprego.

A transição situa-se entre possíveis e impossíveis itinerários a seguir e, de certa forma, a vida escolar sofre de um contínuo para produzir cada vez qualificações, para um mundo do trabalho que desaba sobre nossas cabeças, com cada vez maiores incertezas e inquietações.

3.4 TRANSIÇÕES EM PORTUGAL E NO BRASIL

A inserção dos jovens é igualmente um fator problemático em Portugal e no Brasil. Medidas integradas politicamente entre a educação e o trabalho recebem uma atenção renovada em recentes propostas de organização social. Têm em comum a idéia de que há especificidades dos jovens em relação ao mercado de trabalho e podem se constituir em um instrumento de ação da psicologia e da orientação profissional a este nível e intervenção.

São comuns investimentos em políticas públicas para a juventude tanto em Portugal quanto no Brasil, que dizem respeito à relação entre a qualificação e o trabalho, ou seja qualificar a população para facilitar a transição, apoiar o primeiro emprego através de políticas de incremento do emprego para os jovens através de subsídios tanto aos empregados quanto aos empregadores.

Merece destaque uma medida implantada em 1996 em Portugal que se chamou o Rendimento Mínimo, e hoje tem força de lei como Rendimento Social de Inserção, é uma nova concepção do modelo de proteção social. O Rendimento Mínimo de Inserção (RMI), promove um rendimento para o sujeito enquanto este não consegue se inserir no mercado, determina certa segurança já que a incidência do desemprego é sobretudo na dificuldade de obtenção do primeiro emprego.

Como conseqüências das políticas públicas européias para o binômio escola-trabalho, o RSI (Rendimento Social de Inserção), estabelece desde 2003 apoio a inserção ocupacional. Consiste numa prestação incluída no subsistema de solidariedade e num programa de inserção, de modo a conferir às pessoas e aos seus agregados familiares apoios adaptados à sua situação pessoal, que favoreçam a progressiva inserção laboral, social e comunitária (Fonte: //www.portugal.gov.pt). Tem direito a este benefício todos os jovens com 18 anos ou mais, que estejam

inscritos nos centros de emprego, e que cumpram as determinações legais de procura ativa do emprego.

No entanto, observa-se que as estratégias e políticas de inserção profissional estão sustentadas pela caracterização do trabalho como processo de “precarização” e “flexibilidade”, com jornadas prolongadas e de fortíssima intensidade, marcadas pelos conceitos cada vez mais difundidos de “cooperativa”, “autonomia”, “desregulamentação” e “espírito empreendedor”. Expressões como qualificação e capacitação do trabalhador são usadas como sinônimos para “empregabilidade”, desenvolvimento profissional, bem-estar social, mobilidade social e inserção social.

No imaginário popular a juventude está associada à esperança e evoca um tempo de oportunidades ou um futuro melhor que o presente. Com a abertura das universidades, cada vez mais, as camadas economicamente desfavorecidas fazem um alto investimento na educação, com o objetivo de que os jovens consigam conquistar melhores trabalhos.

O Brasil é um país das diversidades, com uma grande extensão territorial e com muitas diferenças culturais, políticas, de desenvolvimento socioeconômico e tecnológico. Somente a partir de 1930 foi instituído no país o ensino superior com a criação das universidades, (Bulcao, L. G.; El-Kareh, A. C. and Sayd, J. D. (2007) O acesso a essas escolas ficava restrito às classes economicamente favorecidas, que almejavam os títulos de doutores e bacharéis. Para a grande massa dos trabalhadores, a educação permaneceu restrita a decisões de caráter assistencialista, uma vez que não havia qualquer política educacional definida, como hoje se verifica, favorecendo a qualificação para o trabalho.

A Política Pública de Qualificação do Governo Brasileiro instituiu um Plano Plurianual - PPA 2004-2007 (www.mte.gov.br) articulado em torno de três objetivos: (a) inclusão social e redução das desigualdades sociais; (b) crescimento com geração de trabalho, emprego e renda; e (c) promoção e expansão da cidadania e fortalecimento da democracia.

Como país membro da Organização Internacional do Trabalho (OIT), e visando atender a recomendação da Convenção de 1988 sobre a organização do serviço de emprego, o Governo Brasileiro criou o SINE – Sistema Nacional de Emprego que objetiva implementar ações em articulação com os estados e municípios. (Dias, M.S.L., Soares, D.H. P., Veriguine, N., Basso, C. 2007).

A inserção no mercado trabalho tem sido feita através do SINE, que faz a intermediação candidato/vaga de forma presencial e virtual, cadastra currículos e empresas que oferecem vagas. As ações em plano nacional podem ser resumidas em: seguro-desemprego, intermediação de mão-de-obra, apoio ao Programa de Geração de Emprego e Renda. Estas ações são desenvolvidas por meio de serviços e agências de colocação em emprego em todo o País (postos de atendimento). São programas e serviços destinados a milhares de trabalhadores que necessitam de inserção mais rápida para a população economicamente ativa.

O Programa Primeiro Emprego (PPE) surgiu para suprir a necessidade do sujeito de ter uma oportunidade de trabalho e com isso contribuir para o crescimento socioeconômico do país. Lançado em julho de 2003, havia a pretensão de criar 250 mil postos de trabalho até o fim de 2005. Devido a falta de articulação com a realidade do mercado de trabalho, o número de disponibilidade de vagas para os jovens foi inexpressiva. O balanço até o momento indica que a subvenção às empresas que contratam jovens foi responsável por apenas 2.050 vagas (Fonte: www.senado.gov.br/2004, acessado em 05 de dezembro de 08).

Atualmente, o governo pretende, devido ao insucesso, reorganizar o programa, colocando no centro das ações a qualificação, como a aprendizagem e os consórcios sociais. A nova configuração de recursos do orçamento vai estar de acordo com essa nova determinação. Um outro programa desenvolvido pelo governo é o Programa do Menor Aprendiz (PMA) para (14 a 18 anos), criado pela Lei n. 10.097/2000.

O programa estabelece a obrigatoriedade da empresa de empregar e matricular em cursos de qualificação de 5% a 15% do seu quadro de trabalhadores

cujas funções demandem formação profissional(Fonte:Planalto, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm). Reserva um espaço específico nas empresas para que o aprendiz consiga, na prática, vencer as barreiras da falta de habilitação e experiência profissional. Esse modelo vincula a formação técnica específica à formação regular geral e à vivência prática em uma empresa, de modo que, sob lógica da qualificação, configura-se uma tripla jornada de aprendizagem do menor: formação, vivência, escolarização.

Os programas de aprendizagem normalmente são desenvolvidos por entidades qualificadas, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Serviço Nacional de Aprendizagem para o Transito (SENAT) vinculados ao Ministério do Trabalho e Emprego (www.mte.gov.br. disponível em 06/07/2004) e controlados pelas Confederações da Indústria, Comércio, Agricultura e Transporte. As verbas gerenciadas por estas confederações patronais se originam da contribuição compulsória de 2,5% retirado mensalmente do salário dos trabalhadores que historicamente não tem nenhuma inferência sobre a distribuição dos orçamentos destinados a este tipo de educação.

Existem ainda as Escolas Técnicas de Educação Federal e as entidades sem fins lucrativos cujo objetivo é a assistência ao adolescente e a educação profissional. Outras políticas de inclusão são: as cotas para os negros e estudantes das escolas públicas nas universidades, as políticas de acesso ao ensino superior, os subsídios e financiamentos à instituição privadas visando o aumento no número de oportunidades. Uma sociedade deve fazer o necessário para que os seus membros tenham o máximo de opções e a maior liberdade possível para se realizarem como pessoas.

Segundo Antunes, F. (2004), a EU vem assumindo o papel progressivamente mais ativo no domínio das políticas públicas sociais. O processo de europeização, ou integração europeia, permitiu a constituição de um referencial

global, para políticas sociais que já está em curso desde meados dos anos oitenta no Brasil.

O Estado está envolvido em novas formas de articulação e se mostra voltado para a criação de novas formas de mediação dos interesses sociais. São arranjos, onde se verificam novas formas de regulação social, situadas principalmente no terreno da educação e do trabalho que conformam em uma agenda globalmente estruturada.

A constituição de um regime de transição do trabalho, distinto do que vigorara na maior parte dos países europeus e ocidentais até meados da década de setenta, surge de uma tensão contraditória entre os sistemas de educação e trabalho, acabando por configurar uma intensiva ação do Estado, que torna-se protagonista sobre o que passa a ser considerado como um problema social básico.

O sistema educativo português apresenta-se na década de oitenta com marcadas características de subdesenvolvimento, quer no aspecto quantitativo (taxa de frequência) quer qualitativo (sucesso nas aprendizagens). Segundo diagnóstico elaborado pela administração central, com base na proposta à EU do programa de desenvolvimento educativo para Portugal, a taxa de escolarização da população portuguesa de primeiro nível equivale à do restante dos países da EU, porém, no segundo nível cai pela metade, e no terceiro nível ou nível superior representa ainda menos da metade da média dos países membros (Antunes, F. 2004).

O Ministério da Educação Portuguesa (ME) apontava em 1989, somente 11% da população com frequência no ensino superior (Rosa, R.N., 2008). Surgem várias propostas de mudanças no sistema educativo português, culminando com a Reforma do Sistema Educativo que cria uma escola de massas. No ensino secundário, o objetivo desta reforma é uma modalidade alternativa de qualificação, voltada para uma rápida aproximação dos universitários aos contextos do trabalho. São as escolas profissionais, os cursos técnicos e de qualificações polivalentes, voltados para aumentar a empregabilidade dos sujeitos (Rosa, R.N., 2008).

No panorama sobre a educação 2008, os dados divulgados pela OCDE revelam que nos últimos dez anos (1997-2006) quanto mais elevado é o nível de escolaridade da população (grupo etário 25-64) mais elevada é a sua empregabilidade. Dados apontam que em Portugal são 96 mil os jovens (15-24 anos) desempregados, valor que representou em dezembro de 2006 uma taxa de desemprego de 17,9%. Entre os licenciados (jovens com curso superior) houve um aumento de 2.500 desempregados, totalizando em dezembro de 2007 o número de 56.500.

Sendo uma imposição às políticas públicas, Antunes, F. (2004, p.101) considera que desde o momento no qual se tornaram “preponderantes as preocupações em torno da modernização e crescimento econômico, reforçadas pela perspectiva de integração de Portugal na Comunidade Econômica Europeia (CEE) e, posteriormente no mercado único europeu” se passa a correr riscos de as reformuladas ‘realidades portuguesas’, para responder ao desafio europeu, “possam ser sacrificadas e manipuladas em função de interesses econômicos que ignoram essas mesmas realidades”.

Na educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394, 20/12/1996) e o decreto 2208 de 17/04/1997 regulamentam a Educação Profissional, complementar a formação geral, sendo educação continuada, como forma de atualizar, especializar e aperfeiçoar conhecimentos tecnológicos nos três níveis. O documento não deixa claro a cargo de quem está a implementação da educação profissional, se do Governo Federal, Estadual ou Municipal, embora as estatísticas apresentadas no site do governo, demonstrem maior concentração (90%) no âmbito estadual. E ainda, não sinaliza a qual Ministério, do Trabalho ou da Educação, está relacionada e a quem cabe a responsabilidade pela educação profissional.

O Censo Escolar (2008) , promovido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Fonte: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Matricula/>) ligado ao Ministério da Educação, constatou uma substancial elevação dos indicadores da

Educação Profissional no Brasil. A grande maioria das ações voltadas para do ensino profissional corresponde a instituições de ordem privada concentradas na região sudeste do Brasil, onde se realizam cursos para atender a demandas circunstâncias do mercado de trabalho regional.

O governo pretende democratizar o acesso ao ensino tecnológico superior. Atualmente, o ingresso ao ensino superior no Brasil realiza-se por meio do exame vestibular, onde somente 10% dos inscritos serão selecionados para as escolas públicas e gratuitas. Para carreiras mais concorridas como medicina, odontologia, engenharia e direito, temos entre 50 a 100 candidatos para cada vaga nas universidades públicas, gerando um elevado nível de ansiedade e depressão entre os repetentes.

O governo vem desenvolvendo Políticas de Ações Afirmativas, que são medidas especiais e temporárias tomadas pelo Estado, com o objetivo de eliminar desigualdades raciais, étnicas, religiosas, de gênero e outras – historicamente acumuladas – garantindo a igualdade de oportunidade e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização.

Neste sentido, criado pelo Governo Federal em 2004, o ProUni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais, a estudantes de cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Em contrapartida, o programa oferece isenção de tributos às Instituições que aderem. Os jovens pobres estão entrando em faculdades, onde a qualidade é muito deficiente. Daqui a pouco, a questão não vai ser quem tem ou não diploma universitário, mas quem tem diploma de uma universidade federal e quem tem de uma universidade particular de quinta categoria.

Esta diversificação da educação não pretendia responder de forma direta aos problemas da escola de massas, mas aos problemas e necessidades do sistema econômico. A competição pela colocação profissional atingiu padrões inéditos no Brasil e no mundo. Enquanto na década de 80 o fato de o sujeito ter uma graduação era suficiente para manter-se empregado, atualmente contar com uma

faculdade é apenas o primeiro passo de um longo currículo recheado de especializações, fluência em idiomas e bons relacionamentos.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em março de 2007 a taxa de desemprego nas seis maiores regiões metropolitanas do País atingiu 10,1% da população economicamente ativa. No final de 2006, o total de desempregados somava 2,5 milhões de pessoas no país.

Pochmann (2007), em sua obra baseada em dados oficiais do IBGE, indica que nos últimos 25 anos o país produziu 11,3 milhões de trabalhadores sem emprego ou que foram obrigados a abandonar condições formais de trabalho. Existem milhões de desempregados no mundo e para fazer frente a esta situação os governos têm privilegiado uma flexibilização da regulamentação do mercado laboral para os recém-chegados ao mercado de trabalho, como uma forma de propiciar maior diversidade contratual, sem reformar a legislação aplicável aos contratos em vigor.

As oscilações do mercado laboral e principalmente o trabalho não declarado, ou informal continuam a ser problemas importantes em muitos países. No plano europeu, o desemprego juvenil é um grave problema e a segmentação do mercado de trabalho em detrimento dos jovens está se acentuando.

As políticas públicas de Portugal e do Brasil visam implementar um conjunto de medidas para reforçar a empregabilidade e proporcionar aos empregadores incentivos ao recrutamento de jovens. Não se mostram eficaz diante da monumentalidade do desemprego. Aliando na EU as medidas adotadas com esta finalidade muitos países membros se situam abaixo das normas fixadas pela Comissão Européia, no sentido de proporcionar aos jovens sem emprego um "novo começo".

No Contexto europeu, em busca de uma abordagem que combine flexibilidade e segurança surge a política da flexissegurança, buscando ultrapassar o antigo dilema no qual uma maior flexibilidade dos jovens implica menos segurança. Pretende-se com esta política, que os trabalhadores troquem a segurança tradicional no emprego por segurança no mercado. Os jovens estão cada vez mais à mercê de políticas, que

se declaram eficientes do ponto de vista econômico e de níveis adequados de proteção social, que lhes sirvam de rede nos períodos de transição entre empregos.

No entanto, a capacidade de resposta dos mercados de trabalho europeus aos desafios da globalização e do envelhecimento demográfico continua a ser uma questão crítica. A aplicação de políticas para investir mais em capital humano através da melhoria da educação e das competências está progredindo.

Segundo documento de Relatório da Comissão Europeia (2007) sobre a situação de emprego entre 2006-2007, os jovens tendem a se beneficiar menos do crescimento do emprego. Na maioria dos países, a integração dos jovens no mercado de trabalho não está progredindo significativamente. Em 2005, a taxa de emprego juvenil permaneceu inalterada nos 36,8%, com taxas de 39,7% para os homens e 33,8% para as mulheres. Registrou um ligeiro aumento e situa-se agora acima dos 10% em alguns países, em muitos casos a diminuição do desemprego juvenil em está associada à emigração dos sujeitos.

Os jovens foram identificados como grupo prioritário no Pacto Europeu para a Juventude e nos compromissos assumidos no Conselho Europeu da Primavera de 2006. Todos os países consagram agora maior atenção a esta temática, variando, no entanto no grau de empenho com que a tratam.

Estão a ser implementadas medidas, mas impõe-se uma abordagem mais global. Em alguns países o conceito de "novo começo" para os jovens está consagrado na legislação ou nos objetivos operacionais dos serviços públicos de emprego ou está prevista a sua integração. Os Estados-Membros recorrem a um conjunto de medidas para proporcionar um novo começo. São de medidas de formação e incluem também incentivos financeiros aos empregadores para que recrutem jovens ou aprendizes, o regresso ao sistema de ensino para os jovens e a reforma dos serviços públicos de emprego para assegurar um serviço de melhor qualidade.

Em muitos países, o desemprego juvenil resulta de lacunas noutras áreas (sistemas de educação e formação) e de um funcionamento deficiente dos mercados

de trabalho (obstáculos difíceis de transpor para os recém-chegados e segmentação do mercado, o que empurra os jovens para o trabalho precário). É importante procurar garantir que as medidas não produzam o efeito adverso de segmentar ainda mais os mercados de trabalho.

Uma característica marcante das relações econômicas dentro do sistema capitalista de consumo é a lei da oferta e da procura. Via de regra, quanto maior for a oferta de um produto ou de um serviço, menor o valor cobrado por ele, pois a concorrência de mercado obriga a redução dos preços para tornar viável as vendas. Em termos de profissões que desempenham um serviço, a atuação profissional sempre depende de uma necessidade constante por serviços, configurando uma lógica de fuga de cérebros como passa-se a relatar.

3.5 A FUGA DE CÉREBROS DIANTE DO DESEMPREGO

A chamada fuga de cérebros é a imigração de indivíduos formados, se refere principalmente a saída dos sujeitos de seu país de origem motivada principalmente pelo problema do desemprego. Trata-se de uma fuga do potencial intelectual dos países em desenvolvimento para os países mais desenvolvidos. A chamada “fuga de cérebros” conhecida na literatura como emigração de pessoas relativamente mais qualificadas de regiões subdesenvolvidas para regiões desenvolvidas.

Tanto em Portugal como no Brasil, evidencia-se um elevado número de pessoas qualificadas que migram em busca de melhores oportunidades no mercado. A fuga de cérebros, segundo a OCDE (2008), é um fato comum para ambos os países e vem alterando o mercado de trabalho ao redor do globo. Porém, observa-se, principalmente no Brasil, uma grande monta de jovens, mesmo considerados como “qualificados”, a migrarem para a EU em busca não de segurança, mas de sobrevivência, assumindo muitas vezes trabalhos precários e temporários. Em

Portugal, tal fato se verifica pelo número de residentes na França e na Espanha OCDE (2008).

No caso específico de Portugal, a recomendação da OCDE (2008), é a de redirecionar os investimentos para setores econômicos com potencial de crescimento, seja dada prioridade na formação profissional dos jovens, e esta seja adaptada às necessidades do mercado de trabalho local, com base num quadro nacional de qualificações. No contexto brasileiro, a questão da qualificação para o trabalho também entra na agenda política do momento, promovendo um aumento do acesso ao ensino superior em todos os estados brasileiros. A explosão do ensino universitário brasileiro e a democratização do mesmo ocorre de forma vertiginosa entre as duas últimas décadas do século XX. No Brasil, são 528 mil novos profissionais "despejados" anualmente no mercado de trabalho, segundo Angotti, (2006).

Observa-se que, em geral, quanto maior a escolaridade menor a taxa de desemprego juvenil. Entretanto, esta constatação empírica deve ser analisada com cuidado, já que em muitos países em desenvolvimento as taxas de desemprego têm crescido mais rapidamente justamente para os grupos de maior escolaridade. No Brasil, por exemplo, segundo dados da Pnad/IBGE(2002), a taxa de desemprego dos jovens com curso superior chega a superar a casa dos 14%, enquanto para os jovens analfabetos ela situa-se em 9,4% (Barbosa, 2004).

Existe um debate na literatura internacional sobre as conseqüências da "fuga de cérebros" para a formação de capital humano no país de origem. No âmbito teórico, alguns trabalhos enfatizam o efeito negativo no crescimento econômico e na formação de capital humano no país de origem, causados pela "fuga de cérebros", utilizando modelos de gerações sobrepostas (Miyagiwa, 1991; Haque e Kim, 1995).

A fuga de cérebros para o exterior é um dos problemas graves que a Europa enfrenta hoje. Segundo relatório da Comissão Europeia (2008), cerca de três quartos dos europeus que obtiveram um título de doutorado nos EUA de 1991 a 2000, aproximadamente 11 mil, não têm a intenção de retornar. As razões para o

exílio voluntário são claras: melhores condições de trabalho, melhores perspectivas de carreira, acesso a tecnologias de ponta e mais liberdade para a pesquisa.

Enquanto isso, por outro lado nos países, considerados ainda em desenvolvimento como é o caso do Brasil, não existe grandes discussões sobre esta temática. Observa-se grande monta de universitários migrarem para a União Européia (EU) e EUA em busca de sobrevivência e assumirem trabalhos precários e temporários. Em Portugal, em termos de disponibilidade de mão de obra com educação superior, 9% da força de trabalho com educação terciária está disponível. Índice baixo se comparado com a Alemanha que tem 24% da força de trabalho com educação terciária (FONTE: *www.bancomundial.org*).

No Brasil, o Censo da Educação Superior (2005) apresentou um universo de 2.165 instituições de ensino superior, 20.407 cursos, 305.960 funções docentes e 4.453.156 matrículas. Porém, o medo do desemprego tem levado profissionais graduados a procurarem trabalhos que exijam menos qualificações. Pesquisa da Secretaria Municipal do Trabalho de São Paulo aponta que, dos 3,3 milhões de brasileiros formados no Ensino Superior entre 1992 e 2002, 8% exercem funções abaixo de sua qualificação (FONTE: *Folha de S. Paulo – 10/07/05*). As pessoas que concluíram o curso universitário quando não estão somando na estatística do desemprego estão trabalhando em subempregos para sobreviver.

O desemprego juvenil em Portugal reafirma elevado número de profissionais fora do mercado. Em dezembro de 2007, estavam registrados nos centros de emprego em Portugal 39.627 diplomados do ensino superior, o equivalente a 4,5 % da população que tem esta formação. No entanto, o número real de desempregados por estimativas do Instituto Nacional do Emprego (INE) em Portugal, apontavam um valor próximo dos 60 mil.

Outras características desta população: são jovens (75% têm menos de 35 anos), inscreveram-se há menos de um ano (75%), estão particularmente concentrados na Região Norte (41%) e são majoritariamente mulheres. Elas são a maioria da população geral desempregada, mas a dificuldade em encontrar trabalho

parece agravar-se com o aumento das habilitações: a taxa passa de 59 % sem habilitação superior, para 71% entre as que têm esse nível de ensino.

No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad, 2006) também se verifica esta característica, pois os dados mostram que a taxa de desemprego juvenil feminina é quase 60% maior que a masculina. Porém, aponta um crescimento no número de pessoas cursando o ensino superior cresceu 13,2%.

De 1996 a 2006, o número de brasileiros que receberam visto dos Estados Unidos dado somente a profissionais de alta qualificação aumentou 185%. De 1990 a 2000, quase dobrou – de 1,7% para 3,3% – a proporção de brasileiros com nível superior vivendo nos 30 países da OCDE. De acordo com o relatório ‘International Migration’, do Banco Mundial, Portugal lidera na Europa a chamada fuga de cérebros. São 146 mil os licenciados portugueses que vivem no estrangeiro, ou seja, 19,5% do total. Em Portugal há 782 mil licenciados, dos quais trinta mil são estrangeiros. Por outro lado, no Brasil a situação em geral não parece ser mais confortável.

Dados da ONU, de 1999, apontam que a juventude nacional encontra-se no segundo lugar do ranking do pessimismo mundial, atrás apenas da Colômbia (país em plena guerra civil, com duas guerrilhas combatendo o poder instituído). Essa visão se deve fundamentalmente ao fato de que a cada dez jovens, sete sentem que não vão ter condições de viver e de trabalhar melhor do que seus pais (Pochmann, 1998, contracapa).

Observa-se que de fato existe “fuga” de capital humano em direção a melhores economias do planeta tem trazido prejuízos econômicos significativos aos países em desenvolvimento e que são mais severas do que para os países desenvolvidos. Perante o cenário do desemprego, os países perdem trabalhadores qualificados por apresentarem falta de condições adequadas de emprego, o caso do Brasil não é diferente, pois o mercado brasileiro não tem capacidade de absorver esses profissionais. Trata-se de uma questão que envolve principalmente direcionar políticas governamentais para o número de empregos, assim como o investimento em educação.

Concluiu-se perante esta fuga de cérebros que as políticas públicas devem ficar atentas para as questões da transição. Os estudantes em ambos os países não se sentem preparados para a transição e nas universidades em geral existem poucas iniciativas para um maior apoio para os jovens nesta fase de suas vidas.

A própria formação profissional é buscada pelos formandos com as práticas de estágios e pesquisas importantes para desenvolver uma certa visão do mercado profissional. Os projetos de vida muitas vezes se resumem aos aspectos profissionais dos entrevistados. A transição é um fenômeno complexo e deve ser analisada durante todo o curso universitário constituindo-se como período de experimentações de trabalho e favorecem a construção da identidade profissionais. Passamos a abordar no próximo capítulo a construção do método de estudo.

CAPITULO 4. A CONSTRUÇÃO DO OLHAR

“A capacidade de conhecer e a capacidade de exprimir a si mesmo. Aqui estamos diante da expressão e do conhecimento (compreensão da expressão)”. (Bakhtin, 2005, p.394).

Ao estudar os processos de produção de sentidos sobre o trabalho, se abrem zonas de amplitude da relação do homem face ao real, um homem condicionado por suas condições materiais, mas ao mesmo tempo um ser criativo, imaginativo e inventivo. Um ser capaz de transformar o seu meio e a si mesmo, capaz de produzir brechas na materialidade e se desenvolver e transformar-se em um outro de si mesmo.

Convém explicitar que os sentidos do trabalho em sua maioria são investigados ou como uma primeira via no ato singular de significar ou como uma segunda via no registro do coletivo da condição humana. Nesta tese, se permitiu questionar de maneira diferenciada vários aspectos de acordo com o problema proposto, e concordando com Bakhtin (2003) de que o sentido é esse elemento de liberdade que transpassa a necessidade. Sou determinado enquanto ser (objeto) e livre enquanto sentido (sujeito).

Para Vygotski, o sentido equivale à soma dos eventos psicológicos que a palavra evoca na consciência (fluído e dinâmico - contextual) e o significado é a zona mais estável e precisa do sentido, é mais compartilhável, e mais coletiva e convencional. Tal aproximação entre Vygotski e algumas noções de Bakhtin é possível pelo elo epistemológico destes autores e aproximação de suas leituras na relação entre o sentido e a mediação semiótica.

Este capítulo apresenta a construção do método do estudo e organizado-se em seções principais: direções possíveis sobre construção do conhecimento justificando a razão da escolha da abordagem e as implicações. Em uma segunda parte, o modo como é encarada a pesquisa, a postura do pesquisador, o lugar para pesquisar e o objeto de estudo, ou sujeitos da pesquisa. Numa terceira parte, descreve o percurso da investigação, a base que orienta a entrevista como método para captar os sentidos do trabalho, os procedimentos e a proposta de análise.

4.1 DIREÇÕES POSSÍVEIS

O olhar do pesquisador sobre o seu objeto de estudo aponta o cruzamento entre a abordagem dos sentidos do trabalho em uma perspectiva da psicologia histórico cultural. Existe uma realidade em si, mas só olho para ela como realidade em significado, a relação entre realidade e sujeito é mediada, pelo outro, pois o sujeito não se apropria da realidade em si, mas da realidade significada pelo outro.

Nesta perspectiva, o estudo da produção de sentidos exige um contexto de interações e apropriações que são sempre mediadas pela presença do outro, onde o pesquisador encontra seu lugar na pesquisa, enquanto também mediador e produtor de significados.

Com relação aos sentidos do trabalho, estes se produzem sobre um mundo material e cultural que antecede à existência do homem e que sendo conhecido e apropriado é transformado pelo próprio homem. A natureza deixa de ser natureza em si e passa a ser natureza significada, comunicável e cognoscível.

No pensamento de Vygotski(1995b) a psicologia, enquanto ciência, historicamente tem produzido explicações sobre o psiquismo humano, que ora o identificam como processos cerebrais ou teorias que se limitam a descrever as características deste psiquismo. A sua reflexão afirma a síntese entre aspectos fisiológicos e psicológicos.

Si en lugar de analizar el objeto analizáramos el proceso, nuestra misión principal sería, como es natural, la de restablecer genéticamente todos los momentos del desarrollo de dicho proceso (Vygotski, 1995b,p.101).

Confere ao sujeito uma existência ao mesmo tempo biológica, psicológica, antropológica e essencialmente cultural. Por cultura, entende-se o conjunto das produções humanas, portadoras de significação, daquilo que o homem sabe e pode dizer a respeito delas.

O termo cultura acumula historicamente uma diversidade de sentidos, que servem para designar coisas diferentes, porém tem em comum a idéia de algo produzido e desenvolvido coletivamente (Pino, 2005). Dizer que desenvolvimento do homem é cultural “não significa, de forma alguma, ignorar a realidade biológica...

embora pertencendo a ordens diferentes, são interdependentes e constituem dimensões de uma mesma e única história humana” (Pino, 2005, p.58).

O sujeito capaz de produzir cultura constitui-se a partir das relações sociais e em determinados contextos. "Só há sujeito porque constituído em contextos sociais, os quais, por sua vez, resultam da ação concreta de homens que coletivamente organizam seu próprio viver" (Zanella, 2004, p.1). Os contextos e seus elementos, como as relações sociais, podem fornecer respostas sobre o próprio viver do homem em seu processo histórico de constituição.

O sujeito existe mediado por múltiplas relações sociais, onde os outros o inserem no processo de comunicação. A partir destas mediações o sujeito se apropria de uma realidade, significada e comunicada pelo outro. Ao se apropriar, pode ao mesmo tempo, a partir de suas vivências nestas relações, atribuírem novos sentidos e significados a esta mesma realidade.

Através de relações mediadas entre aquele que atribui sentido a alguma coisa e àquele que vivencia esta relação, o sujeito situa-se em processo de movimento constante de constituição de si mesmo. O contato do mesmo com as primeiras significações e com a cultura é estabelecido a partir de um outro. Este outro é que insere o sujeito num universo de significados.

Temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo procedimento através do qual conhecemos os demais, porque nós mesmos em relação a nós mesmos somos o mesmo que os demais em relação a nós. Tenho consciência de mim mesmo somente na medida em que para mim sou outro, ou seja, porque posso perceber outra vez os reflexos próprios como novos excitantes. Entre o fato de que eu possa repetir em voz alta a palavra dita em silêncio e o fato de que possa repetir a palavra dita por outro não existe nenhuma diferença, como tampouco existe, em princípio, nos mecanismos: ambos são um reflexo reversível- um excitante. (Vygotski, 1991a, p.32)

A consciência emerge através da mediação do outro. A imagem de si mesmo está relacionada à imagem do outro e para o outro. Através deste outro o sujeito desenvolve a percepção de si e do mundo que o cerca. O outro apresenta o mundo como realidade já carregada de significados produzidos socialmente. Não há nada que não seja do sujeito que não tenha sido culturalmente apropriado. Deve-se considerar o sujeito em relações e situado em determinado contexto como produto e produtor da cultura. Um sujeito que se apropria da cultura e através, principalmente,

da linguagem traz consigo um sistema de significações próprias e historicamente produzidas.

Para compreender a forma como o sujeito produz a sua vida, considera-se que o faz mediante a atividade, ação na qual utiliza os instrumentos que são produzidos socialmente. Qualquer atividade é sempre orientada para um objetivo, para produzir algo, que vai satisfazer a uma necessidade, produto e objetivação da ação humana. Toda ação humana é produto da cultura e é capaz de produzir cultura.

O trabalho é um processo, a maneira como os homens se organizam coletivamente, para satisfazer suas necessidades. O trabalho define o homem como aquele ser que para ser, necessita produzir os seus próprios meios de subsistência material e simbólica. A partir de suas relações com determinada cultura, o sujeito sustenta e compartilha um sistema de valores sobre o trabalho. Há uma realidade do trabalho em si, trabalho entendido como produto da atividade humana, mas o sujeito só olha para esta realidade em significado, um significado mediado socialmente.

Na relação com o outro e através da mediação da linguagem, o sujeito vai estabelecendo a regulação e a transformação do meio externo e a regulação da própria conduta e da conduta dos outros. No convívio com os demais, o sujeito vai se apropriando dos significados e valores atribuídos ao trabalho. Porque vive em um mundo compartilhado, os desejos e valores dos outros significativos determinam e influenciam a geração de necessidades de trabalho e profissões socialmente mais valorizadas.

Há certa individualidade no desejo de cada um, mas o desejo só existe mediado pelo desejo dos outros. Segundo Vygotski, “o limite individual é a vontade do outro e está inscrito neste mundo simbólico que só se torna realidade, porque é também realidade para o outro. Por este prisma só podemos falar em vontade, liberdade e autodomínio, se esses conceitos tiverem concordância com a “relação com o outro” (1995, p. 301).

Existem relações e mediações entre os sentidos e valores atribuídos ao trabalho por uma determinada cultura e o que o sujeito quer vir a ser. O que pode significar muitas vezes um opção por uma profissão socialmente mais valorizada, para satisfazer ao desejo do outro. Mesmo os seus desejos de realização profissional mais singulares se constituem a partir de suas vivências que são subjetivamente compartilhadas com o outro.

Ideologicamente se impõe ao sujeito determinações de sucesso e fracasso profissional, caso se insurja contra essa imposição estará fora do jogo. Se aceitar as determinações com a ilusão de que é livre para atuar, será responsável pelo próprio fracasso, onde a independência e a liberdade são responsabilidades difíceis demais para carregar, no contexto de turbulência e instabilidade social em que vivemos, a segurança nos escapa cotidianamente.

Tendo por horizonte um olhar para a realidade significa e compartilhada, a opção por uma pesquisa de abordagem qualitativa traz algumas implicações sobre o que é a ciência e o modo como é encarada a investigação e a produção do conhecimento.

4.2 IMPLICAÇÕES DA PESQUISA

Na ciência moderna, o conhecimento avança em velocidades cada vez maiores, segundo Santos (1987, p.46) “O conhecimento é tanto mais rigoroso quanto mais restrito é o objeto sobre que incide.” O dilema ético básico da contemporaneidade é que o seu rigor aumenta na proporção com que se espartilha o real, em saberes determinados e disciplinares. As novas disciplinas criadas para resolver os problemas antigos apelam para a redução de seu objeto.

Para Santos (1987), o conhecimento constitui-se ao redor de temas que em dado momento são adotados por grupos sociais, “sejam eles reconstruir a história de um lugar, manter um espaço verde, fazer baixar a mortalidade infantil, inventar um novo instrumento musical.” (p.48). A fragmentação é temática e os temas são galerias por onde os conhecimentos progredem ao encontro uns dos outros.

O conhecimento que se abre sobre condições de possibilidade, esta é uma das primeiras implicações da pesquisa que deve-se considerar, pois as condições e possibilidades de ação do pesquisador são formas de olhar a partir de um espaço-tempo-local, e um conhecimento deste tipo é relativamente metódico ou constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica.

Pensar sobre os processos que se passam no mundo exterior, implica a admissão da existência de uma realidade objetiva, e que o pensamento se constitui como apreensão desta. "A dialética situa-se, então, no plano de realidade, no plano

histórico, sob a forma da trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos." (Frigotto, 1989, p.75).

A construção deste referencial significa também um desafio do pesquisador no campo das escolhas de autores que lhe auxiliem a compreender ou trazer para o conhecimento, essa dialética do real, na medida em que investiga determinados aspectos da mesma realidade. Nesta concepção, a opção pelo tema trabalho é fruto de um entendimento sobre a materialidade da vida humana, condição da existência e sobrevivência do homem social, principalmente no mundo capitalista ocidental.

Decorrente deste entendimento, fazer uma leitura do real a partir da matriz teórica de Vygotski é uma opção teórica e metodológica. Pois ele foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir que os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa. Indica a dimensão significativa da atividade humana como central na constituição do psiquismo, sendo cultural e socialmente produzida. "a pessoa é um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo" (Vygotski, 2000a, p.33).

As implicações da teoria de Vygotski permitem incorporar alguns conceitos de Bakhtin para dar resposta aos objetivos da pesquisa. A escolha de uma abordagem qualitativa foi considerada adequada pelo fato de se trabalhar no universo da relação intersubjetiva, na mediação entre os atores sociais e permitir dar voz aos mesmos. Nesta proposta, se privilegia a unidade de expressão, ou seja, palavra e na qual a atitude do pesquisador é fundamental no processo de escuta.

Pretendeu-se desenvolver a entrevista onde a análise sistemática do maior número possível de posições e condições permitiu tornar o objeto do pensamento progressivamente mais claro com a acumulação de diferentes perspectivas a ele referentes (Berger e Luckmann, 1989).

No sentido de satisfazer as exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade, como parte constitutiva do sujeito e das diferentes formas de organização social (Rey, 2002), a pesquisa foi um esforço de produção de conhecimento que permitiu a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade, apoiada em três princípios de importantes conseqüências metodológicas.

O primeiro, o conhecimento é uma produção construtivo-interpretativa. Seu caráter interpretativo é gerado pela necessidade de dar sentido a expressões do

sujeito estudado, cuja significação para o problema objeto de estudo é só indireta e implícita.

O segundo, orienta sobre o caráter interpretativo do processo de produção do conhecimento, enfatizou que as relações pesquisador-pesquisado são uma condição para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências humanas e que o interativo é uma dimensão essencial, atributo constitutivo do processo de estudo dos fenômenos humanos.

O terceiro, defende a significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento. A singularidade se constitui como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do sujeito. A expressão do sujeito adquire significação conforme o lugar que pode ter em determinado momento para a produção de idéias por parte do pesquisador.

Os três princípios gerais da epistemologia qualitativa apresentada por Rey (2002) levaram a considerar esta forma de pesquisa, como possibilidade de abrir novas zonas de significado ao problema estudado no caso os sentidos do trabalho para os universitários e sua relação com os projetos de vida.

No contexto contemporâneo, há um debate sobre até que ponto os acontecimentos são escolhas ou são as estruturas que conformam sentidos em suas vidas. Pretendeu-se caracterizar esta pesquisa como qualitativa, na tentativa de dar conta da apreensão do real, considerando a orientação metodológica proposta, passa-se a explicitar qual a postura do pesquisador.

4.3 A POSTURA DO PESQUISADOR

Existe o lugar do pesquisador como sujeito da produção do conhecimento científico, a objetividade de sua história marca, o contexto e a sua singularidade, portanto, a definição da investigação como qualitativa é uma opção epistemológica, teórica, ideológica e metodológica do autor.

A postura como pesquisador cresce diante da necessidade e do interesse pelo trabalho, como professora, atuando por dez anos, nos espaços públicos e privados, principalmente no campo da formação profissional, ou da formação para o trabalho. Ser professora e pesquisadora funda e direciona um olhar sobre o próprio

trabalho e papel social, ao buscar a objetividade do fenômeno para além de suas características e manifestações externas ou aparentes.

Os novos desafios e espaços estabelecidos de formação para o trabalho, e principalmente, no contexto da formação superior, exigem reflexões e ações sobre a intermediação entre educação e trabalho. Considerou-se a validade da subjetividade do pesquisador, na escolha de estratégias para solucionar o problema de pesquisa do presente estudo (Burrell e Morgan, 1979; Kuhn, 1992). Trata-se de olhar o processo e a autoria do pesquisador enquanto sujeito cognoscente implicado na investigação.

Tais reflexões específicas foram fundamentadas em um tipo de conhecimento empírico, decorrente de observação do contexto sobre o mercado de trabalho atual e as perspectivas de futuro dos universitários, como um processo situado sob emoções angústias e inseguranças tecidas sob o pano fundo do desemprego.

Partiu-se do entendimento de que “o cientista deve recorrer às suas experiências e a sua inteligência para conseguir planejar sua pesquisa e alcançar resultados” (Morin, A.; Gadoua, G.e Potvin, G. (2007, p.13). Deste movimento de apreciação da(s) realidade(s), nasceu à necessidade de construir um conhecimento sobre como vivenciam, quem são e como estão hoje os universitários, produzindo sentidos sobre o trabalho.

A intenção investigativa moveu um olhar específico para estudar a transição entre a universidade e o mercado de trabalho. Neste contexto, o processo a produção da pesquisa em si, a práxis, é dimensão fundamental da pesquisa, seu processo de construção. Sobre o senso e intenção investigativa, considera-se a singularidade e multiplicidade de papéis assumidos durante a mesma. “Distinguir para unir e não separar é o trabalho do espírito preocupado em compreender a realidade em toda a sua complexidade” (Morin, 1998).

Sobre a apreensão dos fenômenos, parte-se de história da autora, enquanto professora em sala de aula e seus questionamentos diários sobre a vida e projeto de futuro dos alunos . Consciente de que se deve também como método, construir uma distância da sala de aula, e assumir um olhar de estranhamento sobre o fenômeno pesquisado.

Buscou-se no processo distanciar-se e se aproximar do fenômeno, tomando a tarefa da análise como um revelar dessas relações em seus múltiplos papéis. A pesquisa sempre se apresenta como um processo irregular e contínuo, no qual são

abertos de forma constante, novos problemas e desafios ao pesquisador. Após distinguir o lugar do pesquisador no processo da pesquisa, busca-se delimitar o lugar em que se articula a construção da pesquisa.

4.4 UM LUGAR PARA PESQUISAR: A UNIVERSIDADE

A condição de universitários e a relação destes com a universidade, enquanto lugar de formação e saber, representa uma determinada mediação presente na história da vida dos sujeitos. A discussão sobre a relação entre trabalho e educação tem sido feita por diversos setores da sociedade e pode-se atribuir ao longo da história da universidade diversos papéis, desde o adestramento, capacitação até a formação e informação (Freire, 2002).

Historicamente, tais papéis da instituição de ensino superior se articulam entre o passado, o presente e o futuro. O contexto universitário é repleto de uma profusão de imagens midiáticas que representam signos e símbolos sociais de sucesso ou de futuro promissor. Por outro lado, as políticas públicas relacionam a escolaridade de um povo com o aumento das perspectivas econômicas e melhoria de condições de vida.

O universo acadêmico além de estar voltado para o ensino, a pesquisa e a extensão, apresenta dimensões outras relativas ao aspecto mais específico da profissionalização, sendo co-participante e responsável no processo do sujeito em preparar ou projetar um determinado futuro. Ao longo do período universitário, o papel do ensino, da educação e formação estão relacionados com uma mobilização subjetiva que significa o esforço que o universitário deve apreender para obter seus objetivos profissionais.

Considera-se que a universidade é um lugar legítimo para a produção de conhecimento, um espaço para pesquisar, pois o fato de participar da vida universitária promove alterações, percepções de si e visões de mundo que mediam os sentidos do trabalho. Um grupo que permanece durante quatro anos no ensino superior buscando sua formação profissional é seguramente distinto de outros que jamais adentraram o ambiente universitário.

Os sentidos do trabalho para os universitários são transformados a partir da vivência no ambiente universitário, no qual o sujeito dedica boa parte da sua vida para preparar-se para o trabalho. Esta condição de aluno do curso superior, e de qualificação para o trabalho, promove transformações muitos aspectos subjetivos, desde a sua visão de mundo, até a visão de si mesmo frente ao trabalho. São mudanças histórico culturais vividas, que alteram suas condições de vida e têm um papel fundamental na produção de novos sentidos.

Existe um universo simbólico que legitima uma determinada ordem social e os sujeitos passam a habitar este universo e muitas vezes a aceitam como natural (Berger e Luckmann, 1989). A universidade representa na história de vida dos sujeitos, uma transição de uma condição de aluno para uma condição de profissional. “Não só todo fenômeno tem sua história, como esta história é caracterizada por mudanças qualitativas (mudanças na forma, estrutura e características básicas) e quantitativas” (Vygostsky, 2003, p.8).

Considera-se que a universidade tem um sistema de significações e referências onde se veicula e transforma valores associados do trabalho. É fundamental questionar o papel das instituições como formadoras e transformadoras de atitudes e valores, interferindo no comportamento, na conduta e na vida cotidiana dos sujeitos e por conseqüência na própria sociedade. Trata-se de encarar a universidade como instituição mediadora e produtora de sentidos do trabalho, que são culturalmente apropriados pelos sujeitos.

A estrutura em questão se trata de uma instituição pública com quarenta e cinco anos de existência, localizada na capital do Estado de Santa Catarina (Fonte: <http://www.ufsc.br/paginas/historico.php>), que oferece sessenta e dois cursos de graduação com bacharelado e de licenciatura em todas as áreas de conhecimento, além de cursos de mestrado e doutorado. A diferença entre se estudar em uma universidade federal e uma particular, repercute em discursos sociais quase como uma apologia ao mercado de trabalho. Assim, a grande preocupação quanto à inserção do formando mascara situações nas quais, dependendo de seu lugar social e do curso escolhido, tendem a ocupar empregos mais instáveis e precários.

A missão da universidade em seu estatuto (Fonte: <http://www.ufsc.br/paginas/historico.php>) é "produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica,

solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade de vida”. Tem por finalidade, também, a formação profissional na missão da universidade, o elemento formador é que define nosso percurso de reflexão acerca da universidade.

A universidade o lugar decisivo de apelo a uma resposta social, da qualificação para o trabalho, vista pelo senso comum quase como que “garantia de profissionalização”, e como tal é geradora de possibilidades e impossibilidades da inserção profissional. Neste contexto a transição, passagem de uma situação de inatividade, associada ao período escolar obrigatório – para uma de atividade – seja por meio de uma ocupação, seja na condição de desempregado – faz com que ambos os temas adquiram maior intensidade nos discursos dos alunos.

Nesta relação escola-trabalho, se constitui novas possibilidades de sentidos do trabalho entre os universitários e trazem suas implicações no projeto de vida dos mesmos. São pois os formandos universitários que se inscrevem na sociedade na convergência entre o sistema educativo e o sistema produtivo. A fim de compreender os sentidos do trabalho, a universidade é eleita como um lugar privilegiado para pesquisar, principalmente porque também atua como reprodutora das relações de dominação social, gerando contradições, condição fundamental promovida pelo sistema capitalista. Passa-se a abordar quem são os sujeitos desta pesquisa.

4.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A questão dos sentidos do trabalho, articulada com a formação profissional nos leva a refletir sobre as possibilidades ou não de os universitários virem a conseguir trilhar um caminho de inserção ocupacional que permita o desenvolvimento de melhores condições de vida na contemporaneidade.

A construção de um objeto de estudo, é um processo complexo que se vai desenvolvendo a partir de seu olhar sobre o mundo, sobre as questões que trazem afetos, ou com as quais o pesquisador se vê afetado. São construções tecidas de sentidos construídos ao longo da própria vida, por quem pesquisa e quem observa a realidade e se questiona sobre ela. Este olhar se justificada entre outros fatores, porque esta camada da população é a mais atingida pelas reconversões do trabalho e metamorfoses, que nas últimas décadas fizeram surgir um mercado de trabalho

volátil, instável e extremamente competitivo. Frente ao qual, a capacidade de previsão ou de expectativa de futura, está cada vez mais restrita.

Neste quadro, a relevância de tal objeto de estudo, também se estabelece devido aos pesados investimentos sociais, pessoais e familiares, que se fazem em termos do binômio educação/trabalho.

A educação surge-nos como campo privilegiado na realização do direito universal à humanidade de cada ser humano, num contexto marcado pela desvinculação, pela fragmentação, pela desregularão e pela desigualdade social e num tempo de grande incerteza face ao futuro". (Fonseca e Azevedo, 2007, p.12)

As estratégias de ascensão e mobilidade social são construídas sobre as expectativas com a educação e muitas vezes naturalizadas como objetivos da educação. Segundo Morin (1998, p.11), "a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, a nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas". Diversas questões congelam significados historicamente construídos e sustentam a sua relação com a educação, com uma formação para o trabalho.

Com a vivência do desemprego estrutural surgem novas polêmicas e discussões sobre as relações entre a formação e o trabalho. Emerge um fenômeno nunca antes observado em tão grande proporção, a evasão do ensino superior. Silva Filho, R. L. L ; Motejunas, P. R.; Hipolito, O. e Lobo, M. B. de C. M.(2007). Mesmo em universidades federais públicas e gratuitas, alunos com situação econômica menos favorável acabam por desistir de freqüentar as aulas. A evasão também se deve à percepção de que não conseguem acompanhar as matérias, por problemas pessoais e familiares. Se evadem por desconhecimento da profissão e do mercado de trabalho, e por não perceberem sentido naquele tipo de trabalho futuro.

Segundo pesquisa sobre o a evasão, procurando identificar um aluno-abandono (Hotza e Soares, 2000), há uma concentração de abandono nas primeiras fases, que pode se justificar pela falta de informação e conseqüente decepção pelo curso. Alunos do meio e do final do curso também desistem de qualquer forma o abandono é uma perda social.

Os formandos são os escolhidos como sujeitos da pesquisa porque, na condição de universitários, observa-se que eles vivenciam conflitos e contradições da fase de transição (Vieira e Coimbra; 2006; Fonseca e Azevedo, 2007; Antunes,F.

2004). O formando enfrenta vários problemas, na última fase de seu curso, entre eles a tarefa de se inscrever na sociedade em outra condição social, não mais como estudante, mas como profissional.

Considerou-se formando o aluno que estivesse cursando os dois últimos semestres do curso superior no qual estava matriculado, definido pela necessidade de mapeamento do objeto de estudo, e levando em conta a legislação vigente do ensino superior brasileiro (Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/Lei/L10.861.htm). Trata-se do aluno regular que, após concluir e integralizar o currículo do respectivo curso tem o direito de solicitar o diploma registrado. Este diploma confere ao seu titular todos os direitos e prerrogativas reservadas ao exercício profissional da carreira de nível superior.

Não foi levado em conta critérios de escolha de sujeitos que fossem representantes de determinados cursos, pois tal critério limitaria o olhar e estabeleceria uma relação entre os cursos. Esta opção permitiu uma abertura maior no olhar à uma participação de universitários que tivessem algum tipo de interesse sobre o tema dos sentidos do trabalho. Uma escolha direcionada para algum curso específico como alunos de Administração ou de Engenharia, ou Psicologia, teria um outro recorte.

Pretendeu-se tomar a totalidade dos universitários, considerando unicamente como critério a disponibilidade dos sujeitos em participar da pesquisa e considerá-los como representantes de um coletivo que frequenta o ensino superior. Deste modo, não foram separados como critério de pesquisa os cursos específicos ou recorrer a qualquer tipologia de grupos singulares. Existem pesquisas produzidas sobre este prisma, abordando especificamente a inserção profissional (Pochmann, 1998; Fonseca e Azevedo, 2007) apontado diferentes representações entre diversos cursos superiores.

A condição de ser formando remete a um universo de múltiplas expectativas de vir a ser no futuro e negociações com a realidade presente. Expressam dilemas cruciais da sociedade: sofrem tanto por aumento das possibilidades de escolhas do campo profissional, quanto pelas limitações destas possibilidades. O exercício desta reflexão permitiu observar que condições singulares e plurais, vivenciadas no contexto da universidade, constituem uma situação social que se pretende demonstrar neste estudo. Compreendendo os formandos como sujeitos de expressão, passa-se a abordar a eleição da entrevista como método.

4.6 A ENTREVISTA COMO MÉTODO

A entrevista é eleita como o método mais adequado para responder a seguinte pergunta: Quais os sentidos do trabalho que estão implicados nos projetos de vida dos universitários? As entrevistas podem ser utilizadas de duas formas: podem constituir estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas as situações, “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Bogdan e Biklen, 1994, p.134).

A entrevista é “conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo” (Minayo, 1992, p.108). A entrevista é um processo de mediação para obter informação, um processo dialógico no qual o pesquisador e pesquisando interagem como autores-criadores. O autor-criador é quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida, mas recorta-os e os reorganiza esteticamente (Brait, 2005).

Vista como técnica, a entrevista permite a emergência do autor-criador, em diferentes momentos de seu discurso captar uma voz coletiva, com suas posições valorativas em contraposição com sua lógica interna, perante o discurso do outro (Brait, 2005). A entrevista é “bastante adequada para obtenção de informação acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca de suas explicações ou razões” Gil (2001, p.117). Existem, no entanto, vantagens e limitações do uso da entrevista.

As vantagens dizem respeito a produzir informações sobre os mais diversos aspectos da vida social em profundidade, passíveis de classificação e quantificação. Ainda apresenta a possibilidade de captar a expressão corporal, o tom da voz e oferece maior flexibilidade do que um questionário, pois pode esclarecer o sentido das perguntas mais facilmente ao entrevistado.

O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas. (Minayo, 1992, p.110)

As limitações quanto ao uso da técnica, segundo Gil (2001), são: a falta de motivação do entrevistado, a inadequada compreensão dos significados, o fornecimento de respostas falsas e a incapacidade para responder por insuficiência vocabular, a influência exercida pelo aspecto pessoal e de opiniões pessoais do entrevistador sobre o entrevistado, além dos custos. Porém, todas estas limitações apontadas podem ser contornadas pela própria flexibilidade da entrevista, e por um responsável planejamento da mesma.

Outro aspecto da entrevista é a buscar o diálogo, resgatando o lugar do autor criador de discursos e capaz de se expressar sobre questões de seu interesse sem os temores ou intimidações na expressão. Existem vários níveis de estruturação das entrevistas e optou-se por realizar uma entrevista focalizada (Gil, 2001), onde o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre um assunto, mas quando este se desvia do tema original, esforça-se para sua retomada. Serviram de guias as orientações metodológicas de Bakhtin (2003, p.393) “a capacidade de conhecer e a capacidade de exprimir a si mesmo são fundamentais” perante os objetivos deste estudo.

Foram elaborados construtos em torno da temática e serviram de temas norteadores na obtenção da informação: a questão da preparação para o mercado de trabalho, o sentido ou significado o trabalho, as expectativas sobre o trabalho, as estratégias de planejamento do futuro e possíveis relações entre o trabalho e o projeto de vida. Estão apresentados no apêndice C, em forma de perguntas, mas nem por isso foram expressos como indagações aos sujeitos. O entrevistador permitiu dar voz aos universitários para captar no diálogo, a livre auto-revelação e expressão dos sujeitos, o propósito da entrevista foi o de se converter em um diálogo.

A entrevista representa um diálogo entre pesquisador e pesquisado, sem o qual o instrumento pode não ter nenhum sentido para quem responde a ele. Somente no processo da relação é que a entrevista permite ao pesquisador o acesso aos sentidos. É importante o saber ouvir as respostas tanto quanto à arte do

silêncio, tanto o próprio silêncio como o do outro, o limite dessas conversações não é imposto, mas se define pelas necessidades do contexto.

Se constitui subjetivamente sobre a interação, um destes aspectos da comunicação é que todo o ser da expressão é bilateral, ou seja só se realiza na interação (Bakhtin, 2003). A entrevista foi entendida como um ato de empatia necessário, para o estabelecimento de um encontro dialógico entre os atores sociais envolvidos. Para Moreira (2007), a entrevista realça o caráter de encontro, que define tantos exemplos cotidianos de relação interpessoal, da entrevista. O entrevistador e o entrevistado dialogam de uma forma que é um misto de conversa e perguntas deliberadas.

Embora a entrevista não siga um esquema rígido de desenvolvimento, não é um intercâmbio natural, devendo ser alimentada continuamente na relação entre o entrevistador e o entrevistado. É um processo histórico que facilita a expressão dos temas mais suscetíveis de adquirir sentido nos termos e condições em que tem lugar. “Etapas do movimento dialógico da interpretação: o ponto de partida - um dado texto, o movimento retrospectivo- contextos do passado, movimento prospectivo - antecipação (e início) do futuro contexto” (Bakhtin, 2005, p.401).

O objetivo da entrevista é promover a comunicação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, diálogos estes que adquirem grande importância porque são partes essenciais do processo, pois neles se desenvolve a identificação dos participantes com o problema. O curso progressivo da entrevista se converte em fonte importante de informação sobre o problema estudado. A trama de diálogos ganha uma organização própria, na qual os participantes se convertem em sujeitos ativos que não só respondem às perguntas formuladas pelo pesquisador, mas também constroem suas próprias perguntas e reflexões.

A posição ativa dos sujeitos permite que estes expressem sua experiência e compartilhem sentidos muitas vezes inaugurados neste processo. A comunicação e interação permanente entre pesquisador e sujeito pesquisado constitui-se como um momento de sentido. A expressão constitui-se como matéria ou sentido materializado à partir do diálogo.

A entrevista se expande em seus conteúdos de forma espontânea, alcançando áreas de interesse do pesquisador. A validade deste procedimento está em aproximar o pesquisador da possibilidade de recolher os sentidos atribuídos ao

trabalho pelos universitários, buscando no entrelaçamento das dimensões cultural, histórica e semiótica no estudo do sujeito.

A utilização do recurso da entrevista possibilitou a análise de diversas realidades vividas, partindo neste processo, de apreensão do real, recolher as crenças, atitudes, valores e diferenças do grupo estudado em relação aos sentidos do trabalho, entendendo o sujeito como produtor-intérprete de sistemas semióticos.

4.7 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Primeiramente, decidiu-se fazer um estudo-piloto para auxiliar a construção de um saber mais empírico sobre o método empregado. Para tanto, foi realizada uma ampla divulgação da pesquisa no contexto da Universidade com cartazes.

Nesta divulgação, se solicitava a participação voluntária na pesquisa sobre: “Os sentidos do trabalho em sua relação com o projeto de vida dos universitários”. Através do contato pessoal com a autora, os entrevistados foram localizados, e aqueles que se dispuseram voluntariamente a participar de um primeiro estudo-piloto, foram chamados. Estes tinham seus nomes, telefones e e-mails pessoais registrados em uma agenda, para posterior marcação de horário para a realização das entrevistas.

Posterior à apresentação da pesquisa, a menção do seu interesse, explicação dos fundamentos da pesquisa, foi apresentada a garantia de anonimidade através da Carta de Apresentação e Solicitação de Participação e do Termo de Consentimento Informado (em apêndice), com a assinatura dos entrevistados. A importância de tais instrumentos auxiliares na pesquisa demonstram o compromisso ético do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e o cumprimento dos padrões estabelecidos pelo CEP – Comitê de Ética em conformidade com as normas para pesquisa com seres humanos, ditadas pelo Ministério da Saúde através do SISNEP, Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (Fonte: <http://portal.saude.gov.br/sisnep/pesquisador/> 2007).

Foram agendadas as entrevistas com os sujeitos; que tiveram em média uma hora e meia de duração cada, variando conforme a disponibilidade e interesse dos entrevistados em falar sobre a temática. Promoveu-se a ambientação dos sujeitos com o espaço, a sala de entrevista e a utilização do gravador. O uso do gravador

requer uma aproximação gradual, para não intimidar a expressão, então se adotou o procedimento de gravar e em seguida replicar a gravação, para que o entrevistado ouvisse, e fosse se acostumando com o objeto, antes de iniciar a entrevista.

Destaca-se como fundamental a apresentação da proposta de estudo aos grupos envolvidos. Iniciou-se por um esclarecimento sobre o que se pretendia investigar, e as possíveis repercussões do processo investigativo. Seguindo orientação de Minayo (1994, p.55), “é preciso termos em mente que a busca de informação está inserida num jogo cooperativo, onde cada momento é uma conquista é baseada no diálogo e que foge à obrigatoriedade”. Foi esclarecido que este estudo tinha a finalidade de ser um estudo piloto para um projeto de tese de doutorado e se manteria o sigilo das identidades dos entrevistados, em conformidade com as normas de ética na pesquisa com seres humanos.

Na ocasião, compareceram três universitários na fase inicial da pesquisa. A partir do projeto piloto, permitiu-se avaliar e por a prova as bases metodológicas adotadas, expostas à análise criteriosa de uma banca de doutoras, que teceram suas sugestões e considerações a respeito do mesmo. Esta fase foi importante por permitir ao pesquisador sanar algumas dificuldades teóricas e metodológicas, como redesenhar procedimentos.

Na segunda, fase da coleta da dados propriamente dita os procedimentos foram: divulgação em sala de aula e na Central de Carreira, anotações de contato com os sujeitos e a gravação das entrevistas foram mantidos. Permitiu-se uma agenda aberta de entrevistas, cujo objetivo era que os possíveis voluntários se aproximarem da pesquisadora, livres de compromissos pré-agendados.

Esta agenda aberta foi realizada dois meses antes das provas de final de semestre, foram ocorrendo conforme a disponibilidade dos voluntários e devido às exigências em termos da população estudada para que os mesmos conseguissem estar presentes da forma mais tranqüila possível.

Disponibilizou-se um período de quatro horas, duas vezes por semana, horário livre, na qual a pesquisadora permaneceria na sala do SAPSI (Serviço de Atendimento Psicológico), à disposição para esclarecer possíveis dúvidas ou interrogações sobre o trabalho de investigação. Tal procedimento permitiu uma busca espontânea dos sujeitos interessados na pesquisa. Na ocasião, foram agendadas vinte entrevistas, mesmo assim compareceram quatorze alunos.

Após a coleta da expressão dos sujeitos, procedeu-se a escuta atenta das entrevistas gravadas, que foram transcritas de forma a captar os discursos, sempre compreendidos como uma obra inacabada. A transcrição permitiu identificar lacunas e silêncios, ou seja, a não fala. As fitas foram ouvidas diversas vezes, buscando assinalar as pausas, acentuações na voz, risos e entonações produzidas pelos sujeitos, bem como buscando captar os silêncios, ou que não está explicitado de uma forma direta no texto, mas indireta.

A matéria concreta de análise é o texto obtido pelos discursos dos alunos, a opção metodológica se compromete com a troca no processar das entrevistas. Busca-se o sentido produzido a partir do texto particular do autor.

A análise do discurso mostra a completude do discurso dos universitários e seus espaços de incompletude, na circulação ininterrupta da significação, pois o discurso é vivo e há memória discursiva em sua materialidade no qual a pausa dos sentidos é sempre posta em movimento, em ação.

Objetivando aos alunos à necessária liberdade no seu discurso, e também permitir ao autor a interpretação e análise das falas de uma forma mais livre, para garantir a questão da qualidade da leitura, e da transcrição das mesmas, o autor esteve implicado na escuta atenta das gravações por diversas vezes durante a pesquisa em curso.

Este tempo de permanência na escuta revelou a busca da totalidade dos discursos, sempre entendendo o texto como uma obra inacabada. Em certos aspectos, têm-se a impressão de que ainda não se disse tudo ou não se ouviu tudo, implica em uma necessidade de distanciamento e de aproximações sucessivas do discurso, o que requer uma dedicação integral ao levantamento dos dados.

Partindo dos textos produzidos pela a atividade discursiva de quatorze universitários, buscou-se no objeto empírico do discurso, as marcas que orientam esta investigação científica. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, na objetividade em que foram produzidas.

A dificuldade encontrada nesta etapa foi decompor o discurso em unidades objetivas, definidas para a análise, reunindo neles os discursos dos entrevistados sobre os temas propostos, a saber: a preparação para o mercado de trabalho, os sentidos do trabalho, as expectativas do trabalho, as estratégias para o futuro, as relações o trabalho e o projeto de vida.

Devido ao caráter qualitativo da pesquisa, o número dos quatorze sujeitos entrevistados não foi estabelecido à priori. Somente no desenvolvimento dos discursos, na medida em que as expressões foram sendo produzidas e repetidas articulando um todo dentro do sistema discursivo, é que se optou por encerrar as entrevistas. Percebendo-se a repetição visível de hiatos entre os discursos e clarificando sua consistência no texto.

Passa-se a descrever de onde vem os sujeitos que livremente se dispuseram a falar sobre os sentidos do trabalho, sendo: quatro alunos do curso de Engenharia Mecânica, dois alunos do curso de Economia, dois do curso de Engenharia de Alimentos, um de Secretariado Bilingüe, um de Geografia, um de Serviço Social, um de Engenharia de Produção, um de Engenharia Química e um de Sistemas de Informação. Todos os universitários, ou seja, saindo do contexto da universidade para o mercado de trabalho. Apesar de não avaliarmos a questão do gênero como fundamental, é relevante apontar que se trata de sete homens e sete mulheres, com idades variando entre 22 e 27 anos.

Entre os alunos que participaram da entrevista, dois freqüentam cursos noturnos na universidade, todos os demais freqüentam cursos diurnos, foram os que nos permitiram conhecer a sua “voz” e a sua expressão, no período em que havia disponibilidade de tempo para as entrevistas. Em seguida, iniciou-se o processo de análise dos discursos, através de literatura especializada sobre o assunto, onde se buscou a validade do estudo dos sujeitos através da autoria de sua própria expressão e da materialidade de sua fala. Compreendendo que esta fala é tecida à partir dos sentidos múltiplos e polifônicos, constituídos em contextos históricos e sociais, passa-se a apresentar uma proposta de análise do discurso adotada.

4.8 UMA PROPOSTA PARA ANÁLISE DOS DADOS

Nesta pesquisa, o foco de análise é a perspectiva dos universitários, compreendidos como autores e atores, ou seja, como autores-criadores inseridos em um contexto cultural, social e histórico que disponibiliza na universidade um mundo dos sentidos. Foi dada a voz aos autores singulares para compreender uma determinada realidade vivida objetivamente e traduzida no ato da palavra.

Optou-se pela análise do discurso, na perspectiva de Bakhtin e seu círculo (2003), o termo “análise do discurso” é objeto de diferentes definições e discussões teóricas e metodológica, onde as expressões semióticas se articulam dentro de um determinado sistema de significações. A análise do discurso é muito plural e permite uma escolha associada nesta tese a uma opção epistemológica e a uma postura que assume a subjetividade do sujeito como condição possível para a produção do conhecimento, estabelecendo uma posição crítica face ao conhecimento tipo verdade “absoluta”, a especificidade histórica e cultural do grupo pesquisado, considerando-os universitários em uma determinada universidade.

Esta prática põe em questão a produção dos discursos humanos, como objeto de análise e de acordo com uma das leituras possíveis, discurso é a prática social de produção de textos. Todo discurso é uma construção social, não individual, e só pode ser analisado considerando o contexto e suas condições de produção; significa ainda que o discurso é uma práxis construída sobre visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m).

Na aproximação dos procedimentos utilizados para a análise dos discursos, e devido à própria natureza e conteúdo de uma tese na área da psicologia, deparou-se com a inscrição do sentido singular, onde as subjetividades se permitem integrarem a esta análise. O autor sempre se depara com as questões e limitações do texto e do contexto no qual foi produzido.

Não há uma posição absolutamente neutra, mas assegura a complexidade do fenômeno como nível legítimo de pesquisa, onde o importante é buscar os discursos construídos sobre o trabalho e o conhecimento é sustentando e mantido por processos sociais, em determinado tempo, local, país e cultura.

Brait (2006), sobre análise do discurso, comenta que, embora Bakhtin não tenha proposto formalmente uma análise do discurso, orienta-nos a fazer uma análise do texto. Tal análise consiste em num processo irregular constituído a partir das relações sociais, apoiada na perspectiva dialógica proposta como uma forma de análise qualitativa da informação. O discurso é entendido como um sistema organizado de natureza semiótica, uma forma de penetrar as estruturas simbólicas que constituem e são constituídas na vida cotidiana das pessoas, em contextos reais.

Tal embasamento permite entender os estudos da análise do discurso como estudos da linguagem, produzida por construções de sentido empreendidas por

sujeitos historicamente situados. O contexto no qual se produz o discurso é imerso em sua cultura específica permite recolher os sentidos dados ao trabalho. O termo “discurso” para Bakhtin se refere à língua em sua concretude, e a análise do discurso à definições do objeto nas formas de concebê-lo e abordá-lo. Para esta análise dos discursos, escolheu-se autores que tratam da visão de homem em sua historicidade tendo como base às contribuições de Vygotski e Bakhtin.

Para o primeiro autor, o trabalho é entendido como atividade, representa uma dimensão significativa e central na constituição do psiquismo, permite entender a inexorável relação entre sujeito e sociedade, “pois só há sujeito porque constituído em contextos sociais, os quais, por sua vez, resultam da ação concreta de pessoas que coletivamente organizam o seu próprio viver” (Zanella, 2005b, p.9).

Para o segundo autor, tais contextos permitem a construção dos sentidos, entendida a partir das diferentes mixagens entre vozes. Ambos consideram o sujeito como ator e autor de sua história de vida. Ao captar o discurso em torno do tema trabalho, pretendeu-se resgatar o(s) sentido(s) que direciona as ações deste ator, autor social para o futuro, direcionando um seu projeto de vida.

Buscou-se descrever o(s) sentido(s) do trabalho identificados na forma como os entrevistados retratam a sua procura por estabelecer um projeto e o lugar que atribuem ao trabalho, inserido em um todo mais complexo a que denominamos vida. Esta escolha permitiu olhar o sujeito, autor produtor de sentidos, em sua liberdade de significar.

A natureza das reflexões que procurei desenvolver neste texto decorrem de buscar no discurso dos sujeitos, a objetividade como um movimento mais coletivo de produção de sentidos do trabalho e, ao mesmo tempo, também são as suas marcas subjetivas ou singulares do sentido. As distinções de sentidos produzidos pelos sujeitos, em sua singularidade, que retém as suas explicações para seus atos, produzem um contexto de relações e processos em que participam e vivenciam outros discursos. Encontro de duas vertentes onde os discursos são considerados na dupla ordem. Como a matéria em si e de matéria sobre, o discurso sobre si mesmo e os sentidos do trabalho permitem também considerar alguns desacertos entre o que é dito e o que é feito, ou foi.

A análise do discurso preocupa-se com a forma como a experiência é contada, ou seja, porque as coisas foram ditas desta forma, e não apenas com o conteúdo lingüístico. Assim a história de vida contada, não importa apenas o

conteúdo narrado, mas também como os entrevistados ordenam a sua experiência para dar sentido aos acontecimentos e ações de suas vidas, como tentam convencer o ouvinte de sua autenticidade, que imagem querem passar de si, entre outras coisas. Assim, as histórias dos informantes não espelham uma realidade vivida lá fora, mas, antes, são construídas criativamente, são retóricas, repletas de suposições, ou seja, o seu modo de interpretar a realidade.

A tarefa do analista do discurso é, portanto, interpretar uma interpretação. “Ao contar sobre suas vidas as pessoas, não falam simplesmente sobre ações passadas, mas sim como compreendem estas ações: às vezes mentem, esquecem de coisas, exageram, alteram fatos, se confundem, se enganam. Contudo, ainda assim, revelam verdades de suas experiências e vivências. Estas verdades são sentidas através do analista do discurso, atento aos contextos que organizam as criações e visões de mundo de seus sujeitos.

Assim, um mesmo material discursivo pode desencadear diferentes leituras em momentos distintos para um mesmo pesquisador, do mesmo modo, que um texto pode desencadear diferentes leituras em contextos históricos distintos.

Ao contrário do que ocorre em outras metodologias de análise qualitativas, os analistas do discurso devem estar sempre conscientes de que estão trabalhando com representações e, mais ainda, que os significados são construídos em um processo de interação.

Neste processo de análise do discurso, várias decisões foram tomadas a cerca da ordenação do material, do estilo da apresentação, dos fragmentos das falas que foram incluídos. A seleção dos trechos do discurso que foram utilizados na análise basearam-se em aspectos estabelecidos a priori no projeto da pesquisa, nas questões mais relevantes para o estudo. No entanto, o foco da análise sempre emergiu do próprio texto dos universitários, outras questões foram surgindo da transcrição das entrevistas. As direções do discurso dos informantes vão seguindo cursos onde as falas individuais situam-se em interações particulares, bem como em discursos sociais, culturais e institucionais que foram levados em conta ao se interpretá-las. Passa-se no próximo capítulo a apresentar os resultados e discussões como foram lidos e analisados.

CAPÍTULO 5. DISCUSSÃO

Concomitantemente, porém cada texto é algo individual, único e singular e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). (Bakhtin, 2003, p.310)

A idéia de que cada texto é algo único e singular é fundamental, e sobre este aspecto, qualquer produção de conhecimento ao apontar para os resultados e a discussão de uma tese, por mais que se trate de um trabalho científico, encontra-se vulnerável a uma certa margem de imprevistos. Este capítulo constitui uma expressão da intertextualidade, no jogo da mediação entre a matéria científica e seus protocolos mais ou menos rígidos e a singularidade, ou seja, o pensamento do investigador na produção do conhecimento.

As sociedades contemporâneas apresentam complexidade inigualável no que tange à questão do trabalho e sua relação com projetos de vida. Ao analisar processos de formação dos sentidos do trabalho, o elemento chave deve ser a interpretação vivenciada da realidade que permite a elaboração dos projetos de futuro. A necessidade de planejar o futuro frente a condições e possibilidades que objetivamente se mostram é um dos imperativos do presente.

Este capítulo traz os resultados do que foi alcançado para os objetivos da tese, pesquisar os sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida dos universitários. A mediação na apropriação dos sentidos do trabalho é capaz de transformar os campos que coloca em interação, ao mesmo tempo em que a si mesma se modifica, ampliando as zonas de intersecção e inter-relação nesta produção dialógica.

O itinerário apresentado reflete o percurso que o pesquisador empreendeu em termos das teorias que abordam a questão dos sentidos e a complexidade de se investigar esta temática. Pretendeu-se compreender, mais do que explicar e

maximizar o significado, e compreender o sujeito, como um ser sempre capaz de construir novos sentidos sobre uma realidade.

O pensamento de Vygotski (2000b) permitiu considerar que o sujeito não somente reflete mais refrata a realidade social e cultural que o envolve. Desta forma, o sentido do trabalho não foi buscado como uma totalidade do sentido, mas sim como uma noção de sentido múltiplo, que não é dado de imediato por quem interpelamos nesta busca do sentido. A multiplicidade se dá no fato de que o sentido não é instituído, mas é constituído dentro de relações dialógicas em um campo aberto de significação, conforme nos orienta Bakhtin (2003), expressa em suas vozes. Pretendeu-se com isso enfrentar o problema de não apagar a especificidade de cada ser na atribuição dos sentidos.

Os resultados foram apresentados de uma forma ordenada e estruturada didaticamente distribuída em torno dos objetivos desta tese, como uma das possibilidades de demonstrar as mediações existentes entre os sentido do trabalho os projetos de vida dos universitários. Tal exposição, no entanto, admite o caráter aberto, ambivalente e complexo de tais inter-relações. Como uma característica de todo e qualquer texto, esta forma de apresentação específica diz respeito a uma propriedade constitutiva do texto. Foram apresentados em separado, mas se referem às relações que se dão no seu próprio interior e também ao conjunto da sua (inter) e transtextualidade, em torno da temática das relações entre sentidos do trabalho e projetos de vida.

Em uma primeira seção, trata de apresentar uma descrição singular de cada um dos entrevistados para que o leitor tenha acesso a quem são e como se expressam. Uma segunda seção apresenta uma história coletiva, buscando pontos em comum nos discursos, pistas que localizam os sujeitos em determinado contexto.

A terceira seção apresenta apontamentos sobre as contradições discursivas, como dimensões de análise que expressam a multiplicidade. Na quarta seção, as dimensões singulares na produção dos sentidos com seus ditos e os seus interditos, motivos de silêncios, pausas, ou risos. Na quinta seção, a relação entre o

sentido do trabalho e o projeto de vida. Na sexta seção aborda-se a questão da escolha profissional. Na sétima seção apresenta-se os vários sentimentos em relação ao mercado de trabalho com olhares sobre a realidade que são também plurais e polivalentes, são pessoais e particulares. Sentimentos que evidenciam: o medo, a vulnerabilidade e o valor do diploma. Em uma oitava seção, apresentam-se as estratégias de futuro.

Não se trata de buscar uma dualidade “o coletivo *versus* o singular”, “anterioridade do sujeito *versus* anterioridade do social”, mas sim em propor a existência de um contínuo na alternância das análises. Buscou-se a possibilidade de retratar as falas dos sujeitos em movimentos expressos em recortes de seu texto, compreendeu-se a construção dos sentidos do trabalho como consensualmente enraizada na base da sociedade e da cultura na qual vivem.

Nesta análise, revelou-se que são os campos discursivos que nos permitem olhar diferentes aspectos dos sentidos do trabalho, sobre o material coletado, ou seja, através de sua voz, na expressão concreta da fala. A materialidade da fala e seu enunciado permitiu conhecer um determinado tipo de sentido do trabalho, que subjaz à noção de emprego. Em nossa sociedade contemporânea, o sujeito se integra a partir de um trabalho estranhado e fetichizado, gerado por uma, cada vez maior, divisão do trabalho, que se produz e reproduz no social.

Se concentram processos na produção de sentidos coletivos e singulares sobre o trabalho, em campos significativos e em textos auto-explicativos que permitem ao pesquisador conhecer os universitários.

Reconheceu-se a não uniformidade, e antes complexidade, nas dimensão das diferenças, nas palavras que se produzem sobre o trabalho, em cada vida vivida em sua total singularidade.

5.1 UMA HISTÓRIA SINGULAR

Para o leitor perceber melhor os discursos dos universitários, apresenta-se uma pequena história sobre cada sujeito, na qual o contexto com sua maneira de ser e estar no mundo foi comunicado ao entrevistador. Quando se faz um discurso existe sempre um sentido que é dirigido a um determinado ouvinte em um contexto específico. O sentido é “o que eu quero dizer quando digo isto?”. Existe um significante e um significado, mas ambos precisam de um referente. O referente é aquele que interpreta, que dá o sentido na sua fala, na sua construção de um discurso sobre um tema (Czarniawska, 2005). Neste caso, o referente se constitui na construção dos diálogos.

Nesta fase da análise, foi necessário apresentar de modo sintético, quem nos permite adentrar em sua subjetividade. Cumpre ressaltar que o nome se trata de um nome fictício atribuídos como um cuidado para resguardar a anonimidade, apesar de ter o consentimento para que fossem descritos. Serão apresentados agora cada um dos quatorze entrevistados, como uma primeira aproximação das suas vozes.

1. **Fabi** é natural de Florianópolis, tem 24 anos. Está na décima fase do curso de Secretariado Executivo Bilíngüe, um curso de cinco anos. Trabalha há dois anos como secretária em uma empresa do governo, com um contrato temporário de trabalho. Seu sonho de autonomia e segurança a fez construir uma perspectiva de carreira profissional em outra cidade, planeja ir embora para São Paulo, se justifica porque não tem campo de trabalho onde mora e o piso da categoria profissional é maior. Apesar de trabalhar na área há dois anos, ainda não conseguiu sua independência financeira e econômica, mora na casa dos pais que já são idosos e é filha única. Seu projeto de vida, no momento da entrevista, consiste em buscar sua autonomia financeira e poder auxiliar seus pais na velhice.

2. **Bia** é natural do Rio Grande do Sul, tem 23 anos, e mora sozinha. Filha de pais separados. Veio morar em Florianópolis com o objetivo de estudar, fez duas faculdades ao mesmo tempo, já conclui a faculdade de Publicidade e Propaganda e está cursando a 8^a. fase do curso de Geografia na UFSC. Como sua mãe sempre trabalhou com viagens, passou por constantes mudanças de cidade. Esta experiência fez com que construísse um projeto distinto de sua mãe, ela acredita que ficar com os filhos e a família é mais importante do que se dedicar completamente ao trabalho. Quer que o trabalho ocupe um lugar secundário na sua vida, porém após concluir o curso superior pretende integrar as duas áreas de estudo, mas ainda não sabe como fazê-lo. Não tem um projeto de vida definido a não ser entrar no mercado de trabalho.
3. **Bruno** é natural de Marília, interior de São Paulo, tem 23 anos, e mora em uma residência de estudantes. Está cursando a oitava fase do curso de Engenharia Mecânica e fez um estágio na Alemanha. Sua vivência do trabalho é significativa, um fato marcante em sua vida é que morou até a década de 90 no Paraná, na cidade de Maringá, mudaram-se para São Paulo, devido a problemas com a falta de trabalho do pai. Também conviveu com o drama de falta de trabalho a partir da formatura de seu irmão mais velho, em música. Estas experiências o levam a crer que não existe mais estabilidade no mundo do trabalho. Atualmente, encara o trabalho como uma necessidade de superação das dificuldades financeiras para sobreviver. Em seu projeto profissional, continuar estudando é importante tanto quanto ter uma experiência profissional logo em seguida da formatura. Ainda não tem clareza sobre quais caminhos seguir neste percurso. Em seu projeto de vida, constituir uma família também é algo importante, porém secundário.
4. **Moa** é natural de Joaçaba, no interior de Santa Catarina, tem 23 anos, mora em casa própria com o namorado à quatro anos, considera-o como marido. Está cursando Serviço Social, já fez vários estágios desde o terceiro período. Seu pai é veterinário e sua mãe é do lar (expressão do sujeito), tem um irmão mais velho, bioquímico. Acredita na responsabilidade de ter uma família, e família é importante para ela, mas não pretende se casar formalmente pois isso dificultaria conseguir um trabalho. Não sabe ainda que projeto profissional

seguir, ou como ser uma profissional da área, porque suas experiências de estágio não foram interessantes. Diz que a profissão escolhida não lhe dará muitas oportunidades de manter-se sozinha, a menos que passe em um concurso público.

5. **Máximo** é natural de Cornélio Procópio interior do Paraná, tem 23 anos, mora em uma república, com amigos. Está no último ano de Engenharia Mecânica, e procurou este curso porque era um meio mais curto para conseguir um bom emprego, ganhar dinheiro, manter-se e a ajudar as pessoas que precisam. Fez estágios só dentro da universidade em laboratório de pesquisa, para ele é importante adentrar o mercado de trabalho, porém não sabe se tem todas as qualificações necessárias. Sua família é de agricultores, com uma vida, segundo ele muito difícil, tem pretensões políticas para mudar a vida do povo do interior e acredita que a engenharia, somada com a política, pode lhe dar melhores condições de promover uma transformação social. Já tem um pequeno partido político formado por um conjunto de amigos na sua cidade natal.

6. **Raquel** é natural de Campo Grande, tem 25 anos, faz faculdade de Economia está na última fase do curso, mora com a irmã que é estudante de medicina. Fez programas de intercâmbio na Inglaterra e na Itália, gostaria de prestar concurso para o Instituto Rio Branco. Sente-se pressionada pela família, sempre foi estudiosa mas acredita que as expectativas dos familiares são elevadas sobre o seu potencial e inteligência. Seu pai é engenheiro agrônomo e a mãe fez duas faculdades é professora e dentista. Sempre quis fazer medicina, não conseguiu passar e optou por economia. Justifica que agora com a convivência com a irmã acredita que não seria uma boa médica e diz que está satisfeita com sua escolha profissional. No momento, ainda não decidiu se vai fazer mestrado ou um programa *trainee*, mas acredita que o Instituto Rio Branco ainda é uma alternativa de vida, em seu projeto de ter sucesso profissional.

7. **Leo** é natural de Campo Grande, tem 24 anos, é aluno do curso de Engenharia Mecânica, fez vários estágios e um inclusive na França e mora com amigos. Seus pais são separados desde que ele nasceu. Seu pai é investidor financeiro e o encontra uma vez por ano. Pretende conseguir um estágio em

uma indústria, mas atualmente faz estágio em um dos maiores bancos do mundo. Ele adora um desafio e imagina que jamais deverá trabalhar com a engenharia, procurou este curso para fazer uma carreira administrativa e financeira em um grande banco privado.

8. **Barbi** é natural de Florianópolis aluna do curso de Sistemas de Informação, tem 23 anos e mora com o marido. Seu pai é servidor público, e ela começou a trabalhar com quatorze anos. Sempre seu pai a orientou para o trabalho, diz que se orgulha de ter conseguido fazer com que o marido, depois de casado, voltasse a estudar e, agora, já estar concluindo o ensino superior. Pretende se especializar na sua área profissional depois de formada, ainda tem dúvidas de qual opção se especializar em Marketing ou Recursos Humanos. Como assumiu um cargo de chefia em seu trabalho, esta vivência a fez acreditar que tem habilidades para liderar as pessoas, então pretende convergir seus estudos da área técnica para a área de humanas.
9. **Massay** é natural de Marília no interior de São Paulo, tem 23 anos, mora com o irmão, está cursando Engenharia de Produção Mecânica, o mesmo curso que o irmão mais novo está seguindo. Como seus pais vieram do Japão, sempre foi estimulado a perder a timidez. A vivência e adaptação dos pais à cultura brasileira foi difícil pelo não domínio do idioma, ele foi estimulado a fazer amizades pois o pai acreditava ser uma grande dificuldade para o povo oriental. Acredita que superou qualquer limitação deste tipo ou de não ser aceito e afirma ter amigos no ambiente universitário. Não tem projetos para o futuro, para ele qualquer oportunidade pode ser boa desde que consiga se adaptar.
10. **Gil** é natural de Campo Grande, tem 23 anos, e mora com amigos. É descendente de japoneses, seus pais são médicos e como tais pessoas ocupadas e pressionadas pelo trabalho. Isto o influenciou a optar pelo curso Engenharia de Alimentos. Sente-se angustiado no momento porque acha difícil esta opção profissional. Escolheu ser naturalista e como nunca fez estágios, está ansioso com o fato de ter que se submeter a estagiar em uma indústria de alimentos, pois a grande maioria delas trabalha com produtos de origem animal. Se preocupa com a qualificação profissional e planeja sair do país para

desenvolver o idioma inglês. Não sabe para qual destino seguir, mas se orienta por amigos que lhe aconselharam ir para a Irlanda.

- 11. Chico**, é natural de Florianópolis, tem 23 anos, cursa Engenharia Mecânica, mora com seu irmão e com seus pais. Como seu pai tem uma lanchonete, ele sempre trabalhou para ajudar no sustento da casa junto com a família. Orgulha-se de ser natural da Ilha e ter conseguido entrar na UFSC, que acredita receber a grande maioria dos alunos de fora. Buscou fazer cursos em outras áreas do saber e não ficar “bitolado” só na formação superior de sua área, teve várias experiências de estágio e trabalha há quatro anos na Federação Catarinense das Empresas Juniores. Acredita que montar seu próprio negócio é uma boa solução como um projeto profissional de futuro.
- 12. Tali** é natural de Capinzal, tem 23 anos, mora com amigas em uma república, é aluna do curso de Engenharia Química, está procurando estágio conforme ela mesma diz “que nem uma louca”. O pai trabalha no comércio e a mãe é do lar (expressão do sujeito). Teme ter que voltar para a sua cidade natal, pois seus pais são de uma cidade pequena do interior e nunca saíram de lá. Tem um namorado que está cursando Mecânica Industrial no CEFET, mas não pretende se casar sem antes se estabelecer profissionalmente. Como projeto de vida, pretende conseguir arranjar um emprego para depois retribuir aos pais a ajuda que lhe deram para que ela pudesse estudar, e teme não poder compensá-los por isso.
- 13. Tonico** é natural de Florianópolis, tem 28 anos, mora com a família, sua mulher e filho, estuda à noite é aluno do curso de Economia. Como filho de pais separados, trabalha desde os quatorze anos para ajudar no sustento do lar. Atualmente, trabalha como técnico na Prefeitura de São José. Considera-se um aluno regular e que só agora no último ano está conseguindo viver a universidade, é a primeira pessoa de sua família a obter um diploma de curso superior e se orgulha disso. Em seu projeto profissional sabe que nunca conseguirá ser um grande economista e vê dificuldades em trabalhar na área na qual vai se formar. Porém, pelas poucas condições de vida que teve está satisfeito com a profissão escolhida. Em seu projeto de vida, sabe da

importância de se adaptar ao meio para conseguir sobreviver no mercado de trabalho.

- 14.** **Suzi** tem 22 anos, é natural do interior do Estado do Paraná, aluna do curso de Engenharia de Alimentos. A sua mãe é formada em Pedagogia, foi professora de magistério e orientadora educacional, agora está aposentada. Se orgulha ao dizer que a mãe trabalhava com muita dedicação e era a primeira a chegar à escola e a última a sair. Seu pai é veterinário já aposentado, mas continua trabalhando para ajudar nas despesas da casa. Para ela, o sentido do trabalho é um misto de sacrifício e realização. Ainda procura por estágios, mas acredita que se conseguir um emprego depois de formada já estará bom, se refere a uma tia nutricionista que ficou anos depois de formada como desempregada, e teme passar pela mesma situação.

As características situacionais pertencem a cada sujeito, desde o início de seus discursos as expressões utilizadas pelos mesmos refletem e refratam uma determinada realidade, sugerindo o modo como os acontecimentos vão sendo vivenciados. Em seus discursos, nos apresentam características peculiares de sua realidade através da fala, objetivada na relação com o pesquisador. Estes textos foram construções retiradas a partir de suas narrativas, que, de imediato, se apresentam para fornecer pistas sobre quem são os sujeitos deste estudo.

A partir de seus discursos buscou-se o estudo do seu universo simbólico neste momento, no qual vivenciam a transição da universidade para o mercado de trabalho, formando uma estrutura específica para a produção de seus valores sociais e para as atribuições de sentidos dados ao trabalho. Porém, deve-se considerar no discurso a dimensão ideológica relacionada com as marcas deixadas no texto e as condições de produção da própria formação ideológica.

Buscou-se olhar os episódios relatados pelo ângulo dos seus significados e identificar a configuração da rede de sentidos. Desvelar as amarras do discurso e para tal, foi preciso detectar como os sujeitos combinam e relacionam os elementos do conteúdo selecionado e explicitando a ligação entre eles e identificar os fatores interferentes na produção do sentido.

Nesta perspectiva epistemológica, os sujeitos dão sentido à sua realidade tecidas sobre distintos significados e vivências emocionais. A coerência e a lógica do discurso se dá de uma maneira complexa, através da transformação do texto no

decurso da entrevista. Ao apresentar cada entrevistado, pretendeu-se esclarecer algumas condições determinadas de suas vidas, do contexto onde foram gerados seus mundos simbólicos, mas “o texto só tem vida contatando com o outro texto (contexto)” (Bakhtin, 2005, p.401).

O texto então é este projeto de ser, estar no mundo, e o discurso reside em um enunciado de um autor-criador que se utiliza do dado (língua), um destinatário, real, um gênero do discurso relacionado com alguma atividade humana, um estilo e uma entonação próprio. Que, segundo Souza (2002, p.30), “são determinadas no interior de um tema e em interação orgânica com esse gênero do discurso”. Pretendeu-se retratar aqui como os sujeitos se apresentaram para o outro, no contexto com o qual se identificam.

Passa-se a apresentar na próxima seção as interações particulares do texto de cada sujeito com um contexto, na produção de uma possível característica coletiva.

5.2 UMA HISTÓRIA COLETIVA

A dinâmica dos sentidos do trabalho se inscreve em uma história vivenciada pelos universitários e expressas em seus discursos através de um processo de formação de sentidos desenvolvidos ao longo do percurso universitário. Os discursos dos sujeitos sobre seus projetos de futuro estão instaurados em um contexto fazem a história e são a ela submetidos.

Não se pretende preconizar um sujeito assujeitado, o que seria a negação do dialogismo, considera-se a história singular inscrita em determinadas condições histórico e culturais, que nos permitem aferir a possibilidade de uma história coletiva, uma singularidade em diálogo com o coletivo. Um resumo mais visível desta história coletiva será apresentada nesta parte da tese.

Alguns sentidos do trabalho se entrelaçam deixando ver em seu conjunto formas de interação típicas de um contexto familiar determinado, realidade na qual a maioria do grupo se insere. Trata-se de considerar, por exemplo, a história de **Fabi**, que mostra um sonho de autonomia e independência financeira, para que não venha

a depender dos pais. Se assemelhando com o sonho de **Suzi** que quer dar aos pais uma vida melhor na velhice, e procura se tornar o mais rápido possível uma pessoa atuante na sociedade ou um ser produtivo. O fato de sua mãe ser aposentada e continuar trabalhando para ajudar a sustentar a filha é motivo de constrangimentos em sua narrativa. **Tali**, descreve o sonho de dar um retorno aos investimentos familiares na sua educação e formação, como algo implicado em seus projetos de vida futuro. É semelhante ao sonho de **Máximo**, que pretende retribuir aos pais a possibilidade de ter cursado a universidade.

O primeiro aspecto desta história coletiva talvez seja o de ressaltar o compromisso assumido pelos universitários em relação ao empenho e dedicação de seus pais e a necessidade de gerarem uma resposta de retribuição aos mesmos. O valor e significado de ajudar ou assistir aos pais na velhice compreende retribuição e de uma forma ou outra, representa um compromisso social e moral, que incide sobre as condições sociais e econômicas da família de origem dos alunos. Como nos diz **Chico**: *os meus pais você falaram você não se forma logo eu quero me aposentar e tal. Eu falei não se preocupe **depois eu sustento vocês e tal...** não é que precisaria... mas eu falo brincando para eles.*

A estrutura familiar interfere nas escolhas e projetos de vida de forma implícita ou explícita e mesmo o silêncio dos familiares sobre as opções de curso seguidas pelos alunos são percebidos e vivenciados pelos universitários como importante, capazes que são de gerar um maior grau de responsabilização sobre a ação e opção escolhida. Como no exemplo de **Raquel**: *Eu que **me cobro** porque eu pensava que com 25 anos, eu já ia ser uma adulta e me estabelecer, **eu queria trabalhar**.* Acatar ou contradizer o discurso familiar tem implicações diretas e imediatas sobre a necessidade de decisão profissional e se inserir no mercado o mais rapidamente possível é buscar reconstruir de certa forma a trajetória profissional dos pais.

Os sujeitos (re)produzem discursos a partir de outros discursos, oriundos de vários contextos, entre eles a universidade, o mercado de trabalho e a família.

Suas explicações sobre as escolhas dos cursos superiores e das profissões se convertem em discursos, mais ou menos conformados e adaptados por uma eleição anterior. Como exemplo do discurso de **Máximo**: *na verdade eu queria algo ligado a engenharia, na verdade na verdade, eu queria algo ligado a física, eu queria física. Mas tinha um certo receio em relação à empregabilidade.* O passado é retomado no presente para projetar um futuro. O momento da transição é o instante no qual o sujeito se desloca do papel de calouro para o de formando e revive as emoções da fase inicial do curso. É difícil a tomada de decisão na transição porque esta remete a vivências anteriores, que podem ser percebidas como mais ou menos acertadas e significam rupturas com relações de convivência diária.

Se os alunos tendem a reproduzir os sonhos de seus pais e a ideologia da família em seus discursos, existe também a confrontação quanto a valores e modelos repassados. **Bia**, por exemplo, mostra a ansiedade em buscar ser diferente da mãe, que sempre trabalhou e nunca teve tempo para ficar com a filha. Seu discurso entrecortado por expressões de admiração e frustração, revela falas diversas sobre si mesma, uma vontade de ser igual a mãe e diferente, este desejo contraditório é expresso naquilo que diz e por aquilo que faz, uma vez que segue um percurso de vida tão ativo quanto o da mãe. Ou seja, são as contradições na lógica discursiva, pois **Bia** tem uma vida semelhante à de sua mãe, faz duas faculdades ao mesmo tempo, estuda línguas, aproveita todas as oportunidades da universidade para se qualificar cada vez mais para o mercado de trabalho.

Semelhante o discurso de **Moa**, que busca sua liberdade e independência financeira, e que não quer constituir família mas, contraditoriamente, acredita ter escolhido um curso que não lhe dá alternativas de ser autônoma financeiramente e já se encontra casada há quatro anos. Em seu discurso, afirma que não quer ter uma vida “do lar” como a de sua mãe, no entanto já vislumbra a possibilidade de não mudar de local de residência para buscar trabalho em outro local, demonstrando seguir proximoamente os passos da mãe. Tanto **Bia** quanto **Moa** apresentam contradições entre o que é dito no seu discurso e sua ação, ou seja, o seu modo de

vida. Isto não significa que os valores familiares ou os modelos sejam de qualquer forma assimilados de forma imediata, são mediados, e apontam contradições, contraditos ou interditos nos seus discursos.

Sobre o desejo de autonomia existe uma ânsia por liberdade e independência, e uma percepção de que o trabalho futuro trará isso em suas expectativas e projetos de vida. Seu pensamento, no entanto, é presentificado pelo discurso do desemprego e medo da não inserção, surge então uma secundarização dos sonhos mais ambiciosos com os de ter família e os filhos. **Bruno** diz, por exemplo que a família é importante, porém é secundária em seus planos, como para **Máximo, Barbi, Tali, Suzi e Leo**.

Aspectos como a **sobrevivência e ganhar dinheiro**, são mais importantes que aspectos do ser feliz e se realizar através do trabalho, ou ainda constituir uma família. Confirmando o pano de fundo pressuposto, de que o valor do trabalho se transformou em emprego, e se esvaziou de um sentido mais amplo, significando somente a possibilidade de acesso aos bens de consumo.

O que importa ao universitário **é ter um emprego**, um cargo ou função predeterminada, envolve o trabalho, mas pressupõe a subordinação a quem emprega, remuneração e outros direitos e deveres pertinentes à condição de “empregados”. A palavra emprego aparece como sinônimo de trabalho em todas as entrevistas realizadas, embora alguns universitários pontuem diferenças conceituais entre ambas as palavras.

Fabi está procurando por emprego em São Paulo, **Bruno** também procura por um bom emprego que lhe traga alguma segurança, **Moa** acredita que um emprego público é a única alternativa para obter a segurança que necessita, **Leo** quer um trabalhar na administração pública e financeira e também ambiciona um emprego. Para a maioria dos universitários, é fundamental pensarem em um emprego para depois terem condições de fazer outras escolhas profissionais e pessoais.

As relações que estabelecem entre a universidade e as perspectivas de continuidade dos estudos estão bem evidente nas amarras dos seus discursos. Para **Máximo e Bia**, o mestrado é certo enquanto opção de futuro. Como nos diz **Fabi**: *Porque lá, além de inglês, você tem que saber espanhol, lá tem que ter duas línguas. Quem sabe falar também italiano e francês.* O dever de continuar se qualificando aparece em todos os discursos dos universitários, como uma condição *sine qua non* em seus projetos.

Semelhantes perspectivas cruzam os projetos de **Bruno** e de **Máximo**, o desejo de transformação da sociedade está presente em quase todos os entrevistados, e, contraditoriamente, tão presente quanto os sonhos de consumo como comprar uma casa própria, um carro ou ter dinheiro. Se os valores prioritários são os bens materiais, os sentidos do trabalho estão relacionadas com os melhores empregos e salários.

No contexto universitário, a alta competitividade instalada se revela como importante no dia a dia do aluno, em sua vivência na busca pelos melhores (IAA) índices de aproveitamento acadêmico. Não pela necessidade do saber em si, mas pela importância relativa que o desempenho acadêmico tem nos processos seletivos que são realizados dentro da universidade.

Conforme são apropriadas as percepção do mercado, pode-se encontrar projetos de vida mais ou menos ambiciosos. Em cada discurso, vários pontos parecem sugerir que a força do mercado de trabalho os está empurrando para um determinado caminho inexorável. No presente, a razão de seus atos, os motivos e valores perseguidos para buscar segurança, justificam de alguma forma uma transformação da realidade posta, no caminho de se defender de um sempre presente sentimento de vulnerabilidade.

A coerência do discurso se dá vinculada com a expressão mercado de trabalho, revela o sujeito a negociar com a realidade em suas incertezas permanentes. O sentido é complexo e o mercado de trabalho, é algo sem sentido,

sem norte e sem direção, mesmo assim fazem suas escolhas profissionais em função deste imaginário mercado de trabalho.

Toda a ação de escolha do sujeito se encontra relacionada também com os outros significativos para além do mercado de trabalho. Em um conjunto de relações e mediações sociais, familiares, amigos, colegas de grupo, trazem um novo sentido para o trabalho. Por exemplo, o caso do aluno Gil que recebe a informação de que o melhor caminho para aprender o idioma inglês é ir para a Irlanda. Reafirma o discurso do outro, e busca, ao mesmo tempo, a confirmação de sua ação e de sua escolha, que só faz sentido perante a presença do outro, o outro, com que se (re)negocia novos sentidos para novas ações.

Passamos a analisar de modo mais acurado esta dinâmica de formação dos sentidos com as várias contradições nos discursos.

5.3. APONTAMENTOS SOBRE CONTRADIÇÕES NO DISCURSO

“O trabalho é uma coisa que envolve a vida inteira” (Fabi).

A frase acima nos mostra que o sentido do trabalho está na vida, forma-se a partir dela, e permite ao homem surpreender-se pela sua capacidade de ação e construção de si mesmo. Logo, a história do trabalho é a história de toda e qualquer atividade humana e os sentidos são mediados pertencentes a uma determinada época histórica a que nos foi dado a viver.

Entre as várias contradições no discurso, a relação entre trabalho e vida é um dos elementos fundamentais. O trabalho nunca foi o mesmo na vida das pessoas, submetido a variações históricas nos modos de produção. Configura-se como um símbolo de valor coletivo de uma determinada época, do coletor até o *homo hábilis*, a história do trabalho, é a história da própria vida humana no planeta.

A história de vida dos formandos representam valores que são passados de geração para geração e apreendidos no universo familiar. Como no exemplo de **Gil**: *Eu tenho por base só os meus pais que **trabalham direto** assim, e que tem muito pouco tempo para lazer assim.* Ou no exemplo de **Massay**: *“Meu pai fez*

faculdade e sempre trabalhou desde cedo". Ou no exemplo de **Raquel**: *"Então eu vejo os dois como um exemplo muito forte"*. Ou no exemplo de **Chico**: *" não sei se é porque meus pais porque sempre trabalharam desde cedo bastante e colocaram isso como uma coisa importante"*.

O discurso não é algo linear, se transforma a partir das mediações estabelecidas, o critério da vivência no mercado de trabalho altera os sentidos do trabalho. E, de outra forma, qualquer experiência profissional anterior envolvendo alguma forma de atividade também influencia nos sentidos e projetos dos universitários. Como no discurso de **Leo**: *"No momento eu tenho uma proposta para trabalhar lá em Campo Grande e uma outra, como eu fiz o meu estágio na França. No caso faria um treinamento na Bélgica e depois voltava para trabalhar lá na Vega do Sul"*. São as relações em curso, onde o passado interfere no presente e determina expectativas de futuro.

As contradições surgem pela mediação da atividade. A maioria dos alunos fez estágios e vivenciou o processo de trabalho o que processa transformações de sentido ao longo de seus discursos, como no caso de **Bia**: *"mas quando você vai para o mercado de trabalho, você começa a criar mais dúvidas..... porque o professor te fala uma coisa daí você vê no mercado outra, então eu acho que isso dá uma riqueza maior para a construção do conhecimento nécria o conflito, foi o que eu vi quando eu fui fazer estágio"*.

Existem valores coletivos do trabalho, apropriados pelos sujeitos que incluem diferenciações de papéis sociais e definem o que é ser um trabalhador e desempenhar uma profissão. Contradições marcadas no discurso, como nos exemplifica **Máximo**: *"eu via dos engenheiros, era isso, era na frente do computador. Trabalhando o dia todo com um AUTOCAD, ou um Acatia, ta entendendo, fazendo projetos assim. Não é muito a minha linha. Bloco de motor, comando valvular, desenho, não é isso que eu quero"*. O processo de observar o trabalho dos outros de participar do contexto laboral, vai alterando a sua percepção do trabalho, dividindo e alterando as referências entre o desejo do trabalho intelectual e a prática profissional. Algo que situa o sujeito entre o saber fazer e o ter que desempenhar determinada tarefa.

Em cada período histórico, esta apropriação apresenta-se relacionada com o uso da força, da ação humana, intercala a esfera doméstica e a esfera pública, incorpora também em cada cultura as noções de gênero, do trabalho masculino e do

trabalho feminino. Estas diferenciações de posições particulares dos sujeitos são elementos de análise, nos quais se pode captar os sentidos do trabalho. Como nos diz **Bia**: *“eu vou estar fazendo o papel de mãe...nunca se sabe...de esposa...então a gente tem que pensar nisso já. Não é só achar que a mãe... a vida inteira vai passar... a mãe vai estar ali o tempo todo né”*. As contradições oriundas do papel de ser na esfera doméstica, mãe e esposa, se contrafazem com os papéis de ser na esfera profissional. Como nos diz **Moa**: *“Porque eles sempre trabalharam muito, o pai sai de casa muito cedo e volta tarde e a mãe sempre cuidou do dinheiro e do orçamento”*.

Esta dimensão do trabalho está impregnada por mitos e valores sobre o que é ser mãe e ser esposa, são crenças e suposições tecidas sobre o que é ser um trabalhador e (re)significam sentidos construídos. Buscar o sentido é também revelar a sua incompletude, segundo Bakhtin (2003) o discurso ainda é uma obra aberta inacabada, os sentidos que os universitários atribuem a realidade aos acontecimentos, são produtos das motivações, da memória discursiva, dos interdiscursos, que orientam os sentidos do trabalho presentes em suas vidas.

A seguir a análise dos discursos nos fornece pistas de quais são as amarras discursivas que compreendem um sentido particular do trabalho para cada sujeito e que detém e/ou retêm ao mesmo tempo as dimensões do coletivo. Buscar condições básicas de vida mas na realidade quer ser independente dos pais. **Fabi**: *“...prover condições básicas da vida, lazer, alimentação, o trabalho para mim é mais ou menos uma forma de eu poder me manter, né.”* Em outro trecho de seu discurso *“ Sem depender mais dos meus pais.”* Para **Bia** a contradição se situa entre o ter tempo para viver e o viver uma vida sem tempo, como sua mãe: *“É arranjar um emprego... ganhar dinheiro para crescer, para aprender realmente.”* Em outro trecho: *“...eu acho que eu preciso de mais tempo pra mim. Eu sei é que eu não quero viver só pro trabalho, que eu não quero ser escrava do trabalho assim.”*

Bruno não encontra saídas para se realizar através do trabalho, o sentido do trabalho é um coisa clássica, não existe contradição pois não tem saída, algum trabalho tem que ter: *“ ... ter uma vida estável e... essa coisa mais clássica mesmo.* Em outro trecho explica o porque: *“Se eu não tiver um trabalho eu vou fazer o que da vida. Se eu não tiver trabalho, não tem outra saída, algum trabalho tem que ter nem que seja na área acadêmica.”* Aqui se acentua uma visão desmerecida da profissão de professor. Para **Moa** o dilema está entre ser ética consigo mesmo,

manter seus valores, mas sabe que o trabalho pode lhe pedir para fazer tudo, então demonstra a submissão aos ditames do mercado em seu discurso: “... *fazer o meu trabalho com **uma ética**.*” “*Mas assim aquela coisa de vestir a camisa, trabalho pra mim, eu sei que não é aquela coisa de você sair as sete e voltar as seis não, pode ser ficar até a meia noite..., pode **ser tudo** isso...*”. **Máximo** a contradição está entre o produzir e o curtir: “*agora eu acho que é hora de produzir... de produzir... “curtir a gente começa a pensar depois do 30 ou 35.”*

Raquel encontrar trabalho ou realizar-se: “*...e tudo o que eu estou fazendo hoje, é para eu encontrar um trabalho... para eu me realizar profissionalmente ...mas isso não acontece muitas vezes, eu acho... com muitas pessoas, mas eu acho que deveria ser assim... para mim é assim.*”

Leo a contradição está entre economizar mas ao mesmo tempo não ser voltado para o dinheiro: “*como eles pagam bem, relativamente bem, daria para **economizar** um pouco. Eu não quero passar toda a minha vida pessoal em função do trabalho, meus amigos minhas relações pessoais. Não quero que faça parte da minha familiar, ficar falando disso. E também uma coisa que me choca um pouco neste curso de mecânica é que as pessoas são muito voltadas para o **dinheiro**.*”

Barbi encontra-se em uma situação de ver o trabalho como coisa séria diferente da brincadeira que via no trabalho, quando era criança, mas ao mesmo tempo deve encontrar satisfação, e para isso é importante se gostar do que faz: “*Foi importante porque a partir daí que eu comecei a **levar a sério** o trabalho, eu vi que foi a partir daí que eu comecei a levar a sério, porque antes **era só brincadeira**. Porque tudo que eu consigo fazer com satisfação eu consigo fazer melhor.*”

Massay as amarras discursivas se situam entre o trabalho ser o principal da vida, ou ser um dos aspectos da vida da pessoa.: “*É algo que você vai ficar fazendo a maior parte do tempo de sua vida....Eu ultimamente eu não sei ... não tenho pensado tanto assim....tenho pensando em deixar o trabalho só como mais uma maneira.... um dos aspectos da vida pessoal.* Para **Gil**, o desejo de ser um conformista e se adaptar se choca contra a pessoa inconformada com as condições de trabalho: “*Eu quero uma casa com um **quintal grande** quero que meus pais venham me visitar ...eu sou muito conformista é isso...Agora também eu não sei se escolhi o curso certo, porque eu **não concordo** com estes tratamentos, porque ele acabam destruindo os alimentos né.* Para **Chico** a posição de conformação com os ideais paternos, faz com que o sujeito se situe como workaholicke para mostrar a

importância que tem: *“sempre fui meio workaholick, meus pais sempre trabalharam desde cedo bastante e colocaram isso como uma coisa importante... “não consigo, não trabalhar, nem ficar duas semanas de férias sem fazer nada, porque eu fico agoniado, sem trabalhar eu acho que é fundamental. Porque onde você mostra a importância que você tem no meio em que você está”.*

Para **Tali**, o desejo de realização singular, remete ao mesmo tempo ao coletivo de cumprir com as suas obrigações: *“Ahhh eu espero... uma coisa que me realize, que me **deixe feliz...** que eu consiga é... assim fazer... cumprir as **minhas obrigações.**”* Para **Tonico**, em sua visão de ecomista a necessidade de subsistência é o imperativo do trabalho em sua vida: *“ É eu e meu irmão, começamos a trabalhar por uma necessidade. Eu na minha subjetividade eu **não sou nada** eu sou vinculado ao sistema capitalista de produção de mercadoria... e aquilo que eu recebo, como ... fruto do meu trabalho, nada mais é do que um modo da **minha subsistência**, para eu produzir a minha subsistência.*

O valor de troca esta no abstrato para **Suzi** também o trabalho tem o sentido de obrigação e o valor de uso no trabalho concreto, conforma um projeto de ser onde o trabalho é um misto de obrigação e realização: *“ O trabalho para mim, eu acho que é uma mistura assim de obrigação com realização Você não consegue dizer que é só um ou só o outro, assim você tem que trabalhar porque precisa de dinheiro para viver. Ao mesmo tempo é uma **ocupação** para **se sentir útil**, se conseguir fazer alguma coisa que se gosta, se sentir útil e conseguir construir alguma coisa realizar...”.*

Apresentou-se o sentido do trabalho sobre várias contradições: sobreviver é depender do trabalho. Por outro lado ser livre e independente é não viver só para o trabalho. Obter o resultado e o produto do trabalho e ao mesmo tempo ter ética. O trabalho é um esforço mas serve para transformar em algo melhor a vida das pessoas, o sujeito tem o dever de encontrar o que gosta de fazer, mas isso não significa que seja capaz de o encontrar. O trabalho é uma coisa séria mas deveria ser brincadeira; é o principal da vida, mas deveria ser só uma parte dela. Requer um conformismo, mas uma decisão de inconformidade, serve para mostrar a sua capacidade, mas isso é desafio para si mesmo. É uma obrigação mas também traz uma gratificação. Serve para se produzir e reproduzir a vida, mas deveria servir para realização pessoal.

Nas falas destes universitários é possível localizar a **centralidade do trabalho**, o discurso se faz sobre uma história singular, na qual apreenderam valores dos outros significativos em suas vidas, seu pais, colegas, professores e demais atores sociais. O trabalho apresenta uma natureza ambígua, ora sentido como algo que proporciona valor substancial na vida das pessoas, ora atividade extenuante, esforço ou sacrifício, ou perda do tempo da vida. O fato é que a escolha de uma determinada “palavra” para citar, descrever ou interpretar o sentido do trabalho, permite demonstrar além da centralidade do trabalho, as contradições, os discursos que não podem ser feitos, os interditos .

O fenômeno da sua “palavra” na formação discursiva, capta-se em seu movimento. Nesta análise, compreendemos que os sentidos do trabalho são múltiplos, por vezes contraditórios, revelam a história de vida dos sujeitos e sua reflexão sobre o real. São processos complexos e por vezes antagônicos e/ou complementares. Os sentidos se metamorfoseiam, se transformam, na atividade discursiva, sobre aquele que fala e para quem fala, alteram diferentes posicionamentos de vida, distintas direções, que cruzam significados coletivos com sentidos pessoais e particulares na intertextualidade em que são produzidos. Em um quadro comparativo, buscou-se apresentar de forma didática, as dicotomias nas orientações dos sentidos.

O significado do trabalho Percebido a partir de um coletivo dicionarizado sobre o trabalho.	O sentido do trabalho Revelado pela sua orientação para uma direção específica, compreende a intenção subjetiva declarada no discurso, envolve a partícula ser e sua base afetivo-volitiva.
Esforço Difícil Pesado Objetivo Resultado Obrigação Sobrevivência Condição básica da vida Luta Atividade Produto Responsabilidade Dinheiro	Ser útil socialmente Ser satisfeito Ser reconhecido pelo seu trabalho Ser criativo Ser livre Ser autônomo Ser construtivo Ser realizador Ser criativo Ser respeitador Ser transformador Ser feliz Ser capaz de fazer o que gosta Ser capaz de ajudar as pessoas

Tabela 1

O significado do trabalho está relacionado com adjetivos coletivos que descrevem a ideologia do trabalho, uma relação entre o sacrifício e a recompensa. É comum nos discursos dos universitários adjetivos que significam o trabalho enquanto esforço, luta e obrigação e revelam **uma ideologia** do que é ser um trabalhador. Para suportar esta polaridade negativa do trabalho, é preciso estabelecer uma relação com os resultados ou produto do trabalho, a recompensa .

Na segunda coluna, o sentido que constitui um núcleo da palavra trabalho atinge uma esfera do ser, diz respeito a uma dimensão mais singular de cada formando e de certa forma predomina uma polaridade positiva do trabalho. A intenção discursiva daquele que fala é revelada em seu discurso: ser realizador, criativo, feliz e capaz de fazer o que gosta, são exemplos de uma orientação, da direção que se pretende tomar na vida, onde o “trabalho” é vivenciado com um determinado sentido particular. A apresentação da tabela não anula as dicotomias entre os significados e os sentidos, mas serve para demonstrar como estes se complementam e metamorfoseiam na produção dos discursos.

Subjetivamente, a “palavra” que existe para a pessoa que fala aspectos: como palavra da língua neutra, não pertencente a ninguém, como palavra alheia dos outros cheia de ecos e de outros enunciados, e, por último, como a “minha” palavra, porque eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada (Bakhtin, 2003). São estas modalidades que valem para um conjunto de signos que nas experiências do trabalho, são marcadas por juízos e valores a partir de um próprio contexto vivido, representante singular de toda uma conjuntura histórico-cultural.

Para se ilustrar estes aspectos, apresenta-se o discurso de **Fabi**: “O trabalho é... **alguma coisa** que permita fazer aquilo que tu queres, em termos de lazer, estudos, satisfação, possuir os bens do trabalho, uma moradia, ter um carro, o teu trabalho, tem que prover isso, as condições básicas da vida e **o lazer**. O básico assim né, a alimentação, poder ter **condições de vida** e poder **melhorar** né.”

Segundo Bakhtin (2003), a pureza semiótica diz respeito a circulação da palavra trabalho como um signo ideológico. Enquanto a possibilidade de interiorização, a palavra liga a consciência do sujeito com o mundo exterior. A palavra funciona então tanto nos processos internos da consciência como quanto nos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas. A neutralidade da palavra diz respeito ao fato de que a palavra pode assumir qualquer

função dependendo da maneira como aparece no enunciado concreto. Ou seja como signo, com um conjunto de valores e virtualidades recebe uma carga significativa em cada momento de seu uso.

A palavra “trabalho”, na modalidade de língua neutra “alguma coisa”, apresenta seu tom neutro, coisa significa algo comum. O fazer é característico do pensamento do trabalhador contemporâneo, a atividade descreve o fazer algo, trabalhar equivale a uma atividade, ao “fazer”. No segundo aspecto, a palavra está cheia de ecos e de outros enunciados “*lazer... estudos... satisfação... possuir... ter ... prover...*”. São ecos de uma época e representam os desejos, refletem o modo como vêm os envolvidos no trabalho, são aqueles que detêm o poder de consumo e podem o ter: **condições básicas da vida**.

O terceiro aspecto ou modalidade do enunciado é como a “minha” palavra, é quando o sujeito se coloca no discurso, e opera uma intenção discursiva determinada “*ter condições de vida e poder melhorar né.*” A intenção apela para uma concordância com o interlocutor expressa na palavra “né”, afirmando que existe no sentido pessoal e particular um sentido coletivo. Afirma a crença comum no trabalho, o sentido subjacente expresso é de que só se pode crescer, ou melhorar na vida a partir do trabalho, então é a criação e ao mesmo tempo o uso de si.

A consciência de que a vida é mais importante do que o trabalho é expressa nas palavras, envolve o pensamento e os afetos e conforma um discurso de ambigüidades ao confirmar tais valores. A imposição da atividade sobre os formandos, faz com que se relevem textos nos quais o conceito do trabalho é caracterizado pela forma com que ele assimila uma cultura e uma ideologia do trabalho .

Os discursos se apóiam na cultura coletiva, que define o trabalho como algo que *envolve a vida inteira*, pois, para se inscrever na sociedade produtiva, é necessário compartilhar seus valores, temores, normas e obrigações sociais, ou seja é ser produtivo, o que lhe é permitido ser é um “eu” produtivo.

O modo possível do ser social, é naturalizado como “ser trabalhador”. Os acontecimentos da vida no texto dos universitários podem ser traduzidos por uma linguagem única que reflete o desejo de vir a ser um trabalhador. Para os universitários, se tecem objetivos de um futuro trabalho, o desejo de vir a ser profissional através de um emprego incorpora, ao mesmo tempo noções próprias de pertencimento a uma determinada classe social.

O texto produzido em cada fala dos entrevistados, revela o sentido expressivo de cada palavra, oração e enunciado, e permite adentrar a expressão do falante, compreender em sua subjetividade. Ao mesmo tempo, a formação do seu discurso representa a ligação entre o singular e o coletivo, forjada sobre imagens idealizadas sobre o trabalho, em amarras tecidas ao longo do discurso. No entanto, para Bakhtin (2003), ao levar em conta o individual e o social, deve-se considerar não só as polêmicas políticas, culturais e econômicas que refletem visões de mundo diversas, mas também a fala como fenômeno que vai moldando a opinião do locutor imediato.

Nos campos substantivos, o coletivo e o singular se cruzam, configuram-se expressões e se produzem mesmo que minimamente, novos sentidos. Revelam o sujeito criador de novas expressões de sentido, situado socialmente enquanto ator social, mas produtor de sua obra, enquanto autor do discurso.

Localiza-se um seu lugar de autor-criador e produtor através de disposições de unidades particulares: a vida, a família, os bens, o lugar do salário, do dinheiro e do consumo, assim como um lugar para a liberdade aparecem nas tramas discursivas. São palavras selecionadas e eleitas, por cada um dos universitários porque são aquelas palavras que consideram importantes para e (na) sua vida.

Procurou-se demonstrar que o primeiro elemento ou unidade de análise, na questão dos sentidos do trabalho, é que o trabalho está atrelado a um sentido vital, o binômio trabalho e vida, tem um valor fundamental para os universitários, e representa um propósito que foi construído ao longo de uma trajetória na universidade. Se a reflexão sobre a linguagem está fundada na relação, é importante o lugar do outro, na produção do discurso, o lugar da autoria e da assinatura. O ser para o trabalho, é o ser útil socialmente, ser satisfeito, ser reconhecido, ser criativo, ser livre, ser autônomo. Ser capaz de ser construtivo, realizador e transformador da realidade. O valor positivo e afirmativo do trabalho, evidencia-se na declaração de intenções dos universitários.

As experiências que o homem faz de si no trabalho se encontram associadas às experiências vivenciadas e enraizadas em sua história profissional e pessoal, integrando a formação da pessoa, sua experiência de vida, seu patrimônio vivido. Observa-se, no entanto, **a desvinculação do conteúdo** e do processo do trabalho, ou seja, não importa o que fazer e nem o como, importa o resultado, o

valor do dinheiro, reduzindo o trabalho à dimensão do emprego. A atividade criativa que deveria estar envolvida e valorizada no trabalho acaba por se perder como uma tarefa cada vez mais simples e repetitiva. As experiências e/ou conhecimentos humanos amplamente utilizados no processo produtivo deveriam servir para resignificar e revalorizar a ação humana.

5.4. DIMENSÕES SINGULARES

*E isso é o trabalho para mim, uma coisa que tem que ser boa, que tem que ser gratificante, a vantagem é que eu fiz um curso, com que eu me identifiquei.”
(Moa)*

No caso em epígrafe, **Moa** utiliza a palavra trabalho para produzir um determinado efeito de sentido. A propriedade da palavra aparece sob a forma deste efeito que o sujeito pretende provocar no seu interlocutor. Deste ponto de vista, pode-se identificar com o trabalho, pois é uma coisa boa e gratificante. De um modo geral, a explicação pessoal no seu discurso faz com que o sentido do trabalho assuma certa positividade, “*tem que ser boa*”. O sujeito falante, dialoga e confirma os seus valores sociais, explicitando sua identificação com o curso “*eu fiz um curso com que eu me identifiquei*”.

As variações do texto dos universitários afirmam aspectos de valores do trabalho e dimensões particulares, o elemento comum é que no diálogo a palavra trabalho é ressignificada, passa pela conscientização do outro, o interlocutor e dissemina a aceitação e valorização de atributos relativos ao trabalho. A comunicação desencadeia um processo interno de interpretação e de expressão de um sentido que passa uma determinada imagem de si mesmo.

A palavra que os universitários utilizam para dar sentido ao trabalho pode diferenciar-se primeiramente na amplitude e profundidade que o conceito de trabalho adquire na formação discursiva. Porém toda a ambigüidade deste conceito é revelada nos discursos. A centralidade do trabalho remete ao referente do emprego sendo demarcada pela condição singular e econômica de vida dos universitários. Revela-se um sujeito a negociar com o papel do ser como um sujeito trabalhador, ou especialmente identificado com o trabalho.

Em alguns discursos, se apresenta uma sobreposição do valor do trabalho sobre o valor da vida, em outros, uma justaposição ou ainda uma subposição do trabalho como elemento agregador de valor à vida, como pretendeu-se demonstrar.

As polaridades negativas do trabalho são expressas nos discursos de Polaridade negativa: **Bia:** “*Então o trabalho, ele é uma maneira que você tem de sobreviver*”. **Bruno:** “*nesta fase da minha vida é ganhar dinheiro, só isso*”. **Tonico:** “*eu sou obrigado a vender a minha força de trabalho para sobreviver.... né*” e **Suzi:** “*É muita atividade, eu sei e as pessoas sabem que não podem só trabalhar, e só fazer isso, porque senão a vida não vai ter sentido*”.

Polaridade positiva dos sentidos do trabalho expressa nos discursos: **Fabi:** “*O trabalho é uma coisa que envolve a vida inteira*”. **Moa:** “*O sentido do trabalho para mim tem que ser uma coisa gratificante, onde eu possa criar, onde eu tenha liberdade*” **Máximo:** “*O trabalho é um esforço que a gente faz para o próprio bem estar.*” **Raquel:** “*O sentido do trabalho é isso fazer o que se gosta.*” **Leo:** “*Eu vejo assim o trabalho, para mim eu quero algo que seja interessante*”, **Barbi:** “*Hoje para mim o trabalho, eu quero um trabalho que me realize*”, **Massay:** “*Eu penso que o trabalho, é assim o principal na minha vida*”, **Gil:** “*Então talvez eu tenha que buscar no trabalho o meu lazer né, talvez...*”, **Chico:** “*Eu vejo o trabalho como uma atividade mesmo, não é o fim mas é ... a maior parte talvez até da vida da pessoa*” e **Tali:** “*O trabalho é se esforçar, cumprir seus objetivos de vida, ser feliz, é muita coisa. Não tem um significado único*”.

Portanto existe uma predominância da polaridade positiva do trabalho, mas a diversidade dos sujeitos revela em cada expressão um caráter singular. Primeiro, porque se atrelam a unidades de significação relacionadas com elementos simbólicos da vida e da sobrevivência e, em segundo, porque pode dizer o que quer que seja dito, ou seja pode construir um projeto discursivo de si mesmo, com uma determinada intenção e para um determinado interlocutor a fim de produzir um determinado efeito de sentido.

Os sentidos são tecidos dinamicamente sobre as intersubjetividades, sobre o seu ser, e sua possibilidade de ser através do trabalho. Demonstram um elo entre vozes, estilos sociais, personagens, autores e criadores de sentido, na cadeia interminável dos atos da fala que precede e sucede, a presença de cada homem no mundo em uma determinada cultura. Na sociedade contemporânea, a necessidade

do trabalho humano ainda é fundamental tanto na sua materialidade, produção do seu modo de viver, como na produção de sua subjetividade.

Podemos dar conta do real através do simbólico, os símbolos atrelados ao trabalho mantém a condição de sobrevivência pela ação do homem, voltada para a reprodução de sua própria espécie. No discurso, é o que é dito, o que é expresso como: **“esforço, obrigação, sacrifício e sobrevivência”** etc. veiculados historicamente sobre um eixo bipolar, em cujos extremos se figuram a representação de algo bom, positivo e desejável: **“lazer, gostar, criar, ser livre”**, por outro lado, de algo mal, ou negativo e indesejado.

Os sentidos singulares remetem ao coletivo na formação discursiva, pois as ações dos universitários estão prioritariamente voltadas para o contexto da competitividade na busca pelo emprego. O sentido está, por assim dizer, limitado ou aprisionado por uma ação cotidiana, um modo de vida direcionado para a ideologia do sucesso, do dinheiro rápido e fácil inclusão no universo do consumo. Sem atribuição de juízos de valores sobre os universitário está lógica é um fato facilmente constatável na universidade.

A transformação da realidade social brasileira também é motivo de mobilização dos desejos de trabalho dos formandos, no exemplo, **Máximo**: *...eu não, eu não consigo ficar contente com as limitações que a gente tem de mercado, as limitações que a gente encontra hoje no Brasil*. Analisando o discurso acima, os sentidos do trabalho singularizam valores e percepções pessoais do sujeito, que passa na sua intencionalidade a possibilidade de transformação social. É emblemático o fato do aluno em questão buscar a carreira política e já ter constituído um pequeno partido em sua cidade natal.

Nesta perspectiva, existe uma dimensão da positividade do sentido, característica do trabalho criativo e que pode ser compreendida como uma possibilidade de realização do potencial humano. Porém, o trabalho, além de refletir uma determinada realidade, situada histórica e culturalmente também a refrata através das singularidades deste humano, de suas marcas pessoais, na construção de sua história e trajetória de vida.

Um processo que depende, por um lado de circunstâncias sociais específicas, por outro, do sujeito ser capaz de fazer frente a tais circunstâncias e transformá-las. A forma como agrupa unidades de sentido sobre o trabalho se constituem a partir de vivências singulares, como no exemplo de **Bia**: *“agora eu to*

vendo que realmente eu tenho que **entrar no mercado de trabalho**, senão fica difícil eu definir o que eu realmente eu quero”. A percepção da urgência de ingresso no mercado demonstra a forma como o sujeito se relaciona com a sociedade, para conseguir saber aquilo que quer ser, precisa da ação .

A maneira como estas circunstâncias da sociedade são interpretadas pelos formandos direcionam suas ações na vida. No exemplo de **Fabi**: “O básico assim né, a alimentação, poder **ter condições de vida** e poder melhorar né”. O fato de o trabalho estar sendo interpretado como uma condição básica da vida revela a particularidade do sentido, intimamente relacionado com os valores temporais, culturais e históricos que definem o contexto.

Para esta formanda, é através do trabalho que pode-se cumprir com as demais áreas que trazem satisfação pelo viver, o trabalho permite o lazer, na vida é o equivalente ao provedor máximo de sua existência. A palavra se transforma no decorrer do texto, ganha sua riqueza através das ligações discursivas, se o trabalho é como condição para o ser, então este ser pode o que deseja, e revela o seu desejo de poder melhorar na vida.

O sentido do trabalho requer significações pessoais e interpretações que se alteram para cada sujeito, expressão de sua singularidade, **Bia** diz:

*O trabalho é **diferente de emprego** né. Na verdade eu gostaria de ter um emprego, porque tem segurança e tudo mais que oferece um emprego né. Mas trabalho...como eu poderia te dizer....muitas vezes uma coisa que poderia ser prazerosa acaba sendo um sufoco né, ou vice e versa. Então o trabalho, ele é uma **maneira** que você tem **de sobreviver** hoje em dia né, porque sem trabalho, quem é que sobrevive no mundo capitalista.*

Ao considerar a diferenciação de conceitos, percebe que o trabalho tem uma dimensão maior do que uma relação contratual através do emprego. O sentido do trabalho para está pessoa está impregnado da idéia de sofrimento ou sacrifício, remete a uma necessidade de uma ocupação, é através da atividade convertida na forma de emprego que poderá o sujeito ter garantida a sua sobrevivência. Na sua visão o mundo capitalista, demonstra a condenação para a venda da sua força produtiva, porém resume o significado a obter um posto ocupacional em busca de consideráveis definições de poder e de tudo o que oferece o emprego.

A via do emprego é considerada menos como uma condição de subordinação do sujeito ao capital e cada vez mais, diante do desemprego, como uma condição privilegiada. **Bruno** nos diz: “Atualmente o que mais eu to vendo com

*relação ao trabalho agora assim, nesta fase da minha vida é **ganhar dinheiro***". O argumento defendido pelos sujeitos, e que confirma a validade desta afirmação, é que se trata de uma condição temporária ou provisória, pelo menos neste momento específico da transição, entre a vida universitária e a inserção na vida ativa. O objetivo dos universitários é uma opção pelo emprego e sua remuneração fixa, que lhe fornece alguns suportes e garantias futuras, mesmo que temporárias.

Tal situação lhes permite construir projetos de vida e pensar na possibilidade de constituição de uma família. Para a maioria dos entrevistados, os projetos de família são adiados para depois dos 30 ou 35 anos, subordinados que estão às condições econômicas. **Moa**: "*Talvez até diria que todas as outras coisas que eu pretendo conquistar neste projeto de vida, não dependem deste trabalho, vão depender de um **emprego***". A ação de elaborar projetos diz respeito principalmente à ligação entre ao acesso aos bens de consumo e as possibilidades de escolhas de caminhos profissionais, que se acentuam quando da oportunidade de vislumbrar um emprego.

O emprego em si tem seu valor de retribuição direto e de acesso aos **bens de consumo**. Não se pode esquecer-se do valor do dinheiro, como forma de retribuição pelo trabalho e o valor social atribuído ao consumo, como elementos anteriores, que fundamentam a busca de uma atividade segura considerada como o emprego tradicional.

Não é a área profissional, nem tampouco o seu gosto particular por determinada tarefa que conta, mas somente a possibilidade de **retorno financeiro** pelo empreendimento feito até agora e que no momento está em suspenso pela condição da transição. Nesta fase de sua vida pelo menos, como o mais significativo. Em outro trecho **Bruno** nos diz: "*Só isso, porque eu to meio sei lá, não sei falar, **desacreditado** ou um pouco **desmotivado**, talvez com a área, talvez com o que eu quero. Sei lá por que... eu gosto de várias outras coisas, e eu sinto um pouco desmotivado com a universidade*". Na produção de sua narrativa, apresenta certa desilusão com a formação universitária, reduzindo sua profissão para um tipo de trabalho alienado ou sem valor, o que para o sujeito é digno de valor é somente o retorno financeiro de sua atividade, independente da tarefa que irá executar, até mesmo que sacrifique o seu talento pessoal. No caso **Bruno** gostaria de ser um violonista, mas acredita que a música jamais lhe daria o retorno financeiro almejado.

A procura de valores éticos conectados ao sentidos do trabalho pode revelar elementos que são mais significativo para cada um dos universitários. Como no discurso de **Bia**: “ *tem que ter esta consciência de que **não vai poder fazer tudo o que idealiza para por mais que seja uma melhora, vai ter que aprender a discutir bastante isso né***”. O idealizado por **Bia**, que fez Geografia, é um trabalho ético, mas sabe por sua experiência de estágio que não vai poder fazer tudo o que quer, que deve estar preparada para o mercado e para discutir seus pontos de vista.

A submissão a um tipo de trabalho destituído de sentido está relacionada com a visão dos formandos sobre o mercado profissional e a extrema competitividade a que são submetidos. Segundo Antunes (2005), **o trabalho está destituído de sentido** e agora **o emprego é mais significativo**. Porém, encontram-se neste mesmo contexto outros fragmentos de discursos e nos orientam distintos sentidos do trabalho, interligados ao enfrentamento das condições restritivas a manutenção de valores éticos, por exemplo de uma aluna que fez serviço social: **Moa**: “*O sentido do trabalho para mim tem que ser uma coisa gratificante, onde eu possa **criar**, onde eu tenha **liberdade***”. O sentido pode ser perseguido como um valor fundamental para o sujeito, a busca de liberdade é particularmente importante, assim como a capacidade de ser criativo e preservar seus valores éticos.

Entre o que o sujeito considera como moralmente aceitável e aquilo que ultrapassa seus valores pessoais, existe para Clod (2006), um “sistema aberto de regras impessoais não escritas que definem, num meio dado, o uso dos objetos e o intercâmbio entre as pessoas; uma forma de rascunho social que esboça as relações dos homens entre si para agir sobre o mundo” (p. 50). Conforme **Moa**: “*onde eu **não precise me corromper assim de certa forma***”. Os limites para esta formanda entre o que seria um trabalho aceitável, se dão na manutenção de seu gênero social, definido pelas fronteiras do aceitável, da dignidade no trabalho.

Adaptar sua visão é transformá-la ainda para um sentido pessoal e **Moa** nos diz: “ *principalmente onde eu **possa transformar a vida das pessoas que procuram o meu trabalho***”. A relação que estabelece com trabalho é captada em seu sentido máximo de transformação e capacidade de realização do humano pela sua ação e que tenha o sentido de expressão criativa de si mesma e de liberdade. O sentido incorporado tem um valor social mais amplo porque teve acesso a um curso com o qual se identificou, não importa precisamente a retribuição, ou ainda o

contrato, tipo emprego que consiga obter, ela está a busca de um trabalho com sentido, que permita de certa forma a expressão de ajuda ao próximo.

Porém, se os símbolos e culturas definem um tipo de trabalho glorificado, ou prazeroso, também se alternam em um contexto da cultura social do ocidente contemporâneo, onde o trabalho retém o sentido de esforço, pena ou labor. Para ter sentido o trabalho, deve ser percebido como esforço. **Máximo** diz:

*pra mim, o trabalho é **um esforço** que a gente faz para o próprio bem estar, por exemplo, eu quero almoçar domingo, então vou fazer o almoço e vou comer, na verdade o prazer é comer. Então alguns dizem que gostam de cozinhar mas... na verdade o **prazer** é comer. E cozinhar é o esforço o trabalho que eu tenho para fazer algum esforço, para comer, quanto melhor o meu trabalho, melhor o meu benefício. E da mesma forma as relações de trabalho se dão **através da troca**.*

Seu discurso exprime uma criação particular ligada a uma ideologia voltada para o trabalho com aspectos de valores morais, a unidade de sentido. Equivale e combina-se com outros valores, pode-se ter prazer, mas o esforço vem primeiro em uma relação de troca, pois estão em jogo significados que passam por questões mais amplas, pois para ter acesso aos benefícios do trabalho e a satisfação de suas necessidades é preciso o **esforço ou o sacrifício**.

Contraditoriamente, as idéias lhe conferem sentidos particulares ligados ao trabalho, a busca por fazer alguma coisa para alterar as condições de vida das pessoas menos favorecidas, se revela em seu plano político de trabalho. Um sentido do trabalho para além de sua própria vida, está presente no seu discurso como um sentido reconhecido como plural e coletivo da necessidade de transformação do real.

Entre as oscilações de sentidos do trabalho, tendências entre o singular e o coletivo, no embate de tensões e intenções que descrevem o trabalho na subjetividade dos universitários. Um reconhecimento da busca de prestígio ou gosto pessoal do sujeito por um determinado tipo de trabalho que lhe seja prazeroso. Como **Raquel** nos diz: “*bem, primeiro de tudo você tem que **fazer uma coisa que você gosta**, mas isso não acontece muitas vezes, eu acho... com muitas pessoas, mas eu acho que deveria ser assim... para mim é assim. E o sentido do trabalho é isso, **fazer o que se gosta**”.*

Para ter prazer na obrigação do trabalho, existe uma outra obrigação de fazer o que gosta, a variação do sentido reflete a história pessoal de cada um e

representa a forma como o sujeito interpreta e dá sentido ao trabalho. Inserida em uma condição sócio-histórica (pois, além de apresentar aspectos compartilhados por um conjunto de indivíduos, reflete as condições históricas da sociedade, na qual estão inseridos) e dinâmica (no sentido de ser um constructo inacabado, em permanente processo de construção). Como nos apresenta em outro trecho do discurso de **Raquel**:

*que eu quero fazer uma coisa voltada assim mais para **ajudar**, a defender o meio ambiente, as pessoas. Não uma coisa totalmente capitalista, sei lá o mercado financeiro, trabalhar com ações, essas coisas assim. Eu não sei talvez eu esteja errada, mas é que eu quero fazer alguma coisa que **mude** alguma coisa.... Que possa acrescentar.*

O sentido do trabalho apresenta aspectos compartilhados no ambiente familiar, onde a condição de filha que não passou no curso de medicina, tem que buscar uma posição social, que lhe represente um status adequado na família. Assim o sentido sofre uma dinâmica, é um processo em permanente construção.

Outro aspecto é que o sentido não pode ser caracterizado como um movimento linear, em seu discurso se alternam os tempos, no presente, passado e nas perspectivas de futuro. O sentido remete a um passado que era o de fazer economia, no presente para ter um trabalho com algum sentido, é necessário ajudar as pessoas e no futuro sua ambição é ser diplomata. Um campo significativo da inscrição dos sentidos do trabalho para os universitários é o plano da sociedade e uma constante preocupação com o coletivo, defendendo a dimensão do sentido do trabalho para a produção de uma sociedade mais igualitária .

Os sentidos singulares apresentam também o discurso dos outros, no plano da interdiscursividade, como nos diz **Léo**: “*Eu vejo assim o trabalho, para mim eu quero algo que seja **interessante** eu não me vejo na frente do computador, trabalhando só com um software, o dia inteiro eu **quero ter um trabalho** que seja **interessante**”.* A incongruência entre sentidos particulares ter um trabalho interessante e ao mesmo tempo o choque da percepção de uma sociedade voltada para o consumo faz com que apelem em seus discursos para uma dicotomia entre o sentido da vida e o sentido do trabalho.

*Eu não quero misturar tudo, **trabalho é trabalho**, mas eu quero ter a minha vida **pessoal e separar** isso. Claro, eu quero ter trabalho mais é para o **sustento**, basicamente eu acho que é isto. E também uma coisa que **me choca** um pouco neste curso de mecânica é que **as pessoas são** muito **voltadas para o dinheiro**. Eu até fico um pouco chateado, com isso, sei lá.*
(Leo)

A reflexão por um sentido prático do trabalho na vida, é uma via alternativa entendida como forma de conquistar somente a sua retribuição imediata através do dinheiro, assim justifica a colocação do trabalho como uma ocupação destituída de um sentido de realização pessoal onde o sujeito não está inscrito..

*Hoje para mim o trabalho, eu quero um trabalho que **me realize**. Porque tudo que eu consigo fazer com satisfação eu consigo fazer melhor. Eu gosto de começar e de terminar, eu gosto de fazer tudo com perfeição, eu não gosto de deixar nada pela metade, **sou muito perfeccionista**, então para mim, e para eu conseguir ter esta motivação para eu continuar fazendo, eu tenho que **gostar**. (Barbi)*

O discurso de **Barbi** afirma a necessidade do prazer no trabalho e contraditoriamente a obrigação da perfeição do seu fazer.

Na sociedade contemporânea, o sujeito do *self-made-man*, ofuscado pela grande necessidade de perfeição, depara-se com um poder realizador desfigurado, por um lado é o ter que gostar do que faz e por outro a impossibilidade objetiva de poder fazer. Os sentidos se alteram frente a uma sociedade pós-industrial e já sem tempo para pensar sobre suas atividades, o trabalho está impregnado do sentido da vida, assim como está impregnado de uma vida sem tempo.

*Eu penso que o trabalho é **assim o principal** na minha vida. Desde que eu comecei a estudar é algo que você vai ficar fazendo a maior parte **do tempo** de sua **vida**. Você vai ficar oito horas dormindo e oito horas trabalhando. Então o trabalho é o que você **vai fazer** na maior parte de sua vida. É **a coisa principal** assim né. Então tudo o que eu quero, eu quero fazer do melhor e do mais bem feito, então eu sempre pensei que seria sempre... **ah** o trabalho é aonde que eu vou me dedicar mais né? (Massay)*

Se tudo é trabalho, e o sentido do trabalho é a própria vida, o sujeito estar ocupado com o trabalho parece fazer sentido. Seu discurso revela sua origem, sua etnia, são sentidos de seu passado, sentidos atravessados por outros discursos, que conferem a sua narrativa um desejo de perfeição e, ao mesmo tempo, um desalento captado na expressão, em sua decepção com o que afirma que trabalho é tudo na vida.

Tal afirmação é corroborada por outros discursos e se cruzam com outras narrativas sobre o trabalho. **Gil** nos diz:

*Eu não tenho uma idéia muito formada de como vai ser minha vida. Eu tenho **por base só** os meus pais que trabalham direto assim e que tem muito **pouco tempo para lazer** assim. Então, talvez eu tenha que buscar no trabalho o meu **lazer** né, talvez...eu vejo o trabalho como uma forma de*

sobrevivência. Para uns é um **martírio**, talvez se eu achar a área que eu goste seja bom, talvez eu tenha um bom trabalho que me satisfaça.

A busca do trabalho esta relacionada com o que deveria ser : lazer e satisfação entra em contradição com o que é o sentido trabalho é sobrevivência e martírio. O sentido retém em si o passado, ou seja, é tecido a partir de afirmações dos pais, no modo como os pais viveram para o trabalho sendo visto como seu modelo de referência. Transforma-se o sentido do trabalho em instável e transitório diante da visão do pouco tempo para o lazer, o sentido oscila entre o que deveria ser e o que é o trabalho. A produção do sentido se constitui a partir de construções e elaborações sobre o que pode significar ter as condições de sobrevivência, ou algo que traga algum tipo de satisfação, tem um caráter de definição e outro de objetivo de vida. Na fala de **Chico**:

*Eu vejo o trabalho como uma **atividade** mesmo, não é o fim mas é ... o que **na maior parte talvez até da vida da pessoa**. Porque você vê há! Eu to bem na família, to bem casado...tenho filhos etc. e tal, mas no trabalho eu não estou legal, eu acho que é fundamental. Porque onde você mostra a **importância** que você tem **no meio** em que você está, e o meio pode ser às vezes até, sei lá uma lanchonete com três pessoas, que trabalham lá e algumas pessoas que vão lá direto. **Então você tem a importância para estas pessoas e tal**. Então eu vejo isso como uma coisa natural, então você tem necessidade porque faz parte da vida mesmo, você tem teu lado pessoal, tem a família e tem o trabalho.*

Ideologicamente existe um sentido moral social que recompensa e transforma o esforço despendido na atividade em importância pessoal e social, o outro se insere no discurso do sujeito e confirma o valor de ser um trabalhador. O Sujeito afirma com os outros significativos em sua vida, a positividade do trabalho, o sacrifício profissional, é uma medida da importância individual, resposta do sujeito um apelo coletivo pelo trabalho. Para ser uma pessoa importante no contexto familiar o sujeito deve ter uma atividade, ser um trabalhador para no final atingir os seus objetivos e desejos. E **Tali** nos diz que:

*O trabalho é se esforçar, cumprir seus objetivos de vida, ser feliz, é muita coisa. **Não tem um significado único**. Ahhh eu espero... uma coisa que me realize, que me deixe feliz e que possa trazer também né **resultados**, que eu consiga é... assim fazer... **cumprir** as minhas obrigações, que eu consiga atingir meus **objetivos**, cumprir com o que me foi **pedido**, e não só isso também eu acho que a gente tem sempre que **buscar mais** e não ficar limitado ao que é **pedido**...*

Encontra-se no sentido singular uma gratificação esforço pessoal na busca da felicidade, sendo caracterizado como uma obrigação o trabalho significa a possibilidade do sujeito cumprir seus objetivos. Existe uma conformação de uma subjetividade acentuada sobre uma identidade profissional. Esta identidade profissional é o elo entre o sentido do trabalho e o projeto de vida dos formandos. Como trabalhador, é seu dever moral não só cumprir com responsabilidade suas atividades, mas ir além a seu papel social. Sua identidade é construída através da inter-relação do subjetivo com o objetivo, sendo o trabalho ou o futuro trabalho um importante elemento na construção da mesma. Conforme Ciampa (1985), formamos nossas identidades a partir de nossas ações, daquilo que fazemos, em condições materiais e históricas dadas, sendo o trabalho uma categoria central na vida de cada um.

O sentido singular de inserção social no papel do trabalhador é interiorizada pelo aluno ao afirmar:

*Eu não tenho como **me reproduzir** de outra forma, eu sou obrigado a vender a minha força de trabalho para sobreviver... né. Eu na minha subjetividade eu **não sou nada eu sou vinculado** ao sistema capitalista de produção de mercadoria ... e aquilo que eu recebo, como ... fruto do meu trabalho, nada mais é do que um modo da minha subsistência, para mim produzir a minha subsistência... para me reproduzir para **continuar vendendo a minha força de trabalho**. É assim que eu penso hoje o sentido do trabalho. (Tonico)*

Para legitimar seu discurso de economista, o sujeito apresenta uma fala onde se observa o trabalho transformado em mercadoria e transformando o próprio trabalhador em mais uma mercadoria, para negociar com o capital. O sentido do trabalho subsumido e que reduz o trabalhador a uma mercadoria, apresenta uma conotação de fatalidade, pois no modo de produção capitalista não se encontraria outra forma de viver.

Em outro discurso, observa-se a consciência de que o trabalhador é cada vez mais um sujeito de deveres e poucos direitos. O sentido singular do que pode vir a ser, o engrenar na lógica capitalista, que Tonico já havia desvelado, é corroborado por outra universitária, **Suzi**:

*Não sei por que ao mesmo tempo é **difícil** né, porque sei lá é difícil ninguém vai querer que você **trabalhe só seis horas**, ou é oito ou nada geralmente. E tem mais todos os compromissos e tal. É muita atividade, eu sei e as pessoas sabem que não podem só trabalhar, e só fazer isso, porque **senão a vida não vai ter sentido**, e as coisas não vão dar certo né... uma hora vai dar problema ou alguma coisa. Só que eu também **não sei como***

solucionar né, porque também, não dá né... não sei como é que vai negociar isso.

Essa situação permitiu conhecer as condições de vida e o acesso à formação e informação profissionais recebidas durante o período universitário e como vivenciam a transição para o atual mercado de trabalho. Contexto onde o desemprego já faz parte da experiência desta geração, através dos pais e ex-colegas, experiências mais próximas que promovem uma circunstância de medo em relação ao seu próprio futuro profissional. As incertezas quanto ao futuro advêm com frequência em períodos de grande crise econômica:

"[...] após uma crise econômica de grande dimensão, a incerteza quanto ao futuro domina todos os esforços de reconstrução de novos quadros sociais: os do passado já não são pertinentes e os do futuro ainda não estão estabilizados" (Dubar, 1997, p.13).

A incerteza pode promover uma certa limitação das expectativas a respeito do futuro universitários quanto à construção de seus projetos de vida. O sentido do trabalho se transforma e passa a ser importante para uma vida inteira, **Fabi** afirma que: *"O trabalho é uma coisa que **envolve a vida inteira**".* A vida, para se reproduzir, necessita "possuir os bens do trabalho". O trabalho deve servir para prover a vida: *O teu trabalho tem que **prover** isso, as **condições básicas** da vida e o lazer.* O trabalho é uma forma de independência e manutenção da própria vida, ela continua: *E o trabalho para mim é mais ou menos uma forma de eu poder **me manter**, né? Sem depender mais dos meus pais.*

Além disso, o trabalho precisa ser dotado de sentido, de gosto pelo que se faz. **Fabi**: *"Hoje eu trabalho, eu gosto do que eu faço, mas eu não to bem remunerada, e isso é uma coisa básica".* O trabalho também é um local de aprendizado: *"Eu trabalho numa empresa que presta serviços pro Estado, mas eu já fiz estágio fora, na CASAN, eu **aprendi** bastante coisa lá".* O trabalho deve permitir, também, o lazer: *"Trabalho, para mim, tem que garantir o básico, né? Alimentação, moradia, ter um tempo para você, para **o lazer**".*

Na ordem de uma cultura do trabalho, não se pode pensar a vida sem trabalho, ou o trabalho sem a vida. Na condição humana, desde os mitos fundantes

de origem até aos nossos dias, transmite-se culturalmente um legado histórico comum. A cultura está relacionada com um carácter duplamente instrumental, técnico e simbólico da atividade humana. Trabalhar garante a sobrevivência, por outro lado a vida não pode se resumir ao trabalho e devendo ser maior do que a atividade empregada para a sua manutenção e reprodução. Existem outros aspectos simbólicos relativos a uma vida dotada de sentido ter tempo para realizar as outras atividades: o lazer, a família e os filhos a busca pela felicidade para além do trabalho de reprodução da vida.

Se o sentido da vida se refere à totalidade da vida em si mesma em suas possibilidades de existir, os sentidos instrumentais do trabalho se relacionam com uma dimensão emocional salientada pelos discursos dos universitários, na expressão “o trabalho é esforço”. Está patente uma dimensão da vida penosa e estressante do trabalho que atravessa a experiência existencial e antropológica de cada sujeito. Porém, além desta dimensão, o sentido do trabalho pode ser visto como o que permite a realização e mediação dos relacionamentos através do quais se pode atingir sua autonomia e independência financeira. A condição social impõe-lhes limites e constrangimentos incontornáveis em termos de necessidades básicas, responsabilidades e compromissos, são os projetos de vida assumidos ou adiados, que passamos a apresentar.

5.5. RELAÇÕES ENTRE SENTIDOS DO TRABALHO E O PROJETO DE VIDA

Aprender a viver sozinha (Bia)

Os projetos são construídos sobre condições histórico-sociais, representam escolhas singulares, trazem objetivos em meio a limitações, significando que os universitários, entre as diferentes alternativas disponíveis, se posicionam para enfrentar as oportunidades e limites de concretizar seus sonhos possíveis.

Para ter uma visão dos projetos de vida, é necessário levar em consideração estas influências contextuais. Não podemos cair no engodo liberal ao disseminar idéias de que as pessoas podem apenas pela chamada força de vontade, resolver todas as suas dificuldades e conseguir uma vida melhor para si e para os seus. A força de vontade muitas vezes é obstaculizada por condições materiais impeditivas, demonstrada em projetos de vida menos ambiciosos, ou mesmo na ausência destes, gerada pela impossibilidade de se pensar em um tempo outro, no tempo futuro.

Quando usa determinadas palavras para descrever o seu projeto, o sujeito se inscreve em um quadro onde o outro prefigura este outro significativo (re)apresentado no processo da entrevista pelo interlocutor. O discurso é para um interlocutor se dirige no presente, respondendo como um acontecido repleto de particularidades.

Observa-se nos discursos dos universitários um universo de imagens, marcadas por outros que lhes são significativos, o seu projeto de vida e projeto profissional se relacionam amplamente com o sentido do trabalho. Não existe projeto pessoal independente de um projeto social, ou seja as relações e mediações sociais se dão sobre um determinado contexto em que o trabalho é elemento essencial da estrutura social.

Convém, ainda, considerar o projeto como um conjunto contraditório, propondo, de um lado, objetivos a alcançar e, de outro, evitando desejos ambivalentes, modelos e antimodelos (SOARES , 2002). O discurso dos universitários diz respeito a um coletivo que busca realizar os seus sonhos particulares e outros sonhos, mesmo que não sejam seus, se presentificam na palavra como se pretende demonstrar abaixo.

Os projetos de vida apresentam contradições marcadas nos discursos. Dentre os universitários se existem projetos profissionais de ordem mais pessoal, onde os objetivos, como nos exemplos **Fabi**: *“eu quero morar sozinha, para ter a minha liberdade também, porque eu sei que eles não vão estar para sempre aqui comigo, então você tem que aprender a viver sozinha.”* Ou **Bia**: *“Projeto de vida, na verdade eu diria que é... eu não tenho este projeto de vida., mas um projeto tipo ahhh, porque para um projeto você tem que ter tempo e eu não tenho isso na minha vida, dizer a com tantos anos eu quero estar ali, com tantos anos ...no ano tal eu quero ter isso né tipo para dizer então eu não tenho isso, então eu não tenho um*

planejamento eu não tenho objetivo...o que eu quero.....aonde eu quero chegar com isso, eu não tenho isso ainda”, **Bruno**: “Como eu vou comprar uma casa daqui a cinco anos se eu não sei nem aonde eu vou estar daqui a dez em há eu vou arrumar um emprego e daqui a cinco anos eu vou me planejar para comprar uma casa própria...não tem como pensar atualmente”; **Gil**: “ter eu tenho eu queria ficar aqui na região do sul, mais ou menos, estar lá entre Paraná e Santa Catarina, não gostaria de São Paulo, a capital não me atrai a poluição muito estresse, assim. Quero ficar perto da família também, só isso”. **Tali**: “Porque assim a vida pessoal está muito ligada à vida profissional né,... eu penso,,, então.... é fazendo uma coisa bem feita, tendo bons resultados... Então eu vejo que é através do trabalho que eu vou conseguir é ter uma família, bem estruturada, ter uma casa, ter um carro. Sabe poder proporcionar uma vida boa para os meus pais que isso que é o meu maior objetivo, da minha vida, sabe.... Conseguir é dar uma vida boa para eles...”; **Tonico**: “Tentar agora vislumbrar um futuro para o meu filho, que está vindo agora, eu já faço uma reserva de valor para ele, já desde o começo. Eu penso assim, eu quero... se ele não optar por uma universidade, mas eu quero mostrar oh, tem este caminho, tem este caminho, tu podes ir por aqui , tu podes escolher isto, pode escolher aquilo”.

Ou ainda projetos onde a prioridade é o aspecto profissional como nos exemplos de **Moa**: “ Agora, o que... que vou dizer... haaha... pode ser qualquer coisa, desde que eu seja feliz assim. Talvez até diria que todas as outras coisas que eu pretendo conquistar neste projeto de vida, **vão depender deste trabalho**, vão depender **de um emprego**, né...então eu vejo que está totalmente ligado”. Ou no discurso de **Máximo**: “Eu acho que este sentimento já vem desde muito cedo, mas a confirmação veio de trabalho de grupos, gincana, é trabalho na Igreja e das mais variadas formar assim. Algumas coisas que eu fiz tiveram sucesso, uma equipe numa gincana que teve sucesso, de certa forma as pessoas reconhecem, ah teve sucesso porque fulano organizou, se o fulano organizou teve sucesso. Então eu acho, **eu acho**... eu tenho **certeza** que eu vou poder contribuir mais na área administrativa.”

Ou **Raquel**: “Mas eu pretendo primeiro me estabelecer profissionalmente depois eu posso construir. Acho que assim depois de uns trinta anos eu começo a pensar nesta parte mais familiar mas por enquanto me estabelecer profissionalmente.”, ou **Leo**: “Eu gostaria de me casar e de ter um filho né. Ter uma

*família e daí neste momento de ter uma família, eu gostaria de me fixar em uma cidade, eu não gostaria de mudar mais, então isso eu vou ver se consigo até uns trinta e cinco anos...E ai bom ter um filho né...uma esposa, e que ela trabalhe também né...”; **Barbi**: “Que eu me imagino assim , porque eu já sou casada né. O que eu imagino que daqui a uns cinco anos. No **máximo ter um filho**, e ter um certo conforto. ...Eu quero ter uma casa um carro, assim para eu viver, poder pagar minhas contas e o que eu quero mais é poder curtir um pouco, porque **eu me privei** de muitas coisas na minha adolescência assim. Porque eu tinha que trabalhar e levei as coisas muito à sério assim. Eu me privei de bastantes coisas, então assim aos poucos eu to conseguindo **aproveitar um pouco mais** assim”. **Massay**: “mas eu acho quenão tenho definido assim...vai depender muito... Por enquanto assim... eu penso muito em não sei se tem que planejar a curto para atingir em longo prazo”; **Chico**: “É isso que eu quero eu quero ter mais de uma empresa. Que seja bem sucedida e quero trabalhar em alguma coisa, que eu possa fazer uma ação mais **altruísta**, então eu preciso, trabalhar ou fazer alguma coisa, que eu veja que outras pessoas, estão se beneficiando diretamente. Daí toda a preparação que eu to fazendo para chegar lá é bem neste foco.” **Suzi**: “Eu acho que estou muito confusa... eu não tenho nada planejado ainda... como é que eu vou planejar? O que eu vou fazer, se eu não sei o que vou conseguir.”*

O caráter do projeto de vida é semi-alheio, por uma maior ou menor influência dos outros na vida dos sujeitos, no sentido do projeto estão sempre as marcas do outro. Ou seja, o que quero para mim em minha vida, remete a intenções de outros, que desejariam, que eu assim o quisesse. Como no dizer de **Gil**: **Quero ficar perto da família**. Não pode-se falar somente em projetos de vida, subjetivos, pois estes se tramam em linhas de intersubjetividades, o outro que precedeu o locutor nos usos das palavras e as povoou com os seus sentidos. Como nos diz **Tali**: **proporcionar uma vida boa para os meus pais**.

Ao reter a noção de contradições, quer explícitas ou implícitas, nos discursos dos universitários, acentua-se a impossibilidade de pensar a si mesmo no futuro, a ausência de objetivos está desmantelada pela percepção de falta de opções de vida para além do emprego. O estatuto de ser social e consciente das raras oportunidades de trabalho faz com que o coletivo dos universitários seja constringido ao pensar o seu futuro de vida como um projeto capaz de ser alcançado. Como afirma Marx (p.504), “não é a consciência dos homens que

determina a sua existência, mas, pelo contrário, a sua existência social determina as suas consciências”. De qualquer maneira, a consciência reflete e refrata a realidade social e atravessam o discurso dos universitários conflitos expressos em suas falas, o querer projetar-se no futuro e não poder fazê-lo sob a pena do fracasso e da frustração.

Entre os projetos de vida mais claros e definidos nos discursos dos universitários, a dimensão do elemento trabalho releva-se na sua forma de emprego, como a preocupação central, que remete a uma relativa possibilidade do sujeito de pensar a si mesmo no futuro ou se projetar. É uma condição sem a qual não conseguem perceber a si mesmos enquanto autores de sua vida, constrangidos pela necessidade de reproduzir o modo de vida através de uma ocupação ou emprego. O projeto é transitório, como nos mostra **Raquel:** “*mas por enquanto me estabelecer profissionalmente*”. O tempo presente afirma a transitoriedade do projeto.

No entanto, entre as subjetividades que afirmam um projeto de vida de autonomia e independência, encontram-se sujeitos que vêm-se impossibilitados de pensar seu futuro. Como nos afirma **Bia:** “*porque para um projeto você tem que ter tempo e eu não tenho isso na minha vida*”. Pode-se acreditar que o trabalho contemporâneo é constrangido não só pelo apelo à racionalidades das forças do mercado, mas também pelo modo como estas noções e interpretações do mercado são assumidas no discurso dos universitários.

Por outro lado, no mesmo discurso, se retivermos a noção de trabalho como uma esfera moral e social, não é mais a esfera do emprego ou os ditames do mercado, mas as amarras do discurso que localizam os atores sociais, então as ações e intenções dos sujeitos tornam-se racionais ou irracionais, com um grau maior ou menor de alienação, como nos diz **Leo:** “*bom ter um filho né... uma esposa, e que ela trabalhe também né...*”.

O que não quer dizer que a moralidade substitui a racionalidade do mercado, mas é talvez mais apropriado buscar os sentidos do trabalho inscritos em um projeto de vida, localizando as particularidades dos discursos que definem sujeitos do “vir a ser” pelo trabalho. Os projetos de vida se descrevem como pessoais e remetem a uma família, tendem a ser pensados sobre a possibilidade de constituição de uma vida que envolve relação com filhos, ou intenções de construção de um núcleo familiar. Porém, a centralidade do trabalho no discurso dos universitários ultrapassa o tempo em que podem, no presente, pensar sobre seu

futuro. Assim os planos são adiados, atrasados, ou não são sequer pensados, porque dependem de ter ou não um emprego. Em alguns discursos os projetos de vida transformam-se em projetos profissionais.

5.6. DIREÇÕES E CONTRADIÇÕES DO PROJETO DE VIDA

Na tentativa de apresentar um ponto de vista sobre o problema da singularidade e das necessidades específicas de análises, foram construindo ao longo do texto as direções e contradições que o projeto de vida revela para cada um dos sujeitos entrevistados.

Os projetos de vida apontam perspectivas mercadológicas ou ideológicas, por exemplo, **Fabi** é estudante de secretariado executivo, sonha em ser uma grande executiva, uma profissional bem sucedida em seu campo de atuação, existe uma relação entre o sentido de seu trabalho e o seu projeto de vida. Por morar com seus pais, a busca de autonomia e liberdade está presente em todo o seu texto e na intertextualidade de seu discurso. Ao buscar a ideologia do *self-made-man*, a capacidade de se realizar pelo trabalho remete a uma pretendida inscrição social como uma pessoa de sucesso.

Para **Bia**, que é estudante de geografia, a possibilidade de exercer qualquer atividade remunerada em sua área de conhecimento é remota. Ela ressenete-se de ter escolhido um curso para o qual não sabia exatamente qual seria a profissão a desempenhar, imagina que tem um campo de trabalho restritivo, seus projetos de vida, são reduzidos a conseguir qualquer ocupação que lhe permita se sentir útil e não vislumbra a possibilidade de realizar-se profissionalmente como geógrafa.

As ações e intenções discursivas dos universitários se apresentam com apelos muitas vezes morais, sentidos pela necessidade de contribuírem para uma sociedade melhor. **Bruno** tem, na relação do trabalho com seu projeto de vida, a pretensão de não viver para somente para o trabalho, como seu pai o fez, buscando separar a vida pessoal do trabalho. Acredita que tem algo a contribuir, mas ressenete-se de não ter podido se dedicar à carreira na área da indústria automobilística. Acredita que seu curso de engenharia mecânica foi muito concorrido e isto lhe garante um bom emprego, mas para ele a realização pessoal é mais importante que

o salário. **Bruno** não sucumbe aos apelos mercadológicos, o enfrentamento das condições de vida, e viver plenamente compreende para ele uma busca de realização pessoal que não significa necessariamente resultados economicistas.

Para **Moa**, ao escolher o serviço social, enfrenta algumas restrições quanto ao campo de atuação profissional, realizou muitos estágios, mas esta vivência ainda não lhe permitiu conseguir definir uma área da qual goste. Pretende alcançar um projeto de vida com qualidade. Não pretende trabalhar com o governo, ou políticas, onde não poderia exercer uma ética profissional, muito valorizada em seu discurso.

Uma avaliação direta do que pode significar um projeto de vida com qualidade está situado para além do trabalho, se inscreve muitas vezes no discurso do formando como a busca de realização de um ideal, moral, de melhorar a sociedade em que vive. **Máximo** tem a intenção de mudar a realidade social das pessoas e do lugar no qual passou a maior parte de sua vida, escolheu o curso de engenharia mecânica porque acreditava ser a maneira mais fácil de conseguir por em prática seus projetos de vida e ambições políticas.

As perspectivas de futuro, e de projetos de vida, se estabelecem como estratégias para alcançar objetivos de qualidade além da racionalidade do mercado, evidenciado também no discurso de **Raquel**, que escolheu o curso de economia. Na realidade, sente que tem um grande potencial, porém (re)sente-se da pressão familiar em se tornar um sucesso em tudo na vida. Própria de uma lógica da realização do sujeito através de um trabalho, constrói uma imagem que se traduz pela palavra sucesso, e carrega consigo toda a amplitude de significados possíveis. Em seu projeto de vida de seguir a carreira diplomática, seu discurso se entrelaça entre as vozes dos outros significativos e a sua própria voz. Ora admite que tem capacidade, ora não acredita em suas possibilidades, ora quer provar sua capacidade de viver independente das amarras dos pais, ora acredita que não deva provar nada para ninguém.

A categoria projeto de vida descreve assim posições dinâmicas dos sujeitos no enfrentamento das suas situações particulares de vida. **Leo** é aluno do curso de engenharia mecânica, tem uma perspectiva otimista do futuro, gosta de sentir-se líder, já desenvolveu vários projetos e percursos dentro da universidade que lhe permitiram ter contato com o mercado de trabalho. Seus projetos são ambiciosos pretende ganhar dinheiro e se realizar profissionalmente, seu discurso carrega um componente ideológico do apelo ao mercado. Porém, em outra fase de

seu texto admite que o valor do dinheiro, não é tão fundamental, quanto avaliar a sua própria capacidade .

Projetos de vida mais ou menos ambiciosos vão se tecendo, sob o pano de fundo de uma racionalidade do mercado, atribuições de valores morais e idealizações do trabalho. Por exemplo, **Barbi** sempre exerceu uma atividade ocupacional e o sentido do trabalho em sua vida está atrelado a questão do esforço pessoal em busca de uma realização. Empenha-se em conseguir galgar em sua empresa postos de trabalho de níveis gerenciais. Julga que, por ter feito sistemas de informação, há muito a aprender na área de humanas para poder realizar seu sonhos. Na tentativa de explicitar seus projetos, evidencia a sua busca por enfrentar as condições adversas de sua vida, acreditar em seu potencial, capacidade de realizar seus sonhos, é algo que traduz a sua projeção no futuro, uma crença em si mesma.

Não se restringe a questão da etnia a sobrevalorização do esforço físico no projeto de vida dos universitários de origem oriental, embora cultivem o trabalho como elemento importante e central na vida. Seus projetos de vida, são condições de enfrentamento dos valores paternos, e se constituem como diferenciadores dos sujeitos. **Massay**, por exemplo, fez o curso de engenharia de produção mecânica, aprendeu com o pai a valorizar o trabalho, se dedica ao que faz, mas valoriza as relações humanas. Em seu discurso, o seu projeto de vida se traduz por atingir um bom nível de relações interpessoais. Apesar de o curso exigir dele, julga saber dosar as amizades, o lazer e o trabalho, e entende que isto é fundamental para ter uma vida feliz. Seus pais se dedicaram demais ao trabalho e não são pessoas que tem vida própria ou busquem a felicidade. Para **Massay**, a busca da felicidade é um projeto de vida ambicioso, com o trabalho, porém, para além do trabalho.

Os valores pessoais e as crenças dos universitários alteram e orientam projetos de vida, distintos e até por vezes contraditórios como é o caso de **Gil**, que fez o curso de engenharia de alimentos e também de origem oriental. Aparenta muita preocupação quanto ao seu trabalho futuro. Para ele, qualquer pessoa que conhecesse uma indústria de alimentos não deveria ser mais um carnívoro. Optou por ser vegetariano e agora no final do curso não vai desistir, pois estudou muito a engenharia de alimentos, mas encontra-se apreensivo sobre as possibilidades futuras, seu projeto de vida seria encontrar um lugar para trabalhar onde não existisse derivados de animais. O componente da moralidade no trabalho, ou a ética

profissional, apela para que o sujeito seja fiel às suas crenças, e busca um tipo de trabalho digno de seus valores pessoais.

A ética no projeto de vida é uma preocupação constante, e não é ultrapassada pela necessidade de um emprego. Uma valorização da ética profissional, talvez reclame uma deontologia de seu estatuto profissional, tal visão do futuro, lhe confere um traço apreensivo pois como seria possível ser ético e seguro de suas convicções e ainda assim trabalhar? Um paradoxo o impede de se projetar no futuro, seu projeto de vida, é presente, tem condições e elementos que o presentificam e angustiam.

A essência de um projeto de vida é a capacidade do sujeito em se lançar num futuro, próximo ou longínquo, em se pensar como ator social, em refletir sobre os seus devires. Para os universitários as contingências do mercado de trabalho constroem os projetos de vida e, por outro lado, configuram aspectos morais e ideais nem sempre alcançáveis. Por exemplo, **Chico**, faz engenharia mecânica, é orgulhoso por ter conseguido entrar em um curso tão concorrido. Para ele, o que vier depois da universidade será bom, ou seja, não tem grandes ambições, um trabalho, com alguma segurança e estabilidade, uma vida normal é o seu sonho. Com a compressão do tempo e do espaço pela flexibilização produtiva e pelo primado das tecnologias, o projeto de vida por vezes fica reduzido a manutenção dos aportes materiais de existência, dando ao sujeito a noção de que se desejar pouco então tudo será conseguido.

Outros universitários tem maiores ambições nos projetos de vida, no trabalho e através dele e para além do trabalho. **Tali**, fez o curso de engenharia química, encara o trabalho com uma obrigação. Define o trabalho como fardo e/ou obrigação; em termos de responsabilidade e troca com a sociedade.

O dever moral do trabalho e a noção de ter que trabalhar, é passado e apropriado nas relações intersubjetivas, os sujeitos afirmam que gostariam de poder trabalhar e ajudar a sua família, vêem a necessidade de retribuir aos pais as oportunidades de vida que tiveram através de compensações, como viagens e passeios. Porém, frente ao sentimento de medo, mesmo os projetos de universitários mais ambiciosos se restringem pelo receio de não concretizarem seus ideais. **Tali** intimida-se com mercado de trabalho, porque acredita que ainda não tem todas as competências necessárias para se colocar em uma posição mais favorável

para seus projetos de vida. Lhe falta o domínio de um idioma e mais algumas competências imprescindíveis.

As condições econômicas definem posições limite em projetos de vida, compreendendo as circunstâncias específicas, e lendo um mundo do trabalho inserido na lógica do capital e do mercado, os universitários não são nem um pouco ambiciosos. Reconhecem tanto as suas capacidades de realizações, quanto as condições de realização de suas intenções. Tônico fez o curso de economia noturno, demonstra a felicidade de ser o primeiro membro de sua família a ter conseguido concluir o ensino superior. Porém, quanto ao seu projeto de vida, não tem grandes ambições. Como funcionário público pretende, depois de formado, ter alguma oportunidade de melhorar de vida no local onde trabalha, mas acredita que o sonho de se tornar um grande economista é algo fora de seu alcance. Seu projeto se restringe a ter uma família e cumprir com as suas obrigações, porém, em seu discurso, se orgulha do que já conseguiu realizar em sua vida, estar acima da casta (expressão utilizada pelo sujeito) de seus familiares, significa para ele ter tido o acesso ao ensino superior.

Se o projeto de vida implica em uma projeção no tempo futuro, em um olhar-se no futuro, esta construção do olhar se dá a partir do presente viver no tempo presente e isto promove uma sensação de ausência de projetos, pela imobilidade que encerra seus sonhos de amanhã.

Suzi fez o curso de engenharia de alimentos, acredita que deveria ter feito outro curso, está atemorizada pelo mercado de trabalho e por pensar na possibilidade de não conseguir um emprego. Sabe que não tem oportunidades e a concorrência é acirrada. Não tem um projeto de vida definido a não ser o de encontrar um emprego. Em seu discurso, o não se projetar ou não idealizar quase nada, lhe confere a segurança necessária. Querer somente um emprego, garantir o básico, manter a vida, tudo isso se traduz na ausência de um projeto profissional. São universitários que não tem muitas ambições, são futuros trabalhadores, alguns sujeitos outros assujeitados pela perspectiva de não possibilidade se realizar como ator ou autor de sua própria existência.

Buscou-se captar os fenômenos em seu movimento e compreendeu-se nesta fase da análise que na história pessoal os processos vivenciados em relação ao trabalho levam os universitários a não construírem grandes ideais ou projetos de

vida. Por outro lado, diferentes posicionamentos de subjetividades, articulam os sentidos do trabalho com projetos de vida ambiciosos e transformadores.

As relações dos sentidos do trabalho universitários com projetos de vida, são articuladas entre vivências de trabalho em uma síntese dialógica entre o geral e o particular, entre o eu e o outro, definindo processos de relações de mútua constituição. Passa-se a apresentar no próximo item uma perspectiva sobre a escolha profissional.

5.7. A ESCOLHA PROFISSIONAL

*Eu escolhi uma profissão em que eu acho que eu vou ser feliz e eu espero um trabalho assim também, mas eu tenho consciência de que o trabalho, é uma coisa muito trabalhosa, que exige muita dedicação.
(Moa)*

Um fator importante na análise dos discursos sobre os sentidos do trabalho e projetos de vida é uma dimensão anterior, relativa à questão da escolha profissional. Mesmo antes de adentrar ao ensino superior, o aluno está envolvido com processos de escolha caracterizada pela busca de uma instituição de ensino superior e um curso específico, com uma determinada finalidade. **Moa** justifica sua escolha profissional pelo objetivo de ser feliz, reconhece o esforço do necessário para atingir seus objetivos de felicidade. Através de um processo de análise dos discurso buscou-se conhecer a direção e os argumentos das escolhas profissionais dos universitários.

Na atualidade, o *lócus* da certificação profissional é a universidade, e a transição ou passagem da inatividade para a atividade, é um período marcado por incertezas e experimentações. Para os universitários são condições que dependendo de seu lugar social, fazem com que os sujeitos ocupem empregos mais instáveis e precários. O elemento simbólico da universidade federal pública e gratuita orienta sentidos subjetivos que direcionam o que o sujeito pretende conseguir através de um determinado curso e instituição de ensino. Possibilidades de escolher mesmo restritas transformam-se em alternativas de vida, pois considera-se igualmente a possibilidade do não adentrar ao ensino superior, como mais uma dentre tantas outras possibilidades de escolha.

Apesar de não ser um tema norteador das entrevistas, os sentidos do trabalho se entrelaçam com o sentido da escolha profissional que lhe é correspondente, e este sentido é móvel e se transforma no decorrer do percurso universitário, como se pretende demonstrar. A escolha muitas vezes é enganosa, porque os objetivos pretendidos não são satisfeitos ao longo do curso como nos diz **Fabi**: *“Porque o curso de Secretariado na Universidade é muito **voltado para línguas**, sempre quis **ser uma grande secretaria executiva.**”*

A **influência dos outros significativos** na vida do estudante: amigos, colegas de curso e profissionais, é patente no direcionamento de carreira dos jovens, como nos diz **Bia**: *“Eu optei pela geografia, eu caí assim , meio de... he he he... porque na verdade quando eu fiz vestibular para geografia, eu fiz porque **uma outra pessoa ia fazer um vestibular que eu fizesse**”. Ai eu fiz. **Massay**: *“eu conversei com **vários engenheiros** já formados né. Com outros profissionais também. Daí o que eu vi que dava uma maior área de abrangência assim , era a engenharia de produção”. **Gil**: *“Porque **o meu primo** fazia e eu, meio que gostei do nome assim. Daí eu pesquisei e vi que tinha a parte da engenharia que eu gosto da matemática da física, mas isto eu não gosto tanto assim, na parte da automação eu vi que não ia agüentar. Então daí a engenharia de alimentos como **eu vi que tinha a biologia, química e outras matérias que era mais interdisciplinar**”. **Chico**: *“Há bastante tempo atrás aqui na graduação **eu conheci várias pessoas nas engenharias, alunos da civil, da automação e da mecânica. E a gente ficou discutindo, pensando, brincando sobre, o que é que a gente poderia fazer juntos**”. **Tali**: *“eu tinha optado por... na verdade eu não sabia o que eu queria, até o terceiro ano eu queria medicina, na verdade. Daí **conversando com uma professora** minha, ela disse: faz engenharia química então que é uma área um pouco mais ampla; e depois você pode atuar eventualmente numa empresa de alimentos. Ai foi que eu escolhi Engenharia Química, por indicação assim, **por conversar com uma professora...**”.*****

A interferência dos **aspectos econômicos** também se faz presente nas escolhas como diz **Bruno**: *“...como eu conhecia muito bem a minha situação*

econômica eu sabia que eu iria para a rede estadual, mas daí eu falei não para rede estadual não vai dar para eu chegar lá aonde eu quero. **Meu pai é agricultor...** eu achei que **engenharia tinha mais futuro**". **Leo:** "Eu escolhi o curso de Engenharia Mecânica porque **dentro das possibilidades** que eu tinha ele era o caminho mais curto para eu conseguir um bom emprego". **Barbi:** "porque o curso de arquitetura é integral e leva tempo, tem que ter dedicação.. e **eu não podia trabalhar...** daí eu pensei puxa informática né. Informática é uma coisa útil hoje".

Escolha onde predominam o desejo de entrar na universidade independente da orientação profissional do sujeito também são evidenciadas nos discursos, como nos diz, **Moa:** "Não quando eu entrei no curso, **eu não fazia idéia** do que era o serviço social, o meu sonho era fazer psicologia...eu passei no serviço social, como segunda opção entendeu".

Questões de ordenação da carreira e expectativas de empregabilidade e campo de trabalho, também são orientadores de escolhas, como nos diz **Máximo:** "na verdade eu queria algo ligado a engenharia, na verdade na verdade, eu queria algo ligado a física, eu queria física. Mas tinha um certo receio em relação à **empregabilidade...** E pouco importava, se fosse aeronáutica, se fosse mecânica, eu queria engenharia, enfim eletrônica. Eu passei nos melhores cursos do país e passei aqui, daí eu resolvi vir para cá". **Tonico:** "Ah... eu gostei muito do curso, sempre quis economia. E não tenho nada para reclamar do curso, tem muita gente que reclama, mas eu entendo o curso de uma outra forma. Quando você se forma em economia você pode trabalhar onde o administrador atua , você **tem inúmeras possibilidades.**"

A indecisão está presente até nos últimos instantes em que o jovem candidato deve prestar o vestibular, como nos diz **Raquel:** "Eu escolhi economia porque quando eu entrei na faculdade na verdade eu estava **naquele dilema** do vestibular e eu tinha duas opções ou eu fazia economia ou eu fazia medicina, eram duas coisas completamente diferentes". **Suzi:** "Bom a gente escolhe **meio por acaso** assim, primeiro eu nunca soube o que eu queria assim.(...)Daí fiquei em

dúvida entre farmácia, tecnologia de alimentos e engenharia de alimentos, daí deixei para as duas semanas e na última hora eu tive que escolher uma. E escolhi engenharia de alimentos”.

O tema da escolha profissional registra o valor do diploma, a palavra chama a atenção para a importância da linguagem, não só nos processos da comunicação, mas na transmissão de todo um legado histórico e cultural que se apresenta, como nos diz **Tali**: *“A gente **não tem idéia** na verdade, eu não tinha praticamente nada, idéia nenhuma sobre a profissão assim, do que é engenharia química, ou sobre qualquer outra profissão assim. **Dai dá um tiro no escuro... ter que marcar um xizinho e pronto**”.*

Em seu discurso “a gente” remete a um coletivo de pessoas, que frente a possibilidade de escolha da profissão encontram-se perdidos, ou sem luz, no escuro de um leque de opções profissionais, das quais não tem conhecimento. No presente, a elaboração desta escolha inicial é vista como “um xizinho”. O contexto da escolha é a escolha deixada ao acaso, decisão da última hora, revelada em múltiplas falas, no entanto o aspecto das mediações sociais são marcadamente influentes no processo de escolha.

Em todos os discursos as mediações sociais são evidentes, como nos exemplos de **Tali, Gil e Massay**, uma professora, amigos, primos ou os pais influenciam as decisões profissionais, mesmo que este outro não seja diretamente nomeado em seus discursos, sua presença surge em inúmeras falas.

Os entendimentos sobre os processos de escolha foram referenciados nos estudos de Soares (2002) nos quais a autora, aponta para vários fatores que interferem na escolha: fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos. Assim, existem na escolha um processo multideterminadas a ser considerado sempre como uma possibilidade relativa de escolha. Porque o ato da escolha implica em analisar um sistema temporal de valores objetivos e subjetivos, fundadas no conjunto das relações sociais.

A escolha anterior do curso superior, é percebida e sentida como insegura e repleta de ansiedades sofre influência direta dos outros significativos na tomada de decisão. Mesmo para o universitário que diz sempre ter querido fazer economia, esta escolha reflete elementos outros, como o fato de trabalhar em um serviço público. O tipo de escolhas profissionais que fazem os alunos trabalhadores são, com frequência, cursos que tenham vagas noturnas e que o nível de competitividade no vestibular não seja muito elevado.

Se o processo de escolha se insere de uma forma clara no início da universidade ao integralizar o curso, este fenômeno não é tão evidente. O sujeito, ao final do curso superior, deve realizar uma nova escolha supostamente mais consciente e com maiores informações sobre sua área profissional. No entanto, muitos formandos reproduzem as vivências do início de sua vida na universidade ao sair para o mercado de trabalho, deixam a escolha profissional como fator secundário ou terciário em suas vidas. Somente para os formandos que estão vivenciando a transição os sentidos das escolhas, são perseguidos com critérios mais definidos, como área profissional, e campo de trabalho são aspectos que interferem significativamente no projeto de vida dos sujeitos.

As direções da escolha profissional estão marcadas pelo horizonte social da época na qual vivem os universitários, em cada contexto histórico se encontram profissões eleitas ou privilegiadas pela sociedade. Como no discurso de **Massay**: *“Daí resolvi fazer engenharia de produção, também porque o pessoal falava assim... **que era um mercado.**”* Sob o signo lingüístico do mercado, tais escolhas são feitas e comunicadas entre os motivos que direcionam suas escolhas no início da universidade estão, a abrangência da profissão, o leque de oportunidades profissionais, o fato do mercado estar contratando na área, o fato de existir demanda na área, a utilidade da área e a questão da empregabilidade.

A palavra nos permite adentrar na subjetividade dos sujeitos e compreender as motivações de suas escolhas. Cada palavra é entendida em si mesma como uma unidade elementar da linguagem. As perspectivas de carreira futura delimitam uma escolha profissional que pode não vir a ser concretizada enfatizando as vivências em torno do mundo do trabalho, onde o desemprego representa uma insegurança constante. Como no discurso de **Barbi**: *“...na verdade não foi uma escolha com o objetivo de ser aquilo que eu gostava de fazer, porque na verdade eu nem tinha muita noção do que é que era o curso eu gostava de fazer... eu comecei a **avaliar o***

mercado de trabalho, avaliar a questão financeira, porque o meu pai não tinha condições”.

As escolhas iniciais são tramadas, se dão, acontecem mesmo na ausência de informação precisa sobre o curso superior, e sobre si mesmo, nesta escolha o mercado é quem governa as maiores ou menores oportunidades profissionais dos universitários. A opção pelo curso superior é uma obrigação e deve ser feita com urgência, algo deve ser escolhido, mesmo que seja uma opção qualquer. Revela-se a importância da orientação profissional nesse processo, atuando de forma a esclarecer, desvelar opções e permitir caminhos de opções profissionais mais conscientes. Como nos diz **Moa**:

*No segundo semestre eu pesquisei um pouco, só que eu via é que era um pouco mais além os problemas das pessoas sabe, tipo o **contexto realmente delas, influencia muito, muito.***

Em razão do contexto no qual os sujeitos se inserem e em suas relações cotidianas, determinados planos discursivos são escolhidos e outros preteridos, tais discursos refletem posicionamentos sobre a realidade, retratam os mitos, inseguranças e (in)decisões quanto ao universo das profissões. **Moa** não passou em psicologia na UFSC, passou em serviço social, como tentou dois anos e não conseguiu continuou o curso de serviço social, e abriu mão do curso de psicologia que havia passado em uma universidade particular. Em seu plano discursivo, a questão econômica influenciando a sua escolha é preterido, em função de um outro plano discursivo mais adequado à imagem que pretende passar para o seu interlocutor.

Vivemos em um mundo de palavras do outro, e toda a nossa vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada). Vygotski, nos aponta que “O homem está a cada minuto pleno de possibilidades não realizadas” ou “em termos mais imediatos, o comportamento nunca é mais do que o 'sistema de reações que venceram” (Vygotski, 1991a, p. 115). Venceram as reações sobre o contexto que o sujeito admira ser mais influente do que esperava na vida das pessoas. O comportamento adotado serve para justificar uma escolha anterior não realizada, por uma opção atingida, seu discurso confirma e (re)afirma sua opção profissional. Como nos diz **Moa**:

*E aí você passa para a olhar a **sociedade**, e você vê que... a sociedade e você vê que o **passado, está totalmente presente, né? ...é um***

reflexo,(sic.) é um resultado de tudo aquilo que você fez lá atrás... Então que montam a realidade como ela é...

O sentido da escolha se relaciona sobre aquelas reações que não venceram e que foram, mais ou menos reprimidas, formariam, segundo Clot (2006),

“resíduos incontrolados cuja força é apenas suficiente para exercer uma influência na atividade do sujeito, mas contra a qual ele pode ficar sem defesa”. Em suma, o “real da atividade é também aquilo que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir – os fracassos –, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que se sonha poder fazer alhures” ou, o que é para ele um paradoxo freqüente, “aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem a fazer ou ainda aquilo que se faz sem querer fazer”. E tudo isso sem contar com o que é preciso ser feito (p. 116).

Para realizar a escolha profissional nessa etapa de vida, o formando deveria possuir um conhecimento acerca de si mesmo, suas aptidões, gostos, interesses, habilidades, valores, competências e sentimentos em relação ao trabalho. Tal conhecimento é importante, como atestam pesquisadores que trabalham na área da orientação profissional (SOARES, 2000, 2002 e 2007; FERRETI, 1988a, 1988b, 2004, TEIXEIRA, M. A. P. & GOMES, W. B., 2004). Apesar de importante, este conhecimento ainda é elementar e nem sempre se conhece o suficiente, o sujeito nem o que gosta de fazer quanto mais o que gostaria em um futuro próximo. As escolhas situam-se sobre mitos e símbolos imaginários, são representações do real consideradas por vezes como utopias.

Um outro aspecto importante da escolha é conhecer quais as possibilidades do campo de atuação de uma determinada área profissional. Em sua maioria, os universitários não dispõem de informações suficientes para tecerem alternativas nessa fase da vida, mas acreditam em seu potencial de adaptação. Como nos diz **Tali**: “*Então qualquer coisa que eu fizesse, qualquer outra escolha, para mim, não seria assim nenhum problema, porque eu ia conseguir me adaptar porque eu sou assim muito esforçada*”. Esforço e adaptação são palavras de ordem na regulação da vida cotidiana dos universitários frente ao mercado de trabalho.

O terceiro aspecto a ser considerado sobre a escolha do curso superior é que, quando decide, deve estar preparado para abrir mão de outras tantas carreiras possíveis. Muitas vezes, abrir mão de uma carreira significa optar por uma experiência mais próxima que facilite a sua inserção, mesmo que seja uma segunda opção, como foi o caso de **Moa**:

*Aí eu passei para Caçador, eu fui para lá e eu queria fazer psicologia, só que...(sic) só que foi um **pouco entediante** para mim, sabe?... Porque **eu gostei muito**. Porque eu não tinha muita noção do que era, eu só sabia que eu iria **trabalhar com pessoas** e que **era isso** que eu queria. E também sabia que eu queria era transformar uma realidade posta, então poderia ser psicologia?... Para mim era... era psicologia, e não podia ser outra coisa. Só que aí... Ficou assim... ficou um pouco **complicado para mim**, por **questões pessoais**.*

A realidade das escolhas das profissões é limitada pelas possibilidades econômicas das famílias de origem dos alunos, neste caso é a questão da cidade e do ensino privado. Para aqueles universitários que vêm do interior, passar nos cursos historicamente mais valorizados na universidade consiste em um desafio nem sempre atingido, a grande maioria dos entrevistados são de outras cidades. Ao analisar a significação é alterada das questões e condições externas para enfim acusar a vítima e responsabilizar se a si mesma, representada no discurso como sendo por questões pessoais.

O sujeito segue jogando suas escolhas, a direção se altera de um curso de psicologia no caso acima, como curso desejado, passa para o discurso do indesejado, expresso na palavra entediante, mas no sentido de que foi uma preferência complicada em sua vida. Contraditoriamente, seu discurso revela sentidos oscilando entre o tédio e o que gostaria. O mesmo curso superior é percebido como um tênue equilíbrio entre o que gostaria como profissão e que o ingresso na universidade federal lhe permite fazer.

O processo de transformação social, expressa um universo de profissões em constante oscilação, conforme as demandas do mercado, a todo o momento surgem novas profissões, a cada dia, e outras tantas são extintas com uma velocidade cada vez maior, causando motivo de preocupação na hora da escolha aos universitários. Como nos diz **Suzi**: *“E daí não sei, na minha cabeça veio aquela imagem de que o mercado de trabalho não era muito bom, embora eu veja só um exemplo né. Tem uns outros que podem ter se dado bem. Mas daí eu fiquei com medo de não ter **mercado de trabalho bom...**”.*

Este contexto de oscilações no mundo das profissões faz parte da base material na qual o sujeito tece suas escolhas, a aluna queria fazer nutrição mas influenciada pelo exemplo de uma tia que era nutricionista e que passou muito tempo desempregada, mudou sua orientação e fez Engenharia de Alimentos. Desde o início de seu discurso o limite do mercado aparece. Ainda conforme **Suzi**: “A

*preocupação... a única coisa que eu penso hoje é que talvez eu fosse fazer hoje eu faria engenharia química, não pelo que eu gosto, **mas pelo mercado de trabalho.***”

Em todos os discursos, os universitários devem decidir dentro dos limites econômicos as possibilidades e condições da vida futura, porém a falta de recursos financeiros para direcionar opções de profissões conhecidas como “mais rentáveis como engenharia, medicina e direito”, escolhe de alguma forma, pensando em uma vantagem financeira futura e pela margem de possibilidade de conseguir emprego. As escolhas situam-se dentro de sistemas de avaliação da situação adotados pelos alunos, ilustrado na fala de **Barbi**:

*Queria fazer **arquitetura**, mas eu **não estava** muito **segura** se era aquilo que eu queria fazer, então eu entrei no cursinho vocacional, que era para eu descobrir o que é que eu queria fazer e as psicólogas levantavam umas perguntas e tal e eu comecei a **avaliar o mercado** de trabalho, avaliar a **questão financeira**, porque o meu pai... Não tinha... não tem... Muitas condições de pagar um cursinho, né?*

Destacou-se que as condições familiares são elementos limitadores da escolha e refletem no discurso dos universitários.

As contradições da escolha são evidenciadas nos discursos, mas a centralidade do trabalho é um elemento que se processa diretamente relacionados com questões financeiras das profissões. São condições familiares e contextos que determinam as possibilidades de vir a ser. Outro exemplo é o aluno oriundo de outro estado que tem um custo elevado no acesso a universidade. Tal custo aumenta com despesas com alojamentos e alimentação muitas vezes inviabilizando a sua permanência na universidade.

Como resultado, as escolhas se dão em um campo de opções restrito, constituído por posições sociais diferenciadoras entre o grupo de alunos que pretendem e os que conseguem o ingresso na universidade federal, entre os que pretendem e os que conseguem o acesso aos cursos mais concorridos.

Ao longo do discurso dos universitários, a escolha se orienta para uma aceitação cada vez maior de uma eleição anteriormente feita, como diz **Barbi**: “*Daí eu pensei assim não vai dar. Eu vou ter que cursar um **curso noturno**. Porque eu **preciso continuar a trabalhar** e porque eu não ia conseguir ficar assim por uns três anos, porque o curso de arquitetura é integral e leva tempo, tem que ter dedicação. Então **não dá para trabalhar** direto, né? Daí, dentre os cursos noturnos, **eu fui por exclusão...**”.*

O dilema do aluno trabalhador, que ingressou no mundo trabalho precocemente, é diferente dos demais que não precisam trabalhar, este dilema se resolve na escolha de se manter e garantir a sua própria sobrevivência. Quanto ao curso superior e a área de atuação profissional, esta escolha envolve uma real possibilidade, para alguns naturalizada pelo método da exclusão. Mesmo sem saber, o sujeito vai tecendo suas escolhas, e sua maneira de fazer é excluir entre *o que não pode ser e o que pode ser*.

Revela em outro trecho a conformação e a adaptação do sujeito e expressa as preocupações e expectativas, como diz **Barbi**: “*Daí eu pensava: alguma coisa deve estar errada e deve ser comigo*”. Após a escolha da profissão o formando tem o dever de freqüentar o curso superior, cumprindo determinadas mudanças em sua vida. Um processo de assumir as conseqüências de sua ação e se responsabilizar pela seleção. Se movimenta como um retrato da ideologia de seu tempo que remete a culpa, e não à base material, mas a questões pessoais, ou seja, permite acusar a vítima da incapacidade de atingir seus objetivos.

A profissão superior, um estatuto regulado pela universidade, é motivo de enorme concorrência entre os alunos. Limitam os acessos aos cursos mais concorridos, como medicina por exemplo, além da dificuldade de passar no vestibular são as questões econômicas familiares que restringem o acesso universitário, no exemplo de **Barbi**:

Exclui os que eu definitivamente não faria. Aí ai sobrou o quê? Administração, economia, contabilidade e sistemas. Daí eu pensei: puxa informática, né? Informática é uma coisa útil hoje. Daí eu pensei: na pior das hipóteses, eu vou começar e vou odiar. E vou resolver que vale a pena eu me esforçar para eu fazer arquitetura, né? Na pior das hipóteses.

A escolha tem um valor social e essa ação repercute até o final do curso superior. Para entrar na universidade, o formando escolhe mesmo sem saber, adota métodos de seleção e exclusão dentro de suas possibilidades e condições específicas. Mesmo que sirvam como justificativas pessoais, o sujeito se confronta com uma realidade posta e busca recuperar seu lugar de autor e condutor de sua vida, por mais paradoxal que pareça. **Barbi** nos diz:

E daí eu comecei realmente a gostar da área assim, hoje eu gosto da área. Eu não trocária por nenhuma outra. Aliás, eu gostaria de fazer um trabalho mais humano, dentro da minha área assim, esta é a minha intenção futura. Porque eu vejo muito maquinista..., eu vejo muito individualismo, muita competição. Porque é uma área de exata, uma área predominantemente de homens, então eu vejo que é bom mudar. Eu sempre fui assim... eu vejo uma coisa... e tenho vontade de mudar.

Por vezes o desconforto da escolha poderá ser (re)coberto pelo orgulho, a opção profissional está associada ao sentido do eu, ou da pessoa vivendo dentro da sociedade, se relaciona com o lugar social da profissão e entre os seus iguais. A importância da escolha profissional, é que optar por uma profissão ao mesmo tempo estimulante e satisfatória, a pessoa estará em melhores condições e possibilidades de pensar de trabalhar em seu projeto de vida.

A ausência de critérios para a escolha profissional e/ou a centralidade das questões financeiras envolvidas determinam contextos “de vir a ser” profissionais, por vezes conformam suas decisões com situações objetivas de vida. Quanto mais restritivo o contexto econômico familiar menor opções de escolha.

Por outro lado as pressões exercidas sobre os alunos em contextos familiares onde o sucesso das ocupações dos pais, ocupa lugar central, também promovem ansiedades e inseguranças nas escolhas dos universitários. Como nos diz **Raquel**: *“eu tinha duas opções ou eu fazia economia ou eu fazia medicina, eram duas coisas completamente diferentes.”*

Propõe-se resgatar a importância da orientação profissional, não só como ativadora de alguns questionamentos e reflexão antes da tomada da decisão, mas como uma área capacitada para mostrar caminhos e alternativas possíveis aos universitários. Para a grande maioria dos universitários, a percepção e julgamento sobre o porquê de suas decisões apresentam-se em gêneros de discurso utilizados para justificar a escolha que situam-se muitas vezes acima de tais considerações econômicas e financeiras, são decisões motivadas por influência de mediações sociais outras, por interlocução com outros atores sociais. Considera-se com relação à identificação com a profissão escolhida, quanto mais significativa a escolha, mais facilmente se imaginará inserido no contexto do trabalho com projetos de vida elaborados ao longo do tempo no período universitário. Passa-se a abordar os sentimentos em relação ao mercado.

5.8. SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO MERCADO

Como uma agulha no palheiro (Tati)

Os sentidos do trabalho respondem as transformações que ocorrem ligadas às estruturas sociais, onde o mercado de trabalho é um campo de incertezas e constantes mudanças. O sentimento no fim do curso é expresso, por citações que revelam posições do sujeito como por exemplo, *agulha no palheiro* dito popular que serve como uma resposta para expressar como se sentem em relação ao contexto do mercado de trabalho, como invisíveis, insignificantes.

Contexto um tanto quanto sombrio e fantasmagórico aos olhos dos universitários, *palheiro* cria uma entonação expressiva que revela o sentimento de ser mais um em uma multidão. Em seu texto, cria uma apreciação sobre uma realidade fragmentada e ao mesmo tempo sobre seus sentimentos vivenciados nesta fase. Para Heller (2000), sentir é estar implicado, afirmando uma unicidade entre sentimento, pensamento e moralidade. A problemática com a qual os universitários se deparam neste período de transição está associada ao mundo do trabalho atual, no qual a condição de emprego formal, estável, com registro em carteira, encontra-se em fase de extinção (Rifkin, 1995; Forrester, 1997; Harvey, 2005; Pochmann, 2004a, 2004b e 2007; Offe, 1991).

No mercado do trabalho, o desemprego acaba por se constituir como um foco de preocupação social, deve-se refletir não somente com o quanto, mas principalmente como afeta os universitários. As condições desfavoráveis, oriundas do desemprego representam aspectos psicológicos que afetam diretamente o sujeito.

São os sentimentos que contexto tem mobilizado nos formandos o despreparo a dúvida com relação ao preparo e somente em dois dos alunos entrevistados a segurança.

O despreparo em relação ao mercado de trabalho é um sentimento comum nos universitários como nos diz **Fabi**: “*eu não me sinto preparada eu tenho ainda assim né... um pouco de medo, para um secretariado executivo, sei lá...., como uma grande executiva, né.* Ou **Bia**: “*Não, eu não me sinto preparada, eu acho*

que a universidade ela te ajuda você a construir certos conceitos , tem instrumentos para que você possa usar, mas não te passa orientação para que você possa se direcionar.” **Raquel:** “Preparada eu **acho que não**, assim... Se eu tivesse que assumir um cargo de economista, assim.... eu não me sinto preparada, se não tiver um treinamento, um estágio.” **Barbi:** “Não, é justamente por isso. **Não me sinto**, porque não sei se na minha área. Ou se todas as áreas é assim, mas você está sempre, eh ...tem muita competição nesta área”. **Gil:** “**Não, não**. É bem confuso assim eu não sei como melhor preparar. Talvez com mais estágio assim, ou talvez não com mais pesquisa assim. **Tali:** “**Não eu não me sinto nada preparada para o mercado de trabalho**”. **Suzi:** “Ai eu.... **sinceramente não**. Porque.... não tanto, mas em relação ao nível prático das coisas assim né...”

Observa-se que a existência dos estágios obrigatórios ou não afeta a percepção do aluno sobre o estar preparado para o mercado. Por exemplo no caso do curso de economia o estágio não é obrigatório, portanto o aluno permanece durante os primeiros anos universitários sem ter qualquer noção sobre a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos na vida acadêmica ou sobre a profissão em si.

A dúvida permanente sobre a necessidade de qualificações cada vez maiores se acentua nos discursos de **Bruno:** “... bom daí...daí eu já não sei, **eu tenho dúvidas** assim sobre o que é estar preparado e o que é não estar preparado. **Moa:** “Eu acho que a graduação, ela não me preparou para o mercado de trabalho. Ela me deu **noções básicas** do que eu posso fazer. **Máximo:** “Em parte, **em parte...** ela ah.... eu acho que nunca vai ser sem por cento, sempre vai faltar alguma coisa. Ela prepara razoavelmente bem a parte técnica mais não prepara nada sobre relações de trabalho”. **Massay:** “Eu acho que a **parte teórica sim**, prepara tem uns pontos fortes outros pontos mais fracos, mas no geral assim eu acho que prepara. Pelo menos no meu curso assim. **Tonico:** “Eu me sinto preparado para o mercado de trabalho, talvez não tanto preparado para a área que eu escolhi como economia”.

Diante das oscilações do mercado de trabalho somente alguns alunos sentem-se preparados, é o caso de **Leo**: “*Eu acho que **me preparei bastante para o mercado de trabalho**”, ou no discurso de **Chico**: “*Eu estou **me sentindo muito tranquilo assim**, eu tive uma experiência durante a graduação que me deixou bastante tranquilo mais eu não estaria se não fosse esta experiência*. No mercado de trabalho a noção da superqualificação afeta seus modos de vida e pretensões, muitos alunos tem esta idéia à partir de suas experiências profissionais, tecidas ao longo do período universitário.*

Sobre os sentimentos em relação ao mercado observa-se que grande maioria dos universitários não se sente tranquilo ou preparado para a área profissional. Muito embora contradições estejam sempre presentes no seu discurso, oscilações entre o sentir-se preparado, nada preparado são baseadas muitas vezes em idealização sobre futuro, e impressões sobre o mercado de trabalho mediadas no ambiente universitário.

A qualificação para o trabalho se reveste de uma ideologia própria, são discursos que apelam para termos como: competência, empregabilidade, habilidades, multifuncionalidade. São os novos perfis laborais que conclamam os universitários a investirem pesadamente em sua carreira, como se a palavra carreira, não remetesse a um outro tempo, no qual os percursos eram mais constantes e seguros ao longo da vida do sujeito. Descrevem um quadro de noções sobre qualificação, no qual o sujeito se inscreve e busca a partir daí estar constantemente apto para o trabalho. Porém, o mercado em progressiva recessão, mutação e transformação, tem promovido uma diminuição dos postos ocupacionais em algumas áreas profissionais de uma forma mais acentuada do que em outras, por exemplo a áreas humanas e sociais que tem cada vez menor inserção se comparada como áreas tecnológicas ou das ciências exatas (Pochmann, 2007).

A expressão “mercado de trabalho”, exprimir uma ideologia da competição e da ampla necessidade de buscar qualificações cada vez maiores. Como os mostra **Barbi** : “*Então para mim **na minha área**, na minha idade, sendo **mulher**, é um absurdo*. Então eu vou ter que na parte técnica, me especializar bastante para saber o que eu estou falando, para depois eu usar isso, com as coisas que eu estou

estudando agora, estou lendo livros, estou procurando me atualizar nesta parte aí". São condições que elevam os padrões de competição, a ansiedade se revela sobre a questão da idade, do gênero e da área profissional, principalmente como no caso de **Barbi** que trabalha com sistemas de informação.

Observou-se em cada entrevista se repetirem uma cadeia de significados entre os quais o medo e a ameaça de não se cumprir ou vir a realizar o seu projeto profissional impõem aos universitários um constante estado de alerta, ansiedade e insegurança subjetivamente vivenciado. Como nos diz **Bruno**: *"agora eu acho que talvez na complexidade que tá o mercado agora para conseguir uma vaga e tal, talvez...talvez seja um pouco mais complicado. Mas eu também não sei daí qual, seria o critério de preparação, para conseguir ter uma vaga"*.

A formação superior é uma conquistada dos universitários assim como o grau de aprendizagens que se desenvolvem no contexto. A possibilidade de realizar estágios vai inscrevendo o sujeito na constituição de um saber profissional, e de uma identificação com entre os conteúdos teóricos assimilados e prática. Por isso a realização de estágios e atividades extra-curriculares, deve ser estimulada como complemento da aprendizagem. Como nos diz **Moa**: *"mas na verdade a prática mesmo, a academia não trouxe isso pra mim, foi durante os estágios que eu fui descobrindo, e também isso é normal, porque eu vi que isso cai dentro de uma rotina muito específica né"*.

A vivência dos estágios faz com que os sentimentos de despreparo ante o mercado de trabalho diminuam, como nos diz **Leo**: *"Era uma preocupação que eu tive durante toda a universidade eu fiz dois cursos de iniciação científica de mais ou menos 15 meses cada um, isso já dá mais da metade do curso"*.

Nesse processo, se inscrevem dimensões do agir humano, onde apreendemos o fenômeno dos sentimentos em relação ao mercado em sua gênese, podendo fundamentar uma sensação de insegurança e desqualificação pessoal, com relação ao ato de trabalhar, como nos diz **Barbi**: *"Tecnicamente você nunca está preparada"*. Ou ainda no discurso de **Moa**: *"E isso que me permitiu ter um*

pouco de noção de como que você deve ser um profissional, qual a posição de um profissional, frente a demanda que ocorre. E eu acho que se não fosse o estágio, eu não ia conseguir dar o encaminhamento necessário para tal demanda”.

Não é só o despreparo em si mas o medo desemprego que pode trazer danos aos sujeitos. O fato de estarem inseridos em um ambiente de extrema competitividade na busca por postos de trabalho, trazem repercussões significativas para a subjetividade. Mobilizam sentimentos como o de ansiedade e frustração, como diz **Suzi**: *“Por exemplo eu se for bem persistente vou conseguir, mas se insistir e não conseguir aquilo que estava planejado eu vou ficar bem **frustrada daí**”*. Os efeitos psicológicos ligados ao desemprego segundo Sennett (1999) incluem: resignação, desespero, vergonha, apatia, depressão, desesperança, sensação de futilidade, perda de objetivos, passividade, letargia e indiferença e a corrosão do caráter.

A hiper-competitividade pode trazer para as pessoas uma perda de parte do inicial orgulho profissional. A satisfação por ter adentrado a universidade vai se desvanecendo sob a ameaça do mercado de trabalho. Esta reveste-se de um conteúdo imaginário relacionado diretamente com a efetiva saída do contexto universitário, se a palavra “é um signo ideológico por excelência” (Bakhtin, 2004) a expressão mercado de trabalho define-se como signo porque possui um significado ideológico. Remete a algo situado fora de si mesmo, uma força que o ameaça, constrange e se repete em todos os discursos.

No decorrer do diálogo os silêncios apresentam o não dito, o que ainda está por dizer, e muitas vezes a falta de sentido sobre o que é o mercado de trabalho. Como nos diz **Barbi**: *“...eu não me sinto preparada eu tenho ainda assim né... **um pouco de medo**, para um secretariado executivo, sei lá...”*. São as pausas o silêncio o discurso interdito. “Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida” (Bakhtin, 2004, p.123).

O contexto excludente do mercado de trabalho revela que a maioria dos universitários estão dispostos a trabalhar sob qualquer forma de atividade, mesmo tendo um contrato precário ou em curto prazo. Por outro lado, os estágios revelam esta experiência de trabalho, e da temporalidade do trabalho, desta forma a expectativa de ser descartado do mercado se funda entre os universitários. Como nos diz **Suzi**: *“Sempre falam que é legal fazer o mestrado depois que a gente tiver trabalhado um tempo e tiver alguma experiência diferente, né... mas é aquela coisa também né (sic.) ... se eu tiver desempregada”*. Sobre uma vivência direta ou indireta, o problema do desemprego afeta também a carreira dos universitários, que temem a situação a médio e longo prazo após o período da formatura.

Como pretendeu-se demonstrar, todos vêm com apreensão o futuro e alguns destes acabam por escolher caminhos supostamente mais seguros, como o permanecer estudantes. O abrigo da universidade ainda parece ser um lugar mais agradável aos universitários do que o mercado de trabalho.

O direcionamento do mercado de trabalho, para uma qualificação cada vez maior, encaminha os universitários para cursos de mestrado ou doutorado, não só como uma forma de qualificação, mas na verdade como resguardo contra a possibilidade do desemprego. No mercado de trabalho, esta pressão para uma qualificação cada vez maior resulta de tensões e intenções que se situam entre exigências externas e sentir-se preparado. São constituintes ou constituidores do que se pretende-se expor como o sentimento de vulnerabilidade.

5.8.1. O SENTIMENTO DE VULNERABILIDADE

*Eu não me sinto preparada para cair assim...
no mercado de trabalho.(Moa)*

A vulnerabilidade pode ser entendida como condição de restrições e inseguranças várias, nas quais é necessário o reconhecimento da fragilidade da vida humana e da responsabilidade social compartilhada de todos para com todos. Tal reconhecimento remete para uma nova visão de proteção ativa e dinâmica de inserção dos sujeito nas sociedades que devem ser continuamente avaliadas, pois

são as circunstâncias que podem afetar negativamente a liberdade necessária ao processo de tomada decisão, constituindo, desta forma, riscos de vulnerabilidade.

Neste contexto, a explosão do desemprego, a desestruturação do mercado de trabalho enquanto vetor de inserção relacional passa a representar uma zona de vulnerabilidade que está em expansão. Para Castel (1998), trata-se da exclusão social a que estão submetidos os grupos menos favorecidos como: indigentes, deficientes, mendigos, vagabundos, velhos, crianças de rua, incluindo aí os "novos pobres" e as "famílias mono parenterais". A vulnerabilidade pode ser entendida como uma redução da exclusão protetora, redução da voluntariedade, espontaneidade, liberdade, a autonomia, capacidade de auto-determinação e suscetibilidade.

Entre os quatorze entrevistados somente quatro vem de famílias monoparentais, no entanto o impacto de ter os pais separados e observar a dificuldade de manterem os filhos repercute nos projetos de vida dos universitários. Por exemplo, **Bia**, ressentida-se de ter sido deixada sozinha enquanto a mãe separada trabalhava para sustentar os filhos. Teme ser como a mãe, ao mesmo tempo em que se orgulha dela. **Leo** é filho de pais separados, seus irmãos moram cada ano em um país diferente, pois o pai é um executivo na Inglaterra e mãe encontra-se na França. **Leo** ressentida-se de não ver a família, encontram-se uma vez a cada dois anos. Seus projetos de vida também são afetados porque **Leo** pretende ter dinheiro e sucesso, trabalhando na área financeira, mas também gostaria de ter uma família e voltar a morar perto dos avós que o criaram. **Barbi** foi criada sozinha pelo pai que trabalhou para sustentar a filha, seus valores são próximos do sacrifício pelo trabalho, é vulnerável porque trabalha em uma área predominantemente masculina, e sente-se muito pressionada por resultados no trabalho. **Tonico** foi criado pela mãe, que era trabalhadora em um hotel, orgulha-se de que ela tenha criados os dois filhos com sacrifício e sozinha, seu projeto de vida também consiste em dar uma vida melhor para seus filhos, porém sente-se vulnerável ao mercado, por se considerar um aluno medíocre.

A emergência deste sentimento de vulnerabilidade, reflete-se em palavras ou em silêncios, interditos, frases interdidas, onde predominam o sentimento de desamparo ou a desesperança de um futuro promissor. **Fabi** teme mudar-se para São Paulo e não conseguir emprego, não ter o sucesso e não poder ajudar seus pais na velhice, todos os seus projetos de vida estão ligados ao emprego. **Bia** fez duas faculdades: publicidade e geografia, seu sentimento de vulnerabilidade se encontra expresso na possibilidade de não conseguir integrar as duas áreas ou em não ter um lugar para trabalhar, só no final do curso é que descobriu que o maior campo de trabalho do geógrafo é o ensino e não gosta de lecionar.

Máximo, encontra-se com um discurso autoconfiante, mas também teme não poder ajudar a sua família, seus pais são agricultores e usam sistema de empréstimos de terras (meias) para sobreviverem, a almejada melhora nas condições de vida constituem um risco pessoal, e sente a urgência em ajudar os pais.

Na dimensão do discurso, a palavra, pode tanto transformar quanto reproduzir as relações de dominação. A vulnerabilidade relacionada com as marcas deixadas no texto, com as suas condições de produção, se inserem na formação do discurso onde os universitários deixam antever a situação de conflito e contradição frente a percepção do que acontece no mercado, já que grande parte da juventude encontra-se desempregada.

Suzi apresenta muitas fragilidades em seu discurso, não quer fazer planos de futuro, teme não conseguir um estágio, teme não saber desempenhar um trabalho, teme não ser “a escolhida” nos processos seletivos. O sentimento de vulnerabilidade se inscreve no discursivo de **Suzi** de uma forma ampla, recorta todo o seu texto, toda a sua fala, e também colore a sua expressão facial. Seus olhos tremem, demonstra estar assustada enquanto fala sobre o futuro.

Nos demais discursos, o sentimento de vulnerabilidade apresenta-se de uma forma mais sutil, expresso por exemplo no discurso de **Fabi**, na possibilidade de não vir a ser grande secretária executiva, são sonhos ou projetos de vida, sobre

os quais a desconfiança permanece. Não tem mais a liberdade para sonhar uma vez que a época do prestígio e do trabalho valorizado, do papel de uma secretária executiva na sociedade está cada vez mais incerto. De certa forma é o não dito em seu discurso, mas está implícito no sentido do trabalho.

A instabilidade e as metaformoses da natureza do trabalho representam zonas de perigo, e são capturada por uma visão mais geral do mercado, obtida através de outros mediadores sociais. Como explicito no discurso de **Suzi**:

*Eu acho que sou eficiente nos contatos via computador, via e-mail e via internet. Eu estou procurando estágio desta forma...(sic) mando e-mail para várias empresas procurando estágio e qual é a forma para me cadastrar. Então eu **não sei há mais alguma coisa a fazer.***

A vulnerabilidade é o sentimento de não ter uma direção segura a ser tomada, sentimento que ameaça o sujeito de uma forma ampla. Uma das dimensões possíveis é a dimensão do mercado de trabalho, do desemprego, da precarização dos postos ocupacionais, e a probabilidade da pobreza futura. Nos discursos, a fala dos pais quando tinham a sua idade tinham casa, trabalho estabilidade. Como na fala de **Raquel**: *...porque meu pai e minha mãe vieram de famílias assim, super pobres. Não tinham nada. Eles tinham que tomar sopa de osso, é assim que eles falam... e hoje eles tem tudo.* No entanto, os universitários e sentem-se sempre atrasados demais para conseguir almejar um lugar na social, próximo ao que seus pais tiveram direito.

Vivências significativas dos universitários, em contato com outras realidades laborais, através dos estágios também permitem ao formando perceber o mercado de trabalho, de um ponto de vista global. A partir daí a percepção de sua condição de qualificações, torna-se algo cada vez mais complexa. Ter qualificações acadêmicas ou experiência profissional, são as duas dimensões que fragilizam e impedem o sujeito de tomar uma ação. **Bruno** nos diz: *“Saio para estágio em Setembro de 2006, e eu nunca fiz estágio em empresa privada”.* A retomada da vulnerabilidade, em seu discurso, remete a não ter ainda experiências em empresas

privadas, ou seja, a conjunção da precarização do trabalho e a fragilidade dos suportes relacionais.

A instabilidade do mercado laboral, promove sentimentos de insegurança e os formandos encontram-se desprovidas de condições de apoio ou orientação no enfrentamento desta fase de transição. Como nos diz **Bruno**:

*Agora eu acho que talvez na complexidade que ta o mercado agora para conseguir uma vaga e..... tal, talvez...talvez ...seja um pouco mais **complicado**.... Mas eu também.... não sei daí **qual seria o critério de preparação, para conseguir ter uma vaga**.... Não sei daí.... bom daí...daí eu já não sei, eu tenho dúvidas assim sobre o que é estar preparado e o que é não estar preparado.*

O que assusta o formando é o fato de ter em conta um problema que não é mais um problema local, a falta de critérios torna-se um agravante para os projetos de vida. O formando percebe que tem competências, mas estas não bastam para resolver o problema do desemprego. Em seus discursos, o termo empregabilidade traduz a capacidade do sujeito de deter tantas competências, técnicas e relacionais que lhe permitiria ter um posto de trabalho em qualquer lugar do globo. Porém, nesta época de turbulências, deter todos os requisitos a serem cumpridos é um processo complexo.

Este sentimento de vulnerabilidade encontra-se em um duplo processo constituído “esses seres de carne e osso, de sangue e sofrimento (...): aquele que vai da integração à exclusão na ordem do trabalho e aquele que vai da inserção ao isolamento na ordem sócio-relacional” (Castel, 2005, p. 28). Sofrimento que é explicitado no discurso de **Suzi**, de uma forma contundente: “*Mas na hora que você vai fazer, meu Deus **não tem noção de quantidade assim, mil litros, cinco mil litros, são pouco é muito né. Pelo menos para mim falta bastante esta visão prática das coisas né... porque só os números não dizem nada***”.

O que fazer para se proteger, pois a insegurança permanece sem resposta em seu discurso. A partir desta constatação, Castel (1998) se propõe a pensar as situações de privação como um efeito da conjunção desses dois vetores - o do trabalho / não-trabalho e o da inserção / não-inserção em uma rede relacional. Na zona de desfiliação, estariam aqueles grupos marcados por um modo particular de dissociação do vínculo social que o autor denomina de desfiliação. Sem

subestimar a dimensão econômica, chama a atenção o fato de que os universitários requerem e mobilizam intervenções sociais não apenas pela possível situação na qual se encontram, mas pela fragilidade de seu tecido relacional. **Suzi:** “*Você só vai fazer estágio, e daí você pensa né... é uma coisa bem **conturbada** eu acho.*”

A preocupação do formando é de que este vai só fazer estágios, o resto da vida, esta condição é de extrema vulnerabilidade. Como consequência, tem aumentado o número de anos que os universitários permanecem na universidade, uma estratégia para fugir do sentimento de fracasso ou desamparo é continuar perpetuando sua permanência na universidade.

Seriam talvez sentimentos de previdência mascarados pela necessidade de informação na universidade, sobre as condições para além do universo acadêmico? De todos os serviços que a universidade presta aos alunos seria este ainda mais uma prerrogativa a ser reclamada.

As condições de previsão do futuro desemprego domina um sentimento de desamparo dos formando, em um destino este que assusta, como nesta expressão de **Suzi:**

*E dependendo do lugar eles te põem de recepcionista né...de atendente de telefone, daí já **desanima** né... daí você **não sabe** se procura emprego, numa empresa grande, ou numa pequena, e daí também, uma coisa que é... assim né... a **gente tem a idéia de fazer estágio e ser efetivada** né. Só que aí a gente vê, que tem colegas, que já saíram de onde fizeram estágio e a **maioria não conseguiu efetivação** assim.*

O trabalhador, inscrito na condição de assalariado, encontra-se em condições particulares e conflituosas, mesmo nas categorias das profissões ditas, de nível superior. A vulnerabilidade é o sentimento que se inscreve no presente para descrever uma constante preocupação dos universitários com o futuro. Como nos diz **Bruno:** “*Será que eu quero passar **o resto da vida dentro de uma indústria...***”.

O medo do fracasso que obstrui o impulso de sair do ambiente universitário e criar o que deseja, e isso também é válido em relação às amizades pessoais e à vida social em geral. Evitando o contato exterior, o formando evita igualmente revelar-se e sentir, de um lado o medo e, de outro, a competição.

Para evitar sentimentos de rejeição, evita-se o outro e o assumir o risco de não conseguir a profissão desejada, causando certa imobilidade na direção dos contatos, na falta de instrumentos e sem os meios de trabalho o sujeito perde sua autonomia, encontra-se assujeitado ou subjugado ao detentor destes meios. Em

decorrência do desemprego, configura-se a impossibilidade de ação do homem, de ter direito até a um tipo de trabalho, mesmo que alienado.

5.8.2. O MEDO DO MERCADO

Você está aprendendo uma coisa aqui hoje, e daqui a um mês já era, eles estão criando coisas, que você nem sabe. (Barbi)

No signo do medo, os sistemas semióticos que servem para exprimir uma ideologia do mercado, os discursos produzidos oscilam entre o medo e a segurança quanto à preparação para o desempenho profissional. A cada entrevista dos universitários repetem-se uma cadeia de significados no quais o medo e a ameaça de não se cumprir um objetivo se impõe. Esta perspectiva de futuro sombrio pode vir a significar a impossibilidade de realizar ou concretizar um seu projeto profissional. Os sonhos de uma carreira de sucesso se alteram e transformam conforme a proximidade do fim do curso se aproxima, impõem aos universitários um constante estado de alerta, ansiedade e insegurança subjetivamente vivenciado.

Passamos a revelar nos discursos sobre a preparação para o mercado e os sentimentos de estar sim preparado ou não para enfrentar o medo que permanece. Como nos diz **Barbi**: *“Mas a gente nunca ta pronto para isso. Eu acho que nunca você está pronto.. Não, é justamente por isso. Não me sinto, porque não sei se na minha área. Ou se todas as áreas é assim, mas você está sempre... eh... tem muita competição nesta área. Tecnicamente **você nunca está preparada**”*. Entre o nunca estar preparado, que reflete uma formação ideológica clara alguns jovens se posicionam criticamente sobre o mercado.

Como nos diz **Bruno**: *“Agora como tudo atualmente, virou uma baderna que o cara tem que saber ser criativo, tem que saber se comunicar bem, e tem que ser um **monte de abobrinha**, sei lá, **não sei mais ai agora** como, como que estão as coisas”*. A metáfora utiliza se refere a uma forma de superar o sentimento de desamparo e ao mesmo tempo a uma crítica ao contexto vivenciado. Um contexto que evidencia a confusão e a não possibilidade de ação, como nos revela Gil: **Não, não. É bem confuso** assim eu não sei como melhor preparar. Talvez com mais

estágio assim, ou talvez não com mais pesquisa assim. Pelo menos para eu saber se eu quero indústria mesmo, eu só tenho estágio no último período sabe. E você já tem que decidir.

A pressão por decidir entre e “ a falta de alternativas profissionais poderia provocar ambivalência nos formandos sobre qual caminho seguir dentro da profissão, dada a incerteza quanto à possibilidade de realização dos projetos profissionais sinalizada pelo mercado”. (Teixeira e Gomes, 2005, p. 328). Nestes descaminhos dos apelos do mercado, o medo é um sentimento que permite um retorno sobre o sujeito, que acaba por se culpabilizar no processo, como nos diz **Suzi**:

Ai eu.... sinceramente não..... não tanto, mas em relação ao nível prático das coisas assim né... Porque a gente vê, vê matéria, mas daí quando a gente vai fazer qualquer trabalho. ...tem que aplicar aquilo, ...meu Deus eu não sei fazer aquilo, porque que nem agora a gente tem que fazer um projeto de uma indústria...tenho que fazer tudo assim, aonde que a indústria vai ser, qual o tamanho, a área, equipamentos, né.... tem que ver tudo. ...eu to me formando .. tecnicamente eu deveria saber fazer tudo isso né?

O medo paralisa as ações do sujeito, que se vê sem alternativas para agir, sua emoção está focalizada na incompetência, não qualificação e na ausência de experiência profissional. Percebem que tem conhecimento técnico, mas na prática, já não sabem o que fazer de si mesmos. Entre os quatorze entrevistados, nove dizem sentirem-se preparados, pelo menos em relação à parte técnica e teórica da graduação, então o medo é não possuírem a experiência profissional necessária.

Cinco dos entrevistados afirmam não estarem preparados e não saber como buscar de alguma forma outras competências mais importantes para complementar a sua formação e acesso a conteúdos que não tiveram na universidade.

No discurso do medo, a gênese do problema parece ser uma emoção que envolve, ao mesmo tempo, confusão e despreparo. Como em todo discurso, a realidade encontra-se fragmentada, neste emaranhado de sentidos, ter experiência e ouvir falar sobre o trabalho, o sentimento de não estar apto é o grande medo presente no conjunto dos universitários. O papel da universidade ao lançá-los ao universo do trabalho talvez fosse o de desvelar algumas armadilhas sobre o mesmo. A insistência no papel institucional da universidade, nas intervenções sociais, é devido a constatação de existir um coletivo que sofre condições psicológicas de desconforto e desinformação sobre si mesmo em relação a este mercado. Como

Fabi de fato não se sente preparada para o mercado de trabalho: “**eu não me sinto preparada** (sic)...*um pouco de medo*”. Revela um horizonte de expectativas permeadas por emoções confusas e sentimentos de insegurança marcados predominantemente pelo medo.

São idéias ainda não estão claramente definidas sobre o trabalho, e fazem ecoar o seu desejo de ser aquilo que ainda não é, mas, na condição de formando deseja vir a ser: *entrar no mercado de trabalho, assim ...como uma grande secretaria executiva*, (**Fabi**). Para compreender a linguagem, alheia nunca é suficiente compreender as palavras, é necessário compreender o pensamento do interlocutor.

Existem várias contradições no discurso de **Fabi**, como em outros discursos, por um lado se qualificou através da universidade e da experiência profissional, por outro lado, a regra do mercado foi alterada e na situação de formanda e a vivência em uma grande empresa, sua visão se altera. Afirma: *Mais eu já fiz..., eu já trabalhei na um tempo na CASAN, trabalhei na secretaria executiva, de diretoria assim..., eu tinha uma idéia, de pegar uma prática para ver como é que é.*

A vivência no papel de ser uma grande secretária executiva bilíngüe a faz refletir sobre a diferença entre o real e o ideal. Começa a tomar consciência das demandas de qualificação profissional e das ofertas do mercado para a sua área profissional: *eu tinha uma idéia...* Quer torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros.

“A dialética da objetivação e subjetivação mediada pelo ato criado é o âmago da teoria de que se irradia para muitas direções e com interlocutores variados” (Zanella, 2005a, p.3.). Se pretende compreender a dimensão psicológica dos sujeitos que produzem seus discursos frente a possibilidades e impossibilidades de compreensão do real.

Os universitários nos informam direções possíveis de enfrentamento, no discurso de **Fabi**: *Bem eu vou me formar em setembro, acho que vou me mudar para São Paulo, agora no final do ano. E procurar um trabalho, porque aqui não tem campo de trabalho, na área é muito pequeno o campo. Então eu to indo para São Paulo, e quero tentar um MBA lá né”.*

Um dos fatores que determinam direções possíveis de futuro para os universitários é a identificação de como se posiciona o mercado de trabalho em cada

região do Brasil. Alterando as disputas por postos de trabalho; uma situação extremamente estratégica frente as possibilidades de seu campo profissional.

O sujeito encontra-se face a face com leis que regem a inserção profissional, leis da oferta e da procura, leis que determinam lugares sociais onde só os mais qualificados podem adentrar. Logo, tal medo revela-se na expressão mercado de trabalho, que traz em si múltiplos significados, que podem funcionar como bloqueios de sua tão sonhada profissionalização. Como no exemplo de **Barbi**: *“Então, a faculdade, eu acho que em determinado curso, como é o meu caso, que a gente não tem muito contato realmente com o mercado de trabalho”*.

Em seu discurso o mercado de trabalho remete a um contexto de signos indecifráveis e impossíveis de serem conhecidos pelo sujeito, e ao mesmo tempo retratam oportunidades e faltas de oportunidades para um grande contingente de alunos recém-graduados. A contradição básica vivenciada pelos universitários é como se preparar para o desconhecido, pois para o desconhecido não há trajetória previsível. Neste contexto, a orientação profissional deve ser um trabalho que aprofunde as questões escolha, do futuro e da identidade profissional.

Um modelo de identidade profissional deve especificar de que maneira a identidade vocacional (expressão e síntese das sobre determinações subjetivas) inclui na determinação da opção as variáveis do contexto, como uma ordem objetiva de determinações da identidade profissional (respondendo ao quando, onde, com que, com quem e como desempenhar um papel produtivo na estrutura social) (Soares, 2000, p. 33).

A pessoa que escolhe uma carreira deve, nesse momento de sua vida enquanto formando, construir sua escolha com base em um “o que fazer” para ingressar no mercado de trabalho, **Barbi** diz:

Nem com local de estágio nas fases iniciais ou mesmo nas finais, a gente não tem... O que tem mesmo mais é monitoria, mas essa monitoria... também é muito... quase como que... cuidar do laboratório. Não tem... tantas atividades assim, que te prepare realmente para mercado de trabalho, né? É o que eu vejo eu nunca fui monitor, mas... é o que eu vejo... dos meus colegas que estão atuando em cima da monitoria, né? Então eu acho que a universidade ainda não está preparando para o mercado de trabalho, ela está só te dando alguns instrumentos, né?.

A expectativa dos universitários é de terem condições de saber. Precisam se instrumentalizar de um saber profissional que lhes permita poderem competir em um mercado que dita requisitos de qualificação cada vez maiores. Vivenciam nos

processos de recrutamento e seleção, mesmo na fase de estágio, inseguranças para se inserirem como profissionais em suas áreas de atuação, mas desejam esta trajetória de inserção profissional como elementos produtivos para a sociedade e para si mesmos, o desejo é de construção, pessoal e profissional, como pode nos relatar o discurso de **Barbi**:

*Que **você pode construir** na sua **parte pessoal** também, né? Na sua parte pessoal e conseqüentemente com algum conhecimento profissional, né? Você não entra na universidade e sai da universidade do mesmo jeito, você tem contatos, diversas coisas que vão te ensinando isso, né? Mas **falta informação** do mercado de trabalho. Mas porque a gente tem que escolher muito jovem, né? Você é muito jovem, você sai no segundo grau... você já tem que escolher uma profissão, né?, e daí... e essa profissão. **Você cai ali e fazendo um monte de coisas**. E o que eu vou fazer... o que é que eu vou fazer... Acaba caindo na mesma situação do segundo grau mesmo, muitas vezes. Você sai de lá, está cheio de informação... Mas, e agora... né?*

Os discursos nos revelam os sentidos, nas relações entre o aluno e a universidade. Um processo no qual o sentido se desloca se constrói entre diferentes referenciais, como nos diz no texto acima **Barbi**, ninguém entra e sai do contexto universitário da mesma forma. A universidade fez a sua parte uma dimensão da formação profissional, a outra remete ao sujeito, esta parte é a necessidade de complementar o seu saber ou de fazer a sua parte.

A palavra que marca a sua insegurança em relação ao mercado de trabalho nas suas futuras escolhas é “cair”, e se refere a ser mal sucedido ou a se deixar levar pelo mercado, explicita o sentido da emoção, marca característica desta população. A necessidade de conduzir sua vida com alguma segurança implica, para o sujeito, a capacidade de estar sobre as próprias pernas, ou caminhar sobre uma verdade pessoal possível. Mas os universitários se percebem imersos em condições que desfazem opções e possíveis caminhos de escolha, e o medo se revela no ato de cair. Eles traçam diante dos outros e de si mesmo suas escolhas em um contexto sabem pode os excluir e, assim, o desconhecido mercado de trabalho ameaça a estabilidade e a segurança do formando.

Determinadas direções articuladas com a prática social e carregadas por elementos ideológicos acabados, pois para concretizar um objetivo de futuro profissional o sujeito deve se adequar a um determinado perfil profissional proposto pelo mercado de trabalho. O formando concebe uma determinada realidade de mercado de trabalho com a qual deve se adaptar para se vincular.

Eu fiz tantos estágios, porque assim, eu tenho um perfil diferente dos alunos do curso, do geral do curso. A maioria das pessoas tem que trabalhar o dia inteiro. E eu não tinha essa exigência de casa, então eu tinha essa liberdade de poder fazer o que eu quis... Só que... Eu também não ia ficar em casa fazendo faculdade só de manhã, e sabendo que tinha um mundo até para eu conhecer, né?. (Moa)

Priorizando a informação profissional, a escolha de um percurso de estágios dentro da universidade permite ao formando a transformação de sua escolha de carreira futura. Ao trabalhar a questão das possibilidades do mundo do trabalho, tecem-se novos sentidos sobre a escolha, possibilitando ao universitário construir uma perspectiva de carreira. Moa diz: “**Então eu comecei a me relacionar com as pessoas do departamento, com professores e funcionários, e isso que foi me abrindo as portas assim. Se eu não tivesse definido estas relações logo no começo, aí talvez eu chegasse até a sétima fase sem fazer estágio**”.

O formando participa como co-autor de uma determinada realidade a partir das relações que estabelece nesse contexto. Mesmo que não tenha uma idéia clara sobre seu campo de atuação, e o seu presente lhe reserve escolhas e decisões assentadas sobre uma expectativa de um futuro incerto, no mercado de trabalho ninguém quer cair.

E isso foi fundamental, eu vejo, foi fundamental para saber o que, que eu quero fazer, de agora em diante e o que eu não quero. Porque se eu não tivesse trabalhado em movimentos sociais, eu não saberia que eu não quero né? Talvez aí na vida profissional eu poderia cair numa instituição que trabalha com isso, daí só lá eu iria descobrir o que é isso. O estágio foi fundamental para mim.(Moa)

Tendo em vista a inserção profissional, o sujeito realiza uma prática de vários estágios para combater a insegurança, e o medo de um mercado de trabalho que não oferece nenhuma segurança. Os sentidos de sua escolha profissional são remetidos do trabalho presente, realizado nos estágio ao trabalho futuro e o sujeito percebe-se como autor e co-autor de sua realidade.

Na relação entre o sujeito e sua perspectiva de trabalho, este busca se diferenciar dos seus colegas, que freqüentam o mesmo curso e não fizeram estágios, e não estariam qualificados. Ao mesmo tempo, suas ações refletem sua intenção de freqüentar estágios para saber o que é o trabalho, o que se faz, onde se faz e como se faz. Suas condições se transformam, e os sentidos da escolha se movimentam. Compreende a situação do mercado competitivo, mas não negam esta ideologia, de maneira diversa vão de encontro à qualificação profissional.

Remete a um contexto de signos indecifráveis e impossíveis de serem conhecidos pelo sujeito, o sentido do mercado de trabalho para uma profissão, às ligações deste signo com o status atribuído a esta profissão nos remetem para os sentidos do diploma.

5.8.3. O SENTIDO DO DIPLOMA

Reafirmam no discurso dos formandos o valor ideológico do diploma, para eles ser profissional e pertencer à classe dos diplomados é mais importante do que a escolha profissional em si. Tecida sobre orientações do desejo daquilo que o sujeito gostaria de fazer. As mediações institucionais remetem os sujeitos a saírem da condição de alunos e se inscrevem em um quadro de outros sujeitos profissionais, considerados pelos universitários como profissionais privilegiados socialmente.

A competição por notas se instala nos discursos dos universitários, pois as oportunidades de emprego começam a ter como referência de seleção profissional, o rendimento no ambiente universitário. As empresas privilegiam os alunos com maior IAA (Índice de Aproveitamento Acadêmico). O objetivo do aprendizado passa a ser da busca do saber para a busca de notas desconsiderando a formação integral do sujeito. Nesse contexto, observa-se que os universitários mais qualificados, ou com maiores notas, passam a se considerar privilegiados na inserção profissional futura em oposição àqueles que não tem as melhores notas, como nos dia **Bia**: *“Mas, no meu caso, para você arranjar um outro emprego é muito complicado né porque todo mundo pede experiência mais **ninguém te dá oportunidade**”*.

O sonho do diploma é estabelecido e mantido pelas relações que o sujeito estabelece com outros sonhos significativos em sua história, e se processa um movimento que é ao mesmo tempo singular e coletivo. **Barbi** diz: *“ Oh, total... Eles estão todos no preparativo, **o sonho da minha mãe sempre foi ver os dois formados**. Porque por ela não ter feito a faculdade, sempre quando ela vem para cá, ela pede para vir na UFSC. Porque **ela ama isso aqui**. E **eles não querem que eu pare de estudar**”*. Trata-se de um valor histórico e social do diploma.

Grande parte dos alunos que contemporaneamente tem entre 20 e 25 anos fazem parte de um coletivo de uma geração de pais, que em sua maioria não tiveram acesso ao sistema de ensino, pais cuja possibilidade de estudo lhes foi

negada. Reproduzem, a lógica da qualificação para o trabalho, a ideologia do diploma como salvaguarda do futuro. O sentido de estudar como condição de status social, de mobilidade e de melhores possibilidades de futuro além da independência financeira almejada.

*É engraçado, né?, porque eu... **eu tenho uma resistência** de, tipo assim, **depende** do meu pai. Para mim isso é muito **constrangedor** e muito chato. Mas eles não querem que eu pense desse jeito, eles querem que eu me dedique, e eles vão **trabalhar o quanto precisar** para que **eu possa estudar**, eles querem que eu fique estudando. Porque eles quiseram estudar e pelo fato de não terem conseguido, eles querem dar isso para gente agora, né? (Barbi)*

Mas só um diploma não basta, a orientação que recebem é de continuam se qualificando para entrar cada vez mais tardiamente no mercado de trabalho, como corroboram vários autores (Antunes, 2005; Aued (Org.) 2000; Pochmann, 1998, 2002, 2003, 2004a, 2004b e 2007, Fonseca e Azevedo, 2007).

Considera-se, por outro lado, que o diploma permite ao sujeito progredir em suas outras escolhas. Na realidade, ele liga seu valor social à capacidade de gerar melhores condições de vida, o produto do trabalho, ou seja, o dinheiro. A lógica do raciocínio é que quanto mais diplomado melhor remunerado.

*Então eles têm **uma expectativa enorme** de eu me formar e de eu continuar estudando e fazer **um mestrado**, e daí já **engata um doutorado** e daí já faz... até onde der. Eu queria ir para o mercado de trabalho, mas minha mãe diz assim: mas pára com essa idéia, estuda agora que tu podes estudar, depois vai trabalhar. **Sabe com medo que eu não consiga voltar para cá depois**. Porque com meu irmão foi assim, ele saiu e agora não consegue voltar, embora ele dê aula e tudo, mas agora **está difícil para ele**.(Barbi)*

Permanecer no contexto universitário tem um significado específico relacionado com trabalho. A supervalorização do conhecimento é um fato ideologicamente afirmado e para o sujeito está relacionado com suas vivências e experiências singulares, nas relações que estabelece com seus pares. Embora o seu discurso imponha resistências ao contexto, no seu texto retrata o ideal do outro, o desejo do outro, e o destino de si mesmo. São as múltiplas falas que repercutem nas vozes do formando.

Segundo Clot (2006), o trabalho, além de merecer um estatuto inteiramente distinto entre as diversas atividades exercidas pelo homem, preenche uma função psicológica específica:

na medida em que promove uma ruptura entre as “pré-ocupações” pessoais do sujeito e as “ocupações” sociais que este deve realizar. Trata-se de uma atividade que requer “(...) a capacidade de realizar coisas úteis, de estabelecer e manter engajamentos, de prever com outros e para outros algo que não tem diretamente vínculo consigo (p. 73).

O discurso dos universitários implicam em preocupações de uma classe social. Existe uma coletividade, os universitários que hoje se preocupam com as ocupações em se inserir no mercado, em desenvolver coisas úteis. Ao saírem das universidades além do diploma, não tem senão sua força de trabalho para garantir suas condições materiais de sobrevivência. Para Clot (2006), o trabalho seria, em suma,

um dos maiores gêneros da vida social em seu conjunto, um gênero de situação do qual uma sociedade dificilmente pode abstrair-se sem comprometer sua perenidade; e do qual um sujeito pode dificilmente afastar-se sem perder o sentimento de utilidade social a ele vinculado (...) (p. 69).

Se por um lado o diploma implica em satisfação de atingir objetivos por outro não corresponde às expectativas de garantia para emprego bem remunerado, pois a redução no número de empregos oferecidos e inovações tecnológicas transformaram profundamente o campo das ocupações profissionais.

*Só isso, porque eu estou meio, sei lá, talvez um pouquinho, não sei falar... **Desacreditado**... Ou um pouco **desmotivado**, talvez com a área, com o que eu quero. Sei lá... Porque de muito... Eu gosto de várias outras coisas, e eu me sinto um pouco desmotivado com a universidade. Porque o ensino da universidade, ele é **voltado só para área técnica** de..., e... Não sei assim... Eu gosto muito de música, eu gosto muito de... Outras formas de... sei lá, da escola... De arte... E tal. Oh... O meu irmão é músico, meu irmão é formado em escola de música. Eu sinto isso muito em relação... com o meu irmão. Eu gosto muito de esporte, só que eu sempre coloquei na minha vida, e sempre tive isso dentro de casa que esse tipo... Que essas áreas não iam me fornecer um **futuro consistente**.(Bruno)*

O discurso de **Bruno** afirma que o tornar-se diplomado na universidade é mais importante e tem um valor, do que um trabalho que esteja relacionado diretamente com seus interesses ou aptidões. Observa-se ainda em seu discurso que a arte ou o esporte não podem ser vistos como campo trabalho ou ocupação valorizada, pois tal trabalho não lhe permitiria atingir seus objetivos de vida. Assim, por falta de estímulo, desmotivado e desacreditado de sua área profissional de interesse pessoal, assim como **Bruno** muitos universitários abandonam esta escolha precocemente e acabam se dedicando a área técnica. Em outro trecho de sua fala nos esclarece:

*O meu pai é engenheiro, engenheiro agrônomo, e então... Eu sempre tive isso, sempre, dentro de casa, tive esta vontade, não... quero ser engenheiro, quero trabalhar numa empresa, e quero, **eu vou ganhar dinheiro e ter minha vida**, e vou comprar meu carro, minha casa e... Meu cachorrinho e minha namo... Minha mulher, pronto! (Bruno)*

Os interesses dos universitários sobre a carreira são influenciados por mitos familiares sobre as profissões, e as perspectivas de casamento e de constituição de uma vida familiar, lhe permitindo a independência é relevante. Outro dado significativo sobre os sentidos do trabalho, é anterior ao tempo presente, o significado do trabalho é tecido no ambiente familiar e nas relações que se estabelecem a partir dos conceitos, valores que passam de geração para geração. Antunes (2005) afirma que:

A classe trabalhadora, os “trabalhadores do mundo na virada do século”, é mais explorada, mais fragmentada, mais heterogênea, mais complexificados, também no que se refere a sua atividade produtiva: é um operário ou uma operária trabalhando em média com quatro ou cinco máquinas. São desprovidos de direito, seu trabalho é desprovido de sentido,(...). (p.205).

Ou seja, a função psicológica do trabalho residiria, sobretudo, no patrimônio “que ele fixa e na atividade (conjunta e dividida) exigida pela conservação e renovação desse patrimônio”. Clot, Y. (2006, p. 80). Estamos falando de uma função vital, pois trata-se de uma atividade que é, simultaneamente, de conservação e de transmissão, envolvendo um duplo processo, de invenção e de renovação, no qual cada um se vê como sujeito e objeto .

*Eu sempre tive isso comigo assim, daí agora no finalzinho é que eu comecei a pensar e a resolver umas... outras coisas. Será que é isso mesmo? Será que eu quero passar o resto da vida dentro de uma indústria... e tal. Só que... sei lá. Agora eu acho que é uma... he he... Uma escolha meio complicada isso... **Talvez eu tenha que realmente trabalhar** e levar essa vida desse jeito e completar essa outra parte que está faltando assim com alguma outra coisa. (Bruno)*

Os sentidos mudam, movem-se ao longo do discurso, a palavra “não” se move, desloca-se no interior do discurso, vai do sentido produzido pelos pais para o sentido pessoal: o que eu quero hoje é o que meus pais sempre quiseram para mim. O discurso dos pais por intermédio do discurso dos filhos. Ao final do curso, remetem-se os sujeitos a uma nova escolha de trabalho, com maior complexidade, a qual se relaciona com uma carreira capaz de fornecer um futuro consistente.

5.9. ESTRATÉGIAS DE FUTURO

Fazer um pé de meia. (Leo)

As estratégias de futuro, são esquemas organizados sobre as restritas possibilidades de escolhas dos sujeitos e sobre as estruturas objetivas que determinam esquemas de sobrevivência. A responsabilidade da tomada de decisão recai sobre o formando através de tentativas singulares de exercer a profissão escolhida. Contraditoriamente a identificação ou filiação com determinado curso e profissão impede a alteridade.

Cada um de nós é efeito da alteridade: nada sou fora das relações com os outros; nós nos constituímos e vivemos nas relações com a alteridade. Ou, nas palavras de Bakhtin (2003, p. 341), ser significa conviver. A morte absoluta (o não-ser) é o estado de não ser ouvido, de não ser reconhecido, de não ser lembrado. Ser significa ser para o outro e, através do outro, ser para si. O ser humano não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira; olhando para dentro de si ele olha para os olhos de outro ou com os olhos de outro.

Dialogam entre seus pares, formulam observações sobre o contexto e alguns vão abrindo novas perspectivas e possibilidades de trilhar o futuro incerto. O discurso dos formandos produz um texto de impossibilidades e limitações quanto ao futuro, no qual apreendem-se marcas da incompletude do ser. Alguns dos sujeitos entrevistados apresentaram a estratégia do trabalho e do emprego em primeiro lugar e, depois, em segundo lugar, continuar os estudos, somente cinco já direcionaram sua estratégia quase que exclusivamente para continuar os estudos, através de cursos de MBA ou mestrados, ou ainda especializações. O domínio de idiomas está entre as prioridades para a continuidade dos estudos.

Estratégias de futuro, se estabelecem dentro do binômio estudar e trabalhar, alunos priorizam o trabalho primeiro para depois continuar os estudos, pois sem o trabalho não terão condições de dar continuidade ao estudo. Entre os alunos que situam o trabalhar como prioritário estão os discursos de **Fabi**: *“...procurar **um trabalho**...tentar **um MBA** lá né, primeiro vou pegar um emprego para poder adquirir alguma experiência, para depois tentar uma coisa melhor”*. **Bruno**: *“ Agora vou sair para estágio, pretendo **conseguir um estágio** numa*

*empresa de médio porte ou grande porte, eu pretendo voltar para fazer um **mestrado***”.

Ainda nos discursos as estratégias de futuro, deixam antever uma idéia de destino a ser cumprido como no discurso de **Máximo**: *“E para chegar lá eu preciso **ser trainee primeiro, se eu consegui ser trainee de um banco (sic)... eu chego mais rápido no meu destino, se eu não conseguir, e se conseguir um caminho mais fácil porém um pouco mais longo é ser trainee de uma empresa na parte técnica**”*.

O desejo de aliar a parte prática o conhecimento empírico à sua formação é evidente no discurso de **Leo**: *“Eu gostaria muito de ter a oportunidade **de ir a campo, assim como no estágio, ter a oportunidade de acompanhar estas instalações grandes assim**”*. Assim como o desejo de ascensão profissional e a perspectiva de perenidade no emprego e carreira no discurso de **Tali**: *“Bom eu planejo **ficar empregada, depois do meu estágio e assim subir né, chegar a um cargo de mais responsabilidade.... mas também pretendo voltar para a universidade e fazer um mestrado***.

Além do crescimento o emprego é visto como uma possibilidade de atingir os resultados e de alcançar os frutos desejados, a recompensa pelo esforço, como no discurso de **Chico**: *Você está trabalhando e ver que o trabalho **tem resultados né, é isso ver que a empresa está crescendo com isso, com o seu trabalho, ver que a empresa está crescendo conforme você vai trabalhando. Pretendo trabalhar uns dois três anos com isso e daí abrir meu próprio negócio... Porque eu vou deixar claro que: acabou o estágio eu vou continuar trabalhando, só que eu vou me matricular instantaneamente num **MBA, centrado no negócio*****”.

Para outros alunos o estudar é prioritário para depois o trabalhar, como nos discursos de **Bia**: *“a **curtíssimo prazo eu tenho, eu quero terminar a minha faculdade e de repente começar um mestrado né... Mas nesse meio ai... eu ainda quero arranjar um emprego realmente, não um estágio, mais se tiver que começar como estágio, tudo bem**”*. Ou no discurso de **Moa**: *“É vou fazer **especialização, só que ao mesmo tempo em que eu vou estar fazendo isso eu também pretendo mandar currículo, para onde eu conheço lugares legais, em que eu possa estar trabalhando**”*. **Raquel**: *“ A minha estratégia é.... em tentar este **mestrado, na UFBA, é o único no Brasil, na área ambiental. . Na verdade se eu terminar o mestrado, e ainda ver que ainda falta alguma coisa eu vou fazer o doutorado.**”*

Para outros alunos a prioridade do estágio, uma boa escolha é fundamental para que as perspectivas de carreira se construam, como no discurso de **Massay**: “*Estou bem inseguro sobre aonde que eu faço estágio. O lugar que eu já faço estágio, também eles me ofereceram para fazer **estágio curricular**, daí eu estou analisando a melhor opção*”. Para muitos formando o estágio curricular, pode significar uma porta de entrada para um emprego futuro.

As decisões estratégicas de carreira profissional e de inserção no mercado de trabalho nem sempre são bem planejadas, muitas vezes o formando, ao longo do curso muda sua percepção sobre o trabalho, determinando novos direcionamentos e estratégias ao final do curso, como no discurso de **Gil**: “*Estou meio que não...Agora eu não quero trabalhar com carnes, ou derivados não é. Então queria trabalhar numa área mais natural, e não tão processada assim... Eu só entrei em conflito porque agora decidi fazer uma alimentação mais saudável e estou ligando mais para isso. De não querer passar um alimento ruim para as pessoas sabe, querer que elas tenham uma alimentação boa*”. O fato de ter feito Engenharia de Alimentos e hoje perceber que o seu campo de atuação está muito direcionado para a indústria de carnes.

Entre as estratégias de futuro, a busca de segurança é direcionada para concursos públicos, como no discurso de **Tonico**: “*eu continuar na prefeitura a minha intenção é tentar ou um concurso público, ou então ser designado para um cargo de economista e atuar na área*. No universo das profissões em convulsão as ocupações tendem a solicitar perfis profissionais onde os conhecimentos teóricos e práticos são solicitados, alterando as estratégias de formação para cruzar diferentes áreas, como no discurso de **Barbi**: “*juntar a área de gerenciamento de **projetos com a técnica**. E desenvolver estas duas coisas, também é uma coisa que eu pensei agora nestas duas últimas semanas. Mas de repente isso tudo muda né*”.

Entre aqueles alunos que tem alguma estratégia elaborada para o futuro, existem aqueles que aceitariam qualquer tipo de ocupação, pela incerteza do mercado de trabalho, como no discurso de **Suzi**: “*Ah! Tem gente que faz um planejamento de vida, de carreira, mas eu não tenho nada muito claro assim. Eu quero fazer um estágio, mas sei lá, se me perguntarem de que área que eu gosto, sei lá eu gosto de todas assim. Acho que é todas...Mas eu tenho medo de não conseguir daí eu acabo não. Não exigindo assim, o que vier eu pego assim*”.

As estratégias de futuro correspondem ao modo de funcionamento real da linguagem em nos comunicar as alternativas e brechas que os universitários estabelecem na vida. A relação entre trabalho e estudo está no ponto central dos discursos. Para **Fabi**, ter uma estratégia pode significar a mudança, acredita que o lugar de trabalho deve ser capaz de lhe favorecer a autonomia sonhada. No entanto, tem consciência da falta de estudo ainda para conseguir realizar seu sonho de ser uma grande secretaria executiva.

Os parâmetros utilizados para construir esta estratégia se acentuam em pesquisar o salário das categorias profissionais, são notícias, documentários e a experiência do trabalho que direcionam as subjetividades dos universitários na busca de soluções para seu problemas vividos.

Para **Bia**, terminar a faculdade, ou seja, concluir seus estudo é o mais importante no momento, precisa de um emprego, para poder aprender uma profissão, e precisa de tempo. Como sempre se dedicou a estudar, também inclui em sua estratégia futura um curso de mestrado.

Os universitários vão pesquisando possibilidades e estratégias de construir um projeto de vida com sentido através do trabalho. Para **Bruno**, que realizou estágios fora do país e sempre trabalhou com pesquisa na universidade, lhe falta é experiência no mercado de trabalho. Ele quer conseguir um estágio em uma indústria, para completar seu currículo profissional. Pretende mesmo que esteja trabalhando, realizar um mestrado depois. A relação entre estudo e trabalho é cada vez mais estreita e singular na vida dos universitários. O estudo constitui-se como uma atividade/meio para atingir postos de trabalho cada vez melhores, seu objetivo final, no qual o projeto educativo esteja talvez desviado para a manutenção da qualificação para o trabalho.

Para **Moa**, estar estudando é um condição fundamental, o trabalho é para pensar depois, na fase final da graduação a grande preocupação dos universitários é conseguir a formatura.

Existem os alunos que não constroem grandes estratégias para o futuro, porém para outros o futuro é algo bem planejado, para não ocorrer em equívocos de percurso. É o caso de **Máximo**, que tem tudo planejado e vai para a parte administrativa, já tem experiência em instituição financeira, está pensando em fazer um parte de um programa *trainee*, para ter acesso às melhores vagas. De qualquer forma, não tem uma única estratégia, tem sim várias, se não der a parte financeira,

vai para a parte técnica e se esta também não resultar, vai para o mestrado pois já tem uma boa proposta. Os universitários recebem orientação e alguns são mais ambiciosos que outros, na lógica da competitividade fazem qualquer sacrifício para garantir um lugar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma idéia é forte, verdadeira e significativa se sabe tocar aspectos essenciais da vida de um determinado grupo social, se consegue clarear a posição fundamental deste ou daquele grupo na luta de classes(...) Bakhtin em Freudismo.

O percurso que se buscou nesta tese revela a incompletude e o inacabamento do próprio discurso científico. No entanto, as considerações finais devem apontar não só o percurso da busca do pesquisador, mas um determinado ponto no qual (em que) seu próprio discurso deve acabar, momento em que a tese se deve dar por concluída, mesmo se reconhecendo ainda a sua incompletude.

A temática da dinâmica dos sentidos do trabalho e do projeto de vida dos universitários revela a intencionalidade do pesquisador, ao considerar que as mudanças sociais, mesmo as mais ínfimas, repercutem imediatamente na língua, pois os grupos e os sujeitos, em contextos diversos se utilizam das palavras, dos acentos apreciativos, das entonações e escala de valores, para exprimirem a si mesmos. Nos revelando sua subjetividade e seu projeto de futuro, quando nos dizem: “estudei para a prova não estudei para a vida”, (Máximo).

As palavras na visão de mundo do universitário demonstram o seu lugar de pertencimento a um coletivo de futuros trabalhadores, retratam modos de inserção em um contexto mais amplo da sociedade onde vivenciam as ansiedades do período de transição profissional. Logo, a língua não é neutra e está carregada de fios ideológicos, contraditórios que são particularizados pela vivência do sujeito. O seu discurso emprega uma contraposição prova/vida, expressando o desencanto e desencontro entre a teoria ensinada e a necessidade da prática exigida, portanto sua linguagem não é neutra, diz respeito a uma visão de realidade específica da situação de transição.

Nossa investigação mostrou que a concepção teórica de Vygotski e Bakhtin, já mencionadas ao longo da tese, confirmam que a língua é uma atividade essencialmente social. “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (Bakhtin, 1992, p.124).

Ou seja a língua se constitui em dadas condições inquestionáveis de comunicação entre os falantes em uma arena de conflitos e de pontos de vista divergentes ou convergentes. São formas e tipos de interações verbais em ligações com as condições concretas em que se realiza.

Os sentidos das palavras: prova e vida, se opõe com o contrapeso da expressão “eu vou ter que recuperar isso”, ou seja a intenção de se preparar para a saída do ambiente universitário. Situa-se o horizonte conceitual do falante frente ao mundo a ideologia de seu tempo, e retém a referência ao outro, no diálogo a interação entre aquele para quem a fala se dirige a si mesmo. A compreensão do discurso dos universitários sobre os sentidos do trabalho é inseparável de uma proposta de responder ao futuro com o seu projeto de vida.

Constroem no diálogo os sentidos particulares e subjetivos em uma resposta (esperada) ao ouvinte. Refletem uma particular condição de formando, singular de cada um dos sujeitos entrevistados e ao mesmo tempo retorna como uma fala possível que remete a tantos outros interlocutores iguais que vivenciam a transição.

Tomando o princípio da intertextualidade, ele narra para um ouvinte, interlocutor, como estabeleceu o seu projeto de vida, seu vir a ser: “ter que recuperar isso” (Máximo) marcados por seu lugar social reafirmam, a ideologia das qualificações para adentrar cada vez mais tarde no mercado de trabalho e uma situação de vulnerabilidade relacionada à sua posição de classe social.

Se, inicialmente, a tese se debruçou sobre o desenvolvimento do problema e da problemática, afirmando que a diminuição dos postos ocupacionais, ou a falta de emprego após o período universitário, afeta sobremaneira a vida dos universitários, mesmo ainda em curso de terminar a graduação esta afirmação permanece, estimulada pela reflexão em torno dos discursos que apresentam o desequilíbrio e a insegurança emocional presentes na fase de transição configurada como uma expectativa do desemprego.

O primeiro pressuposto que orientou este estudo, de que os universitários, não discutem o papel atribuído à formação profissional como instrumento ideológico, está presente em diversas vozes e nelas coexistem. No grupo pesquisado, todos pretendem se qualificar ou permanecer se qualificando para o emprego. Contraditoriamente frente à extrema competitividade instaurada na sociedade contemporânea, a maioria tece um discurso de dúvidas sobre as qualificações já

adquiridas, nos revelando um sujeito em constante sentimento de falta, reduzindo sua autonomia individual. Como nesta citação de **Máximo**: “eu acho que nunca vai ser cem por cento, sempre vai faltar alguma coisa.” Contraditoriamente, alguns dos sujeitos sentem-se provisória ou precariamente qualificados, o discurso sobre a realidade (infra-estrutura) revela este vínculo do sujeito com a situação concreta do mercado, e determina os limites e as evoluções desta dimensão ideológica da qualificação.

O segundo pressuposto desta tese era o de que a expectativa do desemprego, ou do medo de não inserção no mercado, representa uma zona de constante conflito nos sentidos do trabalho. Este sentimento de vulnerabilidade está repleto de significados, em constantes expressões utilizadas como: “não sei se estou preparado”, e “se não der”, ou “eu só faço aquelas coisas básicas né”, representam uma política do risco permanente em suas vidas. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, é um indicador sensível das transformações sociais. A condição do medo do desemprego e a sensação de vulnerabilidade é mediada por relações entre amigos e familiares, predominando os silêncios e os interditos em diferentes modos de discursos.

O terceiro pressuposto, de que projeto de vida é dinâmico e permanentemente reelaborado se verifica quando o formando confere à sua formação universitária uma identidade profissional. A construção de um projeto de vida remete a um passado, se presentifica em suas vivências de trabalho, e se estabelece sobre a fragilidade, o futuro é um projeto adiado de tomadas decisões, existe uma vida para o posterior, “curtir depois dos trinta a gente pensa”, “família depois dos 35 anos” tem uma forte relação de dependência com condições econômicas e sociais que exigem a acentuação de sua mobilidade geográfica, profissional, social e psicológica. Como nesta fala:

O projeto de vida está bem relacionado com emprego certo... Então tipo em questão de casa, conta mais relacionada a ter uma família e fixar residência e fixar definitivamente um... a vida ali daí... desse jeito então não tem tanto... então daí já vem esta parte de família, parte de casar, ter filhos, e tudo isso fica um pouco complicado assim. Vai meio ...se você arranja uma mulher e..filhos, você fica amarrado com isso... Então você tem uma oportunidade de emprego e daí você fica... amarrado.(Bruno)

O projeto de vida reflete uma totalização aberta e inacabada na relação dialética entre objetividade e subjetividade e “a palavra é capaz de registrar as fases

transitórias mais íntimas, mas efêmeras das mudanças sociais” (Bakthin, 2004, p.41).

Por meio dos seguintes temas norteadores : Você se sente preparado para o mercado de trabalho? O que significa o trabalho para você? O que espera do seu trabalho? Que estratégia está planejando para o futuro? Existem relações entre seu trabalho futuro e seu projeto de vida? Buscou-se captar nas mudanças sociais as condições que conferem aos sentidos do trabalho a sua complexidade mediadas pela cultura e momento histórico vivido.

Reafirmam em seus discursos a centralidade do trabalho momento vital para a sociabilidade dos estudantes e fundamento desta tese. Em expressões como: “é uma coisa que envolve a vida inteira”, “é uma maneira que você tem de sobreviver”, “ está incluído no meu projeto de vida”, “é um esforço que a gente faz para o próprio bem estar”, “é fazer o que se gosta”, “ que seja interessante”, “ que me realize”, “ é o principal na minha vida”, “é uma atividade”, “sou obrigado a vender a minha força de trabalho para sobreviver”.

As múltiplas vozes e intersubjetividades presentes no discurso revelam os sentidos: “é se esforçar, cumprir seus objetivos de vida ser feliz, é muita coisa, não tem um significado único”. O ser refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata, o que determina esta refração é “o confronto de interesses sociais de uma só e mesma comunidade semiótica: a luta de classes”, (Bakthin, 2004, p.46). Acumulam contradições discursivas “é uma mistura de obrigação e realização”, são as ambigüidades do sentido.

Na análise do discurso observa-se que valorizam em sua maioria a questão do emprego e anseiam receber os resultados mais imediatos possíveis dos anos investidos em sua formação profissional: “é uma maneira de ganhar dinheiro”. As relações que estabelecem com outros significativos, são mediações instituidoras de novos sentidos: “talvez eu tenha que buscar no trabalho o meu lazer”. Demonstrem no processo discursivo os vários elementos que interferem no texto nos ditos e (inter)ditos de sua formação discursiva.

Os projetos de vida que são seus, e dialeticamente são alheios, atravessados por outras vozes, como expressos nestas falas: “eu fiz porque uma outra pessoa iria fazer o vestibular e ela queria que eu fizesse”, “você vai levando enquanto dá, porque o pai ta pagando né”, “me pai é engenheiro então eu sempre tive essa vontade”, “ eu tenho um amigo que o pai dele trabalha na Petrobrás”. Se

por um lado o ambiente acadêmico não favorece o debate sobre o mercado do trabalho, pode contraditoriamente proporcionar para a oportunidade de conhecer, novos caminhos e trajetórias de vida: “o meu professor de qualidade”, “decidi o mestrado porque agora comecei a trabalhar com um professor desta área assim”. Os projetos de vida são portanto permanentemente reelaborados, organizando objetivos do passado no tempo presente e revelando múltiplas vozes. São orientações para um futuro pressuposto, influenciadas pelas vivências de estágio: “então eu comecei a me relacionar com as pessoas do departamento (*sic*) e isso foi me abrindo as portas assim”, as mediações sociais dos estágios viabilizam projetos e alternativas de objetivos.

Ao serem entrevistados sobre a temática do projeto de vida, refletem a vivência de temor em estabelecer objetivos que não sejam passíveis de serem atingidos, decorrentes da visão do sujeito acerca do seu projeto de vida. São constituídos por uma ausência de futuro, seja este próximo ou longínquo, em sua grande maioria os projetos de vida acabam por serem reduzidos a objetivos profissionais, uma resignação aos ditames e a ideologia do mercado. Como exposto em alguns discursos: “projeto de vida... eu não tenho este projeto de vida”, “o projeto de vida está bem relacionado com o emprego certo...essa é a questão, porque hoje em dia a gente vai primeiro para a área profissional”, “eu não tenho um projeto de vida eu não tenho ele totalmente definido”, “pretendo primeiro me estabelecer profissionalmente depois eu posso construir... o trabalho é que vai sustentar o meu projeto de vida”. Os projetos subordinam o sujeito à obtenção do sucesso e ao constante medo do fracasso

O trabalho historicamente retém principalmente o sentido (de emprego) tradicional, dito ou não, expresso ou não pelo sujeito. O sentido de uso de sua força laboral, o ser como o vir a ser um profissional, transporta consigo uma ideologia das profissões, das ocupações e do mercado que direciona os universitários para a construção de um projeto de vida associado a conseguir um emprego. Como nesta fala: “as coisas que eu pretendo conquistar neste projeto de vida, dependem do meu trabalho e dependem de um emprego”.

Na dialética entre o real e o imaginário, o mercado surge como um fantasma, que os universitários sabem existir, apesar de desconhecerem o semblante, somente o espectro já assombra as suas vidas. Os pensamentos e a linguagem dos universitários, objetivamente expressam as dúvidas quanto à sua

própria formação e a capacidade de desempenhar a atividade em si. Constitui-se muitas vezes como uma negação do ser, em poder sentir-se um profissional, pois esta suposta identidade profissional obtida só se realizará mediante a potencialidade de sua ação na prática. A imposição de condições objetivas e alienadas sobre os universitários, se personifica em um sentimento constante de medo, de ser, pensar, agir ou decidir qualquer coisa sobre o futuro, representa um impeditivo de sua alteridade. Seus projetos de vida tendem a se esvaziar de objetivos, fundados pelo medo de não conseguir realizar a concretização dos mesmos, por exemplo, “eu não tenho assim muita ambição”.

As relação entre os sentidos do trabalho e o projeto de vida dos universitários representam zonas de conflito constante, tensões e intenções entre a capacidade de planejar o seu vir a ser no futuro, e a vida cotidiana conduzida pelo consumo de mercadorias e transformando a ele mesmo em mais uma mercadoria a ser negociada com o capital. Como expresso neste trecho: “ Hoje, oito horas é o mínimo que o mercado te exige então não tem como separar né, o trabalho é que define tudo, o trabalho é que vai definir a cidade em que tu vai morar ... o conforto de vida que tu vai terahhh os recursos financeiros que tu vai ter para poder aproveitar ou não, poder viajar ou não... em um lugar bom ou não.” Neste processo de transição o sujeito está cada mais voltado para a lógica do mercado.

Sobre as estratégias para o futuro, mudar de local de residência em função do mercado, terminar a graduação e começar um mestrado, fazer um estágio fora do país, um concurso público, aprender cursos em determinada área profissional, são objetivos perseguidos. As palavras refletem a atmosfera social da época, onde predomina o idéia da qualificação.

As ações e atividades estratégicas, revestem-se de uma intenção que ao mesmo tempo oculta e revela o desejo de diminuir o número de riscos e sentimentos de insegurança. Reafirmam um discurso que está fortemente alterando o seu modo de vida e devem permanecer se qualificando cada vez mais para uma condição social que lhes escapa cotidianamente.

Alternativas capazes de gerar uma zona de maior conforto e segurança pessoal que pode ser encontradas em uma determinada situação vivenciada pelo sujeito, na expressão: “eu estou construindo, estou falando com algumas pessoas”. Revela uma estabilidade transitória conseguida por mediações sociais. Por outro lado, a identificação com o estatuto de estudante é uma alternativa que proporciona

certa capacidade de previsão, seja através de bolsas de estudo . Como no exemplo: “eu continuaria vivendo, esta vida simples de estudante, com todos os benefícios que a vida de estudante traz”. A fuga para um ambiente protegido, é percebida na expressão singular do sujeito, ainda assim esta alternativa se estabelece a partir expectativas e de temores, que de variadas formas são percebidos nos discursos: não serem aceitos no estágio, em programas *trainee* e empregos que não resultem em uma carreira futura, saírem da universidade e, depois, não conseguirem retornar.

Quanto ao mercado de trabalho, é comum, entre os entrevistados, um sentimento de desqualificação profissional, como expresso: “eu não me sinto preparada”, frente à necessidade de atender as exigências da alta competitividade. Como expresso em outro trecho, nestas falas: “eu acho que a universidade te ajuda a construir certos conceitos...mas não te passa uma orientação para que você possa se direcionar”. A contradição no discurso, oculta a corrente dialética da evolução social, quer dizer as transformações sociais, e na fala buscam valorizar uma verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Não existe uma direção segura a ser tomada, se a décadas passadas a transição escola-trabalho poderia ter um certo direcionamento lógico, tal fato não se repete na contemporaneidade.

Por outro lado, alguns discursos expressam as resistências e descontentamentos deste processo da alta competição: “eu também não sei qual o critério de preparação para conseguir ter uma vaga,...não sei... eu tenho dúvidas sobre o que é ou não estar preparado”.

Manter uma identidade de estudante se manifesta como um fenômeno que serve nos discursos para ocultar as tensões e pressões sofridas para se tornar um profissional. Como nesta fala: “Eu que me cobro porque eu pensava que com 25 anos, eu já ia ser uma adulta e me estabelecer, eu queria trabalhar.”. O ser adulto se refere a uma capacidade de autonomia e liberdade que não pode ser planejada diante do desemprego, é um projeto de vida adiado, pois a responsabilidade financeira por sua sobrevivência deriva da atividade produtiva de outros.

Em seus discursos, a construção e manutenção de um estatuto de “estudante profissional” cumpre uma dupla função, servem para se sentirem mais

preparados e seguros para atuar no futuro e, no presente, lhes garante uma identificação mais positiva e afirmativa como estudantes. Como justifica uma universitária: “se insistir e não conseguir aquilo que estava planejado eu vou ficar bem frustrada daí”.

A atmosfera atual reflete um contexto de extrema competitividade entre os alunos, como expresso nesta narrativa: “a gente vê quando vem selecionar aqui, porque um engenheiro de alimentos vai trabalhar na indústria de alimentos, mas um engenheiro químico pode trabalhar em qualquer indústria e até na indústria de alimentos” (Suzi). Os valores atribuídos à formação remetem a um contexto complexo do emprego das ocupações e postos de trabalho. Como alguns cursos são mais específicos, limitam o campo de atuação e as oportunidades no mercado. Os alunos ressentem-se pois o valor do curso foi subordinado ao seu valor de troca no mercado de trabalho, e só adquirem este conhecimento da abrangência da área profissional, ao final da graduação e aí, para a grande maioria, não há mais nada a fazer senão levar o curso a termo, trata-se de uma reedificação do ser.

Os valores associados à formação obtida se reduzem à busca do maior e mais imediato retorno financeiro possível de acordo com os apelos do mercado, como expresso em outro trecho: “se eu fosse escolher hoje eu faria engenharia química, não pelo que eu gosto, mas pelo mercado”. A troca de uma atividade prazerosa por uma atividade rentável, presente na lógica do capitalismo se encontra nos textos e na intertextualidade de seus discursos. Concordamos com Antunes (2005) em sua afirmação de que o trabalho encontra-se desviado perversamente na forma de emprego. Na fala concreta, presente no discurso dos universitários, a busca de um emprego é um fenômeno constante.

Os sentidos das escolhas são de forma diversa influenciados por uma maior ou menor abertura no mercado profissional. Se no começo vivenciaram a insegurança e desconhecimentos sobre o curso, no final da graduação revivem tais sentimentos e emoções contraditórias em relação à profissão. Por exemplo: “dai a gente pensa...ah...se eu fosse engenheira química eu poderia tentar um destes

estágios.” Existe certa regularidade nos discursos, claramente identificável, pois os pensamentos se dão em um contexto social semelhante do vivenciado no início do período universitário. Como no exemplo: “mas eu não tinha muita noção do que era o curso naquela época. Hoje, claro depois de quatro anos eu já tenho bem claro o que é minha profissão e o que eu vou fazer a partir de agora. Na época eu não tinha, e as pessoas não têm. Porque se perguntar para o meu pai assim o que faz a tua filha, ele não sabe, porque as pessoas não conhecem o serviço social.” O desconhecimento sobre as profissões atuais pelos pais dos alunos é freqüente e representa uma regularidade discursiva.

Os projetos de vida vão se estabelecendo entre dúvidas, inseguranças e indecisões, presentes durante toda a graduação e transformando-se com as vivências de estágios dos alunos. Por exemplo: “Eu sempre tive aquela coisa de querer viajar muito, e estudar muito...mas dai eu comecei a namorar e aquelas coisas”, “a princípio eu sempre quis morar no Brasil, não tem país melhor no mundo,...mas dai eu fui para o Mediterrâneo...eu tive aquele choque né...porque eles trabalham relativamente pouco, e tem tempo para jantar, para passear”. O sujeito ao vivenciar uma outra realidade, reflete e refrata em sua formação discursiva as alterações e mutações dos projetos de vida, ainda nesta linha discursiva a percepção, de que o do trabalho é tempo perdido. A distinção entre tempos de lazer e tempos de ação estão subordinados à ideologia.

Subjetivamente existem aspectos do projeto de vida que tendem ou intencionam alguma valorização do aspecto social. Por exemplo: “eu sempre quis fazer uns trabalhos sociais”, “se eu pudesse trabalhar em alguma coisa como voluntário”, “eu desejava trabalhar na promoção da saúde”. São desafios disjunções e contradições expressos entre o útil e o necessário, entre o fazer e o lazer, entre a vida pública e a vida privada.

Os sentidos alteram-se combinados com uma preocupação entre o que se “sonha fazer” e a “possibilidade de fazer”, para que se possa “vir a ser”. O ingresso no curso superior é muitas vezes aleatório, ou desorientado ou ainda orientado para

um futuro presumido. No exemplo: “eu não fiz cursinho...estudei em casa...como meu pai é agricultor... eu achei que a engenharia tinha mais futuro”. Os universitários selecionam cursos sem saber o porquê e o diploma é em si talvez o fator arbitrado como o mais importante.

Vive-se na sociedade das oportunidades e dos riscos, mas não devemos prescindir de pensar sobre o nosso próprio futuro e o das próximas gerações pois a profissão, o trabalho, o emprego ou a segurança surgem como questões centrais, e se encontram no meio de uma crise profunda de falta de perspectivas e de sentido em nossa estrutura social.

As situações e flutuações do mercado, as ofertas de postos ocupacionais e o acesso ao emprego refletem nos discursos não só por uma lógica de relação qualificadora, mas como um vislumbrar de possibilidades de autonomia e independência financeira que devem ser consideradas.

Desde o ingresso na universidade até assumir o papel de formando, os universitários vivenciam transições de vida e de objetivos profissionais e pessoais, existindo uma constante (re)adequação ao contexto que conforma um objetivos de vida e que descrevem percursos e trajetórias profissionais que são cada vez mais transitórias e precárias.

Os sentidos são mediados em contextos de experiências singulares, que são capazes de servir de sustentação para a superação de outros obstáculos durante os anos universitários, como as experiências de estágio e de exercício profissional. São elementos que unem impressões de familiares; amigos e outros sujeitos significativos, também são mediadores dos sentidos do trabalho.

As condições econômicas dos sujeitos, determinam o discurso, exemplo: “Daí dentre os cursos noturno eu fui por exclusão... Exclui os que eu definitivamente não faria, ai sobrou o de Administração, Economia, Contabilidade e Sistemas daí eu pensei... puxa informática... é uma coisa **útil** hoje, daí eu pensei na pior das hipóteses eu vou começar e vou odiar, e vou resolver que vale a pena eu me esforçar para eu fazer arquitetura, né. Na pior das hipóteses.” O imperativo

categorico do status econômico determina padrões de inserção laboral, mais ou menos adequados ao perfil e possível desejo de ser do sujeito.

Configuraram-se diferentes discursos que revelam a importância do conhecimento sobre as profissões, se constituem um complexo de possibilidades, caminhos e labirintos. As relações são sempre contextuais e se estabelecem dialogicamente na história singular de cada sujeito, com marcas relativas ao passado, carregadas de finalidade e direção.

Existe e se pretendeu apontar uma conexão entre os sentidos do trabalho aplicando-o(s) às expressões da escolha profissional, como elementos de uma conjuntura histórico e cultural da vida dos sujeitos. Condição que antecede o presente das vidas dos sujeitos e dá contornos de possibilidades ou impossibilidades de se projetarem no futuro. O ingresso no universo de significados das profissões se dá a partir de uma opção anteriormente feita. Nos processos de escolha do curso superior, os universitários estão tecendo suas decisões e caminhos que servem de trama para os sentidos atribuídos ao trabalho e projetos de vida por eles engendrados.

Os discursos dos universitários correspondem a escolhas e registram signos ideológicos, : “todo signo resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela quais as formas dos signos são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece”, Bakthin (2004, p.44).

O signo lingüístico está marcado pela cultura da época vivenciada pelos universitários, reflete uma realidade de muitas inseguranças e indecisões, as escolhas iniciais são tramadas pela ausência de informação sobre o curso superior, o mercado e a profissão escolhida.

As novas profissões e a extinção de outras tantas com uma velocidade cada vez maior, fazem parte da base material na qual o universitário decide dentro dos limites e das possibilidades de suas condições. Sob o domínio da ideologia

existe uma outra dimensão e vinculação, esta escolha às situações transitórias e específicas que fomentam modismos de época e duração cada vez menores.

A palavra é o signo ideológico por excelência, e a expressão “mercado de trabalho” remete a algo situado fora de si mesmo, signo das oportunidades e das faltas. A inserção profissional é regulada por um dito “mercado” invisível e desconhecido, porém é utilizado para dar sentido e justificar o futuro, muitas vezes interdito.

Assim, os universitários vão considerando a utilidade prática de uma decisão hipoteticamente mais adequada. Neste contexto, dialogam com um sujeito, outros significativos, mediadores de destinos de vida. São as impressões de pais, familiares e amigos que repercutem nas vozes dos universitários. “Na verdade eu queria algo ligado a engenharia, na verdade... na verdade , eu queria algo ligado a física, eu queria física. Mas tinha um certo receio em relação à empregabilidade...”. A ênfase na palavra “empregabilidade” releva a dimensão marcada no discurso, um sujeito comprometido com um pleno emprego, que está em vias de extinção. Existe uma intersecção de condições econômicas, políticas e sociais que desfazem opções reais, limitando caminhos possíveis de se concretizarem. Como nesta fala: “Daí eu pensei bastante em fazer nutrição, mas eu tinha muito medo por causa do mercado de trabalho.”

Diante deste contexto, que ameaça a estabilidade e segurança do universitário, as palavras de ordem se chamam empregabilidade e qualificação profissional. O direcionamento do universitário está relacionado a uma ideologia das profissões mais valorizadas e a posterior oportunidade a serem vislumbradas, deixam entrever uma comunidade semiótica. “E pouco importava, se fosse aeronáutica, se fosse mecânica, eu queria engenharia...” As engenharias estão articuladas com uma prática social histórica de maior resultados no emprego.

Carregadas por elementos ideológicos acabados o projeto de vida só pode-se concretizar no emprego e na adequação a um determinado perfil profissional proposto. Ao universitário cabe uma apreciação de uma realidade com a qual deve

se adaptar para se inserir. Apesar do desconhecimento sobre seu campo possível de atuação profissional, ainda é um sujeito de motivações, intenções e direções de vida, o seu presente lhe reserva decisões sobre uma expectativa de vir a ser, mesmo em um futuro incerto.

Ao se posicionarem como futuros trabalhadores, consideram os valores éticos que se apropriaram no contexto familiar. Como expresso nesta fala: “E isto é um pouco difícil porque tem toda uma pressão assim ahhh, se forma de uma vez, e tal, os meus pai falaram: você não se forma logo eu quero me aposentar e tal. Eu falei não se preocupe depois eu sustento vocês e tal... não é que precisaria mas eu falo brincando para eles.”.

Na relação familiar se reproduz um ciclo de deveres de pais e filhos, onde a expectativa familiar repercute nos processos de transição. O pai quer desejar que o filho entre no mercado para poder ficar tranquilo. A tarefa de se inserir em uma atividade ocupacional configura-se sobre um complexo sistema de pressões que condicionam outras possibilidades.

Para Bakhtin (2003), ser autor é assumir uma posição axiológica frente ao já multiplamente valorado, é assumir um lugar nos embates, é ser dialogicamente ativo, respondendo ao que já está dito. Como neste trecho: “Então por isso que eu demoro tanto para tomar decisão... agora eu estou fazendo o maior esforço para tomar uma decisão assim...”. As palavras “demorar” e “ter que” expressam a necessidade de assumir um diálogo e um posicionamento, o texto por sua potencialidade expressiva demonstra a vivência da situação de transição.

Em um horizonte profissional imaginado e real, os universitários analisam o contexto e suas reais condições que resultem em uma vaga de emprego futuramente, o projeto de vida do universitário está relacionado com um campo ou área profissional determinada, que reflete limitações entre opções possíveis e ainda controles difusos sobre estas opções.

Para projetarem um futuro com objetivos pessoais e profissionais, os formandos devem ter alguma garantia de sucesso posterior, existe uma dimensão

anunciada sobre um tempo futuro vulnerável. E o passado, algo já foi escolhido e não pode ser (des) feito, algo já vivido, mas ao mesmo tempo diz respeito a um futuro imaginado, pensado e criado sobre condições vividas no presente. Como no exemplo: “Mas eu penso que se eu me formar e estiver desempregada, vai ser uma sensação estanha né, ruim. Daí, agora eu acho que é uma coisa que não tem como evitar.” Neste exemplo fica clara a dimensão do medo e da vulnerabilidade do universitário.

Se entrelaçam os sentidos diversos, o curso que fez, o fato do tempo ter passado e já não ter outra possibilidade e o medo do futuro, onde ainda mais restrita seria qualquer decisão. Por esta razão, as escolhas realizadas no passado interferem em um projeto de futuro, pois o sujeito já fez uma opção por determinada profissão e está por incidentes ocasionais ou acidentes, marcado em relação a um futuro. Subjetivamente, a maneira como percebe a sua escolha profissional avaliada como algo definitivo e imutável ou algo possível de mudança interfere em qualquer gênero do discurso sobre objetivos de futuro.

Estar mais ou menos filiado a uma determinada profissão faz com que anteveja os sentidos do seu trabalho no futuro como uma tarefa árdua e difícil de ser realizada, ou como uma tarefa prazerosa e gratificante capaz de lhe trazer a felicidade almejada, também impregnada de certas convenções sobre o universo laboral. Uma verdade válida ontem, na opção pelo curso, é reafirmada no diálogo sobre o futuro, por exemplo: “Eu escolhi uma profissão em que eu acho que eu vou ser feliz”.

Um curso com maior área profissional, como os tradicionais engenharia, direito e medicina, oferece mais oportunidades de inserção no mercado, gerando menor ansiedade e medo no enfrentamento da transição. Por outro lado, mesmo alunos oriundos de tais cursos já percebem, a competitividade e o fato de que o diploma não garante o acesso ao emprego. Se estabelece uma arena de batalhas diárias pelas melhores oportunidades de estágios. A realidade do mercado e sua

relação com o ensino superior é complexa e contraditória e não pode ser lida de uma maneira linear ou simplista.

Nos interessa como objetivo desta tese investigar os sentidos do trabalho e as suas relações com o projeto profissional na vida dos universitários. Ao sustentar a base de nossa reflexão em Vygotski e em algumas contribuições de Bakhtin, considera-se que os sentidos são polifônicos, se transformam ao longo de toda a vida do sujeito. São sentidos contraditórios e antagônicos e o trabalho é tanto encarado com obrigação como gratificação, como realização pessoal e profissional, por vezes seus valores estão articulados com dor, esforço pessoal, e sacrifício. De qualquer forma, os sentidos se transformam e recompõem ao longo da escuta dos discursos e nos diálogos que se estabeleceram.

A opção pelo método da entrevista aberta voltada sobre a temática dos sentidos do trabalho, no mercado e do planejamento de estratégias de vida, permitiu a coleta mais livre possível da expressão dos universitários, que participaram nesta pesquisa como autores, e atores, ou como co-autores na busca das informações. No decorrer das análises, os diálogos apelam para uma releitura constante dos textos para uma sempre nova escuta de seus discursos.

Tal leitura nos permitiu descobrir a origem dos sentidos situada no ambiente familiar: “meu pais sempre trabalharam muito”, “minha mãe trabalha até hoje... já se aposentou mais continua trabalhando”, “eu aprendi isso lá em casa”. Os valores do esforço pessoal do sacrifício se entrelaçam com significados que constituem os sentidos relevados na ação expressiva dos sujeitos. Um ordenamento social de uma cultura, onde não se pode pensar a vida sem o trabalho, como nesta fala: “Trabalho é isso é esforço que a gente faz”

Nesta ordem discursiva, ao final do curso, após períodos de estágios e convívio com profissionais da área, novas mediações alteram os sentidos e se acentuam a ideologia do consumo. Como exposto nestes trechos: “agora nesta fase da minha vida é ganhar dinheiro”, “o que eu quero é emprego mesmo”. O real e o imaginário se transformam em múltiplos sentidos, “eu quero fazer o que eu gosto”,

“algo que me dê prazer” “eu quero um trabalho que me realize”. As contradições discursivas justificam as metamorfoses de sentido.

O contexto social de extrema insegurança e uma sensação de estar se encaminhando para a deriva, alterna o sentido e revela o sentimento de vulnerabilidade que se instala entre os universitários: “Só isso, porque eu to meio sei lá, não sei falar, desacreditado ou um pouco desmotivado, talvez com a área, talvez com o que eu quero.” A expressão desmotivado com o que deseja, ou com o querer, revela a não possibilidade de se realizar através do trabalho, seu objetivo é interrompido a fala é impedida.

Frente ao medo do desconhecido mercado e condições de oferta e demanda, não se sentem capazes de agir ou prever o caminho a seguir, ou como conduzir suas vidas. Neste contexto de turbulência, exteriorizam que: “o que vier após a formatura estará bem”. Reforçam a precariedade da inserção dos recém-formados e a opção por empregos temporários e mal remunerados em sua maioria.

O texto altera o sentido real, metamorfoseia o discurso, sustenta uma cadeia de valores articulados sobre uma linearidade discursiva, e nos remete a uma visão da vida. Desenrolado sobre um sujeito que se percebe ainda o autor narrador de sua história pessoal parte da cultura de seu tempo, como se expressa neste discurso: “... a sociedade começou a evoluir de uma forma, que eu hoje presto meu trabalho a uma outra pessoa e essa pessoa ai me paga por este numa moeda, que é só um meio de troca, para facilitar a vida... e ai eu consigo as minhas outras necessidades.” O discurso sobre o trabalho está inserido em múltiplas relações entre conceitos subordinados e associados em um sistema total de generalidades. Na medida em que o sentido se liga provisoriamente à sobrevivência e à satisfação das necessidades pessoais, porém o sentido se metamorfoseia se altera. Ao dialogar com o entrevistador o sujeito altera seu pensamento e na sua expressão apreende-se novos conteúdos, onde nos deparamos com sujeito autor narrador de sua história.

Ao longo do discurso, a sua fala concreta revela o seu desejo de resistência e superação: *“Agora para mim o fato de... de... querer ser um político ou um administrador público é porque o problema da nossa sociedade ele já está ali ele já é bem estudado, e ele já é conhecido a bastante tempo. O que mudou é que agora eu sinto que eu tenho condições de.. de... fazer alguma coisa. Então se eu não tivesse bem claro que eu pudesse mudar alguma coisa, eu não ia me meter nisso né, eu ia ser mais um fracassado.”* A idéia do fracasso, o temor e a percepção de sua capacidade de alterar o percurso, e tornar-se outro, mudando algo no que está instituído, transforma radicalmente os sentidos do trabalho, e que permitem ao sujeito a sensação de alteridade.

Compreender qualquer evento humano é deslindar, num primeiro momento, o jogo de valores que o organiza, (Bakhtin, 2003). Mas isso não é tudo: a compreensão deve ser sempre responsiva. E responder é posicionar-se valorativamente frente a tal jogo de valores. Nesse sentido, a compreensão não pode ser entendida como uma tautologia ou uma mera duplicação do texto. Quem compreende se torna participante do diálogo donde emergiu o texto e do diálogo que o texto suscita.

Não podemos encerrar nosso estudo sem mencionar as perspectivas abertas pela nossa investigação, estudarmos os aspectos dos sentidos do trabalho para quem vivencia a transição leva-nos a limitar o tema ao projeto de vida dos universitários e enfatizar a necessidade de políticas públicas voltadas para inserção profissional dos mesmos, para acompanhar seu processo de enfrentamento destas condições.

Concluimos este estudo com uma apreciação crítica sobre os limites e potencialidades dessas respostas. O marco na realização deste estudo é que existem de fato relações entre o sentido do trabalho e os projetos de vida. Se a juventude deve ter projetos atuantes na sociedade, deve construir expectativas de vir a ser e sentir-se capaz de transformar o mundo e a si mesma, tal sentimento tem relação com o trabalho, que seja entendido para além do emprego, como uma

categoria central para a relação do homem com a sociedade em que vive e com sua capacidade de agir criativamente, trabalhar é contribuir para a existência de todos, a fim de assegurar a sua própria.

REFERÊNCIAS

- Albornoz, S. (1994). *O que é trabalho*. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª. edição
- Almeida, S. M. (2005). O sistema de aprendizagem e a transição dos jovens da escola ao mundo do trabalho: a relação com o saber, formas e temporalidades identitárias Língua por - Local: Porto - Descrição . (2 vol). *Tese de Doutorado em Ciências da Educação apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto*, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Rocha.
- Angotti, J. A. P. (2006) Desafios para a formação presencial e a distância do físico educador. *Rev. Bras. Ens. Fis.* [online]. 2006, vol.28, n.2 [cited 2009-04-30], pp. 143-150 .
- Antunes, F.(2004) Novas instituições e processos educativos: a educação e o modo de regulação em gestação. Um estudo de caso em Portugal. *Educ. Soc.* [online]. 2004, vol.25, n.87 [cited 2009-04-09], pp. 481-511 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200009&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0101-7330. doi: 10.1590/S0101-73302004000200009.
- Antunes, R. (2000). *Adeus ao trabalho? (7ª Edição)* Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (2005) *Os sentidos do trabalho*. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 7.ed. São Paulo: Boitempo.
- Aranha e Martins (1993). *Filosofando: introdução à filosofia.*(2ª. Edição). Editora Moderna: São Paulo.
- Araújo, R. R. (2005). *Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Aued, B. W. (Org.) (2000). *Educação para o (des)emprego (ou quando estar liberto da necessidade do emprego é um tormento)*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Aurélio, B. H. F. (1987). *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. (11ª ed.) Rio de Janeiro: Edição Editora Civilização Brasileira.
- Azevedo, J. (1999). *Vãos de borboletas: escola, trabalho e profissão*. Editora Asa, Coleção Perspectivas Atuais: Porto.
- Azevedo, J. (2001) *Avenidas de liberdade: reflexões sobre política educativa*. Editora Asa, Coleção Perspectivas Atuais: Porto.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. (4.ed.) São Paulo: Martins Fontes.

- Bakhtin, M. (2004) *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Trad.: M. Lahud & Y. F.) Vieira. São Paulo: Hucitec.
- Baptista, I. (2005) *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Baptista, I. (2007) *Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação à razão pedagógica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Baraldi, S. & CAR, M. R. (2005). O sentido do trabalho em um projeto de formação de profissionais de enfermagem. *Relato de pesquisa*. Ver. Enfermagem USP.
- Barbosa, A. F. (2004). *O desemprego juvenil no Brasil e no mundo*. Artigo disponível na Internet. Fonte: <http://www.sindicatomercosul.com.br/noticia02.asp?noticia=17474>
- Bardagi, M. P., Lassance, M. C. P. e Paradiso, Â. C. (2003). Trajetória Acadêmica e Satisfação com a Escolha Profissional de Universitários em Meio de Curso. *Rev. bras. orientac. prof.* (dez, vol.4, no.1-2, p.153-166. ISSN 1679-3390, 2003)
- Basso, I. S. (1998). Significado e sentido do trabalho docente. *Cad. CEDES* [online], (v.19, n.44, pp.19-32, abr. 1998) Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01012621998000100003&lng=pt&rm=iso
- Bastos, J. C. (2005). Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: um olhar sobre suas trajetórias. (dez. vol.6, no.2, p.31-43. ISSN 1679-3390), *Rev. bras. orientac. prof.*, 2005.
- Bauman, Z. (1998). *Globalização: As Conseqüências Humanas*, São Paulo: Jorge Zahar Editor.
- Bendassoli, F. (2006). Os ethos do trabalho. Sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho. *Tese de doutorado em Psicologia Social*, defendida na USP, fonte: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-11102006-07491>.
- Berger, P. & Luckmann, T. (1998) *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes. (TRD. De Floriano Souza Fernandes da ed. original inglesa de 1966).
- Bíblia Sagrada, (1964). Antigo Testamento, Livro do Eclesiastes. Editora Ave Maria (5ª. Edição), São Paulo.
- Bock, A. M. B. (2002) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Bock, S. D. (1995). Concepções de Indivíduo e Sociedade e as Teorias em Orientação Profissional. In: Bock, A. M. B. *et al.* (2ªed.pp. 61-70). *A escolha Profissional em Questão*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. (11.ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Brait, B. (org.) (2005). *BAKHTIN: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

Brait, B. (org.). (2006). *BAKHTIN: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

Brasil / Ministério da Educação. (2001). *Educação Profissional – Diretrizes Curriculares*. Brasília.

Brasileiro é o povo mais confiante do mundo em sua felicidade futura, (2008). In: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/09/02/ult5772u747.jhtm> (acessado em 20 de dezembro, 2008).

Blanch Ribas, B. (2003). *Teoria de lãs relaciones laborales. Fundamentos*. Barcelona : Editorial UOC.

Bulcao, L. G.; El-Kareh, A. C. e Sayd, J. D. (2007) *Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950)*. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2007, vol.14, n.2 [cited 2009-04-29], pp. 469-487

Burrell, G & Morgan, G. (1979). *Paradigms in organizational studies*. New directions in organizational analysis conference. Lancaster: England.

Calderon, A. I. (2000) *Universidades mercantis: a institucionalização do mercado universitário em questão*. São Paulo *Perspec.* [online]. 2000, vol.14, n.1 [citado 2009-04-22], pp. 61-72 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-8839. doi: 10.1590/S0102-88392000000100007.

Campos, H. R. & Alberga, A. R. O (2001) *trabalho infantil e a ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho*. *Revista Estudos de Psicologia*. Rio Grande do Norte.

Carmo, P. S. (2003). *História e ética do trabalho no Brasil*. São Paulo: Editora Moderna.

Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes.

Castel, R. (2005). *A Insegurança Social: o que é ser protegido?* Petrópolis, RJ: Vozes.

Castells, M. (2002). *A sociedade em rede*. (6.ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Catewe. (2000). (Comparative Analysis of Transitions from Education to Work in Europe) Report of an International Workshop held in Paris on 21-23 June 2000, supported by the *European Commission*, D-G Research (acesso em 08-02-08)

Captai, A. M.; Oliveira, J. F. & Dourado, L. F. (2001) *Educational politics, changes in the work world and grade courses curriculum reformation in Brazil*. (v.22, n.75, pp.67-83, Aug.). *Educ. Soc.*

Censo escolar (2008) Fonte: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Matricula>

Charlot, B. (2004) *Educação, trabalho: problemáticas contemporâneas convergentes*. Em: *Revista Educação, Sociedade & Culturas* (nº 22) - Formação, identidades e práticas profissionais (número temático). Porto: Edições Afrontamento.

Chauí, M. (2001) *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora Unesp.

Chahad, J. P. Z.; Macedo, R. (2002) A evolução do emprego no período 1992-2001 e a ampliação do mercado formal ao seu final: diagnóstico e perspectivas: Relatório de Pesquisa FIPE-MTE, São Paulo, dez.

Ciampa, A.C. (1985). *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia*. Editora Brasiliense: São Paulo.

Clot, Y. (2006). Psicologia. Em: BRAIT, B.(Org.) *Bakthin outros conceitos-chave*. Ed. Contexto. São Paulo.

Coelho, J.A. (2000). *Organizações e carreiras sem fronteiras - a percepção de formandos sobre a tendência nas exigências profissionais*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia (IP) da USP.

Coutinho, M. C. & Gomes, J. S. (2006). Sentidos do Trabalho: Reflexões a partir de uma Oficina Vivencial Desenvolvida com Jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. (v. 1, n. 1) São João del-Rei.

Coutinho, M. C.; Tolfo, S. & Fernandes, F. P. (2005). Sentidos do trabalho para ex-trabalhadores de empresas privatizadas. In: *FÓRUM CRITEOS. Anais*. Porto Alegre.

Cruz, R. M. (2000). Formação profissional e formação humana: os (des)caminhos da relação homem-trabalho na modernidade. In: AUED, B. W. (Org.). *Educação para o (des)emprego*. Petrópolis (RJ): Vozes.

Czarniawska, B. (2005) *Narratives in Social Research*. British Library: London.

D'Ángelo, O. S. (2002). Proyecto de vida como categoría básica de interpretación de la identidad individual y social. (v.17, n.3). *Revista Cubana de Psicología*.

Dias, M.S.L., Soares, D.H. P., Veriguine, N., Basso, C. (2007) O Sistema educacional brasileiro e o mercado de trabalho: a importância da orientação profissional no processo de integração a partir da experiência no laboratório de Informação e Orientação Profissional da UFSC. Artigo em Congresso. Disponível em www.cori.unicamp.br/jornadas/completos/UFSC/ND1019%20-%20Artigo_Campinas%202.doc.

Dias, M. & Soares, D. (2008). Situações de risco: jovens sem projeto de vida, a construção de um objeto de estudo. Em: *Caderno de Pedagogia Social: Educação e Solidariedade*. Porto: Editora Universidade Católica.

Diogo, M. F. Universidade Federal de Santa Catarina. (2005). *De balde e vassoura na mão os sentidos do trabalho para as mulheres que exercem suas funções no setor de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina*. Florianópolis, 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Dubar, C. (1997). *A socialização: construção de identidades sociais e profissionais*. Portugal: Porto.

Dubar, C. (2004). As narrativas de inserção dos jovens de baixo nível escolar. Em: *Revista Educação, Sociedade & Culturas* nº 22 - Formação, identidades e práticas profissionais (número temático). Porto: Edições Afrontamento.

Dupas, G. (1999). *Economia global e exclusão social: pobreza, desemprego, estado e o futuro do capitalismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Durkheim, E. (2002) *As regras do método sociológico*. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2002.

Esteves, A. J. (1997) Transição ao Trabalho e posturas de investigação e intervenção sociais. *Rev. Fac. Educ.* [online]. 1997, v. 23, n. 1-2 ISSN 0102-2555. doi: 10.1590/S0102-25551997000100006.

Examinando as novas tendências e transformações no mundo do trabalho. Disponível em: <http://www.dn.senai.br/sb/sb59/novas_tendencias59.htm>. Acesso em: nov. 2005.

Fazenda, I. (1989) *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez.

Ferreira, M. F. (2001) Trabalho infantil e produção acadêmica nos anos noventa: tópicos para reflexão. (v.6, n.2, pp.213-225). *Revista Estudos de Psicologia, Natal*.

Ferreti, C. J. (1988a). *Uma nova proposta de orientação profissional*. São Paulo: Cortez.

Ferreti, C. J. (1988b). *Opção: Trabalho: trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

Ferretti, C. J. (1997). *Uma nova proposta de orientação profissional*. São Paulo: Cortez.

Ferretti, C. J.; Zibas, D. M. I & Tartuce, G. L. B. P. et al. (2003). Escola e fábrica: vozes de trabalhadores em uma indústria de ponta. (n.18, pp.155-188) *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo.

Ferretti, C. J. (2004). Considerações sobre a apropriação das noções de qualificação profissional pelos estudos a respeito das relações entre trabalho e educação. *Educ. Soc.* [online]. vol. 25, n. 87 [citado 2008-03-12], pp. 401-422.

Fiod, E. G. M. (1999). Politecnia: a educação do molusco que vira homem. In: AUED, B. W. (Org.). *Educação para o (des)emprego*. Petrópolis (RJ): Vozes.

Fonseca, M. A. & Azevedo, J. (2007). *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho: a expressão de uma outra sociedade*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leirão.

Forrester, V. (1997). *O horror econômico*. São Paulo: Ed. Unesp.

Frankl, V. E. (1997). *Em busca do sentido*. Petrópolis: Vozes.

Freire, P. (2002). *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Frigotto, G. (1989). O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez.

Gil, A.C. (2001). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Gonçalves, C. M. & Coimbra, J. L. (2002). Significados construídos em torno da experiência profissional/trabalho. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO NORTE DE PORTUGAL, 4, 2002. *Comunicações...* Portugal.

Gregolin, M. R & Baronas, R. (orgs). (2003). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz.

Grint, K. (2002). *Sociologia do trabalho*. Lisboa: Instituto Piaget.

Hall, S. (1998). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A.

Heller, A. (2000). *O Cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Editoria Paz e Terra.

Haque, N. & Kim S. J. (1995) "Human capital flight": Impact of migration on income and growth. *Imf staff paper*, 42 (3), 577–607.

Harper, D. (2008) *Online Etymology Dictionary*. Disponível em <http://www.etymonline.com/index.php?search=meaning&searchmode=none>. Acesso em: dez de 2008.

Harvey, D. (2005) *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. (14.ed.) São Paulo: Loyola.

Hesíodo. (1998). *Os trabalhos e os dias*. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras.

Hobsbawm, E. (1995). *A era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras.

Hotza, M. A. S. e Soares, D. H. P. *Dissertação de Mestrado*. Título: Abandono nos Cursos de Graduação da UFSC em 1997: A Percepção do Aluno-Abandono, Ano de Obtenção: 2000.

Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27 maio 2006.

Instituto Evaldo Lodi. Disponível em:<
<http://www.iel.org.br/publicacoes/arquivos/Ref.%20Univ.%20Doc.%20Final.pdf>> Acesso em: 27 de outubro 2006

Instituto Nacional Do Emprego. Relatório disponível em
:<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/Mailings/12/110/Mailing110.htm>

Instituto Nacional De Estatísticas (INE) Fonte: acessado em 18 de outubro de 2008.
http://www.ine.gov.mz/home_page/sectorias_dir/epreg

Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Anísio Teixeira. Disponível em <
<http://www.inep.gov.br/superior/>> Acesso em 27 de outubro de 2006

Kovács, I. (2003) Reestruturação empresarial e do emprego. (In: PICCININI, V. C. Eds. pp. 31-44). *Caderno de debates: transformações do trabalho no contexto da reestruturação econômica*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS.

Kowarick, L. (2003) *Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil: Estados Unidos, França e Brasil*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 18, n. 51, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102>. Acesso em: 27 Out 2006.

Krawulski, E. A. (1998). Orientação Profissional e o significado do trabalho. *Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais*, Florianópolis-SC, (V. 2, N. N. 1, PP. 5-19.)

- Kuhn, T.S. (2002). *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Leite, M. P. (2003). *Trabalho e sociedade em transformação*. São Paulo: Perseu Abramo.
- Lafarge, P. (1980). *O direito à preguiça*. São Paulo: Editora Kairós.
- Lessard, C.(2006) A universidade e a formação profissional dos docentes: novos questionamentos. *Educ. Soc.* [online]. 2006, vol.27, n.94 [citado 2009-04-23], pp. 201-227 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>
- Levitt, K. P. (2000). De volta ao futuro: Kalr Polanyi sobre a crise econômica mundial dos anos 30: lições para a iminente recessão global. In: AUED, B. W. (Org.). *Educação para o (des)emprego*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Lisboa, M. D. (2002) A formação de orientadores profissionais: um compromisso social multiplicador. In: Lisboa, M. D. & Soares, D. H. P. *A orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores profissionais*. São Paulo: Summus.
- Lukács, G. (1960). *História e Consciência de Classe*, ED. PCUS. (Fonte <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/consciencia/index.htm>) Visto em dia, mês e ano.
- Macedo, E. & Casimiro, A. L. (Org.) (2000). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Machado,N.J. (1997). *Ensaio Transversais: Cidadania e Educação*. São Paulo: Escrituras Editora.
- Machado, L. R. de S. (1998). *Competências e Aprendizagem*. Texto. Belo Horizonte.
- Maheirie, K. (2003). Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotski. *Psicologia em Estudo* (2(8), 147-153)
- Maheirie, K. (2005). *O que ele fez com o que fizeram dele...? As contribuições metodológicas de Sartre para uma Psicologia de Orientação Sócio-Histórica*. (texto entregue em sala de aula, não publicado)
- Mainardes, J. & Pino, A. (2000). Publicações brasileiras na perspectiva vigotskiana. *Educ. Soc.* [online]. (v. 21, n. 71 [cited 2009-03-15], pp. 255-269). Acessado em: 20 out. 2005.
- Malin, A. B. (1994) Economia e política de informação : novas visões da história. *São Paulo em Perspectiva*, v. 8, n.4, p. 9.18, out./dez.
- Manfredi, S. M. (1999). Trabalho, Qualificação E Competência Profissional - das dimensões conceituais e políticas. *Educ. Soc.* [online]. 1999 (v. 19, n. 64 [cited 2009-02-17], pp. 13-49).
- Martins, L. S. (2006). Os “sentidos do trabalho” docente universitário em tempos neoliberais. *Revista da UFG*, Vol. 7, No. 2, dezembro, 2005, Disponível em : <www.proec.ufg.br>. Acessado em :21 out.2006
- Martins, C. B.(2000) O ensino superior brasileiro nos anos 90. São Paulo Perspec. [online]. 2000, vol.14, n.1 [citado 2009-04-22], pp. 41-60 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-8839. doi: 10.1590/S0102-88392000000100006.

- Marx, K. e Engels, F. (2002) *A Ideologia Alemã* (Feuerbach). São Paulo: Hucitec.
- Marx, K. (1987). *O capital: crítica da economia política*. (V.1). São Paulo: Bertrand Brasil. v.1.
- Marx, K. (1985). *O capital: crítica da economia política*. (V. 4). São Paulo: Moraes.
- Matosso, J. (1986). *A desordem do trabalho*. São Paulo: Página Aberta.
- Melo, S. L. & Borges, L. O. (2007) A Transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicol. cienc. prof.*, set. 2007, vol.27, no.3, pp.376-395. ISSN 1414-9893.
- Mészáros, I. (2001) O desafio do desenvolvimento sustentável e a cultura da igualdade substantiva. http://resistir.info/mreview/desenvolvimento_sustentavel.html. Conferência dada na Cimeira dos 'Parlamentos Latino-Americanos' sobre a "dívida social e integração latino-americana", em Caracas, 10-13/Jul/2001. O texto original da conferência encontra-se em <http://www.monthlyreview.org> . Tradução de Paulo Maurício.
- Minayo, M. C. de S. (org). (1986). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. (6ª. Ed.) Petrópolis: Editora Vozes.
- Minayo, M. C. S. (1992). *O desafio do conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- Ministério da educação portuguesa (ME) <http://www.min-edu.pt/>
- Miyagiwa, K. (1991) Scale economies in education and the brain drain problem *International economic review*, 32(3), 743–759.
- Moreira, C.D. (2007). *Teoria e prática de investigação*. Universidade Técnica de Lisboa: Lisboa.
- Morin, A.; Gadoua, G.e Potvin, G .(2007). *Saber, ciência, ação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Morin, E. (1998). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2001) *Os sentidos do trabalho*. Disponível em: <http://www.rae.com.br/executivo/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1507&Secao=FATORHU MAN&Volume=1&numero=1&Ano=2002&Publicar>Acessado em 27 de outubro de 2006>
- Monrin, E. M. (2002). Os sentidos do trabalho in WOOD, Thomaz (org) *Gestão Empresarial: o fator humano*, São Paulo, Ed. Atlas.
- Morin, E. M.(2004). Conference. 10th World Congress on Human Resources Management, Rio de Janeiro, Brazil, August, 20th, 2004. disponível em http://web.hec.ca/criteos/fichiers/upload/MOW_in_MTimes_EMM200804.pdf
- Morin, E., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2003). O trabalho e seus sentidos [CD-ROM]. In *Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração* (pp. 283). Porto Alegre, RS: ANPAD.
- Morin, Tolnelli, Pliopas. (2007). *O trabalho e seus sentidos*. *Psicologia & Sociedade*; 19, Edição Especial 1: 47-56, 2007. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs/viewissue.php?id=11>, acessado em 09 de dezembro de 08.

Mourão, L. & Borges Andrade, J. (2001). *Significado do trabalho: caminhos percorridos e sinalização de tendências*. Disponível em: <www.anpad.org.br/enanpad2001-trabs-apresentados-cor.html>. Acesso em: 20 out. 2003.

Nardi, H. C. & Yates, D. B. (2005) Transformações contemporâneas do trabalho e processos de subjetivação: os jovens face à nova economia e à economia solidária. *Estud. Psicol.*, Natal, v.10, n.1, pp.95-103, jan./abr de 2005.

Neiva, K.M. C. (2003). A maturidade para a escolha profissional: uma comparação entre alunos do ensino médio. *Rev. Bras. Orientac. prof*, dez. 2003, vol.4, no.1-2, pp.97-103, 2003. ISSN 1679-3390.

Neiva, K. M. C.; Silva, M. B., Miranda, V. R. *et al.* (2005) Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio. *Rev. bras. orientac. prof*, jun. 2005, vol.6, no.1, pp.1-14. ISSN 1679-3390.

Noronha, A. P. P.; Andrade, R. G.; Miguel, F. K. *et al.* (2006). Análise de teses e dissertações em orientação profissional. *Rev. bras. orientac. prof*, dez. 2006, vol.7, no.2, pp.1-10. ISSN 1679-3390

Nunes, B.O. (2006). *O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado apresentada à Fundação Oswaldo Cruz na Escola Nacional de Saúde Pública. Disponível em:<http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_cover&id=000022&lng=pt&nrm=iso>Acessado em 26 de out. 2006

Nunes, E & Molhano, L. (2006). A Outra Reforma Universitária para a Sociedade do Conhecimento. Artigo do Observatório Universitário, Disponível em: <www.observatoriouniversitario.org.br/principal.htm> Acesso em :23 out.2006

Nunes, E. e Carvalho, M. M. de.(2007) Ensino universitário, corporação e profissão: paradoxos e dilemas brasileiros. *Sociologias* [online]. 2007, n.17 [citado 2009-04-22], pp. 190-215 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000100008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-4522. doi: 10.1590/S1517-45222007000100008.

O GLOBO (2008) Jovens buscam segurança dos concursos . Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Concursos_Empregos/0,,MUL302198-9654,00. Acessado em 08/09.

OBSERVATÓRIO UNIVERSITÁRIO. Disponível em: <www.observatoriouniversitario.org.br/principal.htmf>. Acesso em: 23 out. 2006

Offe, C. (1991) *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da "sociedade do trabalho"*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Oliveira, F. B. de e Sauerbronn, F. F. (2007) Trajetória, desafios e tendências no ensino superior de administração e administração pública no Brasil: uma breve contribuição. *Rev. Adm. Pública* [online]. 2007, vol.41, n.spe [citado 2009-04-22], pp. 149-170 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122007000700009&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0034-7612. doi: 10.1590/S0034-76122007000700009.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Desemprego juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais*. Brasília: OIT.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Disponível em:
<http://www.ilo.org/public/english/employment/strat/global.htm> 24. Acesso em abril.2008

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Emprego e formação de Jovens
Disponível em: < http://www.oitbrasil.org.br/prgatv/prg_esp/emp_form_jov.php> Acessado
em 26 de out.2006

Panorama sobre a Educação, (2008) <http://www.oecd.org/dataoecd/16/56/41262163.pdf>

Tumolo, P. S. (2003). Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação. *Educ. Soc.* [online]. 2003, v. 24, n. 82

Panizzi, W. (2006), O Globo (Economia): Universidade consome recursos da Educação 23/11/2003 - 9h45m. Entrevista disponível em
<http://www.agenciasoma.com.br/sys/popMaterias.asp?codMateria=z4KHAyVoUyiv&secao=sow>, acessado em 04,2009.

Pérez J, Bárbara; A. J.(2006). O conceito de liberdade nas teorias políticas de Kant, Hegel e Marx. En publicacion: Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciencias Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de Sao Paulo. 2006.

Peiró, J.M. (1990). *Organizaciones. Nuevas perspectivas psicossociológicas*. Barcelona: PPU.

Pessoa, F. (2006). *Livro do Desassossego*, Bernardo Soares, Ed. Richard Zenith para a Assírio e Alvim, Porto.

Pino, A. (1995). Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. *Revista Temas em Psicologia*, n.2, pp.31-39.

Pino, A. (2005). As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotski. São Paulo: Cortez.

Pochmann, M. (1998). *Inserção ocupacional e o emprego dos jovens*. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho.

Pochmann, M.(2000). *A batalha pelo primeiro emprego*. São Paulo: Publisher.

Pochmann. Prefácio. In: AUED, B. W. (Org.).(2000). *Educação para o (des) emprego (ou quando estar liberto da necessidade do emprego é um tormento)*. Petrópolis (RJ): Vozes.

Pochmann, M. (2001). *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo.

Pochmann, M.(2002). *E-trabalho*. São Paulo: Publisher.

Pochmann, M. (2003a). *Desenvolvimento, trabalho e solidariedade*. São Paulo: Cortez.

Pochmann, M. (2003b). *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo: Cortez.

Pochmann, M. (2004a). *As perspectivas do trabalho na economia moderna*. Em Silva, H. (orgs) *Desafios do trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes.

Pochmann, M. (2004b) *Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa?* Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, pp. 383-399, maio/ago de 2004

Pochmann, M (2006). Formação profissional e reforma do ensino técnico no Brasil: anos 90. Educ. Soc. [online], v.18, n.59, pp.225-269, ago. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301997000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2006.

Pochmann, M. (2007). O emprego na globalização. São Paulo: Boitempo.

Relatório da Comissão Europeia sobre o emprego. Disponível em <http://register.consilium.europa.eu/pdf/pt/07/st06/st06706.pt07.pdf>

Rey, F. L. G. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson Pioneira, 2002.

Rey, G. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson Pioneira.

Rifkin, J.(1995). *O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo: Makron Books.

Rodríguez, M.L. (2006). *Orientar, qualificar, certificar*. VIII C IF Trabalho, Norte de Portugal / Galiza. Porto.

Rosa, R.N. (2008) Olhar de um Físico: Ensino Superior: A reforma desnecessária. Disponível em : http://www.janelanaweb.com/digitais/rui_rosa25.html

Ruiz-Quintanilla, S. A. & England, G. W. *How working is defined: structure and stability*. CAHRS Working Paper Series. Artigo disponível na Internet: <http://digitalcommons.ilr.cornell.edu/cahrswp/237/> [10 junho 2006].

Santos, B. S. (1987). *Um discurso sobre as ciências*, 15. edição. Porto: Edições Afrontamento.

Saramago, J. (2008). Em correio da manhã, fonte: <http://gadjuh.wordpress.com/2007/03/30/peritos-preveem-mais-desemprego-entre-jovens/#more-264> acesso em 05 de dezembro de 2008.

Sarmiento, A.L. (2003) Avaliação do impacto da estratégia europeia para o emprego em Portugal : políticas activas para a empregabilidade / CIDEC - Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos ; Lisboa : Departamento de Estudos, Prospectiva e Planeamento, 2003 . - VI, 217 p. : quadros e gráficos ; 23 cm .

Sarriera, J. C. (1995) Enfoque ecológico das relações saúde-trabalho. **Psico**, Porto Alegre, 1995, v.26, n.2, pp.65-80.

Sarriera, J. C.; Camara, S. G. and Berlim, C. S. (2000) Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2000, vol.13, n.1 [cited 2009-04-29], pp. 189-198 .

Sarriera, J. C. & Silva, M. A.; Kabbas, C. P. *et al.* (2001) Occupational identity formation in adolescents. *Estud. psicol.*, Natal, v.6, n.1, pp.27-32, Jan./June 2001.

Saviani, D. (1986). *O nó do ensino de 2.º grau*. São Paulo: MEC/INEP – Cenafor. (Bimestre, n.1).

Sennet, R. (1999). *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Recorde.

Segnini, L. R. P. (2000). *Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente*. São Paulo: Perspec., v.14, n.2, pp.72-81, abr./jun de 2000.

Segnini, L. R. P. (2001) Entre o desemprego e a engrenagem do emprego precário. In: *Iv Encontro Regional De Estudos Do Trabalho Da Abet*. Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Softwares.

Setton, M. G. J.(1999) A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação. R. Bras. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 196, p. 451-471, set./dez. 1999.

Severino, A. J. (2000). *Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico*. São Paulo: Perspec., v.14, n.2, pp.65-71, abr./jun de 2000.

Siqueira, M. M. (2006). *Higher learning and university*. RAE electron., São Paulo, v. 4, n. 1, 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-2106-2006-01-001> Out. 2006.

Silva Filho, R. L. L ; Motejunas, P. R.; Hipolito, O. e Lobo, M. B. de C. M.(2007) A evasão no ensino superior brasileiro. Cad. Pesqui. [online]. 2007, vol.37, n.132 [cited 2009-04-30], pp. 641-659

Sirgado, A. P. (2000). The social and the cultural in Vygotski's work. *Educ. Soc.*, v.21, n.71, pp.45-78, July 2000.

Sirgado, A. P. (2000). The social and the cultural in Vygotski's work. *Educ. Soc.*, vol. 21, no. 71.

Soares, D. H.P.(2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.

Soares, D. H. P. (2000). As diferentes abordagens em orientação profissional . In: Lisboa, M. D.; *A orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores profissionais*. pp.11-23, pp.24-47. São Paulo: Summus.

Soares, D.H.P. & Sestren, G. (2007). Projeto profissional o redimensionamento da carreira em tempos de privatização. *Rev. Psicologia & Sociedade*; (19). Edição Especial 1.

Souza, G.T. (2002). *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/ Medvedev*.

Sparta, M. & Gomes, W. B. (2005). Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. vol. 6, n.2, 2005. ISSN 1679-3390. *Rev. Bras. Orientac. prof*, dez. de 2005.

Sparta, M. (2003). O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. *Rev. bras. orientac. prof*, dez. de 2003, vol. 4, n.1-2,2003. ISSN 1679-3390.

Stelmachuk, M. da L. (2005). Universidade Federal de Santa Catarina. *Sentidos do trabalho para idosos em exercício profissional remunerado*. Florianópolis: [111] f.Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Tanguy, L. (1999) Do sistema educativo ao emprego. Formação: um bem universal? *Educação e Sociedade*, v.20, n.67, p.48-69, ago.

Taulie, J. R. (2001). *Para (re)construir o Brasil contemporâneo: trabalho, tecnologia e acumulação*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2004). Estou me formando... e agora?: Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. *Rev. bras. orientac. prof*, jun. 2004, vol.5, no.1, pp.47-62. ISSN 1679-3390

Teixeira, M. A. P. & Gomes, W B. (2005). *Decisão de carreira entre estudantes em fim de curso universitário*. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2005, v. 21, n. 3, pp. 327-334. ISSN 0102-3772. doi: 10.1590/S0102-37722005000300009_

Tolfo, S. R., Coutinho, M. C., Almeida, A. R., Baasch, D., & Cugnier, J. (2005). Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho [CD-ROM]. In *Anais do Fórum CRITEOS*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Tolfo, S. R. e Piccinini, V.(2007) Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicol. Soc.* [online]. 2007, vol.19, n.spe [citado 2009-04-22], pp. 38-46 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

Toni, M. (2006). Views on changing labor. *Sociologias*. [online], n.9, pp.246-286, Jan./June 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 maio 2006.

UNESCO. (2001). *Cultivando Vidas, desarmando Violências*. Brasília.

Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge e Zahar.

Vieira, D. & Coimbra, J. L. (2006). Sucesso na transição escola-trabalho: a percepção de finalistas do ensino superior português. *Rev. bras. orientac. prof*, jun. 2006, vol.7, no.1, p.1-10. ISSN 1679-3390.

Vygotsky, L. (1978) *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

Vygotski, L. S (1991a) La conciencia como problema de la psicología del comportamiento. In: _____. *Obras Escogidas I: problemas teóricos y metodológicos de la psicología*. Madrid: Visor Distribuciones.

Vygotski, L. S. (1991b). La psique, la conciencia, el inconsciente. In: _____. *Obras Escogidas I: problemas teóricos y metodológicos de la psicología*. Madrid: Visor Distribuciones.

Vygotski, L. S. (1992). *Obras escogidas II: problemas de psicología general*. Madrid: Visor.

Vygotski, L. S. (1995a). El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones.

Vygotski, L. S. (1995b). Análisis de las funciones psíquicas superiores. (pp.97-119). In: *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones.

Vygotski, L. S. (2000a). Manuscrito de 1929. *Educ. Soc.*, v.21, n.71, pp.21-44, July 2000a.

Vygotski, L. S. (2000b). *Pensamento e linguagem*. (2.ed.) São Paulo: Martins Fontes.

Vygotski, L. S. (2003). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Weber, M. (1996). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: São Paulo. Pioneira.

Zanella, A. V. (2004) Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicol. estud.* [online]. 2004, vol.9, n.1 [cited 2009-04-11], pp. 127-135 .

Zanella, A. V. (2005a). *Atualidade e Psicologia histórico-cultural*. Joinville (texto entregue em sala de aula, não publicado).

Zanella, A. V. (2005b). Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade, Porto Alegre*, v. 17, n. 2, maio/ago de 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

Florianópolis, _____ de _____ de 2006.

Eu, Maria Sara de Lima Dias, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Área de Concentração: Práticas Sociais e Constituição do Sujeito, da Universidade Federal de Santa Catarina, apresento minha proposta de pesquisa para a elaboração de tese, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Dulce Helena Penna Soares.

Meu estudo, intitulado "Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida dos formandos", visa compreender como os formandos constroem seus projetos de vida a partir dos sentidos do trabalho, construídos em seu percurso acadêmico. A pesquisa será desenvolvida sob uma perspectiva qualitativa e os dados serão coletados por meio de entrevistas.

Ressalto que nos procedimentos metodológicos a serem adotados comprometo-me a obedecer aos preceitos éticos implicados em pesquisas envolvendo seres humanos, conforme normatizado pelas Resoluções 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Estes preceitos incluem:

- a manutenção do sigilo quanto à identidade dos participantes;
- sua liberdade de adesão voluntária ao estudo, cientes da sua natureza e objetivos, assegurado o direito de desistência de participação a qualquer momento;
- a não publicação de informações sem o consentimento dos participantes;
- a garantia de utilização dos dados tão-somente para os fins deste estudo.

Isto posto, solicito sua participação em minha pesquisa, ao tempo em que me disponibilizo para prestar todo e qualquer esclarecimento que se faça necessário.

Atenciosamente,

Doutoranda Maria Sara de Lima Dias

Telefone (41) 91031014 e-mail: diassara@terra.com.br

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, aceito participar da Pesquisa da Doutoranda Maria Sara de Lima Dias, telefones (41) 91031014 e-mail: diassara@terra.com.br de forma livre e espontânea, observados o conteúdo informado e o compromisso firmado pela pesquisadora na "Carta de Apresentação e Solicitação de Participação" anexa.

Data: ____/____/____

Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE C

TEMAS NORTEADORES

1. Você se sente preparado para o mercado de trabalho?
2. O que significa o trabalho para você? O que espera do seu trabalho?
3. Que estratégia está planejando para o futuro?
4. Existem relações entre seu trabalho futuro e seu projeto de vida?